

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO



4.º Volume

Publicação da revista mensal.

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1964

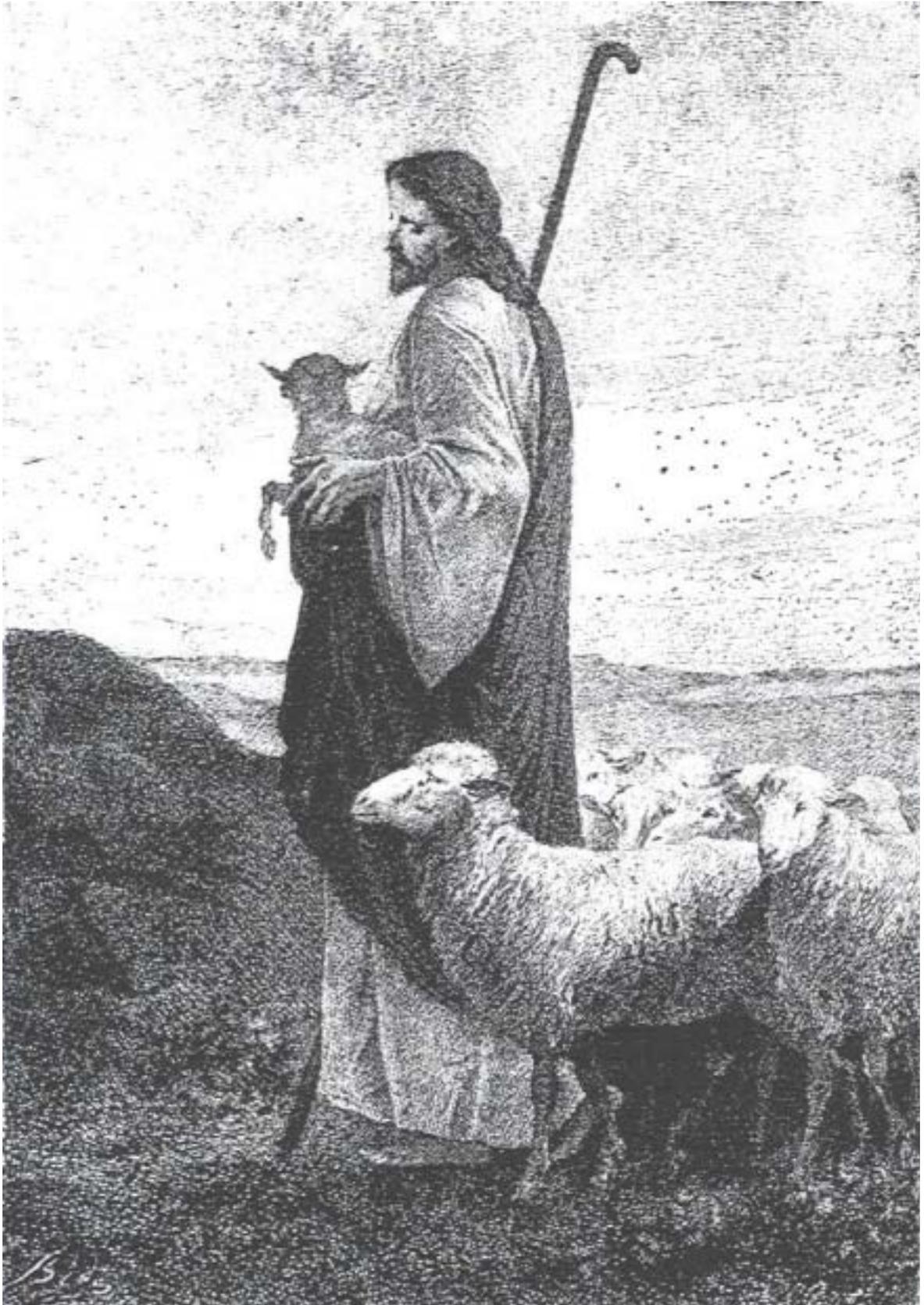


Figura “O BOM PASTOR”

REGRESSO A GALILÉIA

João, 7:1

- 1. Depois disso, Jesus andava pela Galiléia, porque não queria andar pela Judéia, pois os judeus procuravam matá-lo.**

Era natural que após as declarações que fizera em Jerusalém, indispondo-se com os elementos influentes da religião oficial, Jesus não julgasse prudente permanecer naquela região que se tomara perigosa.

Não percamos de vista que ele era um galileu, proveniente do território mais habitado por estrangeiros, dos quais conservava o tipo claro, de cabelos bronzeados e nariz reto, bem diferente dos judeus, morenos, de cabelos pretos e nariz aquilino. Encontrara-se com a má vontade dos homens da Judéia. Então, regressava à Galiléia, à Terra em que nascera e se criara, à cidade que escolhera para residir.

Verificamos que depois das declarações aos religiosos (judeus), tendo encontrado mau acolhimento às suas afirmativas cheias de inovações nas crenças tradicionais, a individualidade se recolhe ao Jardim Fechado da meditação (Galiléia), onde permanecerá instruindo seus discípulos (exercitando seus veículos físicos) no caminho da evolução (da superação dos instintos inferiores).

Perseguido numa cidade, fugir para outra. Foi a lição dada anteriormente. O exemplo também foi dado. A meditação sobre os ensinamentos e os passos de Jesus podem, de per si, levar a criatura à perfeição.

DOGMAS HUMANOS

Mat.15:1-11

1. Vieram, então, de Jerusalém a Jesus, escribas e fariseus, dizendo:
2. "Por que transgridem teus discípulos a tradição dos mais velhos? Pois não lavam as mãos quando comem pão".
3. Respondendo, disse-lhes Jesus: "Por que vós também transgredis o mandamento de Deus com vossa tradição?"
4. Pois Deus ordenou, dizendo: "Honra teu pai e tua mãe", e também: "Quem falar mal do pai ou da mãe seja ferido de morte", mas vós dizeis:
5. "Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: "Oferta, o que de mim serias ajudado",
6. esse nunca mais honre seu pai nem sua mãe. Assim invalidais a ordem de Deus com vossa tradição.
7. Hipócritas! Bem profetizou de vós Isaías, dizendo:
8. "Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está muito longe de mim;
9. em vão, porém, me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens".
10. E tendo chamado a multidão, disse-lhe: "Ouvi e entendei:
11. não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso contamina o homem".

Marc. 7:1-16

1. Reuniram-se com ele os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém.
2. E, tendo visto que alguns discípulos dele comiam pão com mãos contaminadas, isto é, sem lavá-las,
3. - pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos mais velhos, não comem sem lavar as mãos até o punho,
4. e quando voltam da rua não comem sem banhar-se; e muitas outras coisas há que receberam e observam, lavando copos, jarros e vasos de metal –
5. perguntaram-lhe os fariseus e os escribas: "Por que não caminham teus discípulos segundo a tradição dos mais velhos, mas comem com mãos contaminadas"?"
6. Respondeu ele: "Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, como está escrito: 'Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está muito longe de mim;
7. em vão, porém, me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens'.
8. Deixando o mandamento de Deus, observais a tradição dos homens".
9. E disse-lhes: "Anulais muito bem o mandamento de Deus, para manter a vossa tradição,
10. pois Moisés disse: 'Honra teu pai e tua mãe', e: 'Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, seja morto';
11. mas vós dizeis: 'Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: "Oferta o que de mim serias ajudado",
12. não lhe permitis fazer mais nada pelo pai ou pela mãe,
13. invalidando o ensino de Deus pela tradição que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes".
14. E tendo chamado todo o povo, disse-lhe: "Ouvi-me todos e entendei:
15. nada há fora do homem que, entrando nele, possa contaminá-lo, mas as coisas procedentes dele, essas são que contaminam o homem.
16. Se alguém tem ouvidos de ouvir, ouça".

Depois da exposição realizada em Jerusalém, e que provocara a perseguição a Jesus, com o intuito de matá-Lo, já de volta a Cafarnaum (onde também o pequeno sinédrio o julgara digno de morte por causa da lição sobre o Pão da Vida), o Mestre se vê cercado pelos fariseus locais, cujo grupo fora reforçado por alguns escribas vindos de Jerusalém. A impressão que temos, é que se formara uma comissão de "doutores da Lei", para sindicar a respeito das atividades desse operário-carpinteiro afoito, que dava tanto que falar. E Jesus vai sublinhar com ênfase o que dissera: "não recebo doutrinas de homens" (João, 5:41).

Logo à chegada, verificaram eles uma falta grave: os discípulos de Jesus tomavam sua refeição sem lavar as mãos. Constituía isso imperdoável crime, porque violava os preceitos dos "mais velhos" (*presbyteros*, no comparativo de *presbys*, "velho"); referiam-se às ordenações orais (*hálaga*) que chegavam por meio da tradição. Esta era considerada superior até à própria lei mosaica e transgredi-la importava em heresia punível com a morte.

Conforme esclarece Marcos, a lavagem das mãos antes de comer era prescrição rigorosa, sujeita a longa série de complicadas regras. Tinham que ser lavadas *pygmêi* (até os punhos), com dois derramamentos de água sobre elas: o primeiro para purificar (e a água saía contaminada) e o segundo para tirar as gotas "contaminadas" da primeira ablução, que porventura tivessem ficado aderidas à pele; tinham que ser lavadas com as mãos vazias (sem segurar nada); se a água não chegasse até os punhos, não purificava as mãos; na ablução, os dedos tinham que permanecer no alto e os pulsos para baixo, e assim permanecer até que as mãos secassem por si, etc. (cfr. Strack e Billerbeck, o. c. t. 1, pág. 698 a 705).

Quanto ao termo "contaminadas" é a tradução do grego *koinos* ("comum") e do verbo *koinêô* ("tornar comum"). Esse adjetivo e o verbo que dele deriva qualificam as coisas que pertencem ao uso ordinário e vulgar de todas as criaturas (como, por exemplo, a língua utilizada nos domínios romanos do oriente, como a Palestina, era conhecida como "grego koinê", isto é, a língua familiar a todos, falada pelo povo todo, não o grego clássico, privativo dos literatos). Então, na época de Jesus, esse adjetivo e esse verbo eram empregados com o sentido "comum" ou "vulgar", e portanto *contaminado* pela multidão, pelo contato com as criaturas não legalmente purificadas.

Quando Marcos aqui se refere a "judeus", com isso designa a nação judaica, não tendo a palavra o sentido que vimos utilizado por João.

A prescrição da lavagem das mãos era mais severa quando se voltava "da rua" (no original, *apò agorá*, ou seja, do mercado, das lojas, da praça pública, que nós hoje englobamos na expressão "chegar da rua"). E continuando diz que também copos, jarros e vasilhas de metal deviam todos ser lavados e purificados antes de neles serem servidos os alimentos e bebidas.

Todas essas prescrições foram posteriormente reunidas na *Mishna* e depois no *Talmud*.

Outro termo que convém analisar é *presbyteros*, "os mais velhos", geralmente transliterado por "presbíteros" ou traduzido por "sacerdotes", "padres", etc. Nada disso exprime esse termo. Segundo a legislação mosaica, em cada comunidade judaica deviam os homens mais idosos, "os mais velhos", assumir uma espécie de direção da comunidade, solucionando os casos, resolvendo as questões, decidindo litígios, quase um "conselho patriarcal". A esses "mais velhos" a Vulgata dá o nome de *maiores natu*, ou então de seniores, traduzindo exatamente *presbyteroi* e o hebraico *zeqênim*. A constituição oficial dos mais velhos (cfr. Núm. 11:16 e seguintes; Lev. 9:1 e Deut. 27:1) também foi praxe em Roma, na organização inicial do "senatus", palavra derivada de *sénis*, "velho".

Dirigindo-se, pois, ao Mestre, responsável moral pelos atos de seus discípulos, indagam do motivo por que não obedecem estes aos preceitos dos "mais velhos". Interessante observar que foi empregado o verbo *peripatéô*, "caminhar", no sentido figurado: "caminhar pelos preceitos", isto é, seguir os preceitos, significado ignorado no grego clássico, mas usado no Antigo Testamento na versão dos LXX (cfr. 2.º Reis 20:3, Prov. 8:20) e também por Paulo (cfr. Rom. 8:4 e 14:15, 2.º Cor. 10:2 e 3, Ef. 2:2) e por João (cfr. 8:12, 12:35 e I Jo. 1:6).

Ao invés de responder diretamente à pergunta, Jesus contra-ataca, justificando sua maneira de ver as coisas e mostrando a evidência que as exageradas exigências dos "mais velhos" não só careciam de importância como, muitas vezes, ludibriavam e anulavam a própria lei mosaica. Diante do argumento *ad hominem*, calam-se contrafeitos os emissários de Jerusalém, engulindo o pesado epíteto de "hipócritas" (atores) que lhes aplica o Mestre.

As palavras são todas de tom acre e acusatório, revelando a energia máscula que jamais faltou ao Mestre, que não se intimidava perante qualquer ataque. A meiguice era usada com os pobres e enfermos desvalidos, em cujo trato transparecia uma bondade delicada, até quase feminina. Mas perante as "autoridades constituídas", contra os "grandes" da política ou da religião, revelava indômita energia e autoridade moral, ensinando-nos que a humildade não consiste em abaixar-se covardemente nem silenciar perante adversários poderosos.

O argumento lançado em face dos escribas, de que eles colocavam as tradições acima da lei, anulando-a, é fundamentada com o exemplo de *qorban*. Quando um filho não desejava ajudar a seus pais, bastava-lhe afirmar que tudo o que poderia dar-lhes "era *qorban*". Essa palavra designava os objetos consagrados (ou pseudo-consagrados) ao Templo, como oferta particular; e o doador da oferta podia dispor deles para qualquer finalidade, menos para seus pais, abuso baseado em Lev. 27: 1-34. O rigor nesse sentido chegava ao absurdo (*Wakefield diz que extraiu do Talmud o caso de um israelita de Beth Horon, que consagrara seus bens como qorban. Mas ao casar um filho quis convidar seu pai. Para isso, vendeu a um amigo o quarto em que se realizaria a festa, "com a condição de que convidasse seu pai". A transação foi julgada ilegal, só por causa dessa cláusula ...*). Por isso não admira a energia de Jesus ao protestar contra esse costume bárbaro.

A frase grega é uma tradução literal do aramaico (*qônâm sheâtât neheneh lakh*) e por isso sua forma não apresenta maleabilidade. Mas o sentido é este: "tudo o que tenho e que poderia ser-te útil, é *qorban* (oferta ao Templo)". Com isso estava realmente anulado o quinto mandamento, "honrarás teu pai e tua mãe" (Êx. 20: 12 e Deut. 5: 16) e ainda outro texto: "quem fala mal de seu pai ou de sua mãe será punido com a morte" (Lev. 21: 17). Ora, quem condenava seus pais a sofrerem todas as necessidades, sem socorrê-los, agia pior que se falasse mal deles.

Mais uma vez Jesus ataca com veemência a impertinência costumeira dos dirigentes religiosos, que antepõem suas prescrições rituais aos mandamentos simples e naturais da Grande Lei do Amor, "anulando a ordem divina, para manter a tradição criada pelos homens".

E, classificando-os de hipócritas, atribui a eles a palavra do profeta Isaías (29:13), segundo a versão grega dos LXX, já que o texto hebraico reza: "pois esse povo se aproxima com palavras e me honra com os lábios, enquanto mantém afastado de mim seu coração, e o culto que me rende é um preceito aprendido de homens".

Dando então as costas aos acusadores, que se mantinham retraídos, silenciosos e vencidos, volta-se Jesus para o povo, exclamando: "ouvi e compreendi"! Estava consciente de que a frase que ia proclamar era de difícil compreensão, mas de qualquer forma é ela dita de forma axiomática, de que Marcos parece conservar-nos o texto original mais completo: "Nada, vindo de fora, pode, ao entrar no homem, contaminá-lo; mas as coisas que procedem dele, essas contaminam o homem".

A seguir, para mais uma vez chamar a atenção dos ouvintes, repete a conhecida expressão "quem tem ouvidos de ouvir, ouça". Esta sentença (o vers. 16) inexistente em *aleph*, B, L, 28 e 102, aparece em A, D, X, gama, sigma, phi e numerosos códices minúsculos, e na maioria das versões; é rejeitado por Tishendorf, Nestle, Swete, mas aceita por von Soden, Vogel, Merk, Lagrange, Huby e Pirot.

Realmente, a sentença é de difícil compreensão. Para os israelitas, que tinham uma série de "alimentos impuros" proibidos (cfr. Lev. cap. 11 e Deut. cap. 14) equivalia a uma ab-rogação da lei mosaica. Mas a segunda parte corria o risco de ser interpretada à letra, isto é, significando que só contaminava o homem o que saía dele (em Mateus: "da boca"), ou seja, as excreções, a saliva, etc. Mais adiante o Mestre explicará aos discípulos o sentido que deu a essas palavras.

A lição para a individualidade é válida em todos os seus pontos.

*Em primeiro lugar, aprendemos que são inúteis todos os ritos e rituais, as preces repetidas desatenhamente "com os lábios" 50 ou 100 vezes, (se excetuarmos jaculatórias ou "japas" ditas de coração) todos os gestos, as posturas, as "observâncias" de datas, as exterioridades que só valem para as personalidades ou personagens (Aceitamos a observação de Sergio M. Mondaini (v. SABEDORIA n.º 34) de que talvez seja melhor classificar de "personagem" (substantivo concreto) o que denominávamos "personalidade" (substantivo abstrato, que considerávamos como concreto). Realmente expressa bem o que desejamos, e evita confusões com o sentido atribuído a "personalidade" pelos psicólogos modernos. Daqui por diante iremos pouco a pouco substituindo essa palavra por "**personagem**") ainda retardadas no caminho da evolução. Para todos aqueles que julgam que seu verdadeiro eu é o corpo, logicamente só vale o que é executado por esse corpo: é o máximo que eles podem fazer na etapa em que se encontram. Para eles, acender uma vela, realizar um gesto em cruz com as mãos, cobrir ou descobrir a cabeça, ajoelhar-se ou ficar de pé, comer carne domingo ou peixe na sexta-feira, são coisas de capital importância; não compreendem ainda que só tem real valor o íntimo, com pensamentos de amor para com todos, de perdão, de amizade, sem falar nem mesmo pensar mal de ninguém, sem malícia nem julgamentos apressados.*

O que constitui evolução são as vibrações internas e a adesão total à Lei Natural, à Lei de Deus, de nada valendo as prescrições humanas. A honra a ser dada aos pais, como a todas as criaturas, é manifestada com o respeito e a assistência nos momentos de necessidade, sem estar a fazer conta do que se dá, sem lançar ao rosto dos beneficiados os benefícios prestados, sem exigir retribuição e nem mesmo gratidão, porque a ajuda a quem está necessitado constitui obrigação, e não caridade.

Em segundo lugar, a lição importantíssima da energia na defesa da verdade. Há quem pense que espiritualizar-se e ser humilde é ceder e abaixar (quase escrevemos rebaixar-se) deixando que todos o dominem e lhe imponham suas vontades.

De modo algum pode ser aceito tal modo de proceder. Humildade, já o vimos, é a naturalidade espontânea, é ser o que se é. Ceder externamente com revolta no íntimo, é hipocrisia, e não humildade. Mesmo o mais humilde tem obrigação de falar para fazer valer a verdade contra o erro, embora para isso seja mister alterar-se, mesmo usando termos violentos. A hipocrisia, a mentira, as aleivosias têm que ser combatidas a peito aberto, sem temores, pois muitas vezes sob capa de humildade temos legítima corvadia.

Não queremos dizer que logo na primeira fala deva alguém ser violento: pode-se ser enérgico sem perder a linha com palavras pesadas. Mas há casos em que até essas palavras são indispensáveis para que se seja ouvido e respeitado.

Se humildade não é covardia, mansidão não é temor. Não podemos nem devemos atemorizar-nos diante dos poderosos e grandes, mas ao contrário: temos que enfrentar como homens e fazer como Paulo fez diante de Pedro: in faciem ei réstiti, isto é, "resisti-lhe na cara" (Gál. 2:11). Firmeza, energia, coragem são virtudes, e virtudes másculas, que Jesus possuía em alto grau.

Chegamos, depois, à sentença (que comentaremos no próximo capítulo) "não é o que entra no homem, mas o que dele sai, que o contamina".

O QUE PREJUDICA

Mat. 15:12-20

Marc. 7:17-23

Luc. 6:39

12. Aproximando-se então seus discípulos, disseram-lhe: "Sabes que os fariseus, ouvindo o ensino, se escandalizaram"?
13. Mas ele respondendo, disse: "toda planta que meu Pai celestial não plantou, será erradicada.
14. Deixai-os: são cegos, guias de cegos; e se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco".
15. Respondendo, disse Pedro: "Explica-nos essa parábola".
16. Jesus então disse: "também vós ainda não entendeis?
17. Não sabeis que tudo o que entra pela boca, desce ao ventre e é lançado no sanitário?
18. Mas tudo o que sai da boca, vem do coração, e isto contamina o homem.
19. Porque do coração vêm pensamentos, homicídios, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos, calúnias.
20. São estas coisas que contaminam o homem; comer sem lavar as mãos, não contamina o homem".
17. Tendo deixado a multidão, entrou em casa, e seus discípulos lhe perguntaram a respeito da parábola.
18. Ele disse-lhes; "Assim também vós não entendeis? Não compreendeis que tudo o que está fora do homem, ao entrar nele não pode contaminá-lo,
19. porque não entra no coração dele mas no ventre, e é lançado no sanitário"; (disse isto) purificando todos os alimentos.
20. E disse; "O que sai do homem, isso contamina o homem,
21. porque de dentro do coração dos homens procedem os maus pensamentos, as prostituições os furtos, os homicídios,
22. os adultérios, as cobiças, as malícias, o engano, a intemperança, o mau olho, a calúnia, a soberba e a loucura;
23. Todas essas coisas procedem de dentro e contaminam o homem".
39. E falou-lhes uma parábola: "Porventura pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no barranco"?

Marcos completa Mateus, dando o pormenor de que Jesus se afastou da multidão e entrou em casa. E aí, no aconchego dos íntimos, os discípulos aproximam-se para conversar.

O primeiro assunto é salientado só por Mateus . Revela-nos a sofreguidão com que os discípulos vão ao Mestre, contando que "os fariseus se escandalizaram com o ensino dado".

Apesar de haver-lhes voltado as costas para dirigir-se à multidão, os escribas de Jerusalém e os fariseus ficaram alertas para ouvir o que dizia o rabbi. E o que Ele disse causou-lhes arrepios de espanto: nada menos do que uma ab-rogação total não apenas dos preceitos, mas da mesma lei mosaica, anulando todo o extenso e complicado capítulo dos alimentos impuros! Ora, isto lhes serviria às maravilhas, para reforçar a acusação contra aquele jovem de trinta e seis anos, que pretendia sobrepor-se aos "mais velhos", às autoridades, e até à lei de Moisés ... e isso sem ser nem mesmo rabino diplomado nas escolas oficiais! Quem era ele para agir assim? perguntavam-se os emissários do Sinédrio.

Jesus, porém, afasta qualquer temor dos discípulos com uma sentença: "toda planta não plantada por meu Pai será erradicada". Alguns exegetas vêem nessa sentença uma referência direta àqueles fariseus e escribas. Acreditamos mais lógico aplicá-la aos ensinamentos deles, às exigências humanas. Sendo "preceitos de homens" (isto é, do intelecto personalístico), tendem a desaparecer, sendo erradicadas da humanidade, porque não foram "plantadas pelo Pai" no coração os homens (individualidade), como o são as leis naturais, que jamais desaparecerão da face da Terra.

Aos fariseus e escribas, pessoalmente, refere-se a segunda sentença: "deixai-os, pois são cegos (que nada conhecem porque não enxergam) a guiar outros cegos". Que sucederá? "Cairão no barranco", isto sim, acerta em cheio nas criaturas pretensiosas que, em sua ignorância enfatuada, se julgam donas da verdade, ensinando, julgando e condenando, segundo bem lhes parece.

Depois desta resposta, em que o Mestre reduz às suas proporções reais os preceitos humanos rigoristas e as autoridades que os exigem de seus fiéis, adianta-se Pedro para pedir que Jesus lhes explique o sentido "da parábola" que havia proferido, escandalizando os emissários de Jerusalém. Na verdade, trata-se de uma sentença enigmática, e não de uma parábola.

Inicialmente, Jesus sublinha sua estranheza por ver que seus discípulos mais chegados, após cerca de um ano de íntima convivência com Ele, ainda não alcançaram o hábito de entender suas palavras. Emprega o termo *asúnetos*, que significa "sem conhecimento interior", sem "inteligência (*súnesis*) para compreender, já que o sentido literal e etimológico desse vocábulo exprime a junção (*sun-esis*) de duas coisas em uma só, isto é, da coisa apresentada com a inteligência.

Depois explica-lhes que tudo o que de fora entra no homem (qualquer espécie de alimentação) desce ao ventre e, após digerido, são os excrementos lançados ao vaso sanitário. Logo, moralmente não podem contaminar-lhes o espírito, pois só transitam pela matéria, pelo corpo físico.

A frase "purificando os alimentos todos" precisa, em nossa língua, de um esclarecimento, o que fizemos acrescentando em grifo: "disse isto". A razão é que, em grego, não há ambigüidade, já que o particípio presente *katharízôn* se encontra no nominativo singular masculino, só podendo referir-se, portanto, ao sujeito da oração "ele, Jesus"; de forma alguma poderia referir-se, nem lógica nem gramaticalmente, ao *aphedrôna* (vaso sanitário), que é acusativo singular neutro. Se não acrescentássemos o esclarecimento, na tradução portuguesa, o leitor teria a impressão de que o vaso sanitário é que purificaria todos os alimentos.

E continua, dizendo que "o que sai do homem é que pode contaminá-lo", pois provém exatamente do CORAÇÃO, isto é, da Mente, do Espírito (individualidade) que tem sede no coração (enquanto o "espírito", personalidade ou personagem, tem sede no intelecto, no cérebro). Mais uma vez Jesus afirma essa verdade incontestável; e não podemos dizer que Ele *ignorava* a verdade real, sob pena de anularmos, sob essa pecha, todos os sublimes ensinamentos que nos revelou. Nem é admissível se diga que pactuava com a ignorância da época. Podia utilizar imagens e palavras que facilitassem a compreensão dos homens de então, mas afirmar uma mentira, uma irrealidade, uma falsidade, só para conformar-se com a ignorância, não é coisa que um Mestre admita em seus ensinamentos.

A seguir são dados exemplos, enumerando alguns vícios que provêm do coração.

Em Mateus são classificados:

- a) pensamentos: raciocínios maldosos (*dialogísmoi ponêroi*)
- b) ações: homicídios (*phônnoi*), adultérios (*moicheía*); prostituições (*porneíai*) e furtos (*klópai*)

c) palavras: falsos testemunhos (*pseudomarturíai*) calúnias (*blasphêmíai*).

Em Marcos verificamos que a divisão é diferente. Inicialmente são citados:

- a) seis vícios no plural, referindo-se a pensamentos ou atos sucessivos, classificados como "raciocínios maus" (*dialogísmoi kakoí*); são eles as prostituições (*porneíai*), os furtos (*klópai*), os homicídios (*phónoi*), os adultérios (*moicheíai*), as cobiças (*pleonecsíai*) e as malícias (*ponêríai*)
- b) seis no singular, manifestando mais exatamente seis tendências viciosas inatas, do caráter da criatura; são elas: o engano (*dólos*), a insolência (grosseria, *asélgeia*), o olho mau (inveja, *ophthalmós ponêrós*), a calúnia (*blasphêmía*), o orgulho desdenhador (*huperêphanía*) e a loucura (*aphrosúnê*).

Digno de notar-se: a palavra blasfêmia significa propriamente "palavras de mau agouro, proferidas durante o sacrifício", ou "injúrias contra Deus" (cfr. nos Evangelhos: Mat. 12:31 e 26:65; Marc. 3:28 e 14:64; Luc. 5:21 e João 10:33; assim também o verbo "blasfemar": Mat. 9:3, 23:65 e 27:39; Marc. 2:7, 3:28-29 e 15:29; Luc. 12:10, 22:65 e 23:39; João 10:36 e Atos 13:45, 18:6 e 19:37). Somente neste local, em Mateus e Marcos, apresentam mais logicamente o sentido de "calúnias".

Neste trecho encontramos duas respostas do Mestre.

A primeira refere-se ao "escândalo farisaico", que o Cristo manda não levar em consideração, por duas razões:

- 1) *Toda doutrina (planta) não inspirada (plantada) pelo Pai (Mente), mas apenas fruto dos intelectos personalísticos, será cortada pela raiz e totalmente destruída. Constantes exemplos disso encontramos na História, ao verificar as numerosas seitas e religiões que nascem, vivem certo período (que pode ser de um, vinte ou cinquenta séculos) e depois desaparecem, mortas pela falta de raízes espirituais. Todas as "doutrinas" que vêm de Deus (cfr. João, 5:44) permanecem: são plantas cujas sementes foram lançadas pelo Pai e germinam, crescem, florescem e frutificam no coração dos homens por toda a eternidade.*
- 2) *E também porque os homens, que criaram ou dirigem essas organizações humanas são, de fato, cegos espirituais, que não penetram a verdadeira luz e nada vêem, a não ser a matéria e as coisas espirituais (cfr. Mat.16:23 e Marc. 8:32). Ora, todos esses, mesmo se conduzirem milhões de criaturas, mesmo que tenham boa-fé e convicção absoluta, "caem no barranco" com os seus guíados, ou seja, voltam a reencarnar.*

A diferença entre o ensino do Cristo e o dos homens é que o Mestre não fala em condenação ao inferno, sem possibilidade de libertação posterior: de um "barranco", a criatura poderá sair, ainda que machucada ...

Vem agora a explicação da sentença enigmática: "não é o que vem de fora e entra no homem que o contamina".

Essa verdade profunda faz-nos compreender de modo absoluto que o HOMEM VERDADEIRO, isto é a Mônada Divina, o EU profundo, é INATINGÍVEL por qualquer coisa vinda de fora. Não apenas os alimentos ingeridos ou as bebidas, mas nem mesmo as vibrações mentais de outras criaturas, nem pensamentos externos, nem acusações caluniosas, nem ataques físicos ou morais: imperturbável em sua paz intrínseca e profunda, o EU maior sobre está a tudo, pairando em outra atmosfera, vivendo na eternidade, difuso no infinito.

O esclarecimento é dado de forma clara: nada do que vem de fora entra no coração, onde reside o Eu profundo. Não podia ser mais explícito, mais claro. E essa é, realmente, nossa interpretação.

O que vem de fora, esclarece o Mestre, vai ao ventre e é lançado no vaso sanitário. Isto, literalmente, referindo-se aos alimentos físicos. Mas a lição é extensiva ao sentido moral: todas as vibrações que

vêm de fora são expelidas pelas vias normais, não passando dos veículos físicos da personagem. Mas não chegam ao coração.

Entretanto, o que sai do coração, isso contamina o homem. Todo pensamento criado pelo espírito, antes de atingir o alvo atravessa a aura de quem pensa e nela imprime suas vibrações. Logo, sendo coisa de baixa frequência vibratória, abaixa as vibrações da aura, prejudicando a criatura seriamente. Portanto, as coisas ruins que saem do coração, o contaminam.

A citação dos exemplos é uma enumeração lógica de erros, que podem ser tanto os erros cometidos em ações (atos materiais), como em palavras (criações de vibrações sonoras), como em pensamentos (criações mentais).

A enumeração de Mateus apresenta essas três divisões, mas a de Marcos, embora sem uma ordem lógica, é mais completa.

Os pensamentos ("raciocínios maldosos ou maliciosos") cheguem a ser executados em atos físicos ou palavras, ou permaneçam simplesmente como pensamentos, referem-se a:

- 1 - adultérios ou desejo sexual (com ato material realizado ou não), em relação a uma pessoa comprometida com outra;
- 2 - prostituições ou desejos e atos sexuais que não estejam fundamentados no amor, mas apenas no interesse, sejam ou não oficializados em atos civis ou cerimônias religiosas;
- 3 - homicídios em pensamentos, desejos ou atos, que prejudiquem a vida física, seja de outra criatura, seja da própria pessoa;
- 4 - furtos, de qualquer espécie: físicos ou intelectuais (de idéias de outrem, fazendo-as passar por suas);
- 5 - cobiças, sejam elas de bens materiais, de posições sociais, de fama imerecida, quando a criatura não apresenta capacidade para conquistá-la;
- 6 - maldades ou malícias, quer pensando mal, quer falando mal dos outros (ou de si mesmo), prejudicando-os com atos e palavras malevolentes.

Na segunda lista, são enumerados os caracteres das pessoas que, ainda involuídas, apresentam como base da personalidade (tônica vibratória) os seguintes tipos:

- 1 - astúcia, típica dos que pretendem viver maquiavelicamente, enganando a todos para auferir vantagens materiais, morais, intelectuais e até espirituais, contando "enganar a Deus";
- 2 - insolência ou grosseria, típica dos que não conseguiram refinar-se com a educação e o domínio das próprias emoções, e se exaltam, explodindo em maus modos contra outrem;
- 3 - olho mau ou inveja, típica daqueles que sempre olham com rancor, despeito e raiva para todos os que tenham mais que eles mesmos, seja em bens materiais, em cultura, em bondade ou bens morais e espirituais;
- 4 - calúnia, típica daqueles que passam suas horas a falar mal dos outros, aumentando os defeitos verdadeiros ou inventando mentiras, e espalhando aos quatro ventos os defeitos alheios;
- 5 - orgulho desdenhoso, típico dos que, montados em posições de falaz autoridade (que não estão à altura de desempenhar) pisoteiam os pequenos e os desprezam, não perdendo vasa de achincalhá-los, sobretudo diante de terceiros;
- 6 - demência ou loucura, típica dos que perderam o equilíbrio de julgamento, e portanto se tornaram fanáticos, na religião, na política, nos esportes, no amor, isto é, exagerados em tudo, sem ponderação nem raciocínio, apaixonados sem medida, dominados totalmente pelas emoções violentas.

Conforme vemos, todos os vícios enumerados são faltas contra o Amor, e portanto retardam terrivelmente a evolução espiritual da criatura, já que a levam para o Anti-Sistema ou pólo negativo.

Ora, tudo isso - resume o Mestre, numa figura retórica chamada inclúcio - procede do íntimo do "espírito", e portanto contamina o homem.

Perfeita e esclarecedora, como vemos, a lição dada para a individualidade, demonstrando o caminho a seguir e os obstáculos a vencer, na estrada do progresso espiritual.

CANANÉIA

Mat. 15:21-28

Marc. 7:24-30

21. Partindo dali, Jesus retirou-se para os lados de Tiro e de Sidon.
22. E uma mulher cananéia, que tinha vindo daquelas regiões, gritava-lhe: "Compadecete de mim, senhor Filho de David! Minha filha está terrivelmente obsidiada!"
23. Mas ele não respondeu palavra. E chegando seus discípulos, rogaram-lhe dizendo: "Despede-a, porque vem gritando atrás de nós".
24. Mas Jesus, respondendo, disse: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel".
25. Contudo, aproximando-se prostrou-se diante dele, dizendo: "Senhor corre-me!"
26. ele respondeu, dizendo: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos".
27. Ela, porém, disse: "Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos".
28. Então, respondendo, disse-lhe Jesus: "Ó mulher, é grande tua confiança! Faça-se contigo como queres". E desde aquela hora, sua filha ficou curada.
24. levantando-se, saiu dali para as fronteiras de Tiro e de Sidon. E entrando na casa, quis que ninguém o soubesse, e não pode ocultar-se.
25. Ouvindo, pois, (falar) a respeito dele, uma mulher cuja filhinha era obsidiada por um espírito atrasado, veio e prostrou-se a seus pés;
26. mas a mulher era grega, nativa da Siro-fenícia; e rogava-lhe que expulsasse de sua filha o espírito.
27. Mas Jesus lhe disse: "Deixa primeiro que se fartem os filhos; porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos".
28. Ela, porém, respondeu e disse-lhe: "Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos, debaixo da mesa comem as migalhas das crianças".
29. Então ele lhe disse: "Por esta palavra, vai-te: o espírito já saiu de tua filha"
30. E tendo entrado em sua casa, ela achou a menina deitada na cama, tendo (dela) saído o espírito.

Neste episódio, observamos que Jesus se dirige para noroeste, penetrando o território da Fenícia, país não-israelita, na região de Tiro e Sidon. Mateus emprega o termo *mere* (uma parte) e Marcos usa *horia*, fronteira de um estado, município ou distrito .

A fama de Jesus já atingira essa região, tanto que se diz (cfr. Marc. 3:8) que peregrinos dessas duas cidades O foram ouvir à margem do lago.

A ida de Jesus não se prende à pregação da Boa-Nova, tanto que seu desejo era permanecer incógnito na casa de algum amigo, para conversar com seus discípulos na intimidade, longe do apelo das multidões. Parece tê-lo conseguido, pois só é mencionado esse fato da mãe aflita que obtém a cura da filha.

Essa mulher é dita "cananéia" por Mateus, tendo em vista que nesse território foi estabelecida a primeira colônia de cananeus (cfr. Gên. 10:15). Marcos qualifica-a tecnicamente de siro-fenícia, ou seja, fenícia da Síria (distinguindo-a dos fenícios da Líbia). Realmente, desde a conquista de Pompeu, a antiga Fenícia fora englobada na província domana da Síria. Marcos, que escrevia para os romanos, entra em

maiores minúcias étnicas e geográficas, coisa supérflua para Mateus que, escrevendo para os israelitas, se satisfaz denominando-a "cananéia". Não obstante, como poderia tratar-se de uma israelita, embora nascida em país "pagão", o segundo evangelista especifica que ela era *hellenís*, isto é, "de fala grega". Com esse termo, a essa época, distinguiam-se os não-israelitas, já que, para os israelitas, o mundo se dividia em duas partes: judeus e não-judeus (pagãos ou gentios).

Temos, portanto, o caso de uma criatura de religião diferente da que Jesus professava oficialmente (tal como o centurião romano). Nem por isso o Mestre a convida, sequer, a filiar-se ao judaísmo: para Ele, todos são filhos do mesmo Pai.

Mateus reproduz o primeiro apelo. Inicia a mulher suplicando compaixão para ela, já que a filha talvez fosse inconsciente do que com ela se passava: a mãe é que mais sofria com o caso. Compreende-se o título de "Senhor", mas é estranhável o epíteto de "Filho de David", na boca de uma pagã, mesmo que Sua fama tivesse já atravessado as fronteiras com esse apelativo.

Logo após é citado o motivo do pedido de socorro: achava-se sua filha (não é revelada a idade, embora Marcos use o diminutivo: *thygátrion*, "filhinha"), sofrendo de forte obsessão (talvez mesmo possessão total) e ela suplica o rabbi que a cure. À semelhança do centurião (cfr. Mat. 8:5-13, Luc. 7:1-10), ela solicita uma cura a distância, revelando um adiantamento evolutivo bem grande, que virá a ser comprovado pela continuação, com suas palavras de humildade sincera. Agostinho (*Quaestiones Evangelicae*, 1, 18, in Patrol. Lat. vol. 35, col. 1327) faz a mesma observação, concluindo: "as duas curas milagrosas que Jesus realizou, nessa menina e no servo do centurião, sem entrar em suas casas, são a figura de que as nações (os gentios) seriam salvos por força de sua palavra, sem serem honrados, como os judeus, com sua visita".

Jesus, que lá fora para descansar, apresenta um comportamento estranho, só explicável pelo desejo que tinha de demonstrar aos circunstantes, e deixar exemplo aos provindouros, de como deve alguém comportar-se diante do não-atendimento de um pedido (de uma prece). Então, nada responde: continua impertérrito a caminhada, não tendo a mínima consideração ou, como diz o povo, "não dando confiança".

A primeira reação da pedinte é insistir na solicitação (cfr. Luc. 11:5-8), sem julgar-se diminuída nem ofendida com o silêncio, que parece depreciativo.

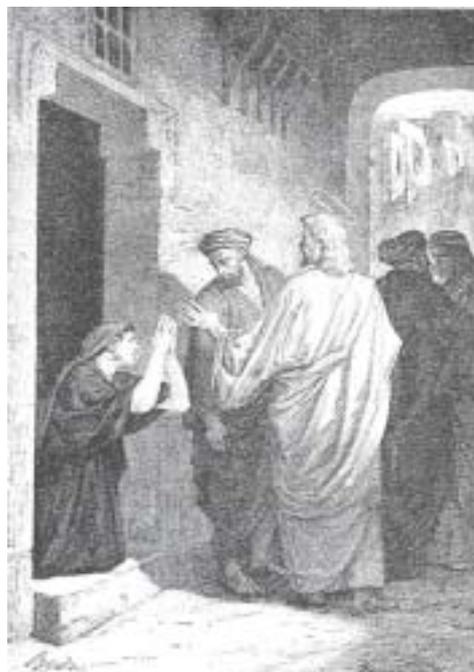


Figura "CANANÉIA"

Aí ocorre a intervenção dos discípulos, que sugerem ao Mestre mandá-la embora, atendida ou não; e isso, não por amor a ela, mas para não serem incomodados. O princípio da "intercessão" está bem claramente estabelecido, aqui como em outros passos, embora apresente sempre esse ar de enfado, e o pedido intercessório seja sempre para mandar embora o importuno, ou de fazê-lo calar-se ... Observe-se, de fato, o pormenor de jamais encontrarmos nos Evangelhos qualquer discípulo solicitando ao Mestre a realização de um fato extraordinário em benefício de quem quer que fosse (nem deles mesmos). Ao contrário, quando qualquer ocasião se apresentava de situação difícil, ou eles sugeriam uma solução normal, ou declaravam não ser possível resolvê-la, deixando o Mestre isento de compromisso.

Jesus continuava ignorando a pedinte, e responde-lhe apenas indiretamente, falando a seus discípulos, como se ela ali não estivesse: "fui enviado somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel".

Resistindo ao silêncio, superando a primeira negativa com humildade, ela insiste: "socorre-me, Senhor"! A confiança permanecia vívida, firme, sólida e inabalável. É então que Jesus, levando até o fim a experiência, desfere o terceiro golpe, forte bastante para descoroçar qualquer esperança, bastante fundo para arrasar os últimos resquícios do orgulho: "Não é bom tomar o pão dos filhos, para dá-lo aos cachorrinhos" ...

Vencendo a terceira negativa, numa demonstração de humildade sem hipocrisia, revelando de todo sua evolução, a estrangeira retruca com belíssima imagem, brilhante e literária, talvez com leve e alegre sorriso de esperança a bailar-lhe nos lábios: "mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem as migalhas que as crianças deixam cair" ...

Impossível resistir-lhe mais! A humildade sincera vencera, segundo o princípio enunciado 600 anos antes pelo "Velho Mestre" (Lao Tse) no *Tao Te King*: "A doçura triunfa da dureza, a fraqueza triunfa da força" (n.º 36). Realmente, a Força é vencida pela fraqueza, cede o Poder diante da impotência, curva-se o Super-Homem diante da fragilidade feminina: a mãe é atendida, beneficiando-se a filha da amplitude ilimitada do amor materno.

Resta-nos, apenas, analisar o epíteto de "cachorrinhos" (*kynária*) aplicado por Jesus à mãe cananéia. Jerônimo afirma que Jesus classifica os não-judeus de "cães" (*canes autem ethnici propter idololatriam dicuntur*, Patol. Lat. vol. 26, col. 110).

Não cremos tenha sido esta a intenção de Jesus, que seria inoportuna e ofensiva, denotando baixeza de caráter e falta da mais elementar educação, em relação a uma mãe aflita. Não podemos aceitar, inclusive, porque o elogio posterior desmentiria essa intenção. Se real fosse, o orgulho que lhe haveria provocado tal resposta fá-lo-ia manter sua atitude de desprezo até o fim, o que seria incompatível com Sua elevação espiritual.

O que se deduz de todo o andamento e do diminutivo "cachorrinhos", é que a frase foi dita com benevolente sorriso, como que a desculpar-se, mas desejando ser vencido, como o foi, para atendê-la. Além disso, não é uma depreciação, como se a comparasse a um "vira-lata" da rua. Antes, estabelece paralelo com os cachorrinhos carinhosamente tratados dentro de casa, ao lado dos filhos ("das criancinhas", como diz ela) e que comem da mesma comida dos filhos, apenas um pouco mais tarde. Daí a beleza da resposta: "mas antes da ração maior que lhes cabe, os cachorrinhos aproveitam as migalhas que caem da mesa dos filhos".

Monsieur Louis Pirot ("*La Sainte Bible*", vol. IX. pág. 485), assim termina seu comentário a este trecho: "Deve citar-se o exemplo da siro-fenícia como modelo da prece susceptível de tudo obter, por ser feita com fé, humildade, confiança e perseverança. Tudo estava contra essa mulher, primeiro sua religião e sua raça, depois a atitude pouco animadora dos apóstolos, o silêncio e afinal a recusa de Jesus. Não obstante, pode dizer-se, ela esperou contra toda a esperança, e Sua prece foi ouvida".

Outra lição de grande profundidade (como todas!) é-nos apresentada neste episódio comovente.

Examinemos rapidamente os termos geográficos, a fim de descobrir, dentro do fato material apresentado, o simbolismo escondido sob o véu da letra.

Canaã exprime "negócio, comércio" ou, segundo Philon de Alexandria ("Os Sacrifícios de Abel e de Caim", n.º 90), "terra de agitação".

Tiro e Sidon significam respectivamente "força" e "caçada".

Síria e Fenícia têm o sentido de "elevado" e de "púrpura".

A individualidade retira-se para uma busca: quer encontrar uma alma, a fim de estabelecer contato místico com ela. Talvez, por isso, os evangelistas tenham ligado as duas cidades, dizendo "o território de Tiro e de Sidon". Na realidade essas duas cidades ficavam bem distantes uma da outra (cerca de quarenta quilômetros à vol d'oiseau). A união das duas, quando entre elas havia ainda, a meio caminho, a cidade de Sarepta, não deixa de ser estranha. Não seria um simbolismo para salientar que a "viagem" tinha como objetivo uma "forte caçada", uma busca intensa?

Lá se encontra a alma de escol, verdadeira "púrpura elevada", vermelha de amor sublime e místico, embora mergulhada na "terra de agitação" dos negócios materiais.

O encontro desse intelecto privilegiado (a última resposta sua revela-lhe o notável desenvolvimento intelectual) com o Cristo, é de indiscutível beleza.

Apesar de procurada ("caçada") pelo Cristo, o primeiro passo para o encontro efetivo é dado pelo "espírito", como não podia deixar de ser, em virtude do livre-arbítrio. Mas ele reconhece imediatamente o "Filho de David", e a ele se apega, suplicando seu auxílio para libertar-se (para libertar a filha bem-amada - o corpo de emoções) de terrível obsessão que a faz sofrer (que faz sofrer o intelecto). O intelecto busca, então, o domínio das emoções, descontroladas por forças estranhas (meio ambiente, educação, etc.), sacudidas pelo espírito de ambição e pelos desejos desregrados, verdadeiramente obsidiadas. E o caminho único é o encontro com o Cristo Interno.

Não é fácil, porém. Embora residindo no âmago de nós mesmos, constitui tarefa árdua o encontro e a unificação com o Cristo. Aprendemos, então, a técnica da insistência humilde, que suplica com todas as forças de que é capaz, que ora em voz alta, que grita angustiadamente, suplicando socorro.

Os demais veículos (os "discípulos") aconselham que seja o intelecto persuadido a desistir de seu intento. Mas ele persiste, apesar de tudo.

Como necessidade de experimentação, o Cristo diz que primeiro terão que ser atendidas "as ovelhas" perdidas da casa de Israel", ou seja, as individualidades religiosas já espiritualizadas. O intelecto, embora cultivado, precisa elevar-se mais, não permanecendo no nível personalístico animalizado ("cachorrinhos"), para que possa pretender alimentar-se com o pão sobressubstancial destinado aos "filhos", aos já espiritualizados.

Nessa ocasião é que o intelecto se revela realmente superior, porque humilde, e sai com aquela "tirada" maravilhosa: "embora ainda indigno, o intelecto come as migalhas que lhe chegam através da intuição".

Vencera, porque satisfizera a uma condição fundamental para o Encontro Místico: a HUMILDADE. Pela humildade verdadeira e sincera, o homem sintoniza perfeitamente com a Divindade, a criatura identifica-se ao Criador, o Filho une-se ao Pai, o ser unifica-se à essência da Vida.

O Cristo manifesta-se, então, plenamente ao coração desse ser humilde, preparado, inteligente e ardoroso, cheio de fé e de amor; e nesse mesmo momento da unificação, "a filha é curada em sua casa", isto é, as emoções são controladas dentro de seu corpo físico.

Em todos os passos evangélicos o ensino é o mesmo: claro e cristalino límpido e sem discrepâncias. Não é possível ocultar-se a verdade que transparece tão nítida, através de um simbolismo maravilhoso e diáfano.

O SURDO-GAGO

Junho do ano 30

Marc. 7:31-37

31. De novo retirou-se das fronteiras de Tiro e de Sidon e foi para o mar da Galiléia, por meio do território da Decópole.
32. E trouxeram-lhe um surdo e gago, e pediram-lhe que pusesse a mão sobre ele.
33. Tirando-o da multidão, Jesus levou-o à parte, pôs seus dedos nos ouvidos dele e, cuspidando, tocou-lhe a língua.
34. Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: ephphetha, isto é, "abre-te"!
35. E foram abertos seus ouvidos, e logo se lhe rompeu o freio da língua, e falava corretamente.
36. Recomendou-lhes Jesus que a ninguém o dissessem; mas quanto mais o recomendava, tanto mais eles o divulgavam.
37. E admiravam-se imensamente, dizendo: "Fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem".

A narrativa é peculiar às anotações de Marcos, e apresenta pormenores valiosos à interpretação.

Inicialmente o aceno ao caminho percorrido pela comitiva: "de Tiro e de Sidon, pelo meio do território da Decápole". Isso nos revela que de Tiro Jesus se dirigiu mais para o norte, atravessando Sidon e tomando a estrada que leva a Damasco, a leste, alcançando as encostas meridionais do Líbano; no Hermon, abandona essa estrada, dobra a sudeste, atravessa o Jordão (talvez na "ponte das Filhas de Jacó") e chega ao coração da Decápole, ao sul do mar da Galiléia, tendo portanto, que voltar atrás para atingir esse mar.

Na decápole (Gerasa, cfr. Marc. 5: 1-20) fora deixado cerca de seis meses antes, com a tarefa de difundir sua doutrina, o ex-obsidiado. Dessa forma, logo que a comitiva penetra na região, é Jesus reconhecido e solicitado a curar um enfermo. Trata-se de um surdo e gago. "Gago" é o significado preciso de *mogilálon*, que algumas versões traduzem por "mudo". Mas não há dúvida de que se trata de um gago, já que mais adiante se diz que "se lhe rompeu o freio da língua", e mais, "que falava corretamente" (*orthōs*), sinal de que antes falava, sim, embora atrapalhado.

O pedido é feito para que Jesus "lhe imponha as mãos", tradicional gesto que até hoje permanece nos denominados "passes", que Jesus tanto empregava (cfr. Marc. 6:5, 8:23, 25, etc.).

Mas a técnica usada aqui por Jesus difere da normal. Ele leva o doente para longe da multidão. Depois, ao invés de utilizar seus poderes maravilhosos, ao invés de uma simples ordem, vemos que emprega pequeno ritual mágico: encosta os dedos fisicamente nas orelhas do enfermo; a seguir cospe (possivelmente nas pontas dos dedos) e, com sua saliva, toca a língua do gago. Depois desses gestos, levanta os olhos para o alto, suspira, como que recebendo ou emitindo uma onda fluidica através de sua respiração, e então pronuncia uma palavra em hebraico: *éphphetha* (que é o *ithpael* do verbo *phâtah*, que significa "abrir").

Observemos, de passagem - como mais uma prova de que Jesus e seus discípulos falavam normalmente o grego - que todas as vezes em que era proferida pelo Mestre uma palavra ou a expressão em hebraico, é por Marcos citada a palavra ou expressão no *original*, como coisa digna de ser notada e de registrar-se (cfr. Marc. 5:41; 7:11; 14:36 e 15:34).

Depois de realizados esses gestos e toques é que se efetua a cura da surdez e o rompimento do freio da língua, permitindo ao enfermo expressar-se corretamente, pronunciando com clareza as consoantes.

Resta-nos esclarecer: a) por que afastar-se da multidão? b) por que tocar as orelhas? c) por que a saliva na língua? d) por que a palavra hebraica?

Eis as respostas dos exegetas:

- a) levou-o à parte porque, nessa localidade não queria agir de público. E como teria que usar gestos para despertar a fé no enfermo (já que, sem essa condição exigida por Jesus, nada faz: a Ele) não queria que julgassem seus gestos um ato de magia. Escondia-se, então, para não ser mal interpretado ...
- b) tocou as orelhas porque, sendo o enfermo surdo, não podia ouvir as explicações e Jesus só podia demonstrar a ele o que ia fazer, tocando-lhe as partes afetadas;
- c) tocou-lhe a língua com saliva por seguir a tradição rabínica que dizia ter a saliva, sobretudo em jejum, poderes curativos (cfr. Sabbat, 14, 14b e Abada Zara, 11, 10, 9), embora aí se saliente a cura das doenças dos olhos. Com efeito além deste passo, encontraremos outras duas curas realizadas por Jesus, servindo-se o Mestre da saliva, ambas para curar cegos, em Marcos 8:23 e em João 9:6;
- d) proferiu a palavra como uma súplica de que se realizasse a cura; e isso constituía mais uma razão para afastar-se, já que os preceitos rabínicos proibiam terminantemente quaisquer palavras quando se tratavam chagas ou enfermidades, para evitar a crença em efeitos mágicos de palavras.

As três razões apresentadas podem parecer ponderáveis, mas apenas para efeito externo. No entanto, consideremos que Jesus curava publicamente as multidões (cfr. Mat. 15: 29-31, etc.) sem necessidade de tocar nos enfermos. Alguma razão havia, e muito mais forte que essas razões externas, para agir assim. Vê-lo-emos.

A seguir vem a habitual proibição de divulgar o ocorrido, naturalmente não obedecida. E o impacto que causa a cura é descrita com a expressiva palavra *hyperperissōs*, ou seja, "hiper-admiração". Onde ser aplicada a Jesus a palavra de Isaías (35:5,6), que o próprio Jesus já aplicara a si mesmo, quando respondeu aos emissários do Batista (Mat. 11:1-6).

Aqui descobrimos que existe um ensinamento simbólico, além do fato real da cura.

Inicialmente indagemos por que anotou tão cuidadosamente o evangelista o roteiro anormal de Jesus. De Tiro, o caminho mais direto para o mar da Galiléia seria a estrada que ligava Tiro a Cafarnaum, quase em linha reta, no próprio território galileu, passando por Giscala, Saphed e Corozaim (cerca de 60 kms, isto é, três dias de marcha). No entanto, perfaz uma jornada muito mais longa, dando uma volta de mais de 150 kms. Explicam os exegetas que aproveitou a viagem "para conversar a sós com os discípulos" e mais, que assim evitava viajar pelo território governado por Antipas, fazendo o trajeto pela tetarquia de Filipe. Possível que assim fosse.

Todavia, como sabemos que todas as palavras e minúcias de um livro "revelado" têm uma razão simbólica, verificamos que a passagem de "uma busca intensa (Tiro e Sidon) na terra agitada de negócios" (Canaã), para as águas tranquilas (mar) do "jardim fechado" (Galiléia), não se faz repentina e abruptamente: vibracionalmente a distância é grande, atravessando numerosos estágios ("dez cidades", ou seja, Decápole).

Ao chegar, é apresentada uma personagem surda e gaga, para que a individualidade a cure.

A surdez física simboliza aquele que não consegue ouvir a Voz Interna da Verdade. E a gageira, aquele que, apesar desse defeito de audição, pretende ensinar o caminho certo às criaturas, ou seja, aquele que fala incorretamente. Portanto, o modelo dos pregadores que ainda não tiveram contato com a Grande Realidade, que ainda não mergulharam na Consciência Cósmica, que ainda não se unificaram ao Cristo. Só podem falar "gaguejando", não física, mas espiritualmente; não pronuncian-

do as palavras pelo meio, mas ensinando somente meias-verdades; e isso porque, sendo “surdos” à Voz Interna do Cristo, só conhecem as coisas através dos gestos materiais (das leituras e livros).

Jesus o retira da multidão, levando-o “à parte”. Naturalmente, a primeira coisa a fazer num caso desses é chamar o homem ao isolamento da meditação, fora da multidão, a fim de que no silêncio possa realizar-se o Encontro Místico.

Depois coloca seus dedos nos ouvidos, revelando a bondade do Cristo que estende misericordiosamente Suas mãos, para que possa ser mais bem ouvido. A seguir, “cuspindo” (isto é, emitindo de Si as intensas vibrações de amor), toca-lhe a língua, rompendo-lhe o freio, para que possa proferir corretamente as palavras (para que possa revelar as Verdades com correção).

A comunicação da saliva à língua alheia é um dos maiores e mais expressivos gestos de amor, normalmente praticado pelos que se amam profundamente, por meio do beijo na boca: é a intercomunicação das duas almas, através da comunhão dos fluidos físicos que emitimos pela saliva, numa interpenetração vibratória por vezes mais forte que a própria penetração dos órgãos sexuais.

Elevando então sua tônica ao máximo (“erguendo os olhos ao céu”), profere a palavra (som-criador) ÉPHPHETHA, isto é, “abre-te”. O sentido do termo é revelador da necessidade da criatura nesse ponto: é exatamente a de abrir os canais superiores do espírito, para a união com o Cristo.

Observe-se um pormenor de sumo interesse para nossa vida prática: Cristo, ao ver que o homem era surdo à Voz Interna e ensinava meias-verdades, não tem uma palavra sequer de condenação, não o faz silenciar, não o despreza; ao invés, chama-o à parte para abrir-lhe o caminho certo da evolução, para ajudá-lo, para reajustá-lo à Verdade.

O resultado dessa ação do Cristo é que o homem teve seus ouvidos abertos à Voz Divina e então (note-se a propriedade da expressão!) falava corretamente, pregando certo, divulgando as verdades reais, ensinando as verdadeiras realidades. Não é dito que passou a falar “fluentemente” ou “correntemente”, mas **CORRETAMENTE**: falar CERTO, de acordo com a Verdade (orthôs).

O final da história revela o êxito da cura: o acontecimento é visto e verificado por todos: aclamam o autor como a Bondade Encarnada: “fez bem todas as coisas” (kalōs pánta pepoíêke), frase que constitui um dos mais belos testemunhos a respeito de qualquer ser.

Também desse trecho deduzimos que o Cristo que em nós reside está pronto a ajudar-nos, abrindo-nos os ouvidos para que aprendamos, estendendo as mãos para guiar-nos pelo caminho certo para encontrá-Lo, desde que o desejemos, a fim de assimilar Seus ensinamentos silenciosos e profundos e poder então divulgá-los corretamente. Quando chegará nossa vez?

NO MAR DA GALILÉIA

(Julho do ano 30 A.D.)

Mat. 15:29-31

- 29. Tendo deixado esses lugares, Jesus voltou para as margens do Mar da Galiléia, e subindo ao monte, sentou-se aí.**
- 30. E veio a ele grande multidão, trazendo consigo coxos, estropiados das mãos, cegos e surdos, e deitaram-nos aos pés de Jesus e ele os curou,**
- 31. de modo que a multidão se maravilhou ao ver mudos a falar, estropiados curados, coxos a andar e cegos a ver, e glorificou o Deus de Israel.**

A primeira metade do vers. 29 já nos foi mais minuciosamente relatada por Marcos (capítulo anterior).

Sobe "à montanha". Qual? Não nos é dito, mas apenas determinado o local pelo artigo. O fato é que mais uma vez a multidão se reúne a Seus pés .

As curas efetuadas, ao que parece todas instantâneas, compreendem quatro tipos de enfermidades: *chôlós*, "coxo"; *kydlós*, "aleijado das mãos"; *typhós*, "cego"; e *kôphós*, "surdos" ou "mudos".

O sentido preciso de *kôphós* é "embotado", "silencioso", podendo expressar tanto o "surdo" (cfr. Plutarco, Morales, 337 e 791e), quanto "mudo" (cfr . Platão, Leges 932a; Ésquilo, *Septem contra Thebas*, 202); talvez, até, possa exprimir "surdo-mudo", conforme vemos em Heródoto (1, 34) que qualifica de *kôphós* um dos filhos de Creso, especificando que "não falava", (era "*áphonos*", 1, 85) e também que "não ouvia" ("*diephtharménos tén akouén*", 1, 38).

Essas curas causavam profunda admiração no povo e a notícia se espalhava célere por todas as localidades vizinhas. Observam alguns comentaristas que essas enfermidades não são de reincidência (como seriam febres, resfriados, etc.) mas crônicas; e que, uma vez curadas, não voltavam. E perguntam como poderia haver tantos desses enfermos numa população relativamente escassa, para justificar todos os passos dos evangelistas. Em vista do simbolismo de que se reveste todo o texto evangélico, não vemos dificuldades em aceitar as anotações que até nós chegaram.

A frase final "e glorificaram o Deus de Israel" é bem característica do povo que, tendo seus "deuses" (santos ou espíritos protetores), não deixam de reconhecer que o santo ou protetor (Deus) do povo de Israel (ou seja, o especial amigo do taumaturgo) é digno de louvores, pelo extraordinário poder que revela quando se manifesta.

Todas as vezes que a Individualidade chega às margens do Mar da Galiléia (as águas tranquilas do "Jardim Fechado"), tem ocasião de "subir ao monte", isto é, de elevar suas vibrações (que importa o "nome" do monte?) e lá, aproveitando ambiente harmônico, vai curando as mazelas de seus veículos inferiores. E que isso ocorre de fato, nós o verificamos porque hoje até a medicina profana já descobriu o valor da talassoterapia.

A Individualidade identifica os veículos que custam a caminhar (coxos) não conseguindo acompanhar: o ritmo das aspirações do Espírito,. aqueles que agem desajeitadamente (estropiados das mãos), fazendo o que não devem, ou omitindo o que deveriam fazer; aqueles que não vislumbraram ainda a estrada da realidade (cegos) e também os que não respondem (mudos) aos apelos da Voz Profunda da Consciência, porque não chegam sequer a ouvi-la (surdos). Já se fixaram, então, no materialismo, que os tomou "embotados" em relação ao Espírito.

A Individualidade, nesses casos, exerce ação terapêutica, despertando os veículos e curando-os de suas fraquezas e enfermidades, a fim de prepará-los para que ajudem a evolução do Espírito, que já perlustra consciente a jornada evolutiva do mundo real.

SEGUNDA MUL TIPLICAÇÃO DOS PÃES

Mat. 15:32-38

Marc. 8:1-9

32. Então, tendo Jesus chamado seus discípulos, disse: "Tenho compaixão deste povo, porque já há três dias permanece comigo e não tem nada que comer; não quero despedi-los famintos, para que não desfaleçam no caminho".
33. Disseram-lhe os discípulos: "Como encontraremos, neste deserto, tantos pães para fartar tão grande multidão"?
34. E disse-lhes Jesus: "Quantos pães tendes?" Responderam: "Sete e alguns peixinhos".
35. E tendo mandado ao povo que se reclinasse no chão,
36. tomou os sete pães e os peixes e, dando graças, partiu-os e os deu aos discípulos, e os discípulos ao povo.
37. E todos comeram e se fartaram; e apanharam os fragmentos que sobraram em sete certas cheias.
38. Os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças.
17. Naqueles dias, sendo muito grande a multidão e não tendo nada que comer, Jesus chamou os discípulos e disse-lhes:
18. "Tenho compaixão deste povo, porque já há três dias permanece comigo e não tem nada que comer;
19. e se eu os mandar para suas casas famintos, desfalecerão no caminho, pois alguns há que vieram de grande distância".
20. E responderam-lhe seus discípulos: "Como poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto"?
21. E perguntou-lhes: "Quantos pães tendes"? Responderam eles: "Sete".
22. E ordenou ao povo que se reclinasse no chão; e tomando os sete pães, dando graças, partiu-os e entregou a seus discípulos para que os distribuíssem; e eles os distribuíram à multidão.
23. Tinham também alguns peixinhos; e abençoando-os disse: "Distribuí também estes".
24. Todos comeram e se saciaram e apanharam dos fragmentos sobrados sete cestas.
25. Eram os que comeram quatro mil homens. E os despediu.

Alguns críticos pretendem que esta seja simples repetição da primeira multiplicação dos pães (veja vol. 3.º). No entanto, não apenas Mateus (16:9-10) como Marcos (8:19-20) colocam na boca de Jesus a citação expressa das duas multiplicações como dois fatos distintos.

Se alguns pormenores se repetem, pela semelhança das situações, outros diferem frontalmente. Lá os discípulos têm a iniciativa, dando como causa o avançado da hora; aqui é Jesus que lhes chama a atenção para o fato de que a multidão O acompanhava havia três dias, não obstante não ter o que comer; na primeira havia cinco pães e dois peixinhos, neste há sete pães e "alguns" peixinhos; na outra eram cinco mil pessoas, nesta são quatro mil; a anterior realizou-se no território de Filipe, tendo vindo a multidão de Cafarnaum e arredores; a última ocorreu na Decápole, com o povo do local; lá foram recolhidos doze cestos (*kophínos*), aqui sete cestas (*spurídas*), ou seja, recipiente de maior capacidade, segundo atesta João Crisóstomo (*Patrol Graeca*, vol. 58, col. 527), sendo mesmo citada em Atos (9:25) como tendo servido a Paulo para descer dos muros de Damasco; na primeira o povo recosta-se na relva",

denotando a primavera, mas na segunda acomoda-se "por terra", sinal de que estamos no verão, com o solo ressequido.

A pergunta dos discípulos revela a impossibilidade material de encontrar alimento: *póthen* tanto pode ser "onde", quanto "como" (lugar ou modo), mas qualquer dos dois exprime falta total de meios para consecução do objetivo desejado. Essa pergunta é citada como falta de confiança naqueles que, pouco antes, haviam presenciado situação semelhante com solução prodigiosa, dada pelo Mestre. Por que não supor gesto semelhante e inculcar-lho? Serve-nos de lição observar que jamais os discípulos sugeriram meios insólitos para auferir vantagens: não requisitaram atravessar o lago a pé, mesmo depois de testemunharem essa possibilidade por parte de Jesus e de Pedro; não pediram outras "pescarias inesperadas" para facilitar-lhes o trabalho e poupar-lhes as energias; não esperam aqui outra multiplicação de pães; e por vezes até procuram afastar os pedintes, queixando-se da amolação que trazem ao grupo, sem nunca supor que serão atendidos por vias extraordinárias.

Limita-se o Mestre a ordenar, como na vez anterior, que o povo se sente organizadamente e, dando graças (aqui Mateus e Marcos usam o verbo *eucharistêsas* - empregado por João na primeira cena - ao invés de *eulógêsen* que haviam escrito), partiu os pães e fê-los distribuir juntamente com os peixinhos.

Os evangelistas anotam terem sido quatro mil os convivas, esclarecendo Mateus "sem contar mulheres e crianças". Esse número também comprova a duplicidade de ações; fora criação ou acréscimo, o natural seria vermos a proporção aumentada: 5 pães para 5.000 pessoas - 7 pães para 7.000 pessoas. O contrário é que se verifica: aumenta o número de pães e decresce o de convivas.

Tendo-se realizado o prodígio entre não-judeus, observamos que não houve nenhum movimento para colocar uma coroa real na cabeça do taumaturgo.



Figura "SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES"

Mateus e Marcos, que não registaram a aula conseqüente à primeira multiplicação dos pães - só narrada por João, cap. 16 - apresentam, sob forma de novo simbolismo, o avanço necessário. Observamos, então, que os números variam: sete, em lugar de cinco.

SETE, nos arcanos, significa vitória, exprimindo a "afirmação da Divindade, do Espírito, sobre a matéria; da lei do Ternário sobre o Quaternário a lei do domínio sobre o mundo das causalidades. No plano humano é o caminho bem escolhido, ou seja, o triunfo sobre as provações. No plano físico é o êxito realizador, a vitória sobre os obstáculos criados pela inércia da matéria" (Serge Marco to une, "La Science Secrete des Initiés", pág. 95).

É nesse arcano SETE que está construído o planeta Terra e tudo o que nele habita, porque é neste planeta Terra que a humanidade terá que conquistar a vitória final do Espírito sobre a matéria; aqui vencerá a Divindade. Daí ser esse número considerado cabalístico desde a mais remota antiguidade, com forte vibração e potencialidade insuperável.

Na primeira lição, tivemos CINCO pães para CINCO mil pessoas: é a Vontade ou Providência divina a governar o mundo, sustentando-o e alimentando-o (veja vol. 3.º); nesta segunda aparecem SETE pães para QUATRO mil pessoas, ou seja, é a vitória do Espírito (tríade superior) sobre a matéria (quaternário inferior). Na outra, os discípulos (Espírito) pedem ao Mestre a alimentação; nesta, a iniciativa de dar parte do Mestre, da Individualidade: é que a primeira exprime o primeiro movimento do livre-arbítrio do eu pequeno (personalidade ou personagem) que busca a espiritualização; nesta aparece a resposta espontânea em que o Espírito atende à solicitação anterior.

Outro ponto a considerar é que na primeira são recolhidos DOZE cestos: material que seria distribuído através dos DOZE emissários às multidões famintas (profanos, não-iniciados); mas na segunda o sobejo é recolhido em SETE cestas; não é mais para distribuição do material aos profanos: é o lucro obtido com a vitória do Espírito sobre a matéria. Daí a minúcia da modificação da palavra empregada, de kophínos para spurídas, isto é, de cestos para cestas, de um recipiente menor (menos valia) para um maior (mais valia).

Sob o ponto de vista espiritual, a lição é evidente e fácil: aqueles que aspiram ao Supremo Encontro, têm que passar pela via-purgativa (a fome ou jejum de três dias); depois pela via contemplativa (prece ou meditação, sentados na terra nua); e finalmente pela via unitiva (a assimilação do alimento espiritual), obtendo-se, por fim, o fruto dessa união (as sete cestas). Em poucas linhas simbólicas, os evangelistas Mateus e Marcos resumiram a lição dada, por extenso, pelo evangelista João.

PEQUENA VIAGEM**Mat. 15:39****Marc. 8:10****39. E tendo despedido o povo Jesus entrou na barca e foi para a costa de Magadan.****26. E entrando imediatamente na barca com seus discípulos, dirigiu-se para o território de Dalmanuta.**

Após despedir o povo, na margem oriental (Decápole), Jesus toma o barco e dirige-se a Magadan (Mateus) ou Dalmanuta (Marcos).

Temos duas questões a resolver: qual o nome da localidade e onde estava situada.

Trazem Magadan (Magedan) os códices *aleph*, E, D, aversão siríaca sinaítica, Taciano e Eusébio, além de outros minúsculos.

Apresentam Magdala, o *Theta* e muitos cursivos (1, 13, 69, 118, 209, 230,271,274,347 e 604).

Dalmanuta está em Marcos apenas, em todos os unciais (exceto D), alguns manuscritos da *Vetus Latina*, a Vulgata, as versões coptas e armênias. No entanto, segundo a opinião de R. Harris (*Codex Bezae*, pág. 178), de Nestle (*Philologia Sacra*, pág. 17) de Lagrange ("*Évangile selon S. Marc*", pág. 205), a palavra Dalmanuta seria uma reunião de três palavras aramaicas, (*D*)*almanuta*, que seria a expressão grega *eis tà méré* (para a costa); essa expressão teria sido introduzida no texto como substituição a Magadan, de localização desconhecida.

Magadan, realmente, não aparece em outros textos. Mas os códices que seguem Orígenes (que não tinha dúvidas em corrigir) apresentam Magdala, com apoio de São Jerônimo. Ora *Mag(e)dan* apresenta-se como fácil corruptela de Magdala, a conhecida *el-Medjdel*, a 4,5 km do Tiberiades, à entrada da planície de Genesar.

A localização na margem oriental, atestada por Eusébio, (Onom. 134, 18), Knabenbauer (*In Marcum*, pág. 208) e outros, não é aceitável. Jesus operara na margem oriental (Decápole) e, se toma o barco, é lógico se dirija à margem ocidental. Tanto que logo após discute com os fariseus, que jamais iriam à margem oriental entre pagãos; e a seguir (Mat. 16:5 e Marc. 8:13) vai "para a outra margem", a oriental, na região de Cesaréia de Filipe, perto das fontes do Jordão. E qualquer dúvida desaparece quando Marcos (8:22) diz que desembarcam em Bertsaida-Júlias, dirigindo-se para Cesaréia de Filipe .

Portanto, Magadan deve situar-se, mesmo, na margem ocidental, e bem provavelmente deve tratar-se de Magdala.

A única observação a fazer é que após a segunda multiplicação dos pães (resumo da orientação para o Encontro Místico), a individualidade entra em Magdala, palavra que significa "magnificência", denotando-se, com isso, a grandiosidade do êxito obtido com esse passo decisivo do Espírito.

O FERMENTO DOS FARISEUS

Mat. 16:5-12

Marc. 8: 14-21

- | | |
|--|--|
| <p>5. Indo seus discípulos para o outro lado, esqueceram-se de levar pão.</p> <p>6. Disse-lhes Jesus: "Olhai: guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus".</p> <p>7. Eles, porém, dialogavam entre si dizendo: "É porque não trouxemos pão".</p> <p>8. Percebendo-o Jesus, prosseguiu: "Por que estais discorrendo entre vós, homens de pequena fé, por não terdes pão?"</p> <p>9. Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e quantos cestos apanhastes?</p> <p>10. Nem dos sete pães para quatro mil, e quantas cestas recolhestes?</p> <p>11. Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pão, mas: Guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus"?</p> <p>12. Então entenderam que lhes não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas do ensinamento dos fariseus e dos saduceus.</p> | <p>14. E esqueceram-se os discípulos de levar pão; e não tinham consigo no barco senão um só pão.</p> <p>15. E preceituava-lhes, dizendo: "Olhai: guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes".</p> <p>16. Eles racionavam entre si, dizendo: "É porque não temos pão".</p> <p>17. Percebendo-o Jesus, lhes perguntou: "Por que discorreis por não terdes pão? Não compreendeis ainda, nem entendeis? Tendes vosso coração endurecido?"</p> <p>18. Tendo olhos, não vedes? e tendo ouvidos, não ouvis? e não vos lembrais de</p> <p>19. quando parti os cinco pães para cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços apanhastes"? Disseram-lhe: "Doze".</p> <p>20. "E quando parti os sete para quatro mil, quantas cestas cheias de fragmentos recolhestes"? Disseram: "Sete".</p> <p>21. E disse-lhes: "Ainda não entendeis"?</p> |
|--|--|

O episódio que se desenrola, todo natural e cheio de vivacidade, é um instantâneo da vida, com seus esquecimentos inevitáveis e suas confusões.

Ao embarcar, os discípulos esqueceram de prevenir-se com provisões de boca. Lembra-se Marcos de que tinham apenas um pão, pois Pedro lhe frisara bem esse ponto. E isso talvez preocupasse os discípulos desde o início da travessia.

Ora, de seu travesseiro de couro, à popa, o Mestre ergue a voz máscula, embora repassada de doçura, para dar-lhes um aviso, precedido de uma interjeição: "Olhai! Cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus" (em Marcos: "dos fariseus e de Herodes").

Diante disso, eles extravasam a angústia represada: "Pronto! é porque esquecemos os pães"! ... E quem sabe principia uma discussão entre eles, buscando qual o "culpado" ...

Mas Jesus interrompe-os com entonação de tristeza e desilusão na voz. Mais uma vez fora mal interpretado: seu ensino era espiritual, não material. Que importava o pão físico? Então já haviam esquecido as duas multiplicações? E aqui vem a comprovação da realidade de ambas, citadas separadamente, com os pormenores salientados, numa vivacidade natural: quantos cestos apanhastes quando cinco mil foram saciados com cinco pães? E quantas cestas, quando quatro mil o tornam com sete?

A expressão "ter olhos e não ver" ... é bíblica (cfr Jer. 5:21; Ex. 12:2; Salmo 115:5 e 135:16), salientando a decepção causada ao Mestre pelos próprios discípulos, que com Ele conviviam há bastante tempo, e que não percebiam ainda o sentido oculto. Era uma desilusão forte, após a outra sofrida na aula dada na sinagoga de Cafarnaum (João, 6:66; vol. 3.º).

Parece então que foi percebido, como anota Mateus: o fermento, elemento corruptor (tanto que era proibido colocá-lo no pão utilizado na Páscoa e no das oblatas, Lev. 2:11) era a hipocrisia (Luc. 12:2) e outros graves defeitos citados em vários pontos do Evangelho, mas sobretudo em Mat. 23: 1-7.

A lição da individualidade chega-nos com frequência à personalidade física. Mas esta, envolvida pela materialidade que a circunda, não entende os sussurros silenciosos de advertência que lhe são feitos, e quase sempre os interpreta viciosamente, atribuindo aos avisos espirituais sentido material. Por vezes, mesmo, há amigos desencarnados que se encarregam de advertir-nos. No entanto, queixamo-nos de que "não são claros nem objetivos", porque não os ouvimos com os ouvidos espirituais, mas apenas com os materiais ... eles querem facilitar-nos a compreensão, mas temos os olhos da mente vedados!

As palavras do Espírito só podem tratar de aspectos espirituais.

Todavia, o aviso é oportuno: cuidado com os fariseus (os hipócritas intelectuais), com os saduceus (os materialistas agnósticos) e os herodianos (os que se prendem aos gozos dos sentidos), porque eles, que de todos os lados nos cercam, acabam permeando-nos com suas doutrinas e agindo como o fermento: fazendo-nos inchar toda a massa, corrompendo-a.

O sentido espiritual se deduz da letra, única que pode chegar até nós através do intelecto. E que o sentido da palavra deva ser percebido em todas as minúcias, vemo-lo num pormenor que parece insignificante: ao lembrar as duas multiplicações, o Mestre sublinha os termos utilizados em cada uma, distinguindo que, na primeira, os fragmentos foram recolhidos em cestos (kophínos) e na segunda em cestas (spurídas), recipientes maiores. Não há confusão possível.

O espiritualista está cercado de doutrinas exóticas e facilmente deixa-se penetrar por elas sem sentir. Quando abrir os olhos, verificará que saiu da renda reta despercebidamente. Cuidado! O pão sobressubstancial é simples, sem fermentos de grandezas, sem exterioridades, sem misturas: é sincero (no sentido etimológico, "sem mistura"), não hipócrita, não fariseu; é espiritual, sem materialidade nem agnosticismo, não-saduceu; e não busca prazeres físicos dos sentidos, é não-herodiano.

O CEGO DE BETSAIDA

Marc. 8:22-26

- 22. E ele chegou a Betsaida. E trouxeram-lhe um cego, e solicitaram-lhe que o tocasse.**
- 23. E tendo segurado a mão do cego, levou-o para fora da aldeia; e cuspendo-lhe nos olhos, pôs as mãos sobre ele e perguntou-lhe: "Vês alguma coisa"?**
- 24. Este, começando a ver, disse: "Vejo os homens, porque, como árvores, os vejo andando".**
- 25. Então de novo lhe impôs as mãos sobre os olhos e ele enxergou em redor e foi curado e discerniu tudo nitidamente mesmo ao longe.**
- 26. E mandou-o para sua casa, dizendo: "Nem entres na aldeia".**

Novamente na margem oriental, em Betsaida-Júlias (*el Tell*), a 3 km ao norte do lago de Genesaré e a 300 m a leste do Jordão; cidade construída por Filipe o tetrarca. Não deve admirar que Marcos lhe aplique o epíteto de *kómê* (aldeia), pois assim o fez também Josefo (*Ant. Jud.* 18, 2, 1). E o Novo Testamento não leva à risca a classificação: João (7:42) chama Belém de aldeia (*kómê*), enquanto Lucas (2:4) a eleva à categoria de cidade (*pólis*).

Ao desembarcar, os habitantes levam a Jesus um cego, a primeira cura desse tipo narrada por Marcos, e privativa deste Evangelho, tal como a do surdo-gago. A solicitação é sempre a mesma: "que o toque" (ou "que lhe imponha as mãos"). O gesto, hoje denominado "bênção" pelos católicos ou "passe" pelos espíritistas é idêntico: lançamento de fluidos curadores, mediante expressivo gesto da mão, com ou sem contato físico.

Ao invés disso, o Mestre segura a mão do cego e o leva para fora da cidade, tal como fizera com o surdo-gago. Aí recomeça o ritual mágico de colocar saliva nos olhos. Após isso pergunta-lhe se está vendo. A resposta é, talvez, desconcertante: "vejo os homens (*blépô tous anthrópous*) porque (*hóti*) como árvores (*hôs déndra*) os vejo andando (*horô peripatoúntes*).

Dividem-se os exegetas, discutindo se o cego o era de nascença ou não. O fato que transparece claro é que, em sua cegueira, ao ouvir o farfalhar das frondes, ele tinha a impressão de que as árvores "caminhavam em redor"; e a visão ainda deficiente fazia-lhe ver os homens grandes como ele imaginava serem as árvores.

A cura não estava completa. Mister havia de nova intervenção taumatúrgica, embora de menor intensidade: serão utilizados os fluidos magnéticos das mãos, sem mais necessidade do emprego da saliva. Após impor as mãos sobre os olhos, nova verificação para confirmar se a cura estava realmente terminada com êxito.

Interessante notar que Marcos diferencia as nuances, utilizando-se dos compostos e sinônimos. Vejamos os versículos 24 e 25: "este, começando a ver (*anablépô*) disse: vejo (*blépô*) os homens porque, como árvores, os percebo (*horáô*) andando. Então de novo lhe impôs as mãos sobre os olhos e ele enxergou em redor (*diablépô*) e foi curado e discerniu (*emblépô*) tudo nitidamente mesmo ao longe".

Observe-se que *anablépô* é o verbo usado em Mat. 11:5, quando Jesus manda dizer ao Batista que "os cegos vêm"; e também em João (9:11. 15, 18) quando é narrado o episódio do cego de nascença.

O último advérbio *têlaugôs*, que só aparece aqui em todo o Novo Testamento, é composto de *têle* (ao longe) e *augê* (brilho, nitidez). Daí o termos traduzido por "nitidamente mesmo ao longe".

Vale salientar a ordem de recolher-se imediatamente a sua casa, nem sequer entrando na aldeia" para não sucumbir à tentação de divulgar o ocorrido.

Já vimos que Betsaida significa "casa dos frutos", e sabemos o significado simbólico da cegueira espiritual: o homem que não compreende, que não vê, que não percebe intelectualmente. E muitos são assim.

Quando isso ocorre, pode acontecer que a individualidade, por solicitação de intercessores (encarnados ou desencarnados) ou mesmo espontaneamente, resolva agir para "abrir" os olhos" e apressar o progresso.

Aí temos a técnica, em poucos versículos. Em primeiro lugar levar a personalidade para fora da multidão (que importa se Betsaida era aldeia ou cidade?), para o isolamento, no qual o Mestre (Cristo Interno) e os discípulos (os veículos dessa personalidade) poderiam agir a sós na meditação.

A seguir, colocar "saliva nos olhos", ou seja, tirar da essência divina e profunda de seu próprio ser os fluidos indispensáveis para abrir os canais do intelecto, a fim de que, por meio deles (a intuição) a criatura possa ver. Verificamos anteriormente que já abrisse os canais dos ouvidos, para que ouvisse Sua voz, e da língua, para que se manifestasse. Abre agora os olhos para que veja e compreenda a lição do Eu Superior.

Aqui o ensino se desdobra em minúcias: não é de uma vez que conseguimos compreender tudo. Há etapas sucessivas. Inicialmente surgem confusões, que talvez durem vidas, seguindo a criatura doutrinas que, apesar de belezas e esplendores, não revelam a verdade real e espiritual.

Mas quando finalmente a misericórdia suprema do Cristo percebe que começamos a entrever a Verdade, novamente coloca Sua mão bendita e estabelece o contato definitivo. É então que começamos a ver (anablépô) ou "levantamos os olhos" (outro sentido do mesmo verbo), e enxergamos em redor (dià-blépô), sendo curados por fim, e discernindo (emblépô) tudo com nitidez, mesmo ao longe (têlaugôs), isto é, no futuro distante, que se perde no infinito do espaço e na eternidade do tempo.

A CONFISSÃO DE PEDRO

Mat. 16:13-20

Marc. 8:27-30

Luc. 9:18-21

13. Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: "Quem dizem os homens ser o filho do homem"?
14. Responderam: "Uns dizem João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou um dos profetas".
15. Disse-lhes: "Mas vós, quem dizeis que eu sou"?
16. Respondendo, Simão Pedro disse: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus o vivo",
17. E respondendo, disse-lhe Jesus: "Feliz és tu, Simão Bar-Jonas, porque carne e sangue não to revelaram, mas meu Pai que está nos céus.
18. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre essa pedra construir-me-ei a "ekklêsia"; e as portas do "hades" não prevalecerão contra ela.
19. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e o que ligares na Terra será ligado nos céus, e o que desligares na Terra será desligado nos céus".
20. Então ordenou a seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.
27. E partiu Jesus com seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e no caminho interrogou seus discípulos, dizendo; "Quem dizem os homens que sou eu"?
28. Responderam eles: "Uns dizem João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas".
29. E ele lhes disse: "Mas vós, quem dizeis que sou"? Respondendo, Pedro disse-lhe: "Tu és o Cristo".
18. E aconteceu, ao estar ele sozinho orando, vieram a ele os discípulos; e ele perguntou-lhes, dizendo: "Quem dizem as multidões que eu sou"?
19. Responderam eles: "Uns João o Batista; outros que um profeta dos antigos reencarnou".
20. E disse-lhes: "E vós, quem dizeis que sou"? Respondendo, pois, Pedro disse: "O Cristo de Deus".
21. Porém advertindo-os energeticamente, ordenou que a ninguém dissessem isso.

Da margem oriental, onde se encontrava a comitiva, Jesus parte com seus discípulos para o norte, "para as bandas" (Mat.) ou "para as aldeias" (Mr.) de Cesaréia de Filipe.

Essa cidade fica na encosta do Hermon, a 4 ou 5 km de Dan, portanto no limite extremo norte da Palestina. No 3.º séc. A.C., os gregos aí consagraram a Pâ e às Ninfas uma gruta belíssima, em que nasce

uma das fontes do Jordão. Daí o nome de *Paneas* (ainda hoje o local é denominado *Banias* pelos árabes) dado à aldeia. No alto do penhasco, Herodes o grande construiu um templo de mármore de alvinitente esplendor em honra de Augusto; e o tetrarca Filipe, no ano 3 ou 2 A.C. aí levantou uma cidade a que denominou Cesaréia, para homenagear o mesmo imperador. Logo, porém, a cidade passou a ser conhecida como "Cesaréia de Filipe", para distingui-la da outra Cesaréia da Palestina, porto de mar criado por Herodes o grande no litoral, na antiga Torre de Straton.

A viagem até lá durava dois dias, beirando-se o lago *Merom* (ou *Houléh*); ao chegar aos arredores de Cesaréia de Filipe, encontraram o ambiente de extrema beleza e frescor incalculável, que perdura ainda hoje. Verde por toda a parte, a dominar o vale em redor, com o silêncio das solidões a favorecer a meditação, diante de uma paisagem deslumbrante e serena; ao longe avistavam-se as águas que partiam da gruta a misturar-se, ao sul, com o *Nahr el-Hasbani* e com o *Nahr el-Leddán*, para dar origem ao Jordão. Nesse sitio isolado, entre pagãos, não haveria interferências de fariseus, de saduceus, nem de autoridades sinedritas ou herodianas.

Mateus, cujo texto é mais minucioso, relata que Jesus fez a pergunta em viagem, "indo" para lá; Marcos, mais explicitamente declara que a indagação foi feita "a caminho". Lucas, porém, dá outra versão: mostra-nos Jesus a "orar sozinho", naturalmente enlevado com a beleza do sítio. Depois da prece, faz que os discípulos se cheguem a Ele, e então aproveita para sindicar a opinião do povo (a voz geral das massas) e o que pensam Seus próprios discípulos a Seu respeito.

As respostas apresentam-se semelhantes, nos três sinópticos, repetindo-se mais ou menos o que foi dito quando se falou da opinião de Herodes (Mat. 14:2, Marc. 6:14-16; Luc. 9:8-9; ver vol. 3.º). Em resumo:

- a) *João, o Batista*, crença defendida sobretudo pelo remorso de Herodes, e que devia ter conquistado alguns seguidores;
- b) *Elias*, baseada a convicção nas palavras bastante claras de Malaquias (3:23-24), que não deixam dúvida a respeito da volta de Elias, a fim de restaurar Israel para a chegada do Messias;
- c) *Jeremias*, opinião que tinha por base uma alusão do 2.º livro dos Macabeus (2:1-12), onde se afirma que a Arca, o Tabernáculo e o Altar dos Perfumes haviam sido escondidos pessoalmente por Jeremias numa gruta do Monte Nebo, por ocasião do exílio do povo israelita, e por ele mesmo havia sido vedada e selada a entrada na pedra; daí suporem que Jeremias voltaria (reencarnaria) para indicar o local, que só ele conhecia, a fim de reaver os objetos sagrados. E isso encontrava confirmação numa passagem do 4.º livro de Esdras (2:18), onde o profeta escreve textualmente: "Não temas, mãe dos filhos, porque eu te escolhi, - diz o Senhor - e te enviarei como auxílio os meus servos Isaías e Jeremias";
- d) *um profeta* (Lucas: "um profeta dos antigos que reencarnou), em sentido lato. Como grego, mais familiarizado ainda que os israelitas com a doutrina reencarnacionista, explica Lucas com o verbo *anestê* o modo como teria surgido (re-surgido, *anestê*) o profeta.

No entanto, é estranhável que não tenham sido citadas as suspeitas tão sintomáticas, já surgidas a respeito do messianato de Jesus (cfr. Mat. 12:23), chegando-se mesmo a querer coroá-lo rei (João, 6:14). Não deixa de admirar o silêncio quanto a essas opiniões, conhecidas pelos próprios discípulos que no-las narram, ainda mais porque, veremos na continuação, eles dividiam esta última convicção, entusiasticamente emitida por Pedro logo após.

O Mestre dirige-se então a eles, para saber-lhes a opinião pessoal: já tinham tido tempo suficiente para formar-se uma convicção íntima. Pedro, temperamental como sempre e ardoroso incontido, responde taxativo:

- "Tu és o Cristo" (Marcos)
- "Tu és o Cristo de Deus" (Lucas)
- "Tu és o Cristo, o filho de Deus o vivo" (Mateus).

Cristo, particípio grego que se traduz como o "Ungido", corresponde a "Messias", o escolhido para a missão de levar ao povo israelita a palavra física de YHWH.

Em Marcos e Lucas, acena para aí, vindo logo a recomendação para fiada disso ser divulgado entre o povo.

Em Mateus, porém, prossegue a cena com três versículos que suscitaram acres e largas controvérsias desde épocas remotíssimas, chegando alguns comentaristas até a supor tratar-se de interpolação. Em vista da importância do assunto, daremos especial atenção a eles, apresentando, resumidas, as opiniões dos dois campos que se digladiam.

Os católicos-romanos aceitam esses três versículos como autênticos, vendo neles:

- a) a instituição de uma "igreja", organização com poderes discricionários espirituais, que resolve na Terra com a garantia de ser cegamente obedecida por Deus no "céu";
- b) a instituição do papado, representação máxima e chefia indiscutível e infalível de todos os cristãos, passando esse poder monárquico, por direito hereditário-espiritual, aos bispos de Roma, sucessores legítimos de Pedro, que recebeu pessoalmente de Jesus a investidura real, fato atestado exatamente com esses três versículos.

Essa opinião foi combatida com veemência desde suas tentativas iniciais de implantação, nos primeiros séculos, só se concretizando a partir dos séculos IV e V por força da espada dos imperadores romanos e dos decretos (de que um dos primeiros foi o de Graciano e Valentiniano, que em 369 estabeleceu Dâmaso, bispo de Roma, como juiz soberano de todos os bispos, mas cujo decreto só foi posto em prática, por solicitação do mesmo Dâmaso, em 378). *O diácono Ursino foi eleito bispo de Roma na Basílica de São Júlio, ao mesmo tempo em que Dâmaso era eleito para o mesmo cargo na Basílica de São Lourenço. Os partidários deste, com o apoio de Vivêncio, prefeito de Roma, atacaram os sacerdotes que haviam eleito Ursino e que estavam ainda na Basílica e aí mesmo mataram 160 deles; a seguir, tendo-se Ursino refugiado em outras igrejas, foi perseguido violentamente, durando a luta até a vitória total do "bando contrário". Ursino, a seguir, foi exilado pelo imperador, e Dâmaso dominou sozinho o campo conquistado com as armas.* Mas toda a cristandade apresentou reações a essa pretensão romana, bastando citar, como exemplo, uma frase de Jerônimo: "Examinando-se do ponto de vista da autoridade, o universo é maior que Roma (*orbis maior est Urbe*), e todos os bispos, sejam de Roma ou de Engúbio, de Constantinopla ou de Régio, de Alexandria ou de Tânis, têm a mesma dignidade e o mesmo sacerdócio" (Epistula 146, 1).

Alguns críticos (entre eles Grill e Resch na Alemanha e Monnier e Nicolardot na França, além de outros reformados) julgam que esses três versículos tenham sido interpolados, em virtude do interesse da comunidade de Roma de provar a supremacia de Pedro e portanto do bispado dessa cidade sobre todo o orbe, mas sobretudo para provar que era Pedro, e não Paulo, o chefe da igreja cristã.

Essa questão surgiu quando Marcion, logo nos primeiros anos do 2.º século, revolucionou os meios cristãos romanos com sua teoria de que Paulo foi o único verdadeiro apóstolo de Jesus, e portanto o chefe incontestado da Igreja.

Baseava-se ele nos seguintes textos do próprio Paulo: "Não recebi (o Evangelho) nem o aprendi de homem algum, mas sim mediante a revelação de Jesus Cristo" (Gál. 1:12); e mais: "Deus ... que me separou desde o ventre materno, chamando-me por sua graça para revelar seu Filho em mim, para pregá-lo entre os gentios, imediatamente não consultei carne nem sangue, nem fui a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim" (Gál.15:15-17). E ainda em Gál. 2:11-13 diz que "resistiu na cara de Pedro, porque era condenado". E na 2.ª Cor. 11:28 afirma: "sobre mim pesa o cuidado de todas as igrejas", após ter dito, com certa ironia, não ser "em nada inferior aos maiores entre os apóstolos" (2.ª Cor. 11:5) acrescentando que "esses homens são falsos apóstolos, trabalhadores dolosos, transformando-se em apóstolos de Cristo; não é de admirar, pois o próprio satanás se transforma em anjo de luz" (2.ª Cor. 11:13-14). Este último trecho, embora se refira a outras criaturas, era aplicado por Marcion (o mesmo do "corpo fluídico" ou "fantasmático") aos verdadeiros apóstolos. Em tudo isso baseava-se

Marcion, e mais na tradição de que Paulo fora bispo de Roma, juntamente com Pedro. Realmente as listas fornecidas pelos primeiros escritores, dos bispos de Roma, dizem:

- a) Irineu (bispo entre 180-190): "Quando firmaram e estabeleceram a igreja de Roma, os bem-aventurados apóstolos Pedro e *Paulo* confiaram a administração dela a Lino, de quem Paulo fala na epístola a Timóteo. Sucedeu-lhe depois Anacleto e depois deste Clemente obteve o episcopado, em terceiro lugar depois *dos apóstolos*, etc." (*Epíst. ad Victorem*, 3, 3, 3; cfr. Eusébio, *His. Eccles.*, 5,24,14).
- b) Epifânio (315-403) escreve: "Porque os apóstolos Pedro e *Paulo* foram, *os dois juntos*, os primeiros bispos de Roma" (Panarion, 27, 6).

Ora, dizem esses críticos, a frase do vers. 17 "não foi a carne nem o sangue que to revelaram, mas meu Pai que está nos céus", responde, até com as mesmas palavras, a Gálatas 1:12 e 16.

Para organizar nosso estudo, analisemos frase por frase.

VERS. 18 a - "Também te digo que tu és Pedro e sobre essa pedra construir-me-ei a "ekklêsia") (*oi kodomêsô moi tên ekklêsían*).

O jogo de palavras corre melhor no aramaico, em que o vocábulo *kêphâ* (masculino) não varia. Mas no grego (e latim) o masculino *Petros* (*Petrus*, Pedro) é uma criação *ad hoc*, um neologismo, pois esse nome jamais aparece em nenhum documento anterior. Mas como a um homem não caberia o feminino "pedra", foi criado o neologismo. Além de João (1:42), Paulo prefere o aramaico *Kêphá* (latim Cefas) em 1 Cor. 1:12; 3:22; 9:5; 15:5 e Gál. 2:14.

Quanto ao vocábulo *ekklêsía*, que foi transliterado em latim *ecclesia* (passando para o português "igreja"), temos que apurar o sentido: A - etimológico; B - histórico; C - usual; D - seu emprego no Antigo Testamento; e E - no Novo Testamento.

- A- **Etimologicamente** *ekklêsía* é o verbo *Kalêô*, "chamar, convocar", com o preverbo *ek*, designativo de ponto de partida. Tem pois o sentido de "convocação, chamada geral".
- B- **Historicamente**, o termo era usado em Atenas desde o 6.º século A.C.; ao lado da Boulê ("concílio", em Roma: Senado; em Jerusalém: Sinédrio), ao lado da Boulê que redigia as leis, por ser constituída de homens cultos e aptos a esse mister, havia a *ekklêsía* (em Roma: Comitium; em Jerusalém: Synagogê), reunião ou assembléia geral do povo livre, que ratificava ou não as decisões da autoridade. No 5.º séc. A.C., sob Clístenes, a *ekklêsía* chegou a ser soberana; durante todo o apogeu de Atenas, as reuniões eram realizadas no *Pnyx*, mas aos poucos foi se fixando no Teatro, como local especial. Ao tornar-se "cidade livre" sob a proteção romana, Atenas viu a *ekklêsía* perder toda autoridade.
- C- Na época do início do cristianismo, *ekklêsía* corresponde a sinagoga: "assembléia regular de pessoas com pensamento homogêneo"; e tanto designava o grupo dos que se reuniam, como o local das reuniões. Em contraposição a *ekklêsía* e *synagogê*, o grego possuía *sylogos*, que era um ajuntamento acidental de pessoas de idéias heterogêneas, um agrupamento qualquer. Como sinônimo das duas, havia *synáxis*, comunidade religiosa, mas que, para os cristãos, só foi atribuída mais tarde (cfr. Orígenes, *Patrol. Graeca*, vol. 2 col. 2013; Greg. Naz., *Patrol Graeca* vol. 1 col. 876; e João Crisóst., *Patrol. Graeca*, vol. 7 col. 22). Como "sinagoga" era termo típico do judaísmo, foi preferido "ecclesia" para caracterizar a reunião dos cristãos.
- D- No **Antigo Testamento** (LXX), a palavra é usada com o sentido de reunião, assembléia, comunidade, congregação, grupo, seja dos israelitas fiéis, seja dos maus, e até dos espíritos dos justos no mundo espiritual (*Núm. 19, 20; 20:4; Deut. 23:1, 2, 3, 8; Juizes 20:2; 1.º Sam. 17:47; 1.º Reis 8:14,22; 1.º Crôn. 29:1, 20; 2.º Crôn. 1:5; 7:8; Neem. 8:17; 13:1; Judit 7:18; 8:21; Salmos 22:22, 25; 26:5; 35:18; 40:10; 89:7; 107:32; 149:1; Prov. 5:14; Eccli, 3:1; 15:5; 21:20; 24:2; 25:34; 31:11; 33:19; 38:37; 39:14; 44:15; Lam. 1:10; Joel 2:16; 1.º Mac. 2:50;3:13; 4:59; 5:16 e 14:19*).
- E- No **Novo Testamento** podemos encontrar a palavra com vários sentidos:

- 1) uma aglomeração heterogênea do povo: At. 7:38; 19:32, 39, 41 e Heb. 12:23.
- 2) uma assembléia ou comunidade local, de fiéis com idéias homogêneas, uma reunião organizada em sociedade, em que distinguimos:
 - a) a comunidade em si, independente de local de reunião: Mat. 18: 17 (2 vezes); At. 11:22; 12:5; 14:22; 15:41 e 16:5; 1.ª Cor. 4:17; 6:4; 7:17; 11:16, 18,22; 14:4,5,12,19,23,28, 33,34,35; 2.a Cor. 8:18, 19,23,24; 11:8,28; 12:13; Filp. 4:15; 2.a Tess. 1:4; 1.ª Tim. 3:5, 15; 5:6; Tiago 5:15; 3.a Jo. 6; Apoc. 2:23 e 22:16.
 - b) a comunidade estabelecida num local determinado, uma sociedade local: Antióquia, At. 11:26; 13:1; 14:27; 15:3; Asiáticas, 1.ª Cor. 16:19; Apoc. 1:4, 11, 20 (2 vezes); 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22; Babilônia, 1 Pe. 5:13; Cencréia, Rom. 16.1; Corinto, 1 Cor. 1:2; 2 Cor. 1:1; Éfeso, At. 20:17; Apoc. 2:1; Esmirna, Apoc. 2:8; Filadélfia, Apoc. 3:7; Galácia, 1 Cor. 16.1; Gál. 1:2; dos Gentios, Rom. 16:4; Jerusalém, At. 5:11; 8:1,3; 12:1; 15:4,22; 18:22; Judéia, At. 9:31; 1 Tess. 2:14; Gál. 1:22; Laodicéia, Col. 4:16; Apoc. 3:14; Macedônia, 2 Cor. 8:1; Pérgamo, Apoc. 2:12; Roma, Rom. 16:16; Sardes, Apoc. 3:1; Tessalônica, 1 Tess. 1:1; 2 Tess. 1:1; Tiatira, Apoc. 2: 18.
 - c) a comunidade particular ou "centro" que se reúne em casa de família: Rom. 16:5, 23; 1 Cor. 16:19; Col. 4:15; Film. 2; 3 Jo. 9, 10.
- 3) A congregação ou assembléia de todos os que aceitam o Cristo como Enviado do Pai: Mat. 16:18; At. 20:28; 1 Cor. 10:32; 12:28; 15:9; Gál.1:13; Ef. 1:22; 3:10,21; 5:23,24,25,27,29,32; Filp. 3:6; Col. 1:18,24; Heb. 2:12 (citação do Salmo 22:22).

Anotemos, ainda, que em Tiago 2:2, a comunidade cristã é classificada de "sinagoga".

Concluimos desse estudo minucioso, que a palavra "igreja" não pode ser, hoje, a tradução do vocábulo *ekklêsia*; com efeito, esse termo exprime na atualidade.

- 1) a igreja católica-romana, com sua tríplice divisão bem nítida de a) militante (na Terra) ; b) sofredora (no "Purgatório") e c) triunfante (no "céu");
- 2) os templos em que se reúnem os fiéis católicos, com suas "imagens" e seu estilo arquitetônico especial.

Ora, na época de Jesus e dos primeiros cristãos, *ekklêsia* não possuía nenhum desses dois sentidos. O segundo, porque os cristãos ainda não haviam herdado os templos romanos pagãos, nem dispunham de meios financeiros para construí-los. E o primeiro porque só se conheciam, nessa época, as palestras de Jesus nas sinagogas judaicas, nos campos, nas montanhas, a beira-mar, ou então as reuniões informais nas casas de Pedro em Cafarnaum, de Simão o leproso em Betânia, de Levi, de Zaqueu em Jerusalém, e de outros afortunados que lhe deram hospedagem por amizade e admiração.

Após a crucificação de Jesus, Seus discípulos se reuniam nas casas particulares deles e de outros amigos, organizando em cada uma centros ou grupos de oração e de estudo, comunidades, pequenas algumas outras maiores, mas tudo sem pompa, sem rituais: sentados todos em torno da mesa das refeições, ali faziam em comum a ceia amorosa (*agápê*) com pão, vinho, frutas e mel, "em memória do Cristo e em ação de graças (*eucaristia*)" enquanto conversavam e trocavam idéias, recebendo os espíritos (*profetizando*), cada qual trazendo as recordações dos fatos presenciados, dos discursos ouvidos, dos ensinamentos decorados com amor, dos sublimes exemplos legados à posteridade.

Essas comunidades eram visitadas pelos "apóstolos" itinerantes, verdadeiros emissários do amor do Mestre. Presidiam a essas assembléias, "os mais velhos" (*presbíteros*). E, para manter a "unidade de crença" e evitar desvios, falsificações e personalismos no ensino legado (não havia imprensa!) eram eleitos "inspetores" (*episcopoi*) que vigiavam a pureza dos ensinamentos. Essas eleições recaíam sobre criaturas de vida irrepreensível, firmeza de convicções e comprovado conhecimento dos preceitos de Jesus.

Por tudo isso, ressalta claro que não é possível aplicar a essa simplicidade despreziosa dessas comunidades ou centros de fé, a denominação de "igrejas", palavra que variou totalmente na semântica. Daí termos mantido, neste trecho do evangelho, a palavra original grega "*ekklêsía*", já que mesmo sua tradução "assembléia" não dá idéia perfeita e exata do significado da palavra *ekklêsía* daquela época. Não encontramos outro termo para usar, embora a farta sinonímia à disposição: associação, comunidade, congregação, agremiação, reunião, instituição, instituto, organização, grei, aprisco (*aulê*), sinaxe, etc. A dificuldade consiste em dar o sentido de "agrupamento de todos os fiéis a Cristo" numa só palavra. Fomos tentados a empregar "aprisco", empregado por Jesus mesmo com esse sentido (cfr. João, 10:1 e 16), mas sentimos que não ficava bem a frase "construirei meu aprisco".

Todavia, quando *ekklêsía* se refere a uma organização local de país, cidade ou mesmo de casa de família, utilizaremos a palavra "comunidade", como tradução de *ekklêsía*, porque a correspondência é perfeita.

VERS. 18 b - "As portas do hades (*pylai hádou*) não prevalecerão contra ela".

O *hades* (em hebraico *sheol*) designava o *hábitat* dos desencarnados comuns, o "astral inferior" ("umbral", na linguagem espiritual) a que os latinos denominavam "lugar baixo": *ínferus* ou *infernus*. Digase, porém, que esse *infernus* (derivado da preposição *infra*) nada tem que ver com o sentido atual da palavra "inferno". Bastaria citar um exemplo, em Vergílio (En. 6, 106), onde o poeta narra ter Enéias penetrado exatamente as "portas do hades", *inferní janua*, encontrando aí (astral ou umbral) os romanos desencarnados que aguardavam a reencarnação (*Na revista anual SPIRITVS - edição de 1964, n.º 1 -, nas páginas 16 a 19, há minucioso estudo a respeito de sheol ou hades. Edições Sabedoria*).

O sentido das palavras citadas por Mateus é que os espíritos desencarnados do astral inferior não terão capacidade nem poder, por mais que se esforcem, para destruir a organização instituída por Cristo.

A metáfora "portas do hades" constitui uma *sinédoque*, isto é, a representação do todo pela parte.

VERS. 19 a - "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus".

As chaves constituíam o símbolo da autoridade, representando a investidura num cargo de confiança. Quando Isaías (22:22) fala da designação de Eliaquim, filho de Hilquia, para prefeito do palácio, ele diz: "porei sobre seu ombro a chave da casa de David; ele abrirá e ninguém fechará, fechará e ninguém abrirá". O Apocalipse (3:7) aplica ao Cristo essa prerrogativa: "isto diz o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David, o que abre e ninguém fechará, o que fecha e ninguém abrirá". Em Lucas (11:52) aparece uma alusão do próprio Jesus a essa mesma figura: "ai de vós doutores da lei, porque tirastes as chaves da ciência: vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam".

VERS. 19 b - "O que ligares na Terra será ligado nos céus, e o que desligares na Terra será desligado nos céus".

Após a metáfora das chaves, o que se podia esperar, como complemento, era *abrir e fechar* (tal como em Isaías, texto que devia ser bem conhecido de Jesus), e nunca "ligar" e "desligar", que surgem absolutamente fora de qualquer sequência lógica. Aliás é como esperávamos que as palavras foram colocadas nos lábios de Clemente Romano (bispo entre 100 e 130, em Roma): "Senhor Jesus Cristo, que deste as chaves do reino dos céus ateu emissário Pedro, meu mestre, e disseste: "o que abrires, fica aberto e o que fechares fica fechado" manda que se abram os ouvidos e olhos deste homem" - *haper àn anoíxéis énéôitai, kai haper àn kleíséis, kéklestai* - (Martírio de Clemente, 9,1 - obra do 3.º ou 4.º século). Por que aí não teriam sido citadas as palavras que aparecem em Mateus: *hò èàn dèséis... éstai dedeménon... kaí hò èàn lêséis...éstai lelyménon?*

Observemos, no entanto, que no local original dessa frase (Mat. 18:18), a expressão "ligar" e "desligar" se encaixa perfeitamente no contexto: aí se fala no perdão a quem erra, dando autoridade à comunidade para perdoar o culpado (e mantê-lo ligado ao aprisco) ou a solicitar-lhe a retirada (desligando-o da

comunidade) no caso de rebeldia. Então, acrescenta: "tudo o que ligardes na Terra, será ligado nos céus, e tudo o que desligardes na Terra, será desligado nos céus". E logo a seguir vem a lição de "perdoar setenta vezes sete". E entendemos: se perdoarmos, nós *desligamos* de nós o adversário, livramo-nos dele; se não perdoarmos, nós o manteremos *ligado* a nós pelos laços do ódio e da vingança. E o que ligarmos ou desligarmos na Terra (como encarnados, "no caminho com ele", cfr. Mat. 5.25), será ratificado na vida espiritual.

Daí a nítida impressão de que esse versículo foi realmente *transportado*, já pronto (apenas colocados os verbos no singular), do capítulo 18 para o 16 (em ambos os capítulos, o número do versículo é o mesmo: 18).

A hipótese de que este versículo (como os dois anteriores) foi interpolado, é baseada no fato de que não figuram em Marcos nem em Lucas, embora se trate claramente do mesmo episódio, e apesar de que esses dois evangelistas escreveram depois de Mateus, por conseguinte, já conheciam a redação desse apóstolo que conviveu com Jesus (Marcos e Lucas não conviveram). Acresce a circunstância de que Marcos ouviu o Evangelho pregado por Pedro (de quem parece que era sobrinho carnal, e a quem acompanhou depois de haver abandonado Paulo após sua primeira viagem apostólica. Marcos não podia ignorar uma passagem tão importante em relação a seu mestre e talvez tio. Desde Eusébio aparece como razão do silêncio de Marcos a humildade de Pedro, que em suas pregações não citava fatos que o engrandecessem. Mas não é admissível que Marcos ignorasse a cena; além disso, ele escreveu seu Evangelho após a desencarnação de Pedro: em que lhe ofenderia a modéstia, se dissesse a verdade total? Mais ainda: seu Evangelho foi escrito para a comunidade de Roma; como silenciar um trecho de importância tão vital para os cristãos dessa metrópole? Não esqueçamos o testemunho de Papias (2, 15), discípulo pessoal do João o Evangelista, e portanto contemporâneo de Marcos, que escreveu: "Marcos numa coisa só teve cuidado: não omitir nada do que tinha ouvido e não mentir absolutamente" (Eusébio, Hist. Eccles. 3, 39).

E qual teria sido a razão do silêncio de Lucas? E por que motivo todo esse trecho não aparece citado em nenhum outro documento anterior a Marcion (meados do 2.º século) ?

Percorramos os primeiros escritos cristãos, verificando que a primeira citação é feita por Justino, que aparece como tendo vivido exatamente em 150 A.D.

1. DIDACHE (15,1) manda que os cristãos elejam seus inspetores (bispos) e ministros (diáconos). Nenhum aceno a uma hierarquia constituída por Jesus, e nenhuma palavra a respeito dos "mais velhos" (presbíteros).
2. CLEMENTE ROMANO (bispo de Roma no fim do 1.º e início do 2.º século), discípulo pessoal de Pedro e de Paulo (parece até que foi citado em Filip. 4:3) e terceiro sucessor de ambos no cargo de inspetor da comunidade de Roma. Em sua primeira epístola aos coríntios, quando fala da hierarquia da comunidade, diz que "Cristo vem da parte de Deus e os emissários (apóstolos) da parte de Cristo" (1.ª Clem. 42, 2). Apesar das numerosíssimas citações escriturísticas, Clemente não aproveita aqui a passagem de Mateus que estamos analisando, e que traria excelente apoio a suas palavras.
3. PAPIAS (que viveu entre o 1.º e o 2.º século) também nada tem em seus fragmentos.
4. INÁCIO (bispo entre 70 e 107), em sua Epístola aos Tralianos (3, 1) fala da indispensável hierarquia eclesiástica, mas não cita o trecho que viria a calhar.
5. CARTA A DIOGNETO, aliás comprovadamente a "Apologia de Quadrado dirigida ao Imperador Adriano", portanto do ano de 125/126 (cfr. Eusébio, *Hist. Eccles.* 4,3), nada fala.
6. EPÍSTOLA DE BARNABÉ (entre os anos 96 e 130), embora apócrifa, nada diz a respeito.
7. POLICARPO (69-155) nada tem em sua Epístola aos Filipenses.
8. O PASTOR, de Hermas, irmão de Pio, bispo de Roma entre 141 e 155, e citado por Paulo (Rom. 16: 14). Em suas visões a igreja ocupa lugar de destaque. Na visão 3.ª, a torre, símbolo da igreja, é

construída sobre as águas, mas, diz o Pastor a Hermas: "o fundamento sobre que assenta a torre é a palavra do Nome onipotente e glorioso". Na Parábola 9, 31 lemos que foi dada ordem de "edificar a torre sobre a Rocha e a Porta". E o trecho se estende sem a menor alusão ao texto que comentamos.

9. JUSTINO (+ ou - ano 150) cita, pela vez primeira, esse texto (*Diálogus*, 100, 4) mas com ele só se preocupa em provar a filiação divina do Cristo.
10. IRINEU (bispo entre 180-190), em sua obra cita as mesmas palavras de Justino, deduzindo delas a filiação divina do Cristo (3, 18, 4).
11. ORÍGENES (184-254) é, historicamente, o primeiro que afirma que Pedro é a pedra fundamental da igreja (Hom. 5,4), embora mais tarde diga que Jesus "fundou a igreja sobre os doze apóstolos, representados por Pedro" (*In Matt.* 12, 10-14). Damos o resumo, porque o trecho é bastante longo.
12. TERTULIANO (160-220) escreve (*Scorpiae*, 10) que Jesus deu as chaves a Pedro e, por seu intermédio, à igreja (*Petro et per eum Ecclesiae*): a igreja é a depositária, Pedro é o Símbolo.
13. CIPRIANO (cerca 200-258) afirma (Epíst. 33,1) que Jesus, com essas palavras, estabeleceu a igreja fundamentada nos bispos.
14. HILÁRIO (cerca 310-368) escreve (*De Trinit.* 3, 36-37) que a igreja está fundamentada na profissão de fé na divindade de Cristo (*super hanc igitur confessionis petram*) e que essa fé tem as chaves do reino dos céus (*haec fides Ecclesiae fundamentum est...haec fides regni caelestis habet claves*).
15. AMBRÓSIO (337-397) escreve: "Pedro exerceu o primado da profissão de fé e não da honra (*primatum confessionis útique, non honóris*), o primado da fé, não da hierarquia (*primatum fidei, non órdinis*); e logo a seguir: "é pois a fé que é o fundamento da igreja, porque não é da carne de Pedro, mas de sua fé que foi dito que as portas da morte não prevalecerão contra ela" (*De Incarnationis Dorninicae Sacramento*, 32 e 34). No entanto, no *De Fide*, 4, 56 e no *De Virginitate*, 105 - lemos que Pedro, ao receber esse nome, foi designado pelo Cristo como fundamento da igreja.
16. JOÃO CRISÓSTOMO (c.345-407) explica que Pedro não deve seu nome a seus milagres, mas à sua profissão de fé (*Hom. 2, In Inscriptionem Actorum*, 6; *Patrol. Graeca* vol. 51, col. 86). E na *Hom. 54,2* escreve que Cristo declara que construirá sua igreja "sobre essa pedra", e acrescenta "sobre essa profissão de fé".
17. JERÔNIMO (348-420) também apresenta duas opiniões. Ao escrever a Dâmaso (*Epist.* 15) deseja captar-lhe a proteção e diz que a igreja "está construída sobre a cátedra de Pedro". Mas no *Comm. in Matt.* (in loco) explica que a "pedra é Cristo" (*in petram Christum*); cfr. 1 Cor 10:4 "e essa pedra é Cristo".
18. AGOSTINHO (354-430) escreve: "eu disse alhures. falando de Pedro, que a igreja foi construída sobre ele como sobre uma pedra: ... mas vejo que muitas vezes depois (*postea saepíssime*) apliquei o *super petram* ao Cristo, em quem Pedro confirmou sua fé; como se Pedro - assim o chamou "a Pedra" - representasse a igreja construída sobre a Pedra; ... com efeito, não lhe foi dito "tu es Petra", mas "tu es Petrus". É o Cristo que é a Pedra. Simão, por havê-lo confessado como o faz toda a igreja, foi chamado Pedro. O leitor escolha qual dos dois sentidos é mais provável" (*Retractationes* 1, 21, 1).

Entretanto, Agostinho identifica Pedro com a pedra no *Psalmus* contra *partem Donati*, letra S; e na *Enarratio in Psalmum* 69, 4. Esses são os locais a que se refere nas *Retractationes*.

Mas no Sermo 76, 1 escreve: "O apóstolo Pedro é o símbolo da igreja única (*Ecclesiae unicae typum*); ... o Cristo é a pedra, e Pedro é o povo cristão. O Cristo lhe diz: tu és Pedro e sobre a pedra que profesaste, sobre essa pedra que reconheceste, dizendo "Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo", eu construirei minha igreja; isto é, eu construirei minha igreja sobre mim mesmo que sou o Filho de Deus. É sobre mim que eu te estabalecerei, e não sobre ti que eu me estabalecerei. ... Sim, Pedro foi estabalecido sobre a Pedra, e não a Pedra sobre Pedro".

Essa mesma doutrina aparece ainda em *Sermo* 244, 1 (fim); *Sermo* 270,2; *Sermo* 295, 1 e 2; *Tractatus in Joannem*, 50, 12; *ibidem*, 118,4 *ibidem*, 124. 5: *De Agone Christiano*, 32; *Enarratio in Psalmum* 108, 1.

Aí está o resultado das pesquisas sobre o texto tão discutido. Concluiremos como Agostinho, linhas acima: o leitor escolha a opinião que prefere.

O último versículo é comum aos três, embora com pequenas variantes na forma:

Mateus: não dizer que Ele era o Cristo.

Marcos: não falar a respeito Dele.

Lucas: não dizer nada disso a ninguém.

Mas o sentido é o mesmo: qualquer divulgação a respeito do messianato poderia sublevar uma perseguição das autoridades antes do tempo, impedindo o término da tarefa prevista.

Para a interpretação do sentido mais profundo, nada importam as discussões inócuas e vazias que desenvolvemos acima. Roma, Constantinopla, Jerusalém, Lhassa ou Meca são nomes que só têm expressão para a personagem humana que, em rápidas horas, termina, sob aplausos ou apupos, sua representação cênica no palco do plano físico.

Ao Espírito só interessa o ensino espiritual, revelado pela letra, mas registrado nos Livros Sagrados de qualquer Revelação divina. Se o texto foi interpolado é porque isso foi permitido pela Divindade que, carinhosamente cuida dos pássaros, dos insetos e das ervas do campo. Portanto, se uma interpolação foi permitida - voluntária ou não, com boas ou más intenções razão houve e há para isso, e algum resultado bom deve estar oculto sob esse fato. Não nos cabe discutir: aceitemos o texto tal como chegou até nós e dele extraíamos, pela meditação, o ensinamento que nos traz.

* * *

Embevecido pela beleza da paisagem circunstante, reveladora da Divindade que se manifesta através de tudo, Jesus - a individualidade - recolhe-se em prece. É nessa comunhão com o Todo, nesse mergulho no Cosmos, que surge o diálogo narrado pelos três sinóticos, mas completo apenas em Mateus que, neste passo, atinge as culminâncias da narração espiritual de João.

O trecho que temos aqui relatado é uma espécie de revisão, de exame da situação real dos discípulos por parte de Jesus, ou seja, dos veículos físicos (sobretudo do intelecto) por parte da individualidade. Se vemos duas indagações na letra, ambas representam, na realidade, uma indagação só em duas etapas. Exprime uma experiência que visa a verificar até onde foi aquela personagem humana (em toda a narrativa, apesar do plural "eles", só aparece clara a figura de Simão Bar-Jonas). Teriam sido bem compreendidas as aulas sobre o Pão da Vida e sobre a Missão do Cristo de Deus? Estaria exata a noção e perfeita a União com a Consciência Cósmica, com o Cristo?

O resultado do exame foi satisfatório.

Analisemo-lo para nosso aprendizado.

Em primeiro lugar vem a pergunta: "Quem dizem os homens que eu sou"? Não se referia o Cristo aos "outros", mas ao próprio Pedro que, ali, simbolizava todos os que atingiram esse grau evolutivo, e que, ao chegar aí, passarão por exame idêntico (esta é uma das provações "iniciáticas"). A resposta de Pedro reflete a verdade: no período ilusório da personalidade nós confundimos o Cristo com manifestações de formas exteriores, e o julgamos ora João Batista, ora Elias, ora Jeremias ou qualquer outro grande vulto. Só percebemos formas e nomes ilusórios. Esse é um período longo e inçado de sonhos e desilusões sucessivas, cheio de altos e baixos, de entusiasmos e desânimos.

O Cristo insiste: "que pensais vós mesmos de mim"? ou seja, "e agora, no estágio atual, que é que você pensa de mim"?

Nesse ponto o Espírito abre-se em alegrias místicas incontroláveis e responde em êxtase: Tu és o Ungido, o Permeado pelo Som (Verbo, Pai) ... Tu és o Cristo Cósmico, o Filho de Deus Vivo, a Centelha da Luz Incruiada, Deus verdadeiro proveniente do verdadeiro Deus!

Na realidade, Pedro CONHECEU o Cristo, e os Pais da Igreja primitiva tiveram toda a razão, quando citaram esse texto como prova da divindade do CRISTO, o Filho Unigênito de Deus. O Cristo Cósmico, Terceiro aspecto da Trindade, é realmente Deus em Sua terceira Manifestação, em Seu terceiro Aspecto, e é a Vida que vivificava Jesus, como vivifica a todas as outras coisas criadas. Mas em Sua pureza humana, em Sua humildade, Jesus deixava que a Divindade se expandisse através de Sua personalidade física. E Pedro CONHECEU o Cristo a brilhar iluminando tudo através de Jesus, como a nós compete conhecer a Centelha divina, o Eu Interno Profundo a cintilar através de nossa individualidade que vem penosamente evoluindo através de nossas personalidades transitórias de outras vidas e da atual, em que assumimos as características de uma personagem que está a representar seu papel no palco do mundo.

Simão CONHECEU o Cristo, e seu nome exprime uma das características indispensáveis para isso: "o que ouve" ou "o que obedece".

E como o conhecimento perfeito e total só existe quando se dá completa assimilação e unificação do conhecedor com o conhecido (nas Escrituras, o verbo "conhecer" exprime a união sexual, em que os dois corpos se tornam um só corpo, imagem da unificação da criatura com o Criador), esse conhecimento de Pedro revela sua unificação com o Cristo de Deus, que ele acabava de confessar.

O discípulo foi aprovado pelo Mestre, em cujas palavras transparece a alegria íntima e incontida, no elogio cheio de sonoridades divinas:

- "És feliz. Simão, Filho de Jonas"!

Como vemos, não é o Espírito, mas a personagem humana que recebe a bênção da aprovação. Realmente, só através da personalidade encarnada pode a individualidade eterna atingir as maiores altitudes espirituais. Se não fora assim, se fosse possível evoluir nos planos espirituais fora da matéria, a encarnação seria inútil. E nada há inútil em a natureza. Que o espírito só pode evoluir enquanto reencarnado na matéria - não lhe sendo possível isso enquanto desencarnado no "espaço" - , é doutrina firmada no Espiritismo: Pergunta 175a: "Não se seria mais feliz permanecendo no estado de espírito"? Resposta: "Não, não: ficar-se-ia estacionário, e o que se quer é progredir para Deus". A Kardec, "O livro dos Espíritos". Então estava certo o elogio: feliz a personagem Simão ("que ouviu e obedeceu"), filho de Jonas, porque conseguiu em sua peregrinação terrena, atingir o ponto almejado, chegar à meta visada.

Mas o Cristo prossegue, esclarecendo que, embora conseguido esse passo decisivo no corpo físico, não foi esse corpo ("carne e sangue") que teve o encontro (cfr. A carne e o sangue não podem possuir o reino dos céus", 1 Cor, 15:50). Foi, sim, o Espírito que se uniu à Centelha Divina, e o Pai que habita no âmago do coração é que revela a Verdade.

E continuam os esclarecimentos, no desenvolvimento de ensinamentos sublimes, embora em palavras rápidas - não há prolixidade nem complicações em Deus, mas concisão e simplicidade - revelando-nos a todas as possibilidades ilimitadas que temos:

- Eu te digo que tu és Pedro, e sobre essa pedra me edificarei a "ekklêsia".

Atingida a unificação, tornamo-nos conscientemente o Templo do Deus Vivo: nosso corpo é o Tabernáculo do Espírito Santo (cfr. Rom. 6 :9, 11; 1 Cor. 3:16, 17; 2 Cor. 6:16; Ef. 2:22; 2 Tim. 1:14; Tiago, 4:5). Ensina-nos então, o Cristo, que nós passamos a ser a "pedra" (o elemento material mineral no corpo físico) sobre a qual se edificará todo o edifício (templo) de nossa eterna construção espiritual. Nossa personagem terrena, embora efêmera e transitória, é o fundamento físico da "ekklêsia" crística, da edificação definitiva eterna (atemporal) e infinita (inespacial) do Eu Verdadeiro e divino.

Nesse ponto evolutivo, nada teremos que temer:

- As portas do hades, ou seja, as potências do astral e os veículos físicos (o externo e o interno) não mais nos atingirão com seus ataques, com suas limitações, com seus obstáculos, com seus "problemas" (no sentido etimológico). A personagem nossa - assim como as personagens alheias - não prevalecerá contra a individualidade, esse templo divino, construído sobre a pedra da fé, da União mística, da unificação com o Cristo, o Filho do Deus Vivo. Sem dúvida os veículos que nos conduzem no planeta e as organizações do pólo negativo tentam demolir o trabalho realizado. Será em vão. Nossos alicerces estão fixados sobre a Pedra, a Rocha eterna. As forças do Anti-Sistema (Pietro Ubaldi, "Queda e Salvação") só podem alcançar as exterioridades, dos veículos físicos que vibram nos planos inferiores em que elas dominam. Mas o Eu unido a Deus, mergulhado em Deus (D-EU-S) é inatingível, intocável, porque sua frequência vibratória é altíssima: sintonizados com o Cristo, a Torre edificada sobre a Pedra é inabalável em seus alicerces.

E Cristo prossegue:

- "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus".

Com essas chaves em nossas mãos, podemos abrir e fechar, entrar e sair, ligar-nos e desligar-nos, quando e quanto quisermos, porque já não é mais nosso eu pequeno personalístico que quer, (cfr. João, 5:30) pensa e age; mas tudo o que de nós parte, embora parecendo proveniente da personagem, provém realmente do Cristo ("já não sou mais eu que vivo, o Cristo é que vive em mim", Gál 2:20).

Com as chaves, podemos abrir as portas do "reino dos céus", isto é, de nosso coração. Podemos entrar e sair, para ligar-nos ao Cristo Cósmico na hora em que nosso ardor amoroso nos impele ao nosso Amado, ou para desligar-nos constrangidos a fim de atender às imprescindíveis e inadiáveis tarefas terrenas que nos competem. Por mais que pareçam ilógicas as palavras "ligar" e "desligar", após a sinédoque das chaves, são essas exatamente as palavras que revelam o segredo do ensinamento: estão perfeitamente encaixadas nesse contexto, embora não façam sentido para o intelecto personalístico que só entende a letra. Mas o Espírito penetra onde o intelecto esbarra (cfr. "o espírito age onde quer", João, 3:8). Com efeito, após o Encontro, o Reconhecimento e a União mística, somos capazes de, mesmo no meio da multidão, abrir com as nossas chaves a porta e penetrar no "reino dos céus" de nosso coração; somos capazes de ligar-nos e conviver sem interrupção com o nosso Amor.

E a frase é verdadeira mesmo em outros sentidos: tudo o que ligarmos ou desligarmos na Terra, através de nossa personalidade (da personagem que animamos) será automaticamente ligado ou desligado "nos céus", ou seja, nos planos do Espírito. Porque Cristo é UM conosco, é Ele que vive em nós, que pensa por nós, que age através de nós, já que nosso eu pequenino foi abolido, aniquilado, absorvido pelo Eu maior e verdadeiro; então todos os nossos pensamentos, nossas palavras, nossas ações terão repercussão no Espírito.

A última recomendação é de capital importância na prática: a ninguém devemos falar de nada disso. O segredo da realização crística pertence exclusivamente à criatura que se unificou e ao Amado a quem nos unimos. Ainda aqui vale o exemplo da fusão de corpos no Amor: nenhum amante deixa transparecer a ouvidos estranhos os arrebatamentos amorosos usufruídos na intimidade; assim nenhum ser que se uniu ao Cristo deverá falar sobre os êxtases vividos em arroubos de amor, no quarto fechado (cfr. Mat. 6:6) do coração. Falar "disso" seria profanação, e os profanos não podem penetrar no templo iniciático do Conhecimento.

Isso faz-nos lembrar outra faceta deste ensinamento. Cristo utiliza-se de uma fraseologia tecnicamente especializada na arquitetura (que veremos surgir, mais explícita, posteriormente, quando comentarmos Mat. 21:42, Marc.12:10 e Luc. 20:17).

Ensina-nos o Cristo que será "edificada" por Ele, sobre a "Pedra", a ekklêsía, isto é, o "Templo".

Ora, sabemos que, desde a mais remota antiguidade, os templos possuem forma arquitetônica especial. Na fachada aparecem duas figuras geométricas: um triângulo superposto a um quadrilátero, para ensinamento dos profanos.

Profanos é formado de PRO = "diante de", e FANUM = "templo". O termo originou-se do costume da Grécia antiga, em que as cerimônias religiosas exotéricas eram todas realizadas para o grande público, na praça que havia sempre na frente dos templos, diante das fachadas. Os profanos, então, eram aqueles que estavam "diante dos templos", e tinham que aprender certas verdades básicas. Ao aprendê-las, eram então admitidos a penetrar no templo, iniciando sua jornada de espiritualização, e aprendendo conhecimentos esotéricos. Daí serem chamados INICIADOS, isto é, já tinham começado o caminho. Depois de permanecerem o tempo indispensável nesse curso, eram então submetidos a exames e provas. Se fossem achados aptos no aprendizado tornavam-se ADEPTOS (isto é: AD + APTUS). A esses é que se refere Jesus naquela frase citada por Lucas "todo aquele que é diplomado é como seu mestre" (Luc. 6:40; veja vol. 3). Os Adeptos eram os diplomados, em virtude de seu conhecimento teórico e prático da espiritualidade.

O ensino revelado pela fachada é que o HOMEM é constituído, enquanto crucificado na carne, por uma tríade superior, a Individualidade eterna, - que deve dominar e dirigir o quaternário (inferior só porque está por baixo) da personagem encarnada, com seus veículos físicos. Quando o profano chega a compreender isso e a viver na prática esse ensinamento, já está pronto para iniciar sua jornada, penetrando no templo.

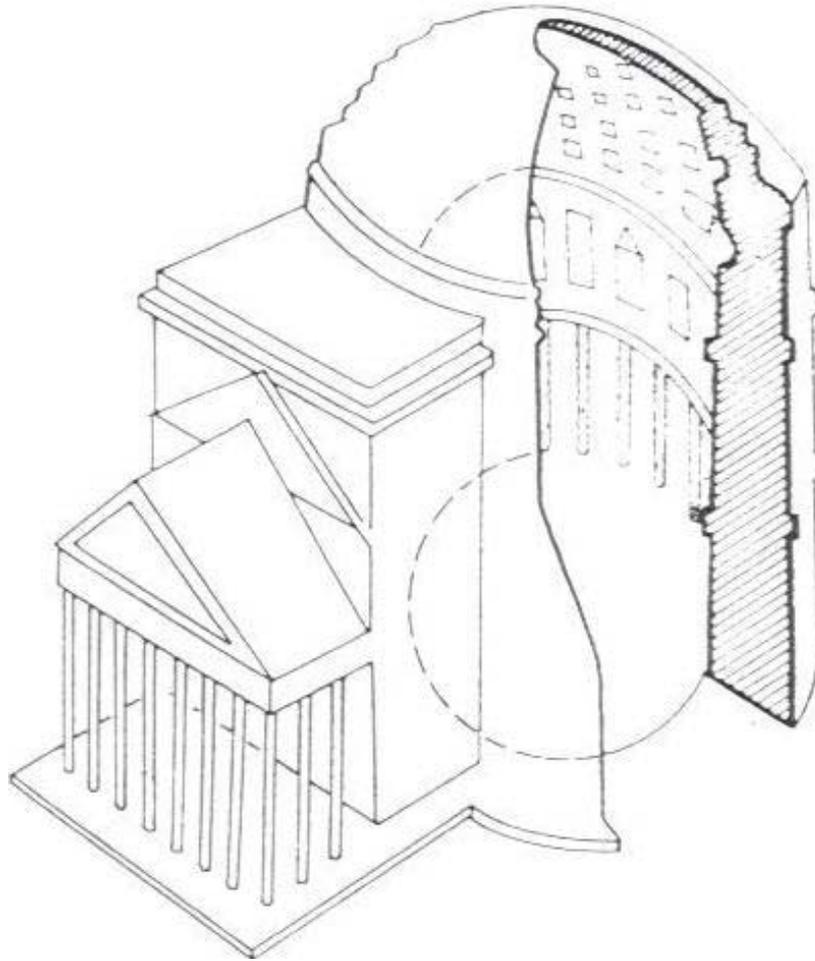
No entanto, o interior dos templos (os construídos por arquitetos que conheciam esses segredos). o interior difere totalmente da fachada: tem suas naves em arco romano, cujo ponto chave é a "pedra angular", o Cristo (cfr. Mat. 21:42., Marc. 12:10; Luc. 20:17., Ef. 2:20; 1 Pe. 2:7; e no Antigo: Job. 38:6; Salmo 118:22; Isaías, 28:16, Jer. 51:26 e Zac. 4:7).

Sabemos todos que o ângulo da pedra angular é que estabelece a "medida áurea" do arco, e portanto de toda a construção do templo. Assim, os que já entram no templo ("quem tem olhos de ver, que veja"!) podem perceber o prosseguimento do ensino: o Cristo Divino é a base da medida de nossa individualidade, e só partindo Dele, com Ele, por Ele e Nele é que podemos edificar o "nosso" Templo eterno.

Infelizmente não cabem aqui as provas matemáticas desses cálculos iniciáticos, já conhecidos por Pitágoras seis séculos antes de Cristo.

Mas não queremos finalizar sem uma anotação: na Idade Média, justamente na época e no ambiente em que floresciam em maior número os místicos, o arco romano cedeu lugar à ogiva gótica, o "arco sextavado", que indica mais claramente a subida evolutiva. Aqui, também, os cálculos matemáticos nos elucidariam muito. Sem esquecer que, ao lado dos templos, se erguia a torre ...

Quantas maravilhas nos ensinam os Evangelhos em sua simplicidade! ...



Corte do PANTEON de Roma, mostrando a arquitetura iniciática, com as medidas áureas

PREDIÇÃO DA MORTE

Mat. 16:21-23

Marc. 8:31-33

Luc. 9:22

- | | | |
|---|--|---|
| <p>21. Desde esse tempo, começou Jesus a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário ir a Jerusalém e padecer muitas coisas dos mais velhos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser assassinado e no terceiro dia ser despertado (ressuscitado)</p> <p>22. Correndo a protegê-lo, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo; "Deus te guarde, Senhor: de modo algum te acontecerá isso!"</p> <p>23. Mas, virando-se ele, disse a Pedro: "Vai para trás de mim, adversário; tu me és pedra de tropeço, porque não pensas nas coisas de Deus, mas sim nas dos homens".</p> | <p>31. E começou a ensinar-lhes que precisava o Filho do Homem padecer muitas coisas, ser rejeitado pelos mais velhos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, ser assassinado e após três dias levantar-se (ressucitar).</p> <p>32. E abertamente falava esse ensino. Então, chamando-o à parte, Pedro começou a repreendê-lo.</p> <p>33. Mas, virando-se e olhando para seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: "Vai para trás de mim, adversário, porque não pensas nas coisas de Deus, mas nas dos homens".</p> | <p>22. Dizendo : "É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas e seja rejeitado pelos mais velhos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, seja assassinado e no terceiro dia seja despertado (ressuscitado)</p> |
|---|--|---|

Aqui, pela primeira vez, após o reconhecimento oficial de Seu messianato por parte dos discípulos, Jesus lhes expõe com clareza e sem circunlóquios (Marcos diz: "o ensino foi dado abertamente") o fim trágico que Lhe está reservado exteriormente, diante dos homens. E é interessante salientar que, embora alguns manuscritos (seguidos por Wescott-Hort, Weiss, Nestle e Lagrange) tragam "Jesus Cristo", outros, (como C, E, F, G, H, S, U, theta, omega e numerosos mais, seguidos por Tischendorf, von Soden, Vogels e Bover) omitem a qualidade divina, aí deixando apenas o nome humano de "Jesus". Realmente, quem teria que submeter-se à terrível prova de dor-amor era o homem Jesus, já que o Cristo divino, que "habita corporalmente" em todos nós, é INATINGÍVEL a qualquer dor ou sofrimento, seja de natureza moral ou física.

A teoria docetista de que às dores físicas Jesus foi insensível por ser um fantasma (agênera) é de indizível ingenuidade; nem há razões que justifiquem a abolição da dor física, a fim de salientar a dor moral (motivada pelo baixamento de vibrações, o que lhe permitiu conviver na Terra com a humanidade ainda atrasadíssima como está). O homem Jesus (o Filho do Homem) sofreu moral e fisicamente. Mas o Cristo Cósmico, mesmo em suas Centelhas, sendo Deus, é imutável e impossível, não sofrendo nem de um modo nem de outro; é inatingível a dores e sofrimentos, pois vive na beatitude permanente da sintonia absoluta com o Som (Verbo), unificado que está ao Pai e com o Espírito-Amor, a luz, de que o Cristo constitui um raio. Tal como um adulto não sofre, porque compreende a incapacidade infantil, se um lactente lhe faz uma desfeita, nem do recém-nascido exige o comportamento de um ho-

mem amadurecido, assim o Cristo divino - muito mais elevado em relação ao homem, que o adulto em relação ao lactente - não sofre jamais, porque sabe e compreende a ignorância infantil da humanidade.

Os avisos que “começa” a dar, a respeito de Suas dores futuras, têm por escopo prevenir Seus discípulos que abandonassem a crença vulgar do Messias-Rei, e se familiarizassem com a idéia realística do *Messias-Servo-de-YHWH*, sofredor e incompreendido (cfr. Isaías, 52:13 a 53:12 e Salmo 22).

Esse aviso é dado sistematizadamente em quatro etapas:

1.^a - que Ele deverá sair do "Jardim" risonho e florido da Galiléia, para subir a árdua, agreste e íngreme montanha de Jerusalém;

2.^a - que terá que padecer muitas coisas às mãos do Sinédrio hierosolimitano, citado por seus componentes: os mais velhos (*presbyte oi*) que constituíam a nobreza do povo; os sacerdotes mais importantes (principais) e os doutores da lei. escribas, intérpretes autorizados das Escrituras; ou seja, será rejeitado pelo mundo oficial da Igreja israelita;

3.^a - que terminará Sua carreira sendo assassinado de modo violento;

4.^a - mas que ao terceiro dia será DESPERTADO (em Mateus e Lucas: *egerthênai*, infinito aoristo passivo) ou SE LEVANTARÁ (em Marcos: *anastênai*, infinito aoristo segundo ativo).

Há pequena discordância entre Mateus e Lucas, que assinalam "no terceiro dia" (*têi tritêi hêmera*) e Marcos que escreve "após três dias" (*metà treís hêmerás*). Ora, a expressão que correspondeu aos fatos é a de Mateus e Lucas, repetida em Atos 10:40 e em Paulo (2.^a Cor. 15:4). A locução de Marcos colocaria a chamada "ressurreição" na 2.^a feira, quando ela se deu no domingo (repare-se: 1.^o dia, 6.^a feira, 2.^o dia, sábado, 3.^o dia, domingo) . Em Oséias (6:3) a expressão "após dois dias" é usada como igual a "no terceiro dia”.

Essa revelação abrupta causa em Pedro violento choque emocional e, temperamental como sempre, parece-lhe que tudo vai realizar-se ali mesmo, naquele momento, diante de todos. Então, extrovertido e generoso "corre a protegê-Lo" (sentido literal de *proslabómenos*, particípio presente ativo de *proslambánomai*). Parece que o vemos, com gestos largos, quase interpondo-se entre Jesus e a estrada de Jerusalém, a bradar vermelho:

- Deus te ajude, Senhor! De modo algum te acontecerá isso!

A fórmula grega aqui usada, *hileôs soi* (proveniente de *hílaos*, "alegre", donde vêm nossos vocábulos "hílar" e "hilaridade"), omitia sempre o nome de Deus, traduzindo-se literalmente: "favoravelmente a ti", e correspondendo às nossas expressões correntes "Deus te ajude", "Deus te favoreça" ou "boa sorte".

O amor humano de Pedro não pode compreender nem aceitar que o seu Rabbi, tão jovem e tão bom, tivesse fim tão trágico: bastar-lhe-ia não mais ir a Jerusalém! Mas o Mestre, virando-se e fixando seus olhos límpidos e expressivos, repreende-o em termos severos, com as mesmas palavras que usara ao repelir a "terceira tentação" (veja vol. 1):

- Vai para trás de mim, adversário!

"Adversário", em grego *satanã* (transcrição do hebraico *satan*), porque, tal como da outra vez, havia manifesta oposição à missão messiânica que Ele viera cumprir, pretendendo-se incutir-Lhe a vaidade, o orgulho e a ambição, caminhos opostos à humildade, à renúncia e à submissão necessárias para levar a termo o auto-sacrifício por amor.

Logo depois é dada explicação do motivo por que o chama de adversário. Quase num jogo de imagens, ao mesmo a quem chamara "a pedra" (Pedro), diz, agora, ser "pedra de tropeço", pois pretende fazê-Lo tropeçar e cair no caminho da evolução. Aqui o sentido literal de *skándalon* pode ser dado em toda a sua plenitude.

Mas a explicação prossegue com profundo sentido didático: o discípulo precisa compreender totalmente as razões de uma repreensão: "não pensas (*ou phronéis*) nas coisas de Deus, mas nas dos homens", isto é, olhas tudo do ângulo material e humano, e não do espiritual e divino.

Lucas limita-se a transcrever o aviso que Jesus deu do que O aguardava, sem aduzir o incidente do protesto de Pedro.

*O episódio traz-nos ensinamentos que nos alertam contra a prudência (*phrónis*) típica da personagem encarcerada na carne.*

Logo após o Encontro Místico e o reconhecimento do Cristo Interno por parte do intelecto que se rende à evidência; logo após a felicidade inaudita da nova conquista, a criatura é alertada para os passos inevitáveis que ainda terá que dar, antes de atingir as alturas da libertação definitiva da descida à matéria, ao pólo negativo, ao Anti-Sistema.

Aqui, temos que fazer ligeira digressão, para fazer-nos entender.

A evolução, como toda subida, supõe as dores produzidas pelo esforço. Essa estrada dolorosa que leva aos cumes do Espírito, é geralmente denominada "iniciação", e consiste basicamente em sete passos bem definidos, que tem recebido várias designações metafóricas (citemos a título de exemplo, "os sete vales" do sufi 'Attar; os "sete castelos da alma" de Teresa de Ávila: "a montanha dos sete patamares" de Thomas Menton, etc.).

Todas essas etapas estão bem estabelecidas na vida física de Jesus" que é o modelo e exemplo do que a todos nós deverá ocorrer para o nascimento do "homem novo" ou "Filho do Homem", isto é, a vida plena da individualidade.

*Quando o Espírito já percorreu a maior parte da estrada evolutiva, e já se encontra maduro para dar o salto definitivo para a individualidade; ou seja, quando já atingiu a liberação total dos carmas negativos, tendo inclusive adquirido a sabedoria (desenvolvimento pleno das sensações, que foram superadas; das emoções, que foram dominadas e vencidas; e do intelecto, que foi iluminado, estando apto a mergulhar e dissolver-se na mente), então a "iniciação" realizada no planeta Terra chega ao ponto de poder despojar definitivamente o Espírito das personalidades ou personagens transitórias, libertando-o da "roda das encarnações" (*gilgul, samsara, kyklos ananke*), ou seja, do ciclo de "Filho da mulher", passando-o a "Filho do Homem"; e se os passos forem perfeita e completamente realizados, terminará a experiência como "Filho de Deus".*

Dissemos que as etapas foram todas vencidas por Jesus. Por exemplo:

1.^a - o NASCIMENTO na carne, como última entrada num corpo físico, passagem indispensável à evolução, que só pode realizar-se na carne (cfr. Allan Kardec, "Livro dos Espíritos", resposta n.º 175a: se permanecesse na condição de espírito, a criatura "estacionaria"; e resposta 230: na erraticidade o espírito "pode melhorar-se muito", mas "na carne é que põe em prática as idéias que adquiriu". Também a "iniciação aos mistérios" só pode realizar-se na carne, quando se realizar o MERGULHO nas águas do coração, matando-se o "homem velho", para renascer o "homem novo". Uma vez conseguido isso, é mister que seja obtida outra etapa:

2.^a - a CONFIRMAÇÃO, quando desce "a graça", resposta divina ao esforço humano, o que ocorreu com Jesus no momento exato em que foi dado o mergulho, quando se fez ouvir a voz: "este é meu filho bem-amado".

3.^a - as TENTAÇÕES, que representam a metánoia, ou modificação total da mentalidade, e que terão que ser vencidas com vitória absoluta, contra a atração dos três maiores vícios da personagem divisionista: vaidade, orgulho, ambição. Também estas só são consideradas superadas, quando se obtém a "manifestação" do Alto na outra etapa:

4.^a - a TRANSFIGURAÇÃO, que é a sublimação do corpo físico, após a vitória sobre os vícios, pela elevação das vibrações, purificando definitivamente a carne pelo contato com a divindade, obtendo-

se, então, a "manifestação" (epiphania) das Forças Espirituais. Novamente aparece a frase: "este é meu filho bem-amado, ouvi-o".

5.^a - a UNIÃO total com o Cristo Interno e, por seu intermédio, com o PAI, num matrimônio místico, coisa que ocorreu na chamada Última CEIA, quando Jesus revelou o grande segredo, o mistério máximo de sua doutrina, depois do que pode declarar: "Eu e o Pai somos UM" (João, 10:30).

6.^a - a conquista do grau de SACERDOTE, que precisa ser precedido por uma "experiência" mística vivida, com o sofrimento voluntário da DOR-AMOR (1), que consegue a redenção total do passado, e que Jesus viveu na CRUCIFICAÇÃO, obtendo a consagração na RESSURREIÇÃO, com a definitiva vitória sobre a matéria.

(1) A palavra portuguesa "paixão" vem do latim *passione(m)*, (verbo *patior*) muito semelhante ao grego *páthos* (verbo *patheín*). O sentido de *patheín* é realmente "experimentar" ou "sofrer uma experiência". Empregava-se esse verbo no sentido de que os "iniciados" teriam que "experimentar" ao vivo os ensinamentos aprendidos, conforme, aliás, consta de um fragmento de Aristóteles (em "Sinésio", Dion 10): "O místico deve não apenas aprender (*mathein*) mas experimentar (*patheín*)". Na interpretação iniciática consistiu exatamente nisso a "paixão" de Jesus.

7.^a - a ASCENSÃO, que exprime a passagem ao plano mental (o plano próprio do ser que conquistou a plenitude do estado hominal) com a final destruição da personalidade, eliminando-se, de todo, as sensações do etérico, as emoções do astral e o raciocínio do intelecto, e permanecendo apenas o sentimento e o conhecimento intuitivo e global, a sabedoria experimental (ou *gnose*).

Nesse ponto ("na etapa final", ver vol. 3) o ser conquistou o estado espiritual, tendo vencido a morte e subjugado o "inferno" (a inferioridade personalística), tornando-se Filho de Deus nas esferas evolutivas ou "celestiais".

A cada encarnação em que a criatura repete esse ciclo iniciático, ascende mais um passo. Daí haver diversos planos de iniciação: iluminados, iniciados, adeptos, mestres, hierofantes ... Jesus, evidentemente, estava no último grau da última iniciação terrena.

Voltando ao nosso tema, observamos que a criatura é alertada quanto aos passos dolorosos por que terá que passar. Embora tendo o intelecto reconhecido o Cristo Interno em seu contato íntimo, ainda não está totalmente preparado e assusta-se diante dos transe afluídos que sobrevirão à personagem humana, antes de galgar o supremo degrau que lhe dará o adeptado no planeta de provas que é a Terra. Assusta-se e procura esquivar-se. Realmente, nesse ponto muitos recuam; alguns poucos chegam ao 2.^o passo; raros ao 3.^o; em menor número ainda ao 4.^o, e raríssimos seguem daí por diante. No entanto, TODOS, no dizer de Paulo (Ef. 4:13) teremos que atingir a "plenitude da evolução de Jesus, o Cristo".

Diante, pois, do medo manifestado, o Cristo assinala que o intelecto ainda é o adversário, o antagonista do Espírito. Com seus cálculos egoístas, o intelecto personalista se apega aos bens terrenos. O Cristo o sacode, demonstrando-lhe e ordenando-lhe que fique atrás do Espírito: "vai para trás de mim". Coloca-o no lugar justo, submetido ao Espírito, e não querendo impedir-lhe a caminhada.

E esclarece (o intelecto é curioso...) a razão disso: ele só pensa nas coisas humanas, terrenas, materiais ou intelectuais, ao invés de preocupar-se com os problemas do Espírito, com as coisas de Deus.

Enquanto a criatura não modificar sua mente (a palavra usada nos Evangelhos para exprimir isso é *metánoia*) colocando acima das coisas terrenas as espirituais, não estará apto a submeter-se às provas, não terá ainda iniciado a subida evolutiva.

Como vemos, dizer-se "iniciado", sem ter passado por essas provas, exprime arrojo inaudito. Aliás, só o fato de alguém dizer-se iniciado, demonstra que não o é; porque o verdadeiro iniciado jamais o diz: limita-se a revelá-lo por seus atos, por seu comportamento, por sua irradiação espiritual. Quem estiver à altura de compreendê-lo, o saberá ao primeiro contato. Desconfiemos de todos as que precisam dizer que o são, para serem reconhecidos...

Mas o próprio Mestre, no próximo capítulo, desenvolverá melhor esse tema.

O DISCIPULATO

Mat. 16:24-28

Marc. 8:34-38 e 9:1

Luc. 9:23-27

24. Jesus disse então o seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.
25. Porque aquele que quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma por minha causa, a achará.
26. Pois que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma?
27. Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com seus mensageiros, e então retribuirá a cada um segundo seu comportamento.
28. Em verdade vos digo, que alguns dos aqui presentes absolutamente experimentarão a morte até que o Filho do Homem venha em seu reino.
34. E chamando a si a multidão, junto com seus discípulos disse-lhes: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.
35. Porque quem quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma por amor de mim e da Boa-Nova, a preservará.
36. Pois que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?
37. E que daria um homem em troca de sua alma?
38. Porque se alguém nesta geração adúltera e errada se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, também dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na glória de seu Pai com seus santos mensageiros".
- 9:1 E disse-lhes: "Em verdade em verdade vos digo que há alguns dos aqui presentes, os quais absolutamente experimentarão a morte, até que vejam o reino de Deus já chegado em força".
23. Dizia, então, a todos: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me.
24. Pois quem quiser preservar sua alma, a perderá; mas quem perder sua alma por amor de mim, esse a preservará.
25. De fato, que aproveita a um homem se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar-se ou causar dano a si mesmo?
26. Porque aquele que se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória, na do Pai e na dos santos mensageiros.
27. Mas eu vos digo verdadeiramente, há alguns dos aqui presentes que não experimentarão a morte até que tenham visto o reino de Deus.

Depois do episódio narrado no último capítulo, novamente Jesus apresenta uma lição teórica, embora bem mais curta que as do Evangelho de João.

Segundo Mateus, a conversa foi mantida com Seus discípulos. Marcos, entretanto, revela que Jesus "chamou a multidão" para ouvi-la, como que salientando que a aula era "para todos"; palavras, aliás, textuais em Lucas.

Achava-se a comitiva no território não-israelita ("pagão") de Cesaréia de Filipe, e certamente os moradores locais haviam observado aqueles homens e mulheres que perambulavam em grupo homogêneo. Natural que ficassem curiosos, a "espiar" por perto. A esses, Jesus convida que se aproximem para ouvir os ensinamentos e as exigências impostas a todos os que ambicionavam o DISCIPULATO, o grau mais elevado dos três citados pelo Mestre: justos (bons), profetas (médiuns) e discípulos (ver vol. 3).

As exigências são apenas três, bem distintas entre si, e citadas em sequência gradativa da menor à maior. Observamos que nenhuma delas se prende a saber, nem a dizer, nem a crer, nem a fazer, mas todas se baseiam em SER. O que vale é a evolução *interna*, sem necessidade de exteriorizações, nem de confissões, nem de ritos.

No entanto, é bem frisada a vontade livre: "se alguém *quiser*"; ninguém é obrigado; a espontaneidade deve ser absoluta, sem qualquer coação física nem moral. Analisemos.

Vimos, no episódio anterior, o Mestre ordenar a Pedro que "se colocasse atrás Dele". Agora esclarece: "se alguém QUER ser SEU discípulo, siga atrás Dele". E se tem vontade firme e inabalável, se o QUER, realize estas três condições:

1.^a - negue-se a si mesmo (Lc . *arnésasthō*; Mat. e Mr. *aparnésasthō eautón*).

2.^a - tome (carregue) sua cruz (Lc. "cada dia": *arátō tòn stáurou autoú kath'hêméran*);

3.^a - e siga-me (*akoloutheítō moi*).

Se excetuarmos a negação de si mesmo, já ouvimos essas palavras em Mat. 10:38 (vol. 3).

O verbo "negar-se" ou "renunciar-se" (*aparnéomai*) é empregado por Isaías (31:7) para descrever o gesto dos israelitas infiéis que, esclarecidos pela derrota dos assírios, rejeitaram ou negaram ou renunciaram a seus ídolos. E essa é a atitude pedida pelo Mestre aos que QUEREM ser Seus discípulos: rejeitar o *ídolo de carne* que é o próprio corpo físico, com sua sequela de sensações, emoções e intelectualismo, o que tudo constitui a personagem transitória a pervagar alguns segundos na crosta do planeta.

Quanto ao "carregar a própria cruz", já vimos (vol. 3), o que significava. E os habitantes da Palestina deviam estar habituados a assistir à cena degradante que se vinha repetindo desde o domínio romano, com muita frequência. Para só nos reportarmos a Flávio Josefo, ele cita-nos quatro casos em que as crucificações foram em massa: *Varus* que fez crucificar 2.000 judeus, por ocasião da morte, em 4 A.C., de Herodes o Grande (*Ant. Jud.* 17.10-4-10); *Quadratus*, que mandou crucificar todos os judeus que se haviam rebelado (48-52 A.D.) e que tinham sido aprisionados por Cumarus (*Bell. Jud.* 2. 12.6); em 66 A.D. até personagens ilustres foram crucificadas por *Gessius Florus* (*Bell. Jud.* 2.14.9); e *Tito* que, no assédio de Jerusalém, fez crucificar todos os prisioneiros, tantos que não havia mais nem madeira para as cruzes, nem lugar para plantá-las (*Bell. Jud.* 5.11.1). Por aí se calcula quantos milhares de crucificações foram feitas antes; e o espetáculo do condenado que carregava às costas o instrumento do próprio suplício era corriqueiro. Não se tratava, portanto, de uma comparação vazia de sentido, embora constituindo uma metáfora. E que o era, Lucas encarrega-se de esclarecê-lo, ao acrescentar "carregue cada dia a própria cruz". Vemos a exigência da estrada de sacrifícios heroicamente suportados na luta do dia-a-dia, contra os próprios pendores ruins e vícios.

A terceira condição, "seguir-Lo", revela-nos a chave final ao discipulato de tal Mestre, que não alicia discípulos prometendo-lhes facilidades nem privilégios: ao contrário. Não basta estudar-Lhe a doutrina, aprofundar-Lhe a teologia, decorar-Lhe as palavras, pregar-Lhe os ensinamentos: é mister SEGUI-LO, acompanhando-O passo a passo, colocando os pés nas pegadas sangrentas que o Rabi foi deixando ao caminhar pelas ásperas veredas de Sua peregrinação terrena. Ele é nosso *exemplo* e também nosso *modelo vivo*, para ser seguido até o topo do calvário.

Aqui chegamos a compreender a significação plena da frase dirigida a Pedro: "ainda és meu adversário (porque caminhas na direção oposta a mim, e tentas impedir-me a senda dolorosa e sacrificial): vai para trás de mim e segue-me; se queres ser meu discípulo, terás que renunciar a ti mesmo (não mais

pensando nas coisas humanas); que carregar também tua cruz sem que me percas de vista na dura, laboriosa e dorida ascensão ao Reino". Mas isto, "se o QUERES" ... Valerá a pena trilhar esse áspero caminho cheio de pedras e espinheiros?

O versículo seguinte (repetição, com pequena variante de Mat. 10:39; cfr. vol. 3) responde a essa pergunta. As palavras dessa lição são praticamente idênticas nos três sinópticos, demonstrando a impressão que devem ter causado nos discípulos.

Sim, porque quem quiser preservar sua alma (*hós eán thélei tèn psychên autòn sōsai*) a perderá (*apolēsei autên*). Ainda aqui encontramos o verbo *sōzō*, cuja tradução "salvar" (veja vol. 3) dá margem a tanta ambiguidade atualmente. Neste passo, a palavra portuguesa "preservar" (conservar, resguardar) corresponde melhor ao sentido do contexto. O verbo *apolesō* "perder", só poderia ser dado também com a sinonímia de "arruinar" ou "degradar" (no sentido etimológico de "diminuir o grau").

E o inverso é salientado: "mas quem a perder" (*hós d'án apolēsēi tèn psychên autoú*), por minha causa (*hēneken emoú*) - e Marcos acrescenta "e da Boa Nova" (*kai toú euaggelíou*) - esse a preservará (*sósei autén*, em Marcos e Lucas) ou a achará (*heurēsei autén*, em Mateus).

A seguir pergunta, como que explicando a antinomia verbal anterior: "que utilidade terá o homem se lucrar todo o mundo físico (*kósmos*), mas perder - isto é, não evoluir - sua alma? E qual o tesouro da Terra que poderia ser oferecido em troca (*antállagma*) da evolução espiritual da criatura? Não há dinheiro nem ouro que consiga fazer um mestre, riem que possa dar-se em troca de uma iniciação real. Bens espirituais não podem ser comprados nem "trocados" por quantias materiais. A matemática possui o axioma válido também aqui: quantidades heterogêneas não podem somar-se.

O versículo seguinte apresenta variantes.

MATEUS traz a afirmação de que o Filho do Homem virá com a glória de seu Pai, em companhia de Seus Mensageiros (anjos), para retribuir a cada um segundo seus atos. Traduzimos aqui *dóxa* por "glória" (veja vol. 1 e vol. 3), porque é o melhor sentido dentro do contexto. E entendemos essa glória como sinônimo perfeito da "sintonia vibratória" ou a frequência da tônica do Pai (Verbo, Som). A atribuição a cada um segundo "seus atos" (*tèn práxin autoú*) ou talvez, bem melhor, de acordo com seu comportamento, com a "prática" da vida diária. Não são realmente os atos, sobretudo isolados (mesmo os heróicos) que atestarão a Evolução de uma criatura, mas seu comportamento constante e diuturno.

MARCOS diz que se alguém, desta geração "adúltera", isto é, que se tornou "infiel" a Deus, traindo-O por amar mais a matéria que o espírito, e "errada" na compreensão das grandes verdades, "se envergonhar" (ou seja "desafinar", não-sintonizar), também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier com a glória do Pai, em companhia de Seus mensageiros (anjos).

LUCAS repete as palavras de Marcos (menos a referência à Boa Nova), salientando, porém, que o Filho do Homem virá com Sua própria glória, com a glória do Pai, e com a glória dos santos mensageiros (anjos).

E finalmente o último versículo, em que só Mateus difere dos outros dois, os quais, no entanto, nos parecem mais conformes às palavras originais.

Afirma o Mestre "alguns dos aqui presentes" (*eisin tines tōn hōde hestótōn*), os quais não experimentarão (literalmente: "não saborearão, *ou mê geúsōntai*) a morte, até que vejam o reino de Deus chegar com poder. Mateus em vez de "o reino de Deus", diz "o Filho do Homem", o que deu margem à expectativa da *parusia* (ver vol. 3), ainda para os indivíduos daquela geração.

Entretanto, não se trata aqui, de modo algum, de uma *parusia* escatológica (Paulo avisa aos tessalonicenses que não o aguardem "como se já estivesse perto"; cfr. 1.^a Tess. 2:1ss), mas da descoberta e conquista do "reino de Deus DENTRO de cada um" (cfr. Luc. 17:21), prometido para alguns "dos ali presentes" para essa mesma encarnação.

A má interpretação provocou confusões. Os gnósticos (como Teodósio), João Crisóstomo, Teofilacto e outros - e modernamente o cardeal Billot, S.J. (cfr. "La Parousie", pág. 187), interpretam a "vinda na glória do Filho do Homem" como um prenúncio da Transfiguração; Cajetan diz ser a Ressurreição;

Godet acha que foi Pentecostes; todavia, os próprios discípulos de Jesus, contemporâneos dos fatos, não interpretaram assim, já que após a tudo terem assistido, inclusive ao Pentecostes, continuaram esperando, para aqueles próximos anos, essa vinda espetacular. Outros recuaram mais um pouco no tempo, e viram essa "vinda gloriosa" na destruição de Jerusalém, como "vingança" do Filho do Homem; isso, porém, desdiz o perdão que Ele mesmo pedira ao Pai pela ignorância de Seus algozes (D. Calmet, Knabenbauer, Schanz, Fillion, Prat, Huby, Lagrange); e outros a interpretaram como sendo a difusão do cristianismo entre os pagãos (Gregório Magno, Beda, Jansênio, Lamy).

Penetremos mais a fundo o sentido.

Na vida literária e artística, em geral, distinguimos nitidamente o "aluno" do "discípulo". Aluno é quem aprende com um professor; discípulo é quem segue a trilha antes perlustrada por um mestre. Só denominamos "discípulo" aquele que reproduz em suas obras a técnica, a "escola", o estilo, a interpretação, a vivência do mestre. Aristóteles foi aluno de Platão, mas não seu discípulo. Mas Platão, além de ter sido aluno de Sócrates, foi também seu discípulo. Essa distinção já era feita por Jesus há vinte séculos; ser Seu discípulo é segui-Lo, e não apenas "aprender" Suas lições.

Aqui podemos desdobrar os requisitos em quatro, para melhor explicação.

Primeiro: é necessário QUERER. Sem que o livre-arbítrio espontaneamente escolha e decida, não pode haver discipulato. Daí a importância que assume, no progresso espiritual, o aprendizado e o estudo, que não podem limitar-se a ouvir rápidas palavras, mas precisam ser sérios, contínuos e profundos. Pois, na realidade, embora seja a intuição que ilumina o intelecto, se este não estiver preparado por meio do conhecimento e da compreensão, não poderá esclarecer a vontade, para que esta escolha e resolva pró ou contra.

O segundo é NEGAR-SE a si mesmo. Hoje, com a distinção que conhecemos entre o Espírito (individualidade) e a personagem terrena transitória (personalidade), a frase mais compreensível será: "negar a personagem", ou seja, renunciar aos desejos terrenos, conforme ensinou Sidarta Gotama, o Buddha. Cientificamente poderíamos dizer: superar ou abafar a consciência atual, para deixar que prevaleça a super-consciência.

Essa linguagem, entretanto, seria incompreensível àquela época. Todavia, as palavras proferidas pelo Mestre são de meridiana clareza: "renunciar a si mesmo". Observando-se que, pelo atraso da humanidade, se acredita que o verdadeiro eu é a personagem, e que a consciência atual é a única, negar essa personagem e essa consciência exprime, no fundo, negar-se "a si mesmo". Diz, portanto, o Mestre: "esse eu, que vocês julgam ser o verdadeiro eu, precisa ser negado". Nada mais esclarece, já que não teria sido entendido pela humanidade de então. No entanto, aqueles que seguissem fielmente Sua lição, negando seu eu pequeno e transitório, descobririam, por si mesmos, automaticamente, em pouco tempo, o outro Eu, o verdadeiro, coisa que de fato ocorreu com muitos cristãos.

Talvez no início possa parecer, ao experimentado: desavisado, que esse Eu verdadeiro seja algo "externo". Mas quando, por meio da evolução, for atingido o "Encontro Místico", e o Cristo Interno assumir a supremacia e o comando, ele verificará que esse Divino Amigo não é um TU desconhecido, mas antes constitui o EU REAL. Além disso, o Mestre não se satisfaz com a explanação teórica verbal: exemplificou, negando o eu personalístico de "Jesus", até deixá-lo ser perseguido, preso, caluniado, torturado e assassinado. Que Lhe importava o eu pequeno? O Cristo era o verdadeiro Eu Profundo de Jesus (como de todos nós) e o Cristo, com a renúncia e negação do eu de Jesus, pode expandir-se e assumir totalmente o comando da personagem humana de Jesus, sendo, às vezes, difícil distinguir quando falava e agia "Jesus" e quando agia e falava "o Cristo". Por isso em vez de Jesus, temos nele O CRISTO, e a história o reconhece como "Jesus", O CRISTO", considerando-o como homem (Jesus) e Deus (Cristo).

Essa anulação do eu pequeno fez que a própria personagem fosse glorificada pela humildade, e o nome humano negado totalmente se elevasse acima de tudo, de tal forma que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na Terra e debaixo da terra" (Filp. 2:10).

Tudo isso provocou intermináveis discussões durante séculos, por parte dos que não conseguiram penetrar a realidade dos acontecimentos, caracterizados, então, de "mistério": são duas naturezas ou uma? Como se realizou a união hipostática? Teria a Divindade absorvido a humanidade?

Por que será que uma coisa tão clara terá ficado incompreendida por tantos luminares que trataram deste assunto? O Eu Profundo de todas as criaturas é o Deus Interno, que se manifestará em cada um exatamente na proporção em que este renunciar ao eu pequeno (personagem), para deixar campo livre à expressão do Cristo Interno Divino. Todos somos deuses (cfr. Salmo 81:6 e João, 10:34) se negarmos totalmente nosso eu pequeno (personagem humana), deixando livre expansão à manifestação do Cristo que em todos habita. Isso fez Jesus. Se a negação for absoluta e completa, poderemos dizer com Paulo que, nessa criatura, "habita a plenitude da Divindade" (Col. 2:9). E a todos os que o fizerem, ser-lhes-á exaltado o nome acima de toda criação" (cfr. Filp. 2:5-11).

Quando isto tiver sido conseguido, a criatura "tomará sua cruz cada dia" (cada vez que ela se apresentar) e a sustentará galhardamente - quase diríamos triunfalmente - pois não mais será ela fonte de abatimentos e desânimos, mas constituirá o sofrimento-por-amor, a dor-alegria, já que é a "porta estreita" (Mat. 7:14) que conduzirá à felicidade total e infundável (cfr. Pietro Ubaldi, "Grande Síntese, cap. 81).

No entanto, dado o estágio atual da humanidade, a cruz que temos que carregar ainda é uma preparação para o "negar-se". São as dores físicas, as incompreensões morais, as torturas do resgate de carmas negativos mais ou menos pesados, em vista do emaranhado de situações aflitivas, das "montanhas" de dificuldades que se erguem, atravancando nossos caminhos, do sem-número de moléstias e percalços, do cortejo de calúnias e martírios inomináveis e inenarráveis.

Tudo terá que ser suportado - em qualquer plano - sem malsinar a sorte, sem desesperos, sem angústias, sem desfalecimentos nem revoltas, mas com aceitação plena e resignação ativa, e até com alegria no coração, com a mais sólida, viva e inabalável confiança no Cristo-que-é-nosso-Eu, no Deus-Imanente, na Força-Universal-Inteligente e Boa, que nos vivifica e prepara, de dentro de nosso âmago mais profundo, a nossa ascensão real, até atingirmos TODOS, a "plena evolução crística" (Ef. 4:13).

A quarta condição do discipulato é também clara, não permitindo ambiguidade: SEGUI-LO. Observe-se a palavra escolhida com precisão. Poderia ter sido dito "imitá-Lo". Seria muito mais fraco. A imitação pode ser apenas parcial ou, pior ainda, ser simples macaqueação externa (usar cabelos compridos, barbas respeitáveis, vestes talares, gestos estudados), sem nenhuma ressonância interna.

Não. Não é imitá-Lo apenas, é SEGUI-LO. Segui-Lo passo a passo pela estrada evolutiva até atingir a meta final, o ápice, tal como Ele o FEZ: sem recuos, sem paradas, sem demoras pelo caminho, sem descanso, sem distrações, sem concessões, mas marchando direto ao alvo.

SEGUI-LO no AMOR, na DEDICAÇÃO, no SERVIÇO, no AUTO-SACRIFÍCIO, na HUMILDADE, na RENÚNCIA, para que de nós se possa afirmar como Dele foi feito: "fez bem todas as coisas" (Marc. 7:37) e: "passou pela Terra fazendo o bem e curando" (At. 10:38).

Como Mestre de boa didática, não apresenta exigências sem dar as razões. Os versículos seguintes satisfazem a essa condição.

Aqui, como sempre, são empregados os termos filosóficos com absoluta precisão vocabular (elegância), não deixando margem a qualquer dúvida. A palavra usada é psychê, e não pneuma; é alma e não "espírito" (em adendo a este capítulo daremos a "constituição do homem" segundo o Novo Testamento).

A alma (psychê) é a personagem humana em seu conjunto de intelecto-emoções, excluído o corpo denso e as sensações do duplo etérico. Daí a definição da resposta 134 do "Livro dos Espíritos": "alma é o espírito encarnado", isto é, a personagem humana que habita no corpo denso.

Aí está, pois, a chave para a interpretação do "negue-se a si mesmo": esse eu, a alma, é a personagem que precisa ser negada, porque, quem não quiser fazê-lo, quem pretender preservar esse eu, essa alma, vai acabar perdendo-a, já que, ao desencarnar, estará com "as mãos vazias". Mas aquele que -

por causa do Cristo Interno - renunciar e perder essa personagem transitória, esse a encontrará melhorada (Mateus), esse a preservará da ruína (Marcos e Lucas).

E prossegue: que adiantará acumular todas as riquezas materiais do mundo, se a personalidade vai cair no vazio? Nada de material pode ser-lhe comparado. No entanto, se for negada, será exaltada sobre todas as coisas (cfr. o texto acima citado, Filp. 2:5-11).

Todas e qualquer evolução do Espírito é feita exclusivamente durante seu mergulho na carne (veja atrás). Só através das personagens humanas haverá ascensão espiritual, por meio do "ajustamento sintônico". Então, necessidade absoluta de consegui-lo, não "se envergonhando", isto é, não desafiando da tônica do Pai (Som) que tudo cria, governa e mantém. Enfrentar o mundo sem receio, sem "respeitos humanos", e saber recusá-lo também, para poder obter o Encontro Místico com o Cristo Interno. Se a criatura "se envergonha" e se retrai, (não sintoniza) não é possível conseguir o Contato Divino, e o Filho do Homem também a evitará ("se envergonhará" dessa criatura). Só poderá haver a "descida da graça" ou a unificação com o Cristo, "na glória (tônica) do Pai (Som-Verbo), na glória (tônica) do próprio Cristo (Eu Interno), na glória de todos os santos mensageiros", se houver a coragem inquebrantável de romper com tudo o que é material e terreno, apagando as sensações, liquidando as emoções, calando o intelecto, suplantando o próprio "espírito" encarnado, isto é, PERDENDO SUA ALMA: só então "a achará", unificada que estará com o Cristo, Nele mergulhada (batismo), "como a gota no oceano" (Bahá'u'lláh). Realmente, a gota se perde no oceano mas, inegavelmente, ao deixar de ser gota microscópica, ela se infinitiva e se eterniza tornando-se oceano ...

Em Mateus é-nos dado outro aviso: ao entrar em contato com a criatura, esta "receberá de acordo com seu comportamento" (pláxin). De modo geral lemos nas traduções correntes "de acordo com suas obras". Mas isso daria muito fortemente a idéia de que o importante seria o que o homem FAZ, quando, na realidade, o que importa é o que o homem É: e a palavra comportamento exprime-o melhor que obras; ora, a palavra do original práxis tem um e outro sentido.

Evidentemente, cada ser só poderá receber de acordo com sua capacidade, embora todos devam ser cheios, repletos, com "medida sacudida e recalçada" (cfr. Lc. 5:38).

Mas há diferença de capacidade entre o cálice, o copo, a garrafa, o litro, o barril, o tonel ... De acordo com a própria capacidade, com o nível evolutivo, com o comportamento de cada um, ser-lhe-á dado em abundância, além de toda medida. Figuremos uma corrente imensa, que jorra permanentemente luz e força, energia e calor. O convite é-nos feito para aproximar-nos e recolher quanto quisermos. Acontece, porém, que cada um só recolherá conforme o tamanho do vasilhame que levar consigo.

Assim o Cristo Imanente e o Verbo Criador e Conservador SE DERRAMAM infinitamente. Mas nós, criaturas finitas, só recolheremos segundo nosso comportamento, segundo a medida de nossa capacidade.

Não há fórmulas mágicas, não há segredos iniciáticos, não peregrinações nem bênçãos de "mestres", não há sacramentos nem sacramentais, que adiantem neste terreno. Poderão, quando muito, servir como incentivo, como animação a progredir, mas por si, nada resolvem, já que não agem ex ópere operantis nem ex opere operatus, mas sim ex opere recipientis: a quantidade de recebimento estará de acordo com a capacidade de quem recebe, não com a grandeza de quem dá, nem com o ato de doação.

E pode obter-se o cálculo de capacidade de cada um, isto é, o degrau evolutivo em que se encontra no discipulato de Cristo, segundo as várias estimativas das condições exigidas:

- a) *pela profundidade e sinceridade na renúncia ao eu personalístico, quando tudo é feito sem cogitar de firmar o próprio nome, sem atribuir qualquer êxito ao próprio merecimento (não com palavras, mas interiormente), colaborando com todos os "concorrentes", que estejam em idêntica senda evolutiva, embora nos contrariem as idéias pessoais, mas desde que sigam os ensinamentos de Cristo;*

- b) *pela resignação sem queixas, numa aceitação ativa, de todas as cruces, que exprimam atos e palavras contra nós, maledicências e calúnias, sem respostas nem defesas, nem claras nem veladas (já nem queremos acenar à contra-ataques e vinganças).*
- c) *pelo acompanhar silencioso dos passos espirituais no caminho do auto-sacrifício por amor aos outros, pela dedicação integral e sem condições; no caminho da humildade real, sem convencimentos nem exterioridades; no caminho do serviço, sem exigências nem distinções; no caminho do amor, sem preferências nem limitações. O grau dessas qualidades, todas juntas, dará uma idéia do grau evolutivo da criatura.*

Assim entendemos essas condições: ou tudo, à perfeição; ou pouco a pouco, conquistando uma de cada vez. Mas parado, ninguém ficará. Se não quiser ir espontaneamente, a dor o aguilhoará, empurrando-o para a frente de qualquer forma.

No entanto, uma promessa relativa à possibilidade desse caminho é feita claramente: "alguns dos que aqui estão presentes não experimentarão a morte até conseguirem isso". A promessa tanto vale para aquelas personagens de lá, naquela vida física, quanto para os Espíritos ali presentes, garantindo-se-lhes que não sofreriam queda espiritual (morte), mas que ascenderiam em linha reta, até atingir a meta final: o Encontro Sublime, na União mística absoluta e total.

Interessante a anotação de Marcos quando acrescenta: O "reino de Deus chegado em poder". Durante séculos se pensou no poder externo, a espetacularidade. Mas a palavra "en dynámei" expressa muito mais a força interna, o "dinamismo" do Espírito, a potencialidade crística a dinamizar a criatura em todos os planos.

O HOMEM NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento estabelece, com bastante clareza, a constituição DO HOMEM, dividindo o ser encarnado em seus vários planos vibratórios, concordando com toda a tradição iniciática da Índia e Tibet, da China, da Caldéia e Pérsia, do Egito e da Grécia. Embora não encontremos o assunto didaticamente esquematizado em seus elementos, o sentido filosófico transparece nítido dos vários termos e expressões empregados, ao serem nomeadas as partes constituintes do ser humano, ou seja, os vários níveis em que pode tornar-se consciente.

Algumas das palavras são acolhidas do vocabulário filosófico grego (ainda que, por vezes, com pequenas variações de sentido); outras são trazidas da tradição rabínica e talmúdica, do centro iniciático que era a Palestina, e que já entrevemos usadas no Antigo Testamento, sobretudo em suas obras mais recentes.

A CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Já vimos (vol. 1 e vol. 3 e seguintes), que DEUS, (*ho théos*) é apresentado, no Novo Testamento, como o ESPÍRITO SANTO (*tò pneuma tò hágion*), o qual se manifesta através do Pai (*patêr*) ou *Lógos* (Som Criador, Verbo), e do Filho Unigênito (*ho hyiós monogenês*), que é o Cristo Cósmico.

DEUS NO HOMEM

Antes de entrar na descrição da concepção do homem, no Novo Testamento, gostaríamos de deixar tem claro nosso pensamento a respeito da LOCALIZAÇÃO da Centelha Divina ou Mônada NO CO-RAÇÃO, expressão que usaremos com frequência.

A Centelha (Partícula ou Mônada) é CONSIDERADA por nós como tal; mas, na realidade, ela não se separa do TODO (cfr. vol. 1); logo, ESTÁ NO TODO, e portanto É O TODO (cfr. João, 1:1).

O "TODO" está TODO em TODAS AS COISAS e em cada átomo de cada coisa (cfr. Agostinho, *De Trin.* 6, 6 e Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, I, q.8, art. 2, ad 3um; veja vol. 3, pág. 145).

Entretanto, os seres e as coisas acham-se limitados pela forma, pelo espaço, pelo tempo e pela massa; e por isso afirmamos que em cada ser há uma "centelha" ou "partícula" do TODO. No entanto, sendo o TODO infinito, não tem extensão; sendo eterno, é atemporal; sendo indivisível, não tem dimensão; sendo O ESPÍRITO, não tem volume; então, conseqüentemente, não pode repartir-se em centelhas nem em partículas, mas é, concomitantemente, TUDO EM TODAS AS COISAS (cfr. 1.^a Cor. 12:6).

Concluindo: quando falamos em "Centelha Divina" e quando afirmamos que ela está localizada no coração, estamos usando expressões didáticas, para melhor compreensão do pensamento, difícilimo (quase impossível) de traduzir-se em palavras.

De fato, porém, a Divindade está TODA em cada célula do corpo, como em cada um dos átomos de todos os planos espirituais, astrais, físicos ou quaisquer outros que existam. Em nossos corpos físicos e astral, o coração é o órgão preparado para servir de ponto de contato com as vibrações divinas, através, no físico, do nó de *Kait-Flake e His*; então, didaticamente, dizemos que "o coração é a sede da Centelha Divina".

A CONCEPÇÃO DO HOMEM

O ser humano (*ánthrôpos*) é considerado como integrado por dois planos principais: a INDIVIDUALIDADE (*pneuma*) e a PERSONAGEM ou PERSONALIDADE; esta subdivide-se em dois: ALMA (*psychê*) e CORPO (*sôma*).

Mas, à semelhança da Divindade (cfr. Gên. 1:27), o Espírito humano (individualidade ou *pneuma*) possui tríplice manifestação:

1.^a - a CENTELHA DIVINA, ou Cristo, partícula do *pneuma hágion*; essa centelha que é a fonte de todo o Espírito, está localizada e representada quase sempre por *kardia* (coração), a parte mais íntima e invisível, o âmago, o Eu Interno e Profundo, centro vital do homem;

2.^a - a MENTE ESPIRITUAL, parte integrante e inseparável da própria Centelha Divina. A Mente, em sua função criadora, é expressa por *noús*, e está também sediada no coração, sendo a emissora de pensamentos e intuições: a voz silenciosa da super-consciência;

3.^a - O ESPÍRITO, ou "individualização do Pensamento Universal". O "Espírito" propriamente dito, o *pneuma*, surge "simples e ignorante" (sem saber), e percorre toda a gama evolutiva através dos milênios, desde os mais remotos planos no Anti-Sistema, até os mais elevados píncaros do Sistema (Pietro Ubaldi); no entanto, só recebe a designação de *pneuma* (Espírito) quando atinge o estágio hominal.

Esses três aspectos constituem, englobadamente, na "Grande Síntese" de Pietro Ubaldi, o "ALPHA", o "espírito".

Realmente verificamos que, de acordo com Gên. 1:27, há correspondência perfeita nessa tríplice manifestação do homem com a de Deus:

A - ao *pneuma hágion* (Espírito Santo) correspondente a invisível Centelha, habitante de *kardia* (coração), ponto de partida da existência;

B - ao *patêr* (Pai Criador, Verbo, Som Incriado), que é a Mente Divina, corresponde *noús* (a mente espiritual) que gera os pensamentos e cria a individualização de um ser;

C - Ao Filho Unigênito (Cristo Cósmico) corresponde o Espírito humano, ou Espírito Individualizado, filho da Partícula divina, (a qual constitui a essência ou EU PROFUNDO do homem); a individualidade é o EU que percorre toda a escala evolutiva, um Eu permanente através de todas as encarnações, que possui um NOME "escrito no livro da Vida", e que terminará UNIFICANDO-SE com o EU PROFUNDO ou Centelha Divina, novamente mergulhando no TODO. (Não cabe, aqui, discutir se nessa unificação esse EU perde a individualidade ou a conserva: isso é coisa que está tão infinitamente distante de nós no futuro, que se torna impossível perceber o que acontecerá).

No entanto, assim como Pneuma-Hágion, Patêr e Hyiós (Espírito-Santo, Pai e Filho) são apenas três "aspectos" de UM SÓ SER INDIVISÍVEL, assim também Cristo-kardia, noús e pneuma (Cristo-

coração, mente espiritual e Espírito) são somente três "aspectos" de UM SÓ SER INDIVÍVEL, de uma criatura humana.

ENCARNAÇÃO

Ao descer suas vibrações, a fim de poder apoiar-se na matéria, para novamente evoluir, o *pneuma* atinge primeiro o nível da energia (o BETA Ubaldiano), quando então a mente se "concretiza" no intelecto, se materializa no cérebro, se horizontaliza na personagem, começando sua "crucificação". Nesse ponto, o *pneuma* já passa a denominar-se *psychê* ou ALMA. Esta pode considerar-se sob dois aspectos primordiais: a diánoia (o intelecto) que é o "reflexo" da mente, e a *psychê* propriamente dita isto é, o CORPO ASTRAL, sede das emoções.

Num último passo em direção à matéria, na descida que lhe ajudará a posterior subida, atinge-se então o GAMA Ubaldiano, o estágio que o Novo Testamento designa com os vocábulos diábolos (adversário) e satanás (antagonista), que é o grande OPOSITOR do Espírito, porque é seu PÓLO NEGATIVO: a matéria, o Anti-Sistema. Aí, na matéria, aparece o *sôma* (corpo), que também pode subdividir-se em: *haima* (sangue) que constitui o sistema vital ou duplo etérico e *sárx* (carne) que é a carapaça de células sólidas, último degrau da materialização do espírito.

COMPARAÇÃO

Vejamos se com um exemplo grosseiro nos faremos entender, não esquecendo que omnis comparatio claudicat.

Observemos o funcionamento do rádio. Há dois sistemas básicos: o transmissor (UM) e os receptores (milhares, separados uns dos outros).

Consideremos o transmissor sob três aspectos:

- A - a Força Potencial, capaz de transmitir;
- B - a Antena Emissora, que produz as centelas;
- C - a Onda Hertziana, produzida pelas centelhas.

Mal comparando, aí teríamos:

- a) o Espírito-Santo, Força e Luz dos Universos, o Potencial Infinito de Amor Concreto;
- b) o Pai, Verbo ou SOM, ação ativa de Amante, que produz a Vida
- c) o Filho, produto da ação (do Som), o Amado, ou seja, o Cristo Cósmico que permeia e impregna tudo.

Não esqueçamos que TUDO: atmosfera, matéria, seres e coisas, no raio de ação do transmissor, ficam permeados e impregnados em todos os seus átomos com as vibrações da onda hertziana, embora seja esta invisível e inaudível e insensível, com os sentidos desarmados; e que os três elementos (Força-Antena e Onda) formam UM SÓ transmissor o Consideremos, agora, um receptor. Observaremos que a recepção é feita em três estágios:

- a) a captação da onda
- b) sua transformação
- c) sua exteriorização

Na captação da onda, podemos distinguir - embora a operação seja uma só - os seguintes elementos:

- A - a onda hertziana, que permeia e impregna todos os átomos do aparelho receptor, mas que é captada realmente apenas pela antena;

- B - o condensador variável, que estabelece a sintonia com a onda emitida pelo transmissor. Esses dois elementos constituem, de fato,
- C - o sistema RECEPTOR INDIVIDUAL de cada aparelho. Embora a onda hertziana seja UMA, emitida pelo transmissor, e impregne tudo (Cristo Cósmico), nós nos referimos a uma onda que entra no aparelho (Cristo Interno) e que, mesmo sendo perfeita; será recebida de acordo com a perfeição relativa da antena (coração) e do condensador variável (mente). Essa parte representaria, então, a individualidade, o EU PERFECTÍVEL (o Espírito).

Observemos, agora, o circuito interno do aparelho, sem entrar em pormenores, porque, como dissemos, a comparação é grosseira. Em linhas gerais vemos que a onda captada pelo sistema receptor propriamente dito, sofre modificações, quando passa pelo circuito retificador (que transforma a corrente alternada em contínua), e que representaria o intelecto que horizontaliza as idéias chegadas da mente), e o circuito amplificador, que aumenta a intensidade dos sinais (que seria o psiquismo ou emoções, próprias do corpo astral ou alma).

Uma vez assim modificada, a onda atinge, com suas vibrações, o alto-falante que vibra, reproduzindo os sinais que chegam do transmissor isto é, sentindo as pulsações da onda (seria o corpo vital ou duplo etérico, que nos dá as sensações); e finalmente a parte que dá sonoridade maior, ou seja, a caixa acústica ou móvel do aparelho (correspondente ao corpo físico de matéria densa).

Ora, quanto mais todos esses elementos forem perfeitos, tanto mais fiel e perfeito será a reprodução da onda original que penetrou no aparelho. E quanto menos perfeitos ou mais defeituosos os elementos, mais distorções sofrerá a onda, por vezes reproduzindo, em guinchos e roncões, uma melodia suave e delicada.

Creemos que, apesar de suas falhas naturais, esse exemplo dá a entender o funcionamento do homem, tal como conhecemos hoje, e tal como o vemos descrito em todas as doutrinas espiritualistas, inclusive - veremos agora quiçá pela primeira vez - nos textos do Novo Testamento.

Antes das provas que traremos, o mais completas possível, vejamos um quadro sinóptico:

	θεός		DEUS		
	πνεῦμα ἅγιον		Espírito Santo		
	λόγος		Pai, Verbo, Som Criador		
	υἱός - Χριστό	CRISTO -	Filho Unigênito		
	ἄνθρωπος		HOMEM		
	καρδία - Χριστό	CRISTO -	coração (Centelha)		
πνεῦμα	νοῦς		mente		individualidade
	πνεῦμα		Espírito		
φυXή	διάλογια		intelecto		alma
	φυXή		corpo astral		
σώμα	αἷμα		sangue (Duplo)		personagem
	σάρξ		carne (Corpo)		

A - O EMPREGO DAS PALAVRAS

Se apresentada pela primeira vez, como esta, uma teoria precisa ser amplamente documentada e comprovada, para que os estudiosos possam aprofundar o assunto, verificando sua realidade objetiva. Por isso, começaremos apresentando o emprego e a frequência dos termos supracitados, em todos os locais do Novo Testamento.

KARDÍA

Kardía expressa, desde Homero (**Iliada**, 1.225) até Platão (**Timeu**, 70 c) a sede das faculdades espirituais, da inteligência (ou mente) e dos sentimentos profundos e violentos (cfr. **Iliada**, 21,441) podendo até, por vezes, confundir-se com as emoções (as quais, na realidade, são movimentos da **psychê**, e não propriamente de **kardía**). Jesus, porém, reiteradamente afirma que o coração é a fonte primeira em que nascem os pensamentos (diríamos a sede do Eu Profundo).

Com este último sentido, a palavra **kardía** aparece 112 vezes, sendo que uma vez (Mat. 12:40) em sentido figurado.

Mat. 5:8,28; 6:21; 9:4; 11:29; 12:34 13-15(2x),19; 15:8,18,19; 18:35; 22:37; 24:48; Marc. 2:6,8; 3:5; 4:15; 6:52; 7:6,19,21; 8:11; 11:23; 12:30,33; Luc. 1:17,51,66; 2:19,35,51; 3:5; 5:22; 6:45; 8:12,15; 9:47; 10:27; 12:34; 16:15; 21:14,34; 24:25,32,38; João, 12:40(2x); 13:2; 14:1,27; 16:6,22 At. 2:26,37,46; 4:32; 5:3(2x); 7:23,39,51,54; 8:21,22; 11:23,13:22; 14:17; 15:9; 16:14; 21:13; 28:27(2x); Rom. 1:21,24; 2:5,15,29; 5:5; 6:17; 8:27; 9:2; 10:1,6,8,9,10; 16:16; 1.^a Cor. 2:9; 4:5; 7:37; 14:25; 2.^a Cor. 1:22; 2:4; 3:2,3,15; 4:6; 5:12; 6:11; 7:3; 8:16; 9:7; Gál. 4:6; Ef. 1:18; 3:17; 4:18; 5:19; 6:5,22; Filp. 1:7; 4:7; Col. 2:2; 3:15,16,22; 4:8; 1.^a Tess. 2:4,17; 3:13; 2.^a Tess. 2:17; 3:5; 1.^a Tim. 1:5; 2.^a Tim. 2:22; Heb. 3:8,10,12,15; 4:7,12; 8:10; 10:16,22; Tiago, 1:26; 3:14; 4:8; 5:5,8; 1.^a Pe. 1:22; 3:4,15; 2.^a Pe. 1:19; 2:15; 1; 1.^a Jo. 3:19,20(2x),21; Apoc. 2:23; 17:17; 18:7.

NOÚS

Noús não é a "fonte", mas sim a faculdade de criar pensamentos, que é parte integrante e indivisível de kardía, onde tem sede. Já Anaxágoras (in Diógenes Laércio, livro 2.^o, n.^o 3) diz que noús (o Pensamento Universal Criador) é o "princípio do movimento"; equipara, assim, noús a Lógos (Som, Palavra, Verbo): o primeiro impulsionador dos movimentos de rotação e translação da poeira cósmica, com isso dando origem aos átomos, os quais pelo sucessivo englobamento das unidades coletivas cada vez mais complexas, formaram os sistemas atômicos, moleculares e, daí subindo, os sistemas solares, galácticos, e os universos (cfr. vol. 3.^o).

Noús é empregado 23 vezes com esse sentido: o produto de noús (mente) do pensamento (nóêma), usado 6 vezes (2.^a Cor. 2:11; 3:14; 4:4; 10:5; 11:3; Filp. 4:7), e o verbo daí derivado, noeín, empregado 14 vezes (3), sendo que com absoluta clareza em João (12:40) quando escreve "compreender com o coração" (**noêsôsîn têi kardíai**).

Luc. 24:45; Rom. 1:28; 7:23,25; 11:34; 12:2; 14:5; 1.^a Cor. 1:10; 2:16; 14:14,15,19; Ef. 4:17,23; Filp. 4:7; Col. 2:18; 2.^a Tess. 2:2; 1.^a Tim. 6:5; 2.^a Tim. 3:8; Tit. 1:15; Apoc. 13:18.

PNEUMA

Pneuma, o sopro ou Espírito, usado 354 vezes no N.T., toma diversos sentidos básicos:

Mat. 15:17; 16:9,11; 24:15; Marc. 7:18; 8:17; 13:14; João 12:40; Rom. 1:20; Ef. 3:4,20; 1.^a Tim. 1:7; 2.^a Tim. 2:7; Heb. 11:13

1. Pode tratar-se do ESPÍRITO, caracterizado como O SANTO, designando o Amor-Concreto, base e essência de tudo o que existe; seria o correspondente de Brahman, o Absoluto. Aparece com esse sentido, indiscutivelmente, 6 vezes (Mat. 12:31, 32; Marc. 3:29; Luc. 12:10; João, 4:24; 1.^a Cor. 2:11).

Os outros aspectos de DEUS aparecem com as seguintes denominações:

a) O PAI (*ho patêr*), quando exprime o segundo aspecto, de Criador, salientando-se a relação entre Deus e as criaturas, 223 vezes (1); mas, quando se trata do simples aspecto de Criador e Conservador da matéria, é usado 43 vezes (2) o vocábulo herdado da filosofia grega, *ho lógos*, ou seja, o Verbo, a Palavra que, ao proferir o Som Inaudível, movimentava a poeira cósmica, os átomos, as galáxias.

(1) Mat. 5:16,45,48; 6:1,4,6,8,9,14,15,26,32; 7:11,21; 10:20,29,32,33; 11:25,27; 12:50; 13:43; 15:13; 16:17,27; 18:10,14,19,35; 20:23; 23:9; 24:36; 25:34; 26:29,39,42,53; Marc. 8:25; 11:25,32;14:36; Luc. 2:49;6:36;9:26;10:21,22;11:2,13;12:30,32;22:29,42;23:34,46;24:49;João,1:14,18;2:16;3:35;4:21,23;5:17,18,19,20,21,22,23,26,36,37,43,45,46,27,32,37,40,44,45,46,57,65;8:18,19,27,28,38,41,42,49,54;10:15,17,18,19,25,29,30,32,35,38;11:41;12:26,27,28,49,50;13:1,3;14:2,6,7,8,9,10,11,13,16,20,21,24,26,28,31,15:1,8,9,10,15,16,23,24,26;16:3,10,15,17,25,26,27,28,32;17:1,5,11,21,24,25; 18:11; 20:17,21;At. 1:4,7;2:33;Rom.1:7;6:4;8:15;15:6;1.º Cor. 8:6; 13:2; 15:24; 2.º Cor. 1:2,3; 6:18; 11:31; Gól. 1:1,3,4; 4:6; Ef. 1:2,3,17; 2:18;3:14; 4:6; 5:20; Filip. 1:2; 2:11; 4:20; Col. 1:2,3,12; 3:17; 1.º Teõs. 1:1,3; 3:11,13; 2.º Tess. 1:1 2; :2:16; 1.º Tim. 1:2; 2.º Tim. 1:2; Tit. 1:4; Flm. 3; Heb. 1:5; 12:9; Tiago 1:17,27; 3:9; 1.º Pe. 1:2,3,17; 2.º Pe. 1:17, 1.º Jo. 1:2,3; 2:1,14,15,16, 22,23,24; 3:1; 4:14; 2.º Jo. 3,4,9; Jud. 9; Apoc. 1:6; 2:28; 3:5,21; 14:1.

(2) Mat. 8:8; Luc. 7:7; João, 1:1,14; 5:33; 8:31,37,43,51,52,55; 14:23,24; 15:20; 17:61417; 1.º Cor. 1:13; 2.º Cor. 5:19; Gál. 6:6; Filp. 2:6; Cor. 1:25; 3:16; 4:3; 1.º Tess. 1:6; 2.º Tess. 3:1; 2.º Tim. 2:9; Heb.:12; 6:1; 7:28; 12:9; Tiago, 1:21,22,23; 1.º Pe. 1:23; 2.º Pe. 3:5,7; 1.º Jo. 1:1,10; 2:5,7,14; Apoc. 19:13.

b) O FILHO UNIGÊNITO (*ho hyiós monogenês*), que caracteriza o CRISTO CÓSMICO, isto é, toda a criação englobadamente, que é, na realidade profunda, um dos aspectos da Divindade. Não se trata, como é claro, de panteísmo, já que a criação NÃO constitui a Divindade; mas, ao invés, há imanência (Monismo), pois a criação é UM DOS ASPECTOS, apenas, em que se transforma a Divindade. Esta, além da imanência no relativo, é transcendente como Absoluto; além da imanência no tempo, é transcendente como Eterno; além da imanência no finito, é transcendente como Infinito.

A expressão "Filho Unigênito" só é usada por João (1:14,18; 13:16,18 e 1.a Jo. 4:9). Em todos os demais passos é empregado o termo *ho Christós*, "O Ungido", ou melhor, "*O Permeado pela Divindade*", que pode exprimir tanto o CRISTO CÓSMICO que impregna tudo, quanto o CRISTO INTERNO, se o olhamos sob o ponto de vista da Centelha Divina no âmago da criatura.

Quando não é feita distinção nos aspectos manifestantes, o N.T. emprega o termo genérico *ho theós*, "Deus", precedido do artigo definido.

2. Além desse sentido, encontramos a palavra **pneuma** exprimindo o Espírito humano individualizado; essa individualização, que tem a classificação de **pneuma**, encontra-se a percorrer a trajetória de sua longa viagem, a construir sua própria evolução consciente, através da ascensão pelos planos vibratórios (energia e matéria) que ele anima em seu intermínio caminhar. Notemos, porém, que só recebe a denominação de **pneuma** (Espírito), quando atinge a individualização completa no estado hominal (cfr. A. Kardec, "Livro dos Espíritos", resp.79: "Os Espíritos são **a individualização do Princípio Inteligente**, isto é, de **noús**").

Logicamente, portanto, podemos encontrar espíritos em muitos graus evolutivos, desde os mais ignorantes e atrasados (**akátharton**) e enfermos (**ponêron**) até os mais evoluídos e santos (**hágion**).

Todas essas distinções são encontradas no N.T., sendo de notar-se que esse termo **pneuma** pode designar tanto o espírito encarnado quanto, ao lado de outros apelativos, o desencarnado.

Eis, na prática, o emprego da palavra **pneuma** no N.T.:

a) **pneuma** como espírito encarnado (individualidade), 193 vezes:

Mat. 1:18,20; 3:11; 4:1; 5:3; 10:20; 26:41; 27:50; Marc.1:8; 2:8; 8:12; 14:38; Luc. 1:47, 80; 3:16, 22; 8:55; 23:46; 24.37, 39; João, 1:33; 3:5, 6(2x), 8; 4:23; 6:63; 7:39; 11:33; 13:21; 14:17, 26; 15:26; 16:13; 19-30, 20:22; At. 1:5, 8; 5:3; 32; 7:59; 10:38; 11:12,16; 17:16; 18:25; 19:21; 20:22; Rom. 1:4, 9; 5:5; 8:2, 4, 5(2x), 6, 9(3x), 10, 11(2x),13, 14, 15(2x), 16(2x), 27; 9:1; 12:11; 14:17; 15:13, 16, 19, 30; 1.º Cor. 2:4, 10(2x), 11, 12; 3:16; 5:3,4, 5; 6:11, 17, 19; 7:34, 40; 12:4, 7, 8(2x), 9(2x), 11, 13(2x); 14:2, 12, 14, 15(2x), 16:32; 15:45; 16:18; 2.º Cor. 1:22; 2:13; 3:3, 6, 8, 17(2x), 18; 5:5; 6:6; 7:1, 13; 12:18; 13:13; Gál. 3:2, 3, 5; 4:6, 29; 5:5,16,17(2x), 18, 22, 25(2x1); 6:8(2x),18; Ef. 1:13, 17; 2:18, 22; 3:5, 16; 4:3, 4:23; 5:18; 6:17, 18; Philp. 1:19, 27; 2:1; 3:3; 4:23; Col. 1:8; 2:5; 1.º Tess. 1:5, 6; 4:8; 5:23; 2.º Tess. 2:13; 1.º Tim. 3:16; 4:22; 2.º Tim. 1:14; Tit. 3:5; Heb. 4:12, 6:4;

9:14; 10:29; 12:9; Tiago, 2:26: 4:4; 1.º Pe. 1:2, 11, 12; 3:4, 18; 4:6,14; 1.º João, 3:24; 4:13; 5:6(2x),7; Jud. 19:20; Apoc. 1:10; 4:2; 11:11.

b) **pneuma** como espírito desencarnado:

I - evoluído ou puro, 107 vezes:

Mat. 3:16; 12:18, 28; 22:43; Marc. 1:10, 12; 12:36; 13:11; Luc. 1:15, 16, 41, 67; 2:25, 27; 4:1, 14, 18; 10:21; 11:13; 12:12; João 1:32; 3:34; At. 1:2, 16; 2:4(2x), 17, 18, 33(2x), 38; 4:8; 25, 31; 6:3, 10; 7:51, 55; 8:15, 17, 18, 19, 29, 39; 9:17, 31; 10:19, 44, 45, 47; 11:15, 24, 28; 13:2, 4, 9, 52; 15:8, 28; 16:6, 7; 19:1, 2, 6; 20:22, 28; 21:4, 11; 23:8, 9; 28:25; 1.º Cor. 12:3(2x), 10; 1.º Tess. 5:9; 2.º Tess.2:2; 1.º Tim. 4:1; Heb. 1:7, 14; 2:4; 3:7; 9:8; 10:15; 12:23; 2.º Pe. 1:21; 1.º Jo. 4:1(2x), 2, 3, 6; Apoc. 1:4; 2:7, 11, 17, 29; 3:1, 6, 13, 22; 4:5; 5:6; 14:13; 17:3; 19:10; 21:10; 22:6, 17.

II - involuído ou não-purificado, 39 vezes:

Mat. 8:16; 10:1; 12:43, 45; Marc. 1:23, 27; 3:11, 30; 5:2, 8, 13; 6:7; 7:25; 9:19; Luc. 4:36; 6:18; 7:21; 8:2; 10:20; 11:24, 26; 13:11; At. 5:16; 8:7; 16:16, 19:12, 13, 15,16; Rom. 11:8; 1.º Cor. 2:12; 2.º Cor. 11:4; Ef. 2:2; 1.º Pe. 3:19; 1.º Jo. 4:2, 6; Apoc. 13:15; 16:13; 18:2.

c) **pneuma** como "espírito" no sentido abstrato de "caráter", 7 vezes: (*João 6:63; Rom. 2:29; 1.ª Cor. 2:12; 4:21; 2.ª Cor. 4:13; Gál. 6:1 e 2.ª Tim. 1:7*)

d) **pneuma** no sentido de "sopro", 1 vez: *2.ª Tess. 2:8*

Todavia, devemos acrescentar que o espírito fora da matéria recebia outros apelativo, conforme vimos (vol. 1) e que não é inútil recordar, citando os locais.

PHÁNTASMA, quando o espírito, corpo astral ou perispírito se torna visível; termo que, embora frequente entre os gregos, só aparece, no N.T., duas vezes (*Mat. 14:26 e Marc. 6:49*).

ÁGGELOS (Anjo), empregado 170 vezes, designa um espírito evoluído (embora *nem sempre* de categoria acima da humana); essa denominação específica que, no momento em que é citada, tal entidade - seja de nível humano ou supra-humano - está executando uma *tarefa especial*, como encarrega de "dar uma mensagem", de "levar um recado" de seus superiores hierárquicos (geralmente dizendo-se "de Deus"):

Mat. 1:20, 24; 2:9, 10, 13, 15, 19, 21; 4:6, 11; 8:26; 10:3, 7, 22; 11:10, 13; 12:7, 8, 9, 10, 11, 23; 13:39, 41, 49; 16:27; 18:10; 22:30; 24:31, 36; 25:31, 41; 26:53; 27:23; 28:2, 5; Marc.1:2, 13; 8:38; 12:25; 13:27, 32; Luc. 1:11, 13, 18, 19, 26, 30, 34, 35, 38; 4:10, 11; 7:24, 27; 9:26, 52; 12:8; 16:22; 22:43; 24:23; João, 1:51; 12:29; 20:12 At. 5:19; 6:15; 7:30, 35, 38, 52; 12:15; 23:8, 9; Rom. 8:38; 1.º Cor. 4:9; 6:3; 11:10; 13:1; 2.º Cor. 11:14; 12:7; Gál. 1:8; 3:19; 4:14; Col. 2:18; 2.º Tess. 1:7; 1.º Tim. 3:16; 5:21; Heb. 1:4, 5, 6, 7, 13; 2:2, 5, 7, 9, 16; 12:22; 13:2; Tiago 2:25; 1.º Pe. 1:4, 11; Jud. 6; Apoc. 1:1, 20; 2:1, 8, 12, 18; 3:1, 5, 7, 9, 14; 5:2, 11; 7:1, 11; 8:2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 12, 13; 9:1, 11, 13, 14, 15; 10:1, 5, 7, 8, 9, 10; 11:15; 12:7, 9, 17; 14:6, 9, 10, 15, 17, 18, 19; 15:1, 6, 7, 8, 10; 16:1, 5; 17:1, 7; 18:1, 21; 19:17; 20:1; 21:9, 12, 17; 22:6, 8, 16.

BEEZEBOUL, usado 7 vezes: (*Mat. 7:25; 12:24, 27; Marc. 3:22; Luc. 11:15, 18, 19*) só nos Evangelhos, é uma designação de chefe" de falange, "cabeça" de espíritos involuído.

DAIMÔN (uma vez, em *Mat. 8:31*) ou DAIMÓNION, 55 vezes, refere-se sempre a um espírito *familiar* desencarnado, que ainda conserva sua personalidade humana mesmo além túmulo. Entre os gregos, esse termo designava quer o eu interno, quer o "guia". Já no N.T. essa palavra identifica *sempre* um espírito ainda não-esclarecido, não evoluído, preso à última encarnação terrena, cuja presença prejudica o encarnado ao qual esteja ligado; tanto assim que o termo "demoníaco" é, para Tiago, sinônimo de "personalístico", terreno, psíquico. "não é essa sabedoria que desce do alto, mas a terrena (epígeia), a personalista (*psychike*), a demoníaca (*demoniôdês*). (Tiago, 3:15)

Mat. 7:22; 9:33, 34; 12:24, 27, 28; 10:8; 11:18; 17:18; Marc. 1:34, 39; 3:15, 22; 6:13; 7:26, 29, 30; 9:38; 16:9, 17; Luc. 4:33, 35, 41; 7:33; 8:2, 27, 29, 30, 33, 35, 38; 9:1, 42, 49; 10:17; 11:14, 15, 18, 19, 20; 13:32; João 7:2; 8:48, 49, 52; 10:20, 21; At. 17:18; 1.ª Cor. 10:20, 21; 1.º Tim. 4:1; Tiago 2:16; Apoc 9:20; 16:24 e 18:2.

Ao falar de desencarnados, aproveitemos para observar como era designado o fenômeno da psicofonia:

I - quando se refere a uma obsessão, com o verbo *daimonízesthai*, que aparece 13 vezes (*Mat. 4:24; 8:16, 28, 33; 9:32; 12:22; 15:22; Marc 1:32; 5:15, 16, 18; Luc. 8:36; João, 10:21*, portanto, só empregado pelos evangelistas).

II - quando se refere a um espírito evoluído, encontramos as expressões:

- "cheio de um espírito (plêrês, *Luc. 4:1; At. 6:3, 5; 7:55; 11:24* - portanto só empregado por Lucas);
- "encher-se" (*pimplánai* ou *plêthein*, *Luc. 1:15, 41, 67; At. 2:4; 4:8, 31; 9:17; 13:19* - portanto, só usado por Lucas);
- "conturbar-se" (*tarássein*), *João, 11:33 e 13:21*).

Já deixamos bem claro (vol 1) que os termos *satanás* ("antagonista"), *diábolos* ("adversário") e *peirázôn* ("tentador") jamais se referem, no N.T., a espíritos desencarnados, mas expressam sempre "a matéria, e por conseguinte também a "personalidade", a personagem humana que, com seu intelecto vaidoso, se opõe, antagoniza e, como adversário natural do espírito, tenta-o (como escreveu Paulo: "a carne (matéria) luta contra o espírito e o espírito contra a carne", *Gál. 5:17*).

Esses termos aparecem: *satanás*, 33 vezes (*Mat. 4:10; 12:26; 16:23; Marc. 1:13; 3:23, 26; 4:15; 8:33; Luc. 10:18; 11:18; 13:16; 22:3; João 13:27, 31; At. 5:3; 26:18; Rom. 16:20; 1.º Cor. 5:5; 7:5; 2.º Cor. 2:11; 11:14; 12:17; 1.º Tess. 2:18; 2.º Tess. 2:9; 1.º Tim. 1:20; 5:15; Apoc. 2:9, 13, 24; 3:9; 12:9; 20:2, 7*); *diábolos*, 35 vezes (*Mat. 4:1, 5, 8, 11; 13:39; 25:41; Luc. 4:2, 3, 6, 13; 8:12; João, 6:70; 8:44; 13:2; At. 10:38; 13:10; Ef. 4:27; 6:11; 1.º Tim. 3:6, 7, 11; 2.º Tim. 2:26; 3:3 Tit. 2:3; Heb. 2:14; Tiago, 4:7; 1.º Pe. 5:8; 1.º Jo. 3:8, 10; Jud. 9; Apoc. 2:10; 12:9, 12; 20:2, 10*) e *peirázôn*, duas vezes (*Mat. 4:3 e 1.ª Tess. 3:5*).

DIÁNOIA

Diánoia exprime a faculdade de **refletir** (diá+noús) , isto é, o raciocínio; é o intelecto que na matéria, **reflete** a mente espiritual (**noús**), projetando-se em "várias direções" (**diá**) no mesmo plano.

Usado 12 vezes (*Mat. 22:37; Marc. 12:30; Luc. 1:51; 10:27; Ef. 2:3; 4:18; Col. 1:21; Heb. 8:10; 10:16; 1.ª Pe. 1:13; 2.ª Pe. 3:1; 1.ª Jo. 5:20*) na forma **diánoia**; e na forma **dianóêma** (o pensamento) uma vez em *Luc. 11:17*. Como sinônimo de **diánoia**, encontramos, também, **synesis** (compreensão) 7 vezes (*Marc.12:33; Luc. 2:47; 1.ª Cor. 1:19; Ef. 3:4; Col. 1:9 e 2:2; e 2.ª Tim. 2:7*).

Como veremos logo abaixo, **diánoia** é parte inerente da **psychê**, (alma).

PSYCHÊ

Psychê é a ALMA, isto é, o "espírito encarnado (cfr. A. Kardec, "Livro dos Espíritos", resp. 134: "alma é o espírito encarnado", resposta dada, evidentemente, por um "espírito" afeito à leitura do Novo Testamento).

A **psychê** era considerada pelos gregos como o atualmente chamado "corpo astral", já que era sede dos desejos e paixões, isto é, das emoções (cfr. Ésquilo, **Persas**, 841; Teócrito, 16:24; Xenofonte, **Cirope-dia**, 6.2.28 e 33; Xen., **Memoráveis de Sócrates**, 1.13:14; Píndaro, **Olímpicas**, 2.125; **Heródoto**, 3.14; Tucídides, 2.40, etc.). Mas **psychê** também incluía, segundo os gregos, a **diánoia** ou **synesis**, isto é, o intelecto (cfr. Heródoto, 5.124; Sófocles, **Édipo em Colona**, 1207; Xenofonte, **Hieron**, 7.12; Platão, **Crátilo**, 400 a).

No sentido de "espírito" (alma de mortos) foi usada por Homero (cfr. *Iliada* 1.3; 23.65, 72, 100, 104; **Odisséia**, 11.207,213,222; 24.14 etc.), mas esse sentido foi depressa abandonado, substituído por outros sinônimos (**pneuma, eikôn, phántasma, skiá, daimôn**, etc.).

Psychê é empregado quase sempre no sentido de espírito preso à matéria (encarnado) ou seja, como sede da vida, e até como a própria vida humana, isto é, a personagem terrena (sede do intelecto e das emoções) em 92 passos:

Mar. 2:20; 6:25; 10:28, 39; 11:29; 12:18; 16:25, 26; 20:28; 22:37; 26:38; *Marc.* 3:4; 8:35, 36, 37; 10:45; 12:30; 14:34; *Luc.* 1:46; 2:35; 6:9; 9:24(2x), 56; 10:27; 12:19, 20, 22, 23; 14:26; 17:33; 21:19; *João* 10:11,15, 17, 18, 24; 12:25, 27; 13:37, 38; 15:13; *Atos.* 2:27, 41, 43; 3:23; 4:32; 7:14; 14:2, 22; 15:24, 26; 20:10, 24; 27:10, 22, 37, 44; *Rom.* 2:9; 11:3; 13:1; 16:4; 1.º *Cor.* 15:45; 2.º *Cor.* 1:23; 12:15; *Ef.* 6:6; *Col.* 3:23; *Flp.* 1:27; 2:30; 1.º *Tess.* 2:8; 5:23; *Heb.* 4:12; 6:19; 10:38, 39; 12:3; 13:17; *Tiago* 1:21; 5:20; 1.º *Pe.* 1:9, 22; 2:11, 25; 4:19; 2.º *Pe.* 2:8, 14; 1.º *Jo.* 3:16; 3.º *Jo.* 2; *Apoc.* 12:11; 16:3; 18:13, 14.

Note-se, todavia, que no Apocalipse (6:9; 8:9 e 20:4) o termo é aplicado aos desencarnados por morte violenta, por ainda conservarem, no além-túmulo, as características da última personagem terrena.

O adjetivo **psychikós** é empregado com o mesmo sentido de personalidade (*1.ª Cor.* 2:14; 15:44, 46; *Tiago*, 3:15; *Jud.* 19).

Os outros termos, que entre os gregos eram usados nesse sentido de "espírito desencarnado", o N.T. não os emprega com essa interpretação, conforme pode ser verificado:

EIDOS (aparência) - *Luc.* 3:22; 9:29; *João*, 5:37; 2.ª *Cor.* 5:7; 1.ª *Tess.* 5:22.

EIDÔLON (ídolo) - *At.* 7:41; 15:20; *Rom.* 2:22; 1.ª *Cor.* 8:4, 7; 10:19; 12; 2; 2.ª *Cor.* 6:16; 1.ª *Tess.* 1:9; 1.ª *Jo.* 5:21; *Apoc.* 9:20.

EIKÔN (imagem) - *Mat.* 22:20; *Marc.* 12:16; *Luc.* 20:24; *Rom.* 1:23; 1.ª *Cor.* 11:7; 15:49 (2x); 2.ª *Cor.* 3:18; 4:4; *Col.* 1:5; 3:10; *Heb.* 10:11; *Apoc.* 13:14; 14:2, 11; 15:2; 19:20; 20:4.

SKIÁ (sombra) - *Mat.* 4:16; *Marc.* 4:32; *Luc.* 1:79; *At.* 5:15; *Col.* 2:17; *Heb.* 8:5; 10:1.

Também entre os gregos, desde Homero, havia a palavra *thumós*, que era tomada no sentido de alma encarnada". Teve ainda sentidos diversos, exprimindo "coração" quer como sede do intelecto, quer como sede das paixões. Fixou-se, entretanto, mais neste último sentido, e toda, as vezes que a deparamos no Novo Testamento é, parece, com o designativo "força". (Cfr. *Luc.* 4:28; *At.* 19:28; *Rom.* 2:8; 2.ª *Cor.* 12:20; *Gál.* 5:20; *Ef.* 4:31; *Col.* 3:8; *Heb.* 11:27; *Apoc.* 12:12; 14:8, 10, 19; 15:1, 7; 16:1, 19; 18:3 e 19:15)

SOMA

Soma exprime o corpo, geralmente o físico denso, que é subdividido em carne (**sárx**) e sangue (**haima**), ou seja, que compreende o físico denso e o duplo etérico (e aqui retificamos o que saiu publicado no vol. 1, onde dissemos que "sangue" representava o astral) .

Já no N.T. encontramos uma antecipação da moderna qualificação de "corpos", atribuída aos planos ou níveis em que o homem pode tornar-se consciente. Paulo, por exemplo, emprega **soma** para os planos espirituais; ao distinguir os "corpos" celestes (**sómata epouránia**) dos "corpos" terrestres (**sómata epígeia**), ele emprega soma para o físico denso (em lugar de **sárx**), para o corpo astral (**sôma psychikôn**) e para o corpo espiritual (**sôma pneumatikón**) em 1.ª *Cor.* 15:40 e 44.

No N.T. **soma** é empregado ao todo 123 vezes, sendo 107 vezes no sentido de corpo físico-denso (material, unido ou não à **psychê**);

Mat. 5:29, 30; 6:22, 25; 10:28(2x); 26:12; 27:58, 59; *Marc.* 5:29; 14:8; 15:43; *Luc.* 11:34; 12:4, 22, 23; 17:37; 23:52, 55; 24:3, 23; *João*, 2:21; 19:31, 38, 40; 20:12; *Aros.* 9:40; *Rom.* 1:24; 4:19; 6:6, 12; 7:4, 24; 8:10, 11, 13, 23; 12:1, 4; 1.º *Cor.* 5:13; 6:13(2x), 20; 7:4(2x), 34; 9:27; 12:12(3x), 14,

15(2x), 16 (2x), 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25; 13:3; 15:37, 38(2x) 40).2.0 Cor. 4:40; 5:610; 10:10; 12:2(2x); Gól. 6:17; Ef. 2:16; 5:23, 28; Ft. 3:21; Col. 2:11, 23; 1.º Tess. 5:23; Heb. 10:5, 10, 22; 13:3, 11; Tiago 2:11, 26; 3:2, 3, 6; 1.º Pe. 2:24; Jud. 9; Apoc. 18:13.

Três vezes como "corpo astral" (*Mat. 27:42; 1.ª Cor. 15:14*, duas vezes); duas vezes como "corpo espiritual" (1.º Cor. 15:41); e onze vezes com sentido simbólico, referindo-se ao pão, tomado como símbolo do corpo de Cristo (*Mat. 26:26; Marc. 14:22; Luc. 22:19; Rom. 12:5; 1.ª Cor. 6:15; 10:16, 17; 11:24; 12:13, 27; Ef. 1:23; 4:4,12, 16; Filp. 1:20; Col. 1:18, 22; 2:17; 3:15*).

HAIMA

Haima, o sangue, exprime, como vimos, o corpo vital, isto é, a parte que dá vitalização à carne (**sárx**), a qual, sem o sangue, é simples cadáver.

O sangue era considerado uma entidade a parte, representando o que hoje chamamos "duplo etérico" ou "corpo vital". Baste-nos, como confirmação, recordar que o Antigo Testamento define o sangue como "a alma de toda carne" (*Lev. 17:11-14*). Suma importância, por isso, é atribuída ao derramamento de sangue, que exprime privação da "vida", e representa quer o sacrifício em resgate de erros e crimes, quer o testemunho de uma verdade.

A palavra é assim usada no N.T.:

- sangue de vítimas (*Heb. 9:7, 12, 13, 18, 19, 20, 21, 22, 25; 10:4; 11:28; 13:11*). Observe-se que só nessa carta há preocupação com esse aspecto;
- sangue de Jesus, quer literalmente (*Mat. 27:4, 6, 24, 25; Luc. 22:20; João 19:34; At. 5:28; 20:28; Rom. 5:25; 5:9; Ef. 1:7; 2:13; Col. 1:20; Heb. 9:14; 10:19, 29; 12:24; 13:12, 20; 1.ª Pe. 1:2,19; 1.ª Jo. 1:7; 5:6, 8; Apoc. 1:5; 5:9; 7:14; 12:11*); quer simbolicamente, quando se refere ao vinho, como símbolo do sangue de Cristo (*Mat. 26:28; Marc. 14:24; João, 6:53, 54,55,56; 1.ª Cor. 10:16; 11:25, 27*).
- o sangue derramado como testemunho de uma verdade (*Mat. 23:30,35; 27:4; Luc. 13:1; At. 1:9; 18:6; 20:26; 22:20; Rom. 3:15; Heb. 12:4; Apoc. 6:10; 14:20; 16:6; 17:6; 19:2, 13*).
- ou em circunstâncias várias (*Marc. 5:25, 29; 16:7; Luc. 22:44; João, 1:13; At. 2:19,20; 15:20, 29; 17:26; 21:25; 1.ª Cor. 15:50; Gál. 1:16; Ef. 6:12; Heb. 2:14; Apoc. 6:12; 8:7; 15:3, 4; 11:6*).

SÁRX

Sárx é a carne, expressão do elemento mais grosseiro do homem, embora essa palavra substitua, muitas vezes, o complexo soma, ou seja, se entenda, com esse termo, ao mesmo tempo "carne" e "sangue".

Apesar de ter sido empregada simbolicamente por Jesus (João, 6:51, 52, 53, 54, 55 e 56), seu uso é mais literal em todo o resto do N.T., em 120 outros locais:

Mat. 19:56; 24:22; 26:41; Marc. 10:8; 13:20; 14:38; Luc. 3:6; 24:39; João, 1:14; 3:6(2x); 6:63; 8:15; 17:2; At. 2:7, 26, 31; Rom. 1:3; 2:28; 3:20; 4:1; 6:19; 7:5, 18, 25; 8:3, 4(2x), 5(2x), 6, 7, 8, 9, 13(2x); 9:358; 11:14; 13:14; 1.ª Cor. 1:2629; 5:5; 6:16; 7:28;10:18; 15:39(2x),50; 2.ª Cor. 1:17; 4:11; 5:16; 7:1,5; 10:2,3(2x); 1:18; 12:7; Gál. 2:16, 20; 3:3; 4:13, 14, 23; 5:13, 16, 17, 19, 24; 6:8(2x), 12, 13; Ef. 2:3, 11, 14; 5:29, 30, 31; 6:5; Col. 1:22, 24; 2:1, 5, 11, 13, 18, 23; 3:22, 24; 3:34; 1.ª Tim. 3:6; Flm. 16; Heb. 5:7; 9:10, 13; 10:20; 12:9; Tiago 5:3; 1.º Pe. 1:24; 3:18, 21; 4:1, 2, 6; 2.º Pe. 2:10, 18; 1.º Jo. 2:16; 4:2; 2.º Jo. 7; Jud. 7, 8, 23; Apoc. 17:16; 19:21.

B - TEXTOS COMPROBATÓRIOS

Respiquemos, agora, alguns trechos do N.T., a fim de comprovar nossas conclusões a respeito desta nova teoria.

Comecemos pela distinção que fazemos entre individualidade (ou Espírito) e a personagem transitória humana.

INDIVIDUALIDADE- PERSONAGEM

Encontramos essa distinção explicitamente ensinada por Paulo (1.^a Cor. 15:35-50) que classifica a individualidade entre os "corpos celestiais" (**sómata epouránia**), isto é, de origem espiritual; e a personagem terrena entre os "corpos terrenos" (**sómata epígeia**), ou seja, que têm sua origem no próprio planeta Terra, de onde tiram seus elementos constitutivos (físicos e químicos). Logo a seguir, Paulo torna mais claro seu pensamento, denominando a individualidade de "corpo espiritual" (**sôma pneumatikón**) e a personagem humana de "corpo psíquico" (**sôma psychikón**). Com absoluta nitidez, afirma que a individualidade é o "Espírito vivificante" (**pneuma zôopioun**), porque dá vida; e que a personagem, no plano já da energia, é a "alma que vive" (**psychê zôsan**), pois recebe vida do Espírito que lhe constitui a essência profunda.

Entretanto, para evitar dúvidas ou más interpretações quanto ao sentido ascensional da evolução, assevera taxativamente que o desenvolvimento começa com a personalidade (alma vivente) e só depois que esta se desenvolve, é que pode atingir-se o desabrochar da individualidade (Espírito vivificante).

Temos, pois, bem estabelecida a diferença fundamental, ensinada no N.T., entre **psychê** (alma) e **pneuma** (Espírito).

Mas há outros passos em que esses dois elementos são claramente distinguidos:

- 1) No Cântico de Maria (Luc. 1:46) sentimos a diferença nas palavras "Minha alma (**psychê**) engrandece o Senhor e meu Espírito (**pneuma**) se alegra em Deus meu Salvador".
- 2) Paulo (Filp. 1:27) recomenda que os cristãos tenham "um só Espírito (**pneuma**) e uma só alma (**psychê**), distinção desnecessária, se não expressassem essas palavras coisas diferentes.
- 3) Ainda Paulo (1.^a Tess. 5:23) faz votos que os fiéis "sejam santificados e guardados no Espírito (**pneuma**) na alma (**psychê**) e no corpo (**sôma**)", deixando bem estabelecida a tríade que assinalamos desde o início.
- 4) Mais claro ainda é o autor da Carta dos Hebreus (quer seja Paulo Apolo ou Clemente Romano), ao utilizar-se de uma expressão sintomática, que diz: "o Logos Divino é Vivo, Eficaz; e mais penetrante que qualquer espada, atingindo até a divisão entre o Espírito (**pneuma**) e a alma (**psychê**)" (Heb. 4:12); aí não há discussão: existe realmente uma divisão entre espírito e alma.
- 5) Comparando, ainda, a personagem (psiquismo) com a individualidade Paulo afirma que "fala não palavras aprendidas pela sabedoria humana, mas aprendidas do Espírito (divino), comparando as coisas espirituais com as espirituais"; e acrescenta, como esclarecimento e razão: "o homem psíquico (**ho ánthrôpos psychikós**, isto é, a personagem intelectualizada) não percebe as coisas do Espírito Divino: são tolices para ele, e não pode compreender o que é discernido espiritualmente; mas o homem espiritual (**ho ánthrôpos pneumatikós**, ou seja, a individualidade) discerne tudo, embora não seja discernido por ninguém" (1.^a Cor. 2:13-15).

Portanto, não há dúvida de que o N.T. aceita os dois aspectos do "homem": a parte espiritual, a tríade superior ou individualidade (**ánthrôpos pneumatikós**) e a parte psíquica, o quaternário inferior ou personalidade ou personagem (**ánthrôpos psychikós**).

O CORPO

Penetremos, agora, numa especificação maior, observando o emprego da palavra **soma** (corpo), em seu complexo carne-sangue, já que, em vários passos, não só o termo **sárx** é usado em lugar de soma, como também o adjetivo **sarkikós** (ou **sarkínos**) se refere, como parte externa visível, a toda a personagem, ou seja, ao espírito encarnado e preso à matéria; e isto sobretudo naqueles que, por seu atraso, ainda acreditam que seu verdadeiro eu é o complexo físico, já que nem percebem sua essência espiritual.

Paulo, por exemplo, justifica-se de não escrever aos coríntios lições mais sublimes, porque não pode falar-lhes como a "espirituais" (**pnenmatikoí**, criaturas que, mesmo encarnadas, já vivem na individualidade), mas só como a "carnais" (**sarkínoi**, que vivem só na personagem). Como a crianças em Cristo (isto é, como a principiantes no processo do conhecimento crístico), dando-lhes leite a beber, não comida, pois ainda não na podem suportar; "e nem agora o posso, acrescenta ele, pois ainda sois carnis" (1.^a Cor. 3:1-2).

Dessa forma, todos os que se encontram na fase em que domina a personagem terrena são descritos por Paulo como **não percebendo** o Espírito: "os que são segundo a carne, pensam segundo a carne", em oposição aos "que são segundo o espírito, que pensam segundo o espírito". Logo a seguir define a "sabedoria da carne como morte, enquanto a sabedoria do Espírito é Vida e Paz" (Rom, 8:5-6).

Essa distinção também foi afirmada por Jesus, quando disse que "o espírito está pronto (no sentido de "disposto"), mas a carne é fraca" (Mat. 26:41; Marc. 14:38). Talvez por isso o autor da Carta aos Hebreus escreveu, ao lembrar-se quicá desse episódio, que Jesus "nos dias de sua carne (quando encarnado), oferecendo preces e súplicas com grande clamor e lágrimas Àquele que podia livrá-lo da morte, foi ouvido por causa de sua devoção e, não obstante ser Filho de Deus (o mais elevado grau do adepto, cfr. vol. 1), aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu" (Heb, 5:7-8).

Ora, sendo assim fraca e medrosa a personagem humana, sempre tendente para o mal como expoente típico do Anti-Sistema, Paulo tem o cuidado de avisar que "não devemos submeter-nos aos desejos da carne", pois esta antagoniza o Espírito (isto é constitui seu adversário ou **diábolos**). Aconselha, então que não se faça o que ela deseja, e conforta os "que são do Espírito", assegurando-lhes que, embora vivam na personalidade, "não estão sob a lei" (Gál. 5:16-18). A razão é dada em outro passo: "O Senhor é Espírito: onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2.^a Cor. 3:17).

Segundo o autor da Carta aos Hebreus, esta foi uma das finalidades da encarnação de Jesus: livrar a personagem humana do medo da morte. E neste trecho confirma as palavras do Mestre a Nicodemos: "o que nasce de carne é carne" (João, 3:6), esclarecendo, ao mesmo tempo, no campo da psicobiologia, (o problema da hereditariedade: dos pais, os filhos só herdaram a carne e o sangue (corpo físico e duplo etérico), já que a **psychê** é herdeira do **pneuma** ("o que nasce de espírito, é espírito", João, ibidem). Escreve, então: "como os filhos têm a mesma natureza (**kekoinônêken**) na carne e no sangue, assim ele (Jesus) participou da carne e do sangue para que, por sua morte, destruísse o adversário (**diábolos**, a matéria), o qual possui o império da morte, a fim de libertá-las (as criaturas), já que durante toda a vida elas estavam sujeitas ao medo da morte" (Heb. 2:14).

Ainda no setor da morte, Jesus confirma, mais uma vez, a oposição corpo-alma: "não temais os que matam o corpo: temeí o que pode matar a alma (**psychê**) e o corpo (**sôma**)" (Mat. 10:28). Note-se, mais uma vez, a precisão (**elegantia**) vocabular de Jesus, que não fala em **pneuma**, que é indestrutível, mas em **psychê**, ou seja, o corpo astral sujeito a estragos e até morte.

Interessante observar que alguns capítulos adiante, o mesmo evangelista (Mat. 27:52) usa o termo **soma** para designar o corpo astral ou perispírito: "e muitos corpos dos santos que dormiam, despertaram". Refere-se ao choque terrível da desencarnação de Jesus, que foi tão violento no plano astral, que despertou os desencarnados que se encontravam adormecidos e talvez ainda presos aos seus cadáveres, na hibernação dos que desencarnam despreparados. E como era natural, ao despertarem, dirigiram-se para suas casas, tendo sido percebidos pelos videntes.

Há um texto de Paulo que nos deixa em suspenso, sem distinguirmos se ele se refere ao corpo físico (**carne**) ou ao psíquico (**astral**): "conheço um **homem em Cristo** (uma individualidade já cristificada) que há catorze anos - se no corpo (**en sômai**) não sei, se fora do corpo (**ektòs sômatos**) não sei: Deus

sabe foi raptado ao terceiro céu" (1.^a Cor. 12:2). É uma confissão de êxtase (ou talvez de "encontro?"), em que o próprio experimentador se declara inapto a distinguir se se tratava de um movimento puramente espiritual (fora do corpo), ou se tivera a participação do corpo psíquico (astral); nem pode verificar se todo o processo se realizou com **pneuma** e **psychê** dentro ou fora do corpo.

Entretanto, de uma coisa ele tem certeza absoluta: a parte inferior do homem, a carne e o sangue, esses não participaram do processo. Essa certeza é tão forte, que ele pode ensinar taxativamente e sem titubeios, que o físico denso e o duplo etérico **não se unificam** com a Centelha Divina, não "entram no reino dos céus", sendo esta uma faculdade apenas de **pneuma**, e, no máximo, de **psychê**. E ele o diz com ênfase: "isto eu vos digo, irmãos, que a carne (**sárx**) e o sangue (**haima**) NÃO PODEM possuir o reino de Deus" (1.^a Cor. 15:50). Note-se que essa afirmativa é uma negação violenta do "dogma" da **ressurreição da carne**.

ALMA

Num plano mais elevado, vejamos o que nos diz o N.T. a respeito da **psychê** e da **diánoia**, isto é, da alma e do intelecto a esta inerente como um de seus aspectos.

Como a carne é, na realidade dos fatos, incapaz de vontades e desejos, que provêm do intelecto, Paulo afirma que "outrora andávamos nos desejos de nossa **carne**", esclarecendo, porém, que fazíamos "a vontade da carne (**sárx**) e do intelecto (**diánoia**)" (Ef. 2:3). De fato "o afastamento e a inimizade entre Espírito e corpo surgem por meio do intelecto" (Col. 1.21).

A distinção entre **intelecto** (faculdade de refletir, existente na personagem) e **mente** (faculdade inerente ao coração, que cria os pensamentos) pode parecer sutil, mas já era feita na antiguidade, e Jeremias escreveu que YHWH "dá suas leis ao intelecto (**diánoia**), mas as escreve no coração" (Jer. 31:33, citado certo em Heb. 8:10, e com os termos invertidos em Heb. 10:16). Aí bem se diversificam as funções: o intelecto recebe a dádiva, refletindo-a do coração, onde ela está gravada.

Realmente a **psychê** corresponde ao corpo astral, sede das emoções. Embora alguns textos no N.T. atribuam emoções a **kardía**, Jesus deixou claro que só a **psychê** é atingível pelas angústias e aflições, asseverando: "minha alma (**psychê**) está perturbada" (Mat. 26:38; Marc. 14:34; João, 12:27). Jesus não fala em **kardía** nem em **pneuma**.

A MENTE

Noús é a MENTE ESPIRITUAL, a individualizadora de **pneuma**, e parte integrante ou aspecto de **kardía**. E Paulo, ao salientar a necessidade de revestir-nos do Homem Novo (de passar a viver na individualidade) ordena que "nos renovemos no Espírito de nossa Mente" (Ef. 4:23-24), e não do intelecto, que é personalista e divisionário.

E ao destacar a luta entre a individualidade e a personagem encarnada, sublinha que "vê outra lei em seus membros (corpo) que se opõem à lei de sua mente (**noús**), e o aprisiona na lei do erro que existe em seus membros" (Rom. 7:23).

A mente espiritual, e só ela, pode entender a sabedoria do Cristo; e este não se dirige ao intelecto para obter a compreensão dos discípulos: "e então abriu-lhes a mente (**noún**) para que compreendessem as Escrituras" (Luc.24:45). Até então, durante a viagem (bastante longa) ia conversando com os "discípulos de Emaús". falando-lhes ao intelecto e provando-lhes que o Filho do Homem tinha que sofrer; mas eles não O reconheceram. Mas quando lhes abriu a MENTE, imediatamente eles perceberam o Cristo.

Essa mente é, sem dúvida, um aspecto de **kardía**. Isaías escreveu: "então (YHWH) cegou-lhes os olhos (intelecto) e endureceu-lhes o coração, para que não vissem (intelectualmente) nem compreendessem com o coração" (Is. 6:9; citado por João 12:40).

O CORAÇÃO

Que o coração é a fonte dos pensamentos, nós o encontramos repetido à exaustão; por exemplo: Mat. 12:34; 15:18, 19; Marc 7:18; 18:23; Luc. 6:45; 9:47; etc.

Ora, se o termo CORAÇÃO exprime, límpida e indiscutivelmente, a fonte primeira do SER, o "quarto fechado" onde o "Pai vê no secreto" Mat. 6:6), logicamente se deduz que aí reside a Centelha Divina, a Partícula de **pneuma**, o CRISTO (Filho Unigênito), que é UNO com o Pai, que também, consequentemente, aí reside. E portanto, aí também está o Espírito-Santo, o Espírito-Amor, DEUS, de que nosso Eu é uma partícula não desprendida.

Razão nos assiste, então, quando escrevemos (vol. 1 e vol. 3) que o "reino de Deus" ou "reino dos céus" ou "o céu", exprime exatamente o CORAÇÃO; e **entrar** no reino dos céus é penetrar, é MERGULHAR (batismo) no âmago de nosso próprio EU. É ser UM com o CRISTO, tal como o CRISTO é UM com o PAI (cfr. João, 10.30; 17:21,22, 23).

Sendo esta parte a mais importante para a nossa tese, dividamo-la em três seções:

- a) Deus ou o Espírito Santo habitam DENTRO DE nós;
- b) CRISTO, o Filho (UNO com o Pai) também está DENTRO de nós, constituindo NOSSA ESSÊNCIA PROFUNDA;
- c) o local exato em que se encontra o Cristo é o CORAÇÃO, e nossa meta, durante a encarnação, é CRISTIFICAR-NOS, alcançando a evolução crística e unificando-nos com Ele.

a)

A expressão "dentro de" pode ser dada em grego pela preposição ENTOS que encontramos clara em Luc. (17:21), quando afirma que "o reino de Deus está DENTRO DE VÓS" (**entòs humin**); mas também a mesma idéia é expressa pela preposição EN (latim **in**, português **em**): se a água está **na** (EM A) garrafa ou **no** (EM O) copo, é porque está DENTRO desses recipientes. Não pode haver dúvida. Recorde-se o que escrevemos (vol. 1): "o Logos se fez carne e fez sua residência DENTRO DE NÓS" (João, 1:14).

Paulo é categórico em suas afirmativas: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita dentro de vós" (1.^a Cor. 3:16).

Οὐκ οἴδατε ὅτι ναὸς θεοῦ ἐστε καὶ τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ ἐν ὑμῖν οἰεῖ;

E mais: "E não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está dentro de vós, o qual recebestes de Deus, e não pertenceis a vós mesmos? Na verdade, fostes comprados por alto preço. Glorificai e TRAZEI DEUS EM VOSSO CORPO" (1.^a Cor. 6:19-20).

Esse Espírito Santo, que é a Centelha do Espírito Universal, é, por isso mesmo, idêntico em todos: "há muitas operações, mas UM só Deus, que OPERA TUDO DENTRO DE TODAS AS COISAS; ... Todas essas coisas opera o único e mesmo Espírito; ... Então, em UM Espírito todos nós fomos MERGULHADOS em: UMA carne, judeus e gentios, livres ou escravos" (1.^a Cor. 12:6, 11, 13).

Καὶ διαιρέσεις ἐνεργημάτων εἰσιν, ὁ δὲ αὐτός θεός ὁ ἐνεργῶν τα πάντα ἐν πάσιν. ... Δάντα δὲ ταῦτα ἐνεργεῖ τὸ ἐν καὶ τὸ αὐτὸ πνεῦμα. ... Καὶ γὰρ ἐν ἐνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἐν σῶμα ἐβαπτίσθημεν, εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες, εἴτε δούλοι, εἴτε ἐλεύθεροι.

Mais ainda: "Então já não sois hóspedes e estrangeiros, mas sois concidadãos dos santos e familiares de Deus, superedificados sobre o fundamento dos Enviados e dos Profetas, sendo a própria pedra angular máxima Cristo Jesus: em Quem toda edificação cresce no templo santo no Senhor, no Qual também vós estais edificados como HABITAÇÃO DE DEUS NO ESPÍRITO" (Ef. 2:19-22).

“Ἄρα οὖν οὐκ ἐστὶν ζῆνοι καὶ πάροικοι, ἀλλὰ ἐστὶν συμπολίται τῶν ἁγίων καὶ οἰκίῃ τοῦ θεοῦ, ἐποικοδομηθέντες ἐπὶ τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν, ὄντος ἀμφογωνιαίου αὐτοῦ Χριστοῦ

‘Ιησού, ἐν ᾧ πάσα οἰκοδομή συναρμολογουμένη αὐρίζει εἰς ναόν ἅγιον ἐν κυρίῳ, ἐν ᾧ καὶ ὑμεῖς συνοικοδομεῖσθε εἰς κατοικητήριον τοῦ θεοῦ ἐν πνεύματι.

Se Deus habita DENTRO do homem e das coisas quem os despreza, despreza a Deus: "quem despreza estas coisas, não despreza homens, mas a Deus, que também deu seu Espírito Santo em vós" (1.^a Tess. 4:8).

Τοιγαρὸν ὁ ἀθετῶν οὐκ ἄνθρωπον ἀθετεῖ, ἀλλὰ τὸν θεόν τὸν καὶ δίδόντα τὸ πνεῦμα αὐτοῦ τὸ ἅγιον εἰς ὑμᾶς.

E a consciência dessa realidade era soberana em Paulo: "Guardei o bom depósito, pelo Espírito Santo que habita DENTRO DE NÓS" (2.^a Tim. 1:14). (20)

Τὴν ἰαλὴν παραθήμην φύλαζον διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ ἐνοικοῦντος ἐν ἡμῖν.

João dá seu testemunho: "Ninguém jamais viu Deus. Se nos amarmos reciprocamente, Deus permanecerá DENTRO DE NÓS, e o Amor Dele, dentro de nós, será perfeito (ou completo). Nisto sabemos que permaneceremos Nele e Ele em nós, porque DE SEU ESPÍRITO deu a nós" (1.^a Jo. 4:12-13).

θεὸν οὐδεὶς πώποτε θεάσασθαι: ἐὰν ἀγαπῶμεν ἀλλήλους, ὁ θεὸς ἐν ἡμῖν μένει, καὶ ἡ ἀγάπη αὐτοῦ τετελειωμένη ἐν ἡμῖν ἐστίν. Ἐν τούτῳ γινώσκομεν ὅτι ἐν αὐτῷ μένομεν καὶ αὐτὸς ἐν ἡμῖν, ὅτι ἐν τοῦ πνεύματος αὐτοῦ δέδωκεν ἡμῖν.

b)

Vejamos agora os textos que especificam melhor ser o CRISTO (Filho) que, DENTRO DE NÓS. constitui a essência profunda de nosso ser. Não é mais uma indicação de que TEMOS a Divindade em nós, mas um ensino concreto de que SOMOS uma partícula da Divindade.

Escreve Paulo: "Não sabeis que CRISTO (Jesus) está DENTRO DE VÓS"? (2.^a Cor. 13:5).

E, passando àquela teoria belíssima de que formamos todos um corpo só, cuja cabeça é Cristo, ensina Paulo: "Vós sois o CORPO de Cristo, e membros de seus membros" (1.^a Cor. 12:27).

Esse mesmo Cristo precisa manifestar-se em nós, através de nós: "vossa vida está escondida COM CRISTO em Deus; quando Cristo se manifestar, vós também vos manifestareis em substância" (Col. 3:3-4).

E logo adiante insiste: "Despojai-vos do velho homem com seus atos (das personagens terrenas com seus divisionismos egoístas) e vesti o novo, aquele que se renova no conhecimento, segundo a imagem de Quem o criou, onde (na individualidade) não há gentio nem judeu, circuncidado ou incircunciso, bárbaro ou cita, escravo ou livre, mas TUDO e EM TODOS, CRISTO" (Col. 3:9-11).

A personagem é mortal, vivendo a alma por efeito do Espírito vivificante que nela existe: "Como em Adão (personagem) todos morrem, assim em CRISTO (individualidade, Espírito vivificante) todos são vivificados" (1.^a Cor. 15:22).

A consciência de que Cristo vive nele, faz Paulo traçar linhas imorredouras: "ou procurais uma prova do CRISTO que fala DENTRO DE MIM? o qual (Cristo) DENTRO DE VÓS não é fraco" mas é poderoso DENTRO DE VÓS" (2.^a Cor. 13:3).

E afirma com a ênfase da certeza plena: "já não sou eu (a personagem de Paulo), mas CRISTO QUE VIVE EM MIM" (Gál. 2:20). Por isso, pode garantir: "Nós temos a mente (**noús**) de Cristo" (1.^a Cor. 2:16).

Essa convicção traz consequências fortíssimas para quem já vive na individualidade: "não sabeis que vossos CORPOS são membros de Cristo? Tomando, então, os membros de Cristo eu os tornarei corpo de meretriz? Absolutamente. Ou não sabeis que quem adere à meretriz se torna UM CORPO com ela? Está dito: "e serão dois numa carne". Então - conclui Paulo com uma lógica irretorquível - quem adere a Deus é UM ESPÍRITO" com Deus (1.^a Cor. 6:15-17).

Já desde Paulo a união sexual é trazida como o melhor exemplo da unificação do Espírito com a Divindade.

Decorrencia natural de tudo isso é a instrução dada aos romanos: "vós não estais (não viveis) EM CARNE (na personagem), mas EM ESPÍRITO (na individualidade), se o Espírito de Deus habita DENTRO DE VÓS; se porém não tendes o Espírito de Cristo, não sois Dele. Se CRISTO (está) DENTRO DE VÓS, na verdade o corpo é morte por causa dos erros, mas o Espírito vive pela perfeição. Se o Espírito de Quem despertou Jesus dos mortos HABITA DENTRO DE VÓS, esse, que despertou Jesus dos mortos, vivificará também vossos corpos mortais, por causa do mesmo Espírito EM VÓS" (Rom. 9:9-11). E logo a seguir prossegue: "O próprio Espírito testifica ao nosso Espírito que somos filhos de Deus; se filhos, (somos) herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo" (Rom. 8:16). Provém daí a angústia de todos os que atingiram o Eu Interno para libertar-se: "também tendo em nós as primícias do Espírito, gememos dentro de nós, esperando a adoção de Filhos, a libertação de nosso corpo" (Rom. 8:23).

c)

Finalmente, estreitando o círculo dos esclarecimentos, verificamos que o Cristo, dentro de nós, reside NO CORAÇÃO, onde constitui nosso EU Profundo. É ensinamento escriturístico.

Ainda é Paulo que nos esclarece: "Porque sois filhos, Deus enviou o ESPÍRITO DE SEU FILHO, em vosso CORAÇÃO, clamando Abba, ó Pai" (Gál. 4:6). Compreendemos, então, que o Espírito Santo (Deus) que está em nós, refere-se exatamente ao Espírito do FILHO, ao CRISTO Cósmico, o Filho Unigênito. E ficamos sabendo que seu ponto de fixação em nós é o CORAÇÃO.

Lembrando-se, talvez, da frase de Jeremias, acima-citada, Paulo escreveu aos coríntios: "vós sois a nossa carta, escrita em vossos CORAÇÕES, conhecida e lida por todos os homens, sendo manifesto que sois CARTA DE CRISTO, preparada por nós, e escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus Vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas dos CORAÇÕES CARNAIS" (2.^a Cor.3:2-3). Bastante explícito que realmente se trata dos corações carnis, onde reside o átomo espiritual.

Todavia, ainda mais claro é outro texto, em que se fala no mergulho de nosso eu pequeno, unificando-nos ao Grande EU, o CRISTO INTERNO residente no coração: "CRISTO HABITA, pela fé, no VOS-SO CORAÇÃO". E assegura com firmeza: "enraizados e fundamentados no AMOR, com todos os santos (os encarnados já espiritualizados na vivência da individualidade) se compreenderá a latitude, a longitude a sublimidade e a profundidade, conhecendo o que está acima do conhecimento, o AMOR DE CRISTO, para que se encham de toda a plenitude de Deus" (Ef. 3:17).

Κατοικήσαι τόν Χριστόν διά τῆς πίστεως ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν, ἐν ἀγάπῃ ἐρριζωμένοι καί τεθεμελιωμένοι, ἵνα ἐξισχύσητε παταλαβέσθαι σὺν πάσιν τοῖς ἀγίοις τό πλάτος καί μήκος καί ὕψος καί βάθος, γνῶσαι τε τήν ὑπερβάλλουσαν τῆς γνώσεως ἀγάπην τοῦ Χριστοῦ, ἵνα πληρωθῆτε εἰς πάν τό πλήρωμα τοῦ θεοῦ.

Quando se dá a unificação, o Espírito se infinitiza e penetra a Sabedoria Cósmica, compreendendo então a amplitude da localização universal do Cristo.

Mas encontramos outro ensino de suma profundidade, quando Paulo nos adverte que temos que CRISTIFICAR-NOS, temos que tornar-nos Cristos, na unificação com Cristo. Para isso, teremos que fazer uma tradução lógica e sensata da frase, em que aparece o verbo CHRIO duas vezes: a primeira, no particípio passado, **Christós**, o "Ungido", o "**permeado da Divindade**", particípio que foi transliterado em todas as línguas, com o sentido filosófico e místico de O CRISTO; e a segunda, logo a seguir, no presente do indicativo. Ora, parece de toda evidência que o sentido do verbo tem que ser O MESMO em ambos os empregos. Diz o texto original: **ho dè bebaiôn hemãs syn humin eis Christon kaí chrísas hemãs theós** (2.^a Cor. 1:21).

‘Ο δέ βεβαιών ἡμᾶς σὺν ὑμῖν εἰς Χριστόν καί χρίσας ἡμᾶς θεός.

Eis a tradução literal: "Deus, fortifica dor nosso e vosso, no Ungido, unge-nos".

E agora a tradução real: "**Deus, fortificador nosso e vosso, em CRISTO, CRISTIFICA-NOS**".

Essa a chave para compreendermos nossa meta: a cristificação total e absoluta.

Logo após escreve Paulo: "Ele também nos MARCA e nos dá, como penhor, o Espírito em NOSSOS CORAÇÕES" (2.^a Cor. 1:22).

Ἐο καὶ σφραγισάμενος ἡμᾶς καὶ δούς τόν ἀρραβώνα τόν πνεύματος ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν.

Completando, enfim, o ensino - embora ministrado esparsamente - vem o texto mais forte e explícito, informando a finalidade da encarnação, para TÔDAS AS CRIATURAS: "até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus, ao Homem Perfeito, à medida da evolução plena de Cristo" (Ef. 4:13).

Μέχρι καταστήσωμεν οἱ πάντες εἰς τὴν ἐνότητα τῆς πίστεως. καὶ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ, εἰς ἄνδρα τελειον, εἰς μέτρον ἡλικίας τοῦ πληρώματος τοῦ Χριστοῦ.

Por isso Paulo escreveu aos Gálatas: "ó filhinhos, por quem outra vez sofro as dores de parto, até que Cristo SE FORME dentro de vós" (Gál. 4:19) (Τεινία μου, οὐς πάλιν ὠδίνω, μέχρις οὐ μορφωθῆ Χριστός ἐν ὑμῖν).

Agostinho (**Tract. in Joanne**, 21, 8) compreendeu bem isto ao escrever: "agradeçamos e alegrem-nos, porque nos tornamos não apenas cristãos, mas cristos", (**Christus facti sumus**); e Metódio de Olimpo ("Banquete das dez virgens", **Patrol. Graeca**, vol. 18, col. 150) escreveu: "a **ekklêsia** está grávida e em trabalho de parto até que o Cristo tome forma em nós, até que Cristo nasça em nós, a fim de que cada um dos santos (encarnados) por sua participação com o Cristo, se torne Cristo". Também Cirilo de Jerusalém ("**Catechesis mystagogicae**" 1.3.1 in **Patr. Graeca** vol. 33, col. 1.087) asseverou: "Após terdes mergulhado no Cristo e vos terdes revestido do Cristo, fostes colocados em pé de igualdade com o Filho de Deus ... pois que entrastes em comunhão com o Cristo, com razão tendes o nome de cristos, isto é, de ungidos".

Todo o que se une ao Cristo, se torna um cristo, participando do **Pneuma** e da natureza divina (**theías koinônoí physeôs**) (2.^a Pe. 1:3), pois "Cristo é o Espírito" (2.^a Cor. 3:17) e quem Lhe está unido, tem em si o selo (**sphrágis**) de Cristo. Na homilia 24,2, sobre 1.^a Cor. 10:16, João Crisóstomo (**Patrol. Graeca** vol. 61, col. 200) escreveu: "O pão que partimos não é uma comunhão (com+união, **koinônia**) ao corpo de Cristo? Porque não disse "participação" (**metoché**)? Porque quis revelar algo mais, e mostrar uma associação (**synápheia**) mais íntima. Realmente, estamos unidos (**koinônoumen**) não só pela participação (**metéchein**) e pela recepção (**metalambánein**), mas também pela UNIFICAÇÃO (**enousthai**)".

Por isso justifica-se o fragmento de Aristóteles, supra citado, em Sinésio: "os místicos devem não apenas aprender (**mathein**) mas experimentar" (**pathein**).

Essa é a razão por que, desde os primeiros séculos do estabelecimento do povo israelita, YHWH, em sua sabedoria, fazia a distinção dos diversos "corpos" da criatura; e no primeiro mandamento revelado a Moisés dizia: "Amarás a Deus de todo o teu coração (**kardía**), de toda tua alma (**psychê**), de todo teu intelecto (**diánoia**), de todas as tuas forças (**dynameis**)"; **kardía** é a individualidade, **psychê** a personagem, dividida em diánoia (intelecto) e **dynameis** (veículos físicos). (Cfr. Lev. 19:18; Deut. 6:5; Mat. 22:37; Marc. 12:13; Luc. 10:27).

A doutrina é uma só em todos os sistemas religiosos pregados pelos Mestres (Enviados e Profetas), embora com o tempo a imperfeição humana os deturpe, pois a personagem é fundamentalmente divisionista e egoísta. Mas sempre chega a ocasião em que a Verdade se restabelece, e então verificamos que todas as revelações são idênticas entre si, em seu conteúdo básico.

ESCOLA INICIÁTICA

Após essa longa digressão a respeito do estudo do "homem" no Novo Testamento, somos ainda obrigados a aprofundar mais o sentido do trecho em que são estipuladas as condições do *discipulato*.

Há muito desejaríamos ter penetrado neste setor, a fim de poder dar explicação cabal de certas frases e passagens; mas evitamo-lo ao máximo, para não ferir convicções de leitores desacostumados ao assunto. Diante desse trecho, porém, somos forçados a romper os tabus e a falar abertamente.

Deve ter chamado a atenção de todos os estudiosos perspicazes dos Evangelhos, que Jesus jamais recebeu, dos evangelistas, qualquer título que normalmente seria atribuído a um fundador de religião: Chefe Espiritual, Sacerdote, Guia Espiritual, Pontífice; assim também, aqueles que O seguiam, nunca foram chamados Sequazes, Adeptos, Adoradores, Filiados, nem Fiéis (a não ser nas Epístolas, mas sempre com o sentido de adjetivo: os que mantinham *fidelidade* a Seus ensinos). Ao contrário disso, os epítetos dados a Jesus foram os de um chefe de escola: MESTRE (*Rabbi, Didáskalos, Epistátês*) ou de uma autoridade máxima *Kyrios* (SENHOR dos mistérios). Seus seguidores eram DISCÍPULOS (*mathêtês*), tudo de acordo com a terminologia típica dos mistérios iniciáticos de Elêusis, Delfos, Crotona, Tebas ou Heliópolis. Após receberem os primeiros graus, os discípulos passaram a ser denominados "emissários" (*apóstolos*), encarregados de dar a outros as primeiras iniciações.

Além disso, é evidente a preocupação de Jesus de dividir Seus ensinos em dois graus bem distintos: o que era ministrado de público ("a eles só é dado falar em parábolas") e o que era ensinado privadamente aos "escolhidos" ("mas a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus", cfr. Mat. 13:10-17; Marc. 4:11-12; Luc. 8:10).

Verificamos, portanto, que Jesus não criou uma "religião", no sentido moderno dessa palavra (conjunto de ritos, dogmas e cultos com sacerdócio hierarquicamente organizado), mas apenas fundou uma ESCOLA INICIÁTICA, na qual preparou e "iniciou" seus DISCÍPULOS, que Ele enviou ("emissários, apóstolos") com a incumbência de "iniciar" outras criaturas. Estas, por sua vez, foram continuando o processo e quando o mundo abriu os olhos e percebeu, estava em grande parte cristianizado. Quando os "homens" o perceberam e estabeleceram a hierarquia e os dogmas, começou a decadência.

A "Escola iniciática" fundada por Jesus foi modelada pela tradição helênica, que colocava como elemento primordial a transmissão viva dos *mistérios*: e "essa relação entre a *parádosis* (transmissão) e o *mystérion* é essencial ao cristianismo", escreveu o monge beneditino D. Odon Casel (cfr. "Richesse du Mystere du Christ", Les éditions du Cerf. Paris, 1964, pág. 294). Esse autor chega mesmo a afirmar: "O cristianismo não é uma religião nem uma confissão, segundo a acepção moderna dessas palavras" (cfr. "Le Mystere du Culte", ib., pág. 21).

E J. Ranft ("Der Ursprung des Kathoíischen Traditionsprinzips", 1931, citado por D. O. Casel) escreve: "esse contato íntimo (com Cristo) nasce de uma gnose profunda".

Para bem compreender tudo isso, é indispensável uma incursão pelo campo das iniciações, esclarecendo antes alguns termos especializados. Infelizmente teremos que resumir ao máximo, para não prejudicar o andamento da obra. Mas muitos compreenderão.

TERMOS ESPECIAIS

Aiôn (ou **eon**) - era, época, idade; ou melhor CICLO; cada um dos ciclos evolutivos.

Akoueíu - "ouvir"; **akoueín tòn lógon**, ouvir o ensino, isto é, receber a revelação dos segredos iniciáticos.

Gnôse - conhecimento espiritual profundo e experimental dos mistérios.

Deíknyimi - mostrar; era a explicação prática ou demonstração de objetos ou expressões, que serviam de símbolos, e revelavam significados ocultos.

Dóxa - doutrina; ou melhor, a essência do conhecimento profundo: o brilho; a luz da gnôse; donde a "substância divina", e daí a "glória".

Dynamis - força potencial, potência que capacita para o **érgon** e para a **exousía**, infundindo o impulso básico de atividade.

Ekklêsía - a comunidade dos "convocados" ou "chamados" (**ékkhlêtos**) aos mistérios, os "mystos" que tinham feito ou estavam fazendo o curso da iniciação.

Energieín - agir por dentro ou de dentro (energia), pela atuação da força (**dybamis**).

Érgon - atividade ou ação; trabalho espiritual realizado pela força (**dynamis**) da Divindade que habita dentro de cada um e de cada coisa; energia.

Exêgeísthai - narrar fatos ocultos, revelar (no sentido de "tirar o véu") (cfr. Luc. 24:35; João, 1:18; At. 10:8; 15:12, 14).

Hágios - santo, o que vive no Espírito ou Individualidade; o iniciado (cfr. teleios).

Kyrios - Senhor; o Mestre dos Mistérios; o Mistagogo (professor de mistérios); o Hierofante (o que fala, **fans**, **fantis**, coisas santas, hieros); dava-se esse título ao possuidor da **dynamis**, da **exousía** e do **érgon**, com capacidade para transmiti-los.

Exousía - poder, capacidade de realização, ou melhor, autoridade, mas a que provém de dentro, não a "dada" de fora.

Leitourgia - Liturgia, serviço do povo: o exercício do culto crístico, na transmissão dos mistérios.

Legómena - palavras reveladoras, ensino oral proferido pelo Mestre, e que se tornava "ensino ouvido" (**lógos akoês**) pelos discípulos.

Lógos - o "ensino" iniciático, a "palavra" secreta, que dava a chave da interpretação dos mistérios; a "Palavra" (Energia ou Som), segundo aspecto da Divindade.

Monymenta - "monumentos", ou seja, objetos e lembranças, para manter viva a memória.

Mystagogo - o Mestre dos Mystérios, o Hierofante.

Mystérion - a ação ou atividade divina, experimentada pelo iniciado ao receber a iniciação; donde, o ensino revelado apenas aos perfeitos (**teleios**) e santos (**hágios**), mas que devia permanecer oculto aos profanos.

Oikonomía - economia, dispensação; literalmente "lei da casa"; a vida íntima de cada iniciado e sua capacidade na transmissão iniciática a outros, (de modo geral encargo recebido do Mestre).

Orgê - a atividade ou ação sagrada; o "orgasmo" experimentado na união mística: donde "exaltação espiritual" pela manifestação da Divindade (erradamente interpretado como "ira").

Parábola - ensino profundo sob forma de narrativa popular, com o verdadeiro sentido oculto por metáforas e símbolos.

Paradídômi - o mesmo que o latim **trádere**; transmitir, "entregar", passar adiante o ensino secreto.

Parádosis - transmissão, entrega de conhecimentos e experiências dos ensinamentos ocultos (o mesmo que o latim **tradítio**).

Paralambánein - "receber" o ensino secreto, a "palavra ouvida", tornando-se conhecedor dos mistérios e das instruções.

Patheín - experimentar, "sofrer" uma experiência iniciática pessoalmente, dando o passo decisivo para receber o grau e passar adiante.

Plêrôma - plenitude da Divindade na criatura, plenitude de Vida, de conhecimento, etc.

Redenção - a libertação do ciclo de encarnações na matéria (**kyklos anánkê**) pela união total e definitiva com Deus.

Santo - o mesmo que perfeito ou "iniciado".

Sêmeíon - "sinal" físico de uma ação espiritual, demonstração de conhecimento (**gnose**), de força (**dynamis**), de poder (**exousía**) e de atividade ou ação (**érgon**); o "sinal" é sempre produzido por um iniciado, e serve de prova de seu grau.

Sophía - a sabedoria obtida pela **gnose**; o conhecimento proveniente de dentro, das experiências vividas (que não deve confundir-se com a cultura ou erudição do intelecto).

Sphrágis - selo, marca indelével espiritual, recebida pelo espírito, embora invisível na matéria, que assinala a criatura como pertencente a um Senhor ou Mestre.

Symbolos - símbolos ou expressões de coisas secretas, incompreensíveis aos profanos e só percebidas pelos iniciados (pão, vinho, etc.).

Sótería - "salvação", isto é, a unificação total e definitiva com a Divindade, que se obtém pela "redenção" plena.

Teleíós - o "finalista", o que chegou ao fim de um ciclo, iniciando outro; o iniciado nos mistérios, o perfeito ou santo.

Teleisthai - ser iniciado; palavra do mesmo radical que **teleutan**, que significa "morrer", e que exprime "finalizar" alguma coisa, terminar um ciclo evolutivo.

Tradítio - transmissão "tradição" no sentido etimológico (**trans** + **dare**, dar além passar adiante), o mesmo que o grego **parádosis**.

TRADIÇÃO

D. Odon Casel (o. c., pág. 289) escreve: "Ranft estudou de modo preciso a noção da **tradítio**, não só como era praticada entre os judeus, mas também em sua forma bem diferente entre os gregos. Especialmente entre os adeptos dos **dosis** é a transmissão secreta feita aos "mvstos" da misteriosa **sôtería**; é a inimizade, a noção de **tradítio (parádosis)** tinha grande importância. A paraciação e a incorporação no círculo dos eleitos (*eleitos ou "escolhidos"; a cada passo sentimos a confirmação de que Jesus fundou uma "Escola Iniciática", quando emprega os termos privativos das iniciações helênticas; cfr. "muitos são chamados, mas poucos são os escolhidos" - Mat. 22.14*), características das religiões greco-orientais. **Tradítio** ou **parádosis** são, pois, palavras que exprimem a iniciação aos mistérios. Trata-se, portanto, não de uma iniciação científica, mas religiosa, realizada no culto. Para o "mysto", constitui uma revelação formal, a segurança vivida das realidades sagradas e de uma santa esperança. Graças a tradição, a revelação primitiva passa às gerações ulteriores e é comunicada por ato de iniciação. **O mesmo princípio fundamental aplica-se ao cristianismo**".

Na página seguinte, o mesmo autor prossegue: "Nos mistérios, quando o Pai Mistagogo comunica ao discípulo o que é necessário ao culto, essa transmissão tem o nome de **tradítio**. E o essencial não é a instrução, mas a contemplação, tal como o conta Apuleio (**Metamorphoses**, 11, 21-23) ao narrar as experiências culturais do "mysto" **Lúcius**. Sem dúvida, no início há uma instrução, mas sempre para finalizar numa contemplação, pela qual o discípulo, o "mysto", **entra em relação direta com a Divindade. O mesmo ocorre no cristianismo** (pág.290).

Ouçamos agora as palavras de J. Ranft (o. c., pág. 275): "A **parádosis** designa a origem divina dos mistérios e a transmissão do conteúdo dos mistérios. Esta, à primeira vista, realiza-se pelo ministério dos homens, mas não é obra de homens; é Deus que ensina. O homem é apenas o intermediário, o Instrumento desse ensino divino. Além disso ... desperta o homem interior. **Logos** é realmente uma palavra intraduzível: designa o próprio conteúdo dos mistérios, a palavra, o discurso, o ENSINO. É a palavra viva, dada por Deus, que enche o âmago do homem".

No Evangelho, a **parádosis** é constituída pelas palavras ou ensinamentos (**lógoi**) de Jesus, mas também simbolicamente pelos fatos narrados, que necessitam de interpretação, que inicialmente era dada, verbalmente, pelos "emissários" e pelos inspirados que os escreveram, com um talento superior de muito ao humano, deixando todos os ensinamentos profundos "velados", para só serem perfeitamente entendidos pelos que tivessem recebido, nos séculos seguintes, a revelação do sentido oculto, transmitida quer por um iniciado encarnado, quer diretamente manifestada pelo Cristo Interno. Os escritores que conceberam a **parádosis** no sentido helênico foram, sobretudo, João e Paulo; já os sinópticos a interpretam mais no

sentido judaico, excetuando-se, por vezes, o grego Lucas, por sua convivência com Paulo, e os outros, quando reproduziam fielmente as palavras de Jesus.

Se recordarmos os mistérios de Elêusis (palavra que significa "advento, chegada", do verbo **eléusomai**, "chegar"), ou de Delfos (e até mesmo os de Tebas, Ábydos ou Heliópolis), veremos que o Novo Testamento concorda seus termos com os deles. O **logos** transmitido (**paradidômi**) por Jesus é recebida (**paralambánein**) pelos DISCÍPULOS (**mathêtês**). Só que Jesus apresentou um elemento básico a mais: CRISTO. Leia-se Paulo: "recebi (**parélabon**) do **Kyrios** o que vos transmiti (**parédote**)" (1.^a Cor. 11:23).

O mesmo Paulo, que define a **parádosis** pagã como "de homens, segundo os elementos do mundo e não segundo Cristo" (Col. 2:8), utiliza todas as palavras da iniciação pagã, aplicando-as à iniciação cristã: **parádosis, sophía, logo**", **mystérion, dynamis, érgon, gnose**, etc., termos que foram empregados também pelo próprio Jesus: "Nessa hora Jesus fremiu no santo **pneuma** e disse: abençôo-te, Pai, Senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e hábeis, e as revelaste aos pequenos, Sim, Pai, assim foi de teu agrado. Tudo me foi transmitido (**parédote**) por meu Pai. E ninguém tem a **gnose** do que é o Filho senão o Pai, e ninguém tem a **gnose** do que é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quer revelar (**apokalypsai** = tirar o véu). E voltando-se para seus discípulos, disse: felizes os olhos que vêem o que vedes. Pois digo-vos que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvis, e não ouviram" (Luc. 10:21-24). Temos a impressão perfeita que se trata de ver e ouvir os mistérios iniciáticos que Jesus transmitia a seus discípulos.

E João afirma: "ninguém jamais viu Deus. O Filho Unigênito que esta no Pai, esse o revelou (**exêgêsato**, termo específico da língua dos mistérios)" (João, 1:18).

"PALAVRA OUVIDA"

A transmissão dos conhecimentos, da **gnose**, compreendia a instrução oral e o testemunhar das revelações secretas da Divindade, fazendo que o iniciado participasse de uma vida nova, em nível superior (o "homem novo" de Paulo), conhecendo doutrinas que deveriam ser fielmente guardadas, com a rigorosa observação do silêncio em relação aos não-iniciados (cfr. "não deis as coisas santas aos cães", Mat. 7:6).

Daí ser a iniciação uma transmissão ORAL - o LOGOS AKOÊS, ou "palavra ouvida" ou "ensino ouvido" - que não podia ser escrito, a não ser sob o véu espesso de metáforas, enigmas, parábolas e símbolos. Esse **logos** não deve ser confundido com o Segundo Aspecto da Divindade (veja vol. 1 e vol. 3). Aqui **logos** é "o ensino" (vol. 2 e vol. 3).

O Novo Testamento faz-nos conhecer esse **modus operandi**: Paulo o diz, numa construção toda especial e retorcida (para não falsear a técnica): "eis por que não cessamos de agradecer (**eucharistoúmen**) a Deus, porque, recebendo (**paralabóntes**) o ENSINO OUVIDO (**lógon akoês**) por nosso intermédio, de Deus, vós o recebestes não como ensino de homens (**lógon anthrópôn**) mas como ele é verdadeiramente: o ensino de Deus (**lógon theou**), que age (**energeítai**) em vós que credes" (1.^a Tess. 2:13).

O papel do "mysto" é ouvir, receber pelo ouvido, o ensino (**lógos**) e depois **experimentar**, como o diz Aristóteles, já citado por nós: "não apenas aprender (**matheín**), mas experimentar" (**patheín**).

Esse trecho mostra como o método cristão, do verdadeiro e primitivo cristianismo de Jesus e de seus emissários, tinha profunda conexão com os mistérios gregos, de cujos termos específicos e característicos Jesus e seus discípulos se aproveitaram, elevando, porém, a técnica da iniciação à perfeição, à plenitude, à realidade máxima do Cristo Cósmico.

Mas continuemos a expor. Usando, como Jesus, a terminologia típica da **parádosis** grega, Paulo insiste em que temos que assimilá-la interiormente pela **gnose**, recebendo a **parádosis** viva, "não mais de um Jesus de Nazaré histórico, mas do **Kyrios**, do Cristo ressuscitado, o Cristo **Pneumatikós**, esse mistério que é o Cristo dentro de vós" (Col. 1:27).

Esse ensino oral (**lógos akoês**) constitui a tradição (**traditio** ou **parádosis**), que passa de um iniciado a outro ou é recebido diretamente do "Senhor" (**Kyrios**), como no caso de Paulo (cfr. Gál. 1:11): "Eu vo-lo afirmo, meus irmãos, que a Boa-Nova que preguei não foi à maneira humana. Pois não na recebi (**parélabon**) nem a aprendi de homens, mas por uma revelação (**apokálypsis**) de Jesus Cristo".

Aos coríntios (1.^a Cor. 2:1-5) escreve Paulo: "Irmãos, quando fui a vós, não fui com o prestígio do **lógos** nem da **sophía**, mas vos anunciei o mistério de Deus. Decidi, com efeito, nada saber entre vós senão Jesus Cristo, e este crucificado. Fui a vós em fraqueza, em temor, e todo trêmulo, e meu **logos** e minha pregação não consistiram nos discursos persuasivos da ciência, mas numa manifestação do Espírito (**pneuma**) e do poder (**dynamis**), para que vossa fé não repouse na sabedoria (**sophía**) dos homens, mas no poder (**dynamis**) de Deus".

A oposição entre o **logos** e a **sophia** profanos - como a entende Aristóteles - era salientada por Paulo, que se referia ao sentido dado a esses termos pelos "mistérios antigos". Salienta que à **sophia** e ao **logos** profanos, falta, no dizer dele, a verdadeira **dynamis** e o **pneuma**, que constituem o mistério cristão que ele revela: Cristo.

Em vários pontos do Novo Testamento aparece a expressão "ensino ouvido" ou "ouvir o ensino"; por exemplo: Mat. 7:24, 26; 10:14; 13:19, 20, 21, 22, 23; 15:12; 19:22; Marc. 4:14, 15, 16, 17, 18, 19, 20; Luc. 6:47; 8:11,12, 13,15; 10:39; 11:28; João, 5:24, 38; 7:40; 8:43; 14:24; At. 4:4; 10:44; 13:7; 15:7; Ef. 1:13; 1.^a Tess. 2:13; Heb. 4:2; 1.^a Jo. 2:7; Ap. 1:3.

DYNAMIS

Em Paulo, sobretudo, percebemos o sentido exato da palavra **dynamis**, tão usada nos Evangelhos.

Pneuma, o Espírito (DEUS), é a força Potencial ou Potência Infinita (**Dynamis**) que, quando age (**energeín**) se torna o PAI (**érgon**), a atividade, a ação, a "energia"; e o resultado dessa atividade é o Cristo Cósmico, o **Kosmos** universal, o Filho, que é Unigênito porque a emissão é única, já que espaço e tempo são criações intelectuais do ser finito: o Infinito é uno, inespacial, atemporal.

Então **Dynamis** é a essência de Deus o Absoluto, a Força, a Potência Infinita, que tudo permeia, cria e governa, desde os universos incomensuráveis até os sub-átomos infra-microscópicos. Numa palavra: **Dynamis** é a essência de Deus e, portanto, a essência de tudo.

Ora, o Filho é exatamente o PERMEAADO, ou o UNGIDO (Cristo), por essa **Dynamis** de Deus e pelo **Érgon** do Pai. Paulo já o dissera: "Cristo ... é a **dynamis** de Deus e a **sophía** de Deus (**Christòn theou dynamin kaí theou sophían**, 1.^a Cor. 1:24). Então, manifesta-se em toda a sua plenitude (cfr. Col.2:9) no homem Jesus, a **Dynamis do Pneuma** (embora **pneuma** e **dynamis** exprimam realmente uma só coisa: Deus): essa **dynamis** do pneuma, atuando através do Pai (**érgon**) toma o nome de CRISTO, que se manifestou na pessoa Jesus, para introduzir a humanidade deste planeta no novo **eon**, já que "ele é a imagem (**eikôn**) do Deus invisível e o primogênito de toda criação" (Col. 1:15).

EON

O novo **eon** foi inaugurado exatamente pelo Cristo, quando de Sua penetração plena em Jesus. Daí a oposição que tanto aparece no Novo Testamento Entre **este eon** e o **eon futuro** (cfr., i.a., Mat. 12:32; Marc. 10:30; Luc. 16:8; 20:34; Rom. 12:2; 1.^a Cor. 1:20; 2:6-8; 3:18; 2.^a Cor. 4:4; Ef. 2:2-7, etc.). O **eon** "atual" e a vida da matéria (personalismo); O **eon "vindouro"** é a vida do Espírito ó individualidade), mas que começa na Terra, agora (não depois de desencarnados), e que reside no âmago do ser.

Por isso, afirmou Jesus que "o reino dos céus está DENTRO DE VÓS" (Luc. 17:21), já que reside NO ESPÍRITO. E por isso, **zôê aiónios** é a VIDA IMANENTE (vol, 2 e vol. 3), porque é a vida ESPIRITUAL, a vida do **NOVO EON**, que Jesus anunciou que viria no futuro (mas, entenda-se, não no futuro depois da morte, e sim no futuro enquanto encarnados). Nesse novo eon a vida seria a da individualidade, a do Espírito: "o meu reino não é deste mundo" (o físico), lemos em João, 18:36. Mas é NESTE mundo que se manifestará, quando o Espírito superar a matéria, quando a individualidade governar a

personagem, quando a mente dirigir o intelecto, quando o DE DENTRO dominar o DE FORA, quando Cristo em nós tiver a supremacia sobre o eu transitório.

A criatura que penetra nesse novo **eon** recebe o selo (**sphragis**) do Cristo do Espírito, selo indelével que o condiciona como ingresso no reino dos céus. Quando fala em **eon**, o Evangelho quer exprimir um CICLO EVOLUTIVO; na evolução da humanidade, em linhas gerais, podemos considerar o **eon** do animalismo, o **eon** da personalidade, o **eon** da individualidade, etc. O mais elevado **eon** que conhecemos, o da **zôê aiônios** (vida imanente) é o da vida espiritual plenamente unificada com Deus (**pneuma-dynamis**), com o Pai (**lógos-érgon**), e com o Filho (**Cristo-kósmos**).

DÓXA

Assim como **dynamis** é a essência de Deus, assim **dóxa** (geralmente traduzida por "glória") pode apresentar os sentidos que vimos (vol. 1). Mas observaremos que, na linguagem iniciática dos mistérios, além do sentido de "doutrina" ou de "essência da doutrina", pode assumir o sentido específico de "substância divina". Observe-se esse trecho de Paulo (Filp. 2:11): "Jesus Cristo é o Senhor (**Kyrios**) na substância (**dóxa**) de Deus Pai"; e mais (Rom. 6:4): "o Cristo foi despertado dentre os mortos pela substância (**dóxa**) do Pai" (isto é, pelo **érgon**, a energia do Som, a vibração sonora da Palavra).

Nesses passos, traduzir **dóxa** por glória é ilógico, não faz sentido; também "doutrina" aí não cabe. O sentido é mesmo o de "substância".

Vejam mais este passo (1.ª Cor. 2:6-16): "Falamos, sim da sabedoria (**sophia**) entre os perfeitos (**teleiois**, isto é, iniciados), mas de uma sabedoria que não é **deste eon**, nem dos príncipes deste eon, que são reduzidos a nada: mas da sabedoria dos mistérios de Deus, que estava oculta, e que antes dos **eons** Deus destinara como nossa doutrina (**dóxa**), e que os príncipes deste mundo não reconheceram. De fato, se o tivessem reconhecido, não teriam crucificado o Senhor da Doutrina (**Kyrios** da **dóxa**, isto é, o Hierofante ou Mistagogo). Mas como está escrito, (anunciamos) o que o olho não viu e o ouvido não ouviu e o que não subiu sobre o coração do homem, mas o que Deus preparou para os que O amam. Pois foi a nós que Deus revelou (**apekalypsen** = tirou o véu) pelo **pneuma**" (ou seja, pelo Espírito, pelo Cristo Interno).

MISTÉRIO

Mistério é uma palavra que modificou totalmente seu sentido através dos séculos, mesmo dentro de seu próprio campo, o religioso. Chamam hoje "mistério" aquilo que é impossível de compreender, ou o que se ignora irremissivelmente, por ser inacessível à inteligência humana.

Mas originariamente, o mistério apresentava dois sentidos básicos:

1.º - um ensinamento só revelado aos iniciados, e que permanecia secreto para os profanos que não **podiam** sabê-lo (daí proveio o sentido atual: o que **não se pode saber**; na antiguidade, não se podia por **proibição moral**, ao passo que hoje é por incapacidade intelectual);

2.º - a própria ação ou atividade divina, **experimentada** pelo iniciado ao receber a iniciação completa.

Quando falamos em "mistério", transliterando a palavra usada no Novo Testamento, arriscamo-nos a interpretar mal. Aí, mistério não tem o sentido atual, de "coisa ignorada por incapacidade intelectual", mas é sempre a "ação divina revelada experimentalmente ao homem" (embora continue inacessível ao não-iniciado ou profano).

O mistério não é uma doutrina: exprime o caráter de revelação direta de Deus a seus buscadores; é uma **gnose** dos mistérios, que se comunica ao "mysto" (aprendiz de mística). O Hierofante conduz o homem à Divindade (mas apenas o conduz, nada podendo fazer em seu lugar). E se o aprendiz corresponde plenamente e atende a todas as exigências, a Divindade "age" (**energeín**) internamente, no "Espírito" (**pneuma**) do homem. que então desperta (**egereín**), isto é, "ressurge" para a nova vida (cfr. "eu sou a ressurreição da vida", João, 11:25; e "os que produzirem coisas boas (sairão) para a restauração

de vida", isto é, os que conseguirem atingir o ponto desejado serão despertados para a vida do espírito, João 5-29).

O caminho que leva a esses passos, é o sofrimento, que prepara o homem para uma **gnose** superior: e "por isso - conclui O. Casel - a cruz é para o cristão o caminho que conduz à gnose da glória" (o.c., pág. 300).

Paulo diz francamente que o mistério se resume numa palavra: CRISTO "esse mistério, **que é o Cristo**", (Col. 1:27): e "a fim de que conheçam o mistério de Deus, o Cristo" (Col. 2:2).

O mistério opera uma união **íntima e física** com Deus, a qual realiza uma páscoa (passagem) do atual **eon**, para o **eon** espiritual (reino dos céus).

O PROCESSO

O postulante (o que pedia para ser iniciado) devia passar por diversos graus, antes de ser admitido ao pórtico, à "porta" por onde só passavam as ovelhas (símbolo das criaturas mansas; cfr.: "eu sou a porta das ovelhas", João, 10:7). Verificada a aptidão do candidato profano, era ele submetido a um período de "provações", em que se exercitava na ORAÇÃO (ou petição) que dirigia à Divindade, apresentando os desejos ardentes ao coração, "mendigando o Espírito" (cfr. "felizes os mendigos de Espírito" Mat. 5:3) para a ele unir-se; além disso se preparava com jejuns e alimentação vegetariana para o SACRIFÍCIO, que consistia em fazer a consagração de si mesmo à Divindade (era a DE + VOTIO, voto a Deus), dispondo-se a desprender-se ao mundo profano.

Chegado a esse ponto, eram iniciados os SETE passos da iniciação. Os três primeiros eram chamados "Mistérios menores"; os quatro últimos, "mistérios maiores". Eram eles:

1 - o MERGULHO e as ABLUÇÕES (em Elêusis havia dois lagos salgados artificiais), que mostravam ao postulante a necessidade primordial e essencial da "catarse" da "psiquê". Os candidatos, desnudos, entravam num desses lagos e mergulhavam, a fim de compreender que era necessário "morrer" às coisas materiais para conseguir a "vida" (cfr.: "se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só; mas se morrer dá muito fruto", João, 12:24). Exprimia a importância do mergulho dentro de si mesmo, superando as dificuldades e vencendo o medo. Ao sair do lago, vestia uma túnica branca e aguardava o segundo passo.

2 - a ACEITAÇÃO de quem havia mergulhado, por parte do Mistagogo, que o confirmava no caminho novo, entre os "capazes". Daí por diante, teria que correr por conta própria todos os riscos inerentes ao curso: só pessoalmente poderia caminhar. Essa confirmação do Mestre simbolizava a "epiphania" da Divindade, a "descida da graça", e o recém-aceito iniciava nova fase.

3 - a METÂNIOIA ou **mudança da mente**, que vinha após assistir a várias tragédias e dramas de fundo iniciático. Todas ensinavam ao "mysto" novato, que era indispensável, através da dor, modificar seu "modo de pensar" em relação à vida, afastar-se de todos os vícios e fraquezas do passado, renunciar a prazeres perniciosos e defeitos, tornando-se o mais perfeito (**téleios**) possível. Era buscada a renovação interna, pelo modo de pensar e de encarar a vida. Grande número dos que começavam a carreira, paravam aí, porque não possuíam a força capaz de operar a transmutação mental. As tentações os empolgavam e novamente se lançavam no mundo profano. No entanto, se dessem provas positivas de modificação total, de serem capazes de viver na santidade, resistindo às tentações, podiam continuar a senda. Havia, então, a "experiência" para provar a realidade da "coragem" do candidato: era introduzido em grutas e câmaras escuras, onde encontrava uma série de engenhos lúgubres e figuras apavorantes, e onde demorava um tempo que parecia interminável. Dali, podia regressar ou prosseguir. Se regressava, saía da fileira; se prosseguia, recebia a recompensa justa: era julgado apto aos "mistérios maiores".

4 - O ENCONTRO e a ILUMINAÇÃO, que ocorria com a volta à luz, no fim da terrível caminhada por entre as trevas. Através de uma porta difícil de ser encontrada, deparava ele campos floridos e perfumados, e neles o Hierofante, em paramentação luxuosa. que os levava a uma refeição simples mas solene constante de pão, mel, castanhas e vinho. Os candidatos eram julgados "transformados", e por-

tanto não havia mais as exteriorizações: o segredo era desvelado (**apokálypsis**), e eles passavam a saber que o mergulho era **interno**, e que deviam iniciar a meditação e a contemplação diárias para conseguir o "encontro místico" com a Divindade dentro de si. Esses encontros eram de início, raros e breves, mas com o exercício se iam fixando melhor, podendo aspirar ao passo seguinte.

5 - a UNIÃO (não mais apenas o "encontro"), mas união firme e continuada, mesmo durante sua estada entre os profanos. Era simbolizada pelo drama sacro (**hierôs gámos**) do esponsalício de Zeus e Deméter, do qual nasceria o segundo Dionysos, vencedor da morte. Esse matrimônio simbólico e puro, realizado em exaltação religiosa (**orgê**) é que foi mal interpretado pelos que não assistiam à sua representação simbólica (os profanos) e que tacharam de "orgias imorais" os mistérios gregos. Essa "união", depois de bem assegurada, quando não mais se arriscava a perdê-la, preparava os melhores para o passo seguinte.

6 - a CONSAGRAÇÃO ou, talvez, a sagração, pela qual era representada a "marcação" do Espírito do iniciado com um "selo" especial da Divindade a quem o "mysto" se consagrava: Apolo, Dyonisos, Isis, Osiris, etc. Era aí que o iniciado obtinha a **epoptía**, ou "visão direta" da realidade espiritual, a **gnose** pela vivência da união mística. O **epopta** era o "vigilante", que o cristianismo denominou "**epískopos**" ou "inspetor". Realmente epopta é composto de **epí** ("sobre") e **optos** ("visível"); e **epískopos** de **epi** ("sobre") e **skopêô** ("ver" ou "observar"). Depois disso, tinha autoridade para ensinar a outros e, achando-se preso à Divindade e às obrigações religiosas, podia dirigir o culto e officiar a liturgia, e também transmitir as iniciações nos graus menores. Mas faltava o passo decisivo e definitivo, o mais difícil e quase inacessível.

7 - a PLENITUDE da Divindade, quando era conseguida a vivência na "Alma Universal já libertada".

Nos mistérios gregos (em Elêusis) ensinava-se que havia uma Força Absoluta (Deus o "sem nome") que se manifestava através do Logos (a Palavra) Criador, o qual produzia o Filho (Kósmo). Mas o Logos tinha duplo aspecto: o masculino (Zeus) e o feminino (Deméter). Desse casal nascera o Filho, mas também com duplo aspecto: a mente salvadora (Dionysos) e a Alma Universal (Perséfone). Esta, desejando experiências mais fortes, descera à Terra. Mas ao chegar a estes reinos inferiores, tornou-se a "Alma Universal" de todas as criaturas, e acabou ficando prisioneira de Plutão (a matéria), que a manteve encarcerada, ministrando-lhe filtros mágicos que a faziam esquecer sua origem divina, embora, no íntimo, sentisse a sede de regressar a seu verdadeiro mundo, mesmo ignorando qual fosse. Dionysos quis salvá-la, mas foi despedaçado pelos Titãs (a mente fracionada pelo intelecto e estraçalhada pelos desejos). Foi quando surgiu Triptólemo (o tríplice combate das almas que despertam), e com apelos veementes conseguiu despertar Perséfone, revelando lhe sua origem divina, e ao mesmo tempo, com súplicas intensas às Forças Divinas, as comoveu; então Zeus novamente se uniu a Deméter, para fazer renascer Dionysos. Este, assumindo seu papel de "Salvador", desce à Terra, oferecendo-se em holocausto a Plutão (isto é, encarnando-se na própria matéria) e consegue o resgate de Perséfone, isto é, a libertação da Alma das criaturas do domínio da matéria e sua elevação novamente aos planos divinos. Por esse resumo, verificamos como se tornou fácil a aceitação entre os gregos, e romanos da doutrina exposta pelos Emissários de Jesus, um "Filho de Deus" que desceu à Terra para resgatar com sua morte a alma humana.

O iniciado ficava **permeado** pela Divindade, tornando-se então "adepto" e atingindo o verdadeiro grau de Mestre ou Mistagogo por conhecimento próprio experimental. Já não mais era ele, o homem, que vivia: era "O Senhor", por cujo intermédio operava a Divindade. (Cfr.: "não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim", Gál. 2:20; e ainda: "para mim, viver é Cristo", Filp. 1:21). A tradição grega conservou os nomes de alguns dos que atingiram esse grau supremo: Orfeu ... Pitágoras ... Apolônio de Tiana ... E bem provavelmente Sócrates (embora Schuré opine que o maior foi Platão).

NO CRISTIANISMO

Todos os termos néo-testamentários e cristãos, dos primórdios, foram tirados dos mistérios gregos: nos mistérios de Elêusis, o iniciado se tornava "membro da família do Deus" (Dionysos), sendo chamado, então, um "santo" (**hágios**) ou "perfeito" (**téleios**). E Paulo escreve: "assim, pois, não sois mais estran-

geiros nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e familiares de Deus.' (Ef. 2:19). Ainda em Elêusis, mostrava-se aos iniciados uma "espiga de trigo", símbolo da vida que eternamente permanece através das encarnações e que, sob a forma de pão, se tornava participante da vida do homem; assim quando o homem se unia a Deus, "se tornava participante da vida divina" (2.^a Pe. 1:4). E Jesus afirmou: "Eu sou o PÃO da Vida" (João 6.35).

No entanto ocorreu modificação básica na instituição do Mistério cristão, que Jesus realizou na "última Ceia", na véspera de sua experiência máxima, o **páthos** ("paixão").

No Cristianismo, a iniciação toma sentido puramente espiritual, no interior da criatura, seguindo mais a Escola de Alexandria. Lendo Filon, compreendemos isso: ele interpreta todo o Antigo Testamento como alegoria da **evolução da alma**. Cada evangelista expõe a iniciação cristã de acordo com sua própria capacidade evolutiva, sendo que a mais elevada foi, sem dúvida, a de João, saturado da tradição (**parádosis**) de Alexandria, como pode ver-se não apenas de seu Evangelho, como também de seu Apocalipse.

Além disso, Jesus arrancou a iniciação dos templos, a portas fechadas, e jogou-a dentro dos corações; era a universalização da "salvação" a todos os que QUISESSEM segui-Lo. Qualquer pessoa pode encontrar o caminho (cfr. "Eu sou o Caminho", João, 14:6), porque Ele corporificou os mistérios em Si mesmo, divulgando-lhes os segredos através de Sua vida. Daí em diante, os homens não mais teriam que procurar encontrar um protótipo divino, para a ele conformar-se: todos poderiam descobrir e unir-se diretamente ao Logos que, através do Cristo, em Jesus se manifestara.

Observamos, pois, uma elevação geral de frequência vibratória, de **tonus**, em todo o processo iniciático dos mistérios.

E os Pais da Igreja - até o século 3.^o o cristianismo foi "iniciático", embora depois perdesse o rumo quando se tornou "dogmático" - compreenderam a realidade do mistério cristão, muito superior, espiritualmente, aos anteriores: tornar o homem UM CRISTO, um unguído, um permeado da Divindade.

A ação divina do mistério, por exemplo, é assim descrita por Agostinho: "rendamos graças e alegrem-nos, porque nos tornamos não apenas cristãos, mas **cristos**" (Tract. in Joanne, 21,8); e por Metódio de Olímpio: "a comunidade (a **ekklêsia**) está grávida e em trabalho de parto, até que o Cristo tenha tomado forma em nós; até que o Cristo nasça em nós, para que cada um dos santos, por sua participação ao Cristo, se torne **o cristo**" (**Patrol. Graeca**, vol. 18, ccl. 150) .

Temos que tornar-nos **cristos**, recebendo a última unção, conformando-nos com Ele em nosso próprio ser, já que "a redenção tem que realizar-se EM NÓS" (O. Casel, o. c., pág. 29), porque "o único e verdadeiro holocausto é o que o homem faz de si mesmo".

Cirilo de Jerusalém diz: "Já que entrastes em comunhão com o Cristo com razão sois chamados **cristos**, isto é, unguídos" (**Catechesis Mystagogicae**, 3,1; **Patrol. Graeca**, 01. 33, col. 1087).

Essa transformação, em que o homem recebe Deus e Nele se transmuda, torna-o membro vivo do Cristo: "aos que O receberam, deu o poder de tornar-se Filhos de Deus" (João, 1:12).

Isso fez que Jesus - ensina-nos o Novo Testamento - que era "sacerdote da ordem de Melquisedec (Heb. 5:6 e 7:17) chegasse, após sua encarnação e todos os passos iniciáticos que QUIS dar, chegasse ao grau máximo de "pontífice da ordem de Melquisedec" (Heb. 5:10 e 6:20), para todo o planeta Terra.

CRISTO, portanto, é o mistério de Deus, o Senhor, o ápice da iniciação a experiência pessoal da Divindade. através do santo ensino (**hierôs lógos**), que vem dos "deuses" (Espíritos Superiores), comunicado ao místico. No cristianismo, os emissários ("**apóstolos**") receberam do Grande Hierofante Jesus (o qual o recebeu do Pai, com Quem era UNO) a iniciação completa. Foi uma verdadeira "transmissão" (**traditio, parádosis**), apoiada na **gnose**: um despertar do Espírito que vive e experimenta a Verdade, visando ao que diz Paulo: "admoestando todo homem e ensinando todo homem, em toda sabedoria (**sophía**), para que apresentem todo homem perfeito (**téleion**, iniciado) em Cristo, para o que eu também me esforço (**agônizómenos**) segundo a ação dele (**energeíān autou**), que age (**energouménen**) em mim, em força (**en dynámei**)". Col.1:28-29.

Em toda essa iniciação, além disso, precisamos não perder de vista o "**enthousiasmós**" (como era chamado o "transe" místico entre os gregos) e que foi mesmo sentido pelos hebreus, sobretudo nas "Escolas de Profetas" em que eles se iniciavam (profetas significa "médiuns"); mas há muito se havia perdido esse "entusiasmo", por causa da frieza intelectual da interpretação literal das Escrituras pelos Escribas.

Profeta, em hebraico, é NaVY', de raiz desconhecida, que o Rabino Meyer Sal ("Les Tables de la Loi", éd. La Colombe, Paris, 1962, pág. 216/218) sugere ter sido a sigla das "Escolas de Profetas" (escolas de iniciação, de que havia uma em Belém, de onde saiu David). Cada letra designaria um setor de estudo: N (nun) seriam os sacerdotes (terapeutas do psicossoma), oradores, pensadores, filósofos; V (beth) os iniciados nos segredos das construções dos templos ("maçons" ou pedreiros), arquitetos, etc.; Y (yod) os "ativos", isto é, os dirigentes e políticos, os "profetas de ação"; (aleph), que exprime "Planificação", os matemáticos, geômetras, astrônomos, etc.

Isso explica, em grande parte, porque os gregos e romanos aceitaram muito mais facilmente o cristianismo, do que os judeus, que se limitavam a uma tradição que consistia na repetição literal decorada dos ensinamentos dos professores, num esforço de memória que não chegava ao coração, e que não visavam mais a qualquer experiência mística.

TEXTOS DO N.T.

O termo **mystérion** aparece várias vezes no Novo Testamento.

A - Nos Evangelhos, apenas num episódio, quando Jesus diz a Seus discípulos: "a vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus" (Mat. 13:11; Marc. 4:11; Luc. 8:10).

B - Por Paulo em diversas epístolas:

Rom. 11:25 - "Não quero, irmãos, que ignoreis este mistério ... o endurecimento de Israel, até que hajam entrado todos os gentios".

Rom.16:15 - "conforme a revelação do mistério oculto durante os *eons* temporais (terrenos) e agora manifestados".

1.ª Cor. 2:1 – "quando fui ter convosco ... anunciando-vos o mistério de Deus".

1.ª Cor. 2:4-7 - "meu ensino (*logos*) e minha pregação não foram em palavras persuasivas, mas em demonstração (*apodeíxei*) do *pneúmatos* e da *dynámeôs*, para que vossa fé não se fundamente na *sophía* dos homens, mas na *dynámei* de Deus. Mas falamos a *sophia* nos perfeitos (*teleiois*, iniciados), porém não a *sophia* deste eon, que chega ao fim; mas falamos a *sophia* de Deus em mistério, a que esteve oculta, a qual Deus antes dos *eons* determinou para nossa doutrina".

1.ª Cor. 4:1 - "assim considerem-nos os homens assistentes (*hypêrétas*) ecônomos (distribuidores, dispensadores) dos mistérios de Deus".

1.ª Cor. 13:2 - "se eu tiver mediunidade (*prophéteía*) e conhecer todos os mistérios de toda a gnose, e se tiver toda a fé até para transportar montanhas, mas não tiver amor (*agápé*), nada sou".

1.ª Cor. 14:2 - "quem fala em língua (estranha) não fala a homens, mas a Deus, pois ninguém o ouve, mas em espírito fala mistérios".

1.ª Cor. 15:51 - "Atenção! Eu vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados".

Ef. 1:9 - "tendo-nos feito conhecido o mistério de sua vontade"

Ef. 3:4 - "segundo me foi manifestado para vós, segundo a revelação que ele me fez conhecer o mistério (como antes vos escrevi brevemente), pelo qual podeis perceber, lendo, minha compreensão no mistério do Cristo".

Ef. 3:9 - "e iluminar a todos qual a dispensação (*oikonomía*) do mistério oculto desde os *eons*, em Deus, que criou tudo".

Ef. 5:32 - "este mistério é grande: mas eu falo a respeito do Cristo e da *ekklésia*."

Ef. 9:19 - "(suplica) por mim, para que me possa ser dado o *logos* ao abrir minha boca para, em público, fazer conhecer o mistério da boa-nova".

Col. 1:24-27 - "agora alegre-me nas experimentações (*Pathêmasin*) sobre vós e completo o que falta das pressões do Cristo em minha carne, sobre o corpo dele que é a *ekklésia*, da qual me tornei servidor, segundo a dispensação (*oikonomía*) de Deus, que me foi dada para vós, para plenificar o *logos* de Deus, o mistério oculto nos *eons* e nas gerações, mas agora manifestado a seus santos (*hagioi*, iniciados), a quem aprouve a Deus fazer conhecer a riqueza da doutrina (*dóxês*; ou "da substância") deste mistério nas nações, que é CRISTO EM VÓS, esperança da doutrina (*dóxês*)".

Col. 2:2-3 - "para que sejam consolados seus corações, unificados em amor, para todas as riquezas da plena convicção da compreensão, para a exata *gnose* (*epígnôsin*) do mistério de Deus (Cristo), no qual estão ocultos todos os tesouros da *sophía* e da *gnose*".

Col. 4:3 - "orando ao mesmo tempo também por nós, para que Deus abra a porta do *logos* para falar o mistério do Cristo, pelo qual estou em cadeias".

2.ª Tess. 2:7 - "pois agora já age o mistério da iniquidade, até que o que o mantém esteja fora do caminho".

1.ª Tim. 3:9 - "(os servidores), conservando o mistério da fé em consciência pura".

1.ª Tim. 2:16 - "sem dúvida é grande o mistério da piedade (*eusebeías*)".

No Apocalipse (1:20; 10:7 e 17:5, 7) aparece quatro vezes a palavra, quando se revela ao vidente o sentido do que fora dito .

CULTO CRISTÃO

Depois de tudo o que vimos, torna-se evidente que não foi o culto judaico que passou ao cristianismo primitivo. Comparemos:

A luxuosa arquitetura suntuosa do Templo grandioso de Jerusalém, com altares maciços a escorrer o sangue quente das vítimas; o cheiro acre da carne queimada dos holocaustos, a misturar-se com o odor do incenso, sombreando com a fumaça espessa o interior repleto; em redor dos altares, em grande número, os sacerdotes a acotovelar-se, munidos cada um de seu machado, que brandiam sem piedade na matança dos animais que berravam, mugiam dolorosamente ou balavam tristemente; o coro a entoar salmos e hinos a todo pulmão, para tentar superar a gritaria do povo e os pregões dos vendedores no ádrio: assim se realizava o culto ao "Deus dos judeus".

Em contraste, no cristianismo nascente, nada disso havia: nem templo, nem altares, nem matanças; modestas reuniões em casas de família, com alguns amigos; todos sentados em torno de mesa simples, sobre a qual se via o pão humilde e copos com o vinho comum. Limitava-se o culto à prece, ao recebimento de mensagens de espíritos, quando havia "profetas" na comunidade, ao ensino dos "emissários", dos "mais velhos" ou dos "inspetores", e à ingestão do pão e do vinho, "em memória da última ceia de Jesus". Era uma ceia que recebera o significativo nome de "amor" (*ágape*).

Nesse repasto residia a realização do supremo mistério cristão, bem aceito pelos gregos e romanos, acostumados a ver e compreender a transmissão da vida divina, por meio de símbolos religiosos. Os iniciados "pagãos" eram muito mais numerosos do que se possa hoje supor, e todos se sentiam membros do grande **Kósmos**, pois, como o diz Lucas, acreditavam que "todos os homens eram objeto da benevolência de Deus" (Luc. 2:14).

Mas, ao difundir-se entre o grande número e com o passar dos tempos, tudo isso se foi enfraquecendo e seguiu o mesmo caminho antes experimentado pelo judaísmo; a força mística, só atingida mais tarde

por alguns de seus expoentes, perdeu-se, e o cristianismo "foi incapaz - no dizer de O. Casel - de manter-se na continuação, nesse nível pneumático" (o.c. pág. 305). A força da "tradição" humana, embora condenada com veemência por Jesus (cfr. Mat. 15:1-11 e 16:5-12; e Marc. 7:1-16 e 8:14-11; veja atrás), fez-se valer, ameaçando as instituições religiosas que colocam doutrinas humanas ao lado e até acima dos preceitos divinos, dando mais importância às suas vaidosas criações. E D. Odon Casel lamenta: "pode fazer-se a mesma observação na história da liturgia" (o.c., pág. 298). E, entristecido, assevera ainda: "Verificamos igualmente que a concepção cristã mais profunda foi, sob muitos aspectos, preparada muito melhor pelo helenismo que pelo judaísmo. Lamentavelmente a teologia moderna tende a aproximar-se de novo da concepção judaica de tradição, vendo nela, de fato, uma simples transmissão de conhecimento, enquanto a verdadeira **tradição**, apoiada na **gnose**, é um despertar do espírito que VIVE e EXPERIMENTA a Verdade" (o. c., pág. 299).

OS SACRAMENTOS

O termo latino que traduz a palavra **mystérion** é **sacramentum**. Inicialmente conservou o mesmo sentido, mas depois perdeu-os, para transformar-se em "sinal visível de uma ação espiritual invisível".

No entanto, o estabelecimento pelas primeiras comunidades cristãs dos "sacramentos" primitivos, perdura até hoje, embora tendo perdido o sentido simbólico inicial.

Com efeito, a sucessão dos "sacramentos" revela exatamente, no cristianismo, os mesmos passos vividos nos mistérios gregos. Vejamos:

- 1- o MERGULHO (denominado em grego batismo), que era a penetração do catecúmeno em seu eu interno. Simbolizava-se na desnudação ao pretendente, que largava todas as vestes e mergulhava totalmente na água: renunciava de modo absoluto as posses (pomposas) exteriores e aos próprios veículos físicos, "vestes" do Espírito, e mergulhava na água, como se tivesse "morrido", para fazer a "catarse" (purificação) de todo o passado. Terminado o mergulho, não era mais o catecúmeno, o profano. Cirilo de Jerusalém escreveu: "no batismo o catecúmeno tinha que ficar totalmente nu, como Deus criou o primeiro Adão, e como morreu o segundo Adão na cruz" (**Catechesis Mystagogicae**, 2.2). Ao sair da água, recebia uma túnica branca: ingressava oficialmente na comunidade (**ekklêsia**), e então passava a receber a segunda parte das instruções. Na vida interna, após o "mergulho" no próprio íntimo, aguardava o segundo passo.
- 2- a CONFIRMAÇÃO, que interiormente era dada pela descida da "graça" da Força Divina, pela "epifania" (manifestação), em que o novo membro da **ekklêsia** se sentia "confirmado" no acerto de sua busca. Entrando em si mesmo a "graça" responde ao apelo: "se alguém me ama, meu Pai o amará, e NÓS viremos a ele e permaneceremos nele" (João, 14:23). O mesmo discípulo escreve em sua epístola: "a Vida manifestou-se, e a vimos, e damos testemunho. e vos anunciamos a Vida Imanente (ou a Vida do Novo Eon), que estava no Pai e nos foi manifestada" (1.^a João, 1:2).
- 3- a METÁNOIA (modernamente chamada "penitência") era então o terceiro passo. O aprendiz se exercitava na modificação da mentalidade, subsequente ao primeiro contato que tinha tido com a Divindade em si mesmo. Depois de "sentir" em si a força da Vida Divina, há maior compreensão; os pensamentos sobem de nível; torna-se mais fácil e quase automático o discernimento (**krísis**) entre certo e errado, bem e mal, e portanto a escolha do caminho certo. Essa **metánoia** é ajudada pelos iniciados de graus mais elevados, que lhe explicam as leis de causa e efeito e outras.
- 4- a EUCARISTIA é o quarto passo, simbolizando por meio da ingestão do pão e do vinho, a união com o Cristo. Quem mergulhou no íntimo, quem recebeu a confirmação da graça e modificou seu modo de pensar, rapidamente caminha para o encontro definitivo com o Mestre interno, o Cristo. Passa a alimentar-se diretamente de seus ensinamentos, sem mais necessidade de intermediários: alimenta-se, nutre-se do próprio Cristo, bebe-Lhe as inspirações: "se não comeis a carne do Filho do Homem e não bebeis seu sangue, não tendes a vida em vós. Quem saboreia minha carne e bebe meu sangue tem a Vida Imanente, porque minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue é

verdadeiramente bebida. Quem come minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele" (João, 6:53 ss).

- 5- MATRIMÔNIO é o resultado do encontro realizado no passo anterior: e o casamento, a FUSÃO, a união entre a criatura e o Criador, entre o iniciado e Cristo: "esse mistério é grande, quero dizê-lo em relação ao Cristo e à **ekklêsia**", escreveu Paulo, quando falava do "matrimônio" (Ef. 5:32). E aqueles que são profanos, que não têm essa união com o Cristo, mas antes se unem ao mundo e a suas ilusões, são chamados "adúlteros" (cfr. vol. 2). E todos os místicos, unanimemente, comparam a união mística com o Cristo a uma união dos sexos no casamento.
- 6- a ORDEM é o passo seguinte. Conseguida a união mística a criatura recebe da Divindade a consagração, ou melhor, a "sagração", o "sacerdócio" (**sacer** "sagrado", **dos, dotis**, "dote"), o "dote sagrado" na distribuição das graças o quinhão especial de deveres e obrigações para com o "rebanho" que o cerca. *No judaísmo, o sacerdote era o homem encarregado de sacrificar ritualmente os animais, de examinar as vítimas, de oferecer os holocaustos e de receber as oferendas dirigindo o culto litúrgico. Mais tarde, entre os profanos sempre, passou a ser considerado o "intemediário" entre o homem e o Deus "externo".* Nessa oportunidade, surge no Espírito a "marca" indelével, o selo (**sphragis**) do Cristo, que jamais se apaga, por todas as vidas que porventura ainda tenha que viver: a união com essa Força Cósmica, de fato, modifica até o âmago, muda a frequência vibratória, imprime novas características e a leva, quase sempre, ao supremo ponto, à Dor-Sacrifício-Amor .
- 7- a EXTREMA UNÇÃO ("extrema" porque é o último passo, não porque deva ser dada apenas aos moribundos) é a chave final, o último degrau, no qual o homem se torna "cristificado", totalmente unguido pela Divindade, tornando-se realmente um "cristo".

Que esses sacramentos existiram desde os primeiros tempos do cristianismo, não há dúvida. Mas que não figuram nos Evangelhos, também é certo. A conclusão a tirar-se, é que todos eles foram comunicados oralmente pela **tradição** ou transmissão de conhecimentos secretos. Depois na continuação, foram permanecendo os ritos externos e a fé num resultado interno espiritual, mas já não com o sentido primitivo da iniciação, que acabamos de ver.

Após este escorço rápido, cremos que a afirmativa inicial se vê fortalecida e comprovada: realmente Jesus fundou uma "ESCOLA INICIÁTICA", e a expressão "**logos akoês**" (ensino ouvido), como outras que ainda aparecerão, precisam ser explicadas à luz desse conhecimento.

* * *

Neste sentido que acabamos de estudar, compreendemos melhor o alcance profundo que tiveram as palavras do Mestre, ao estabelecer as condições do discipulato.

Não podemos deixar de reconhecer que a interpretação dada a Suas palavras é verdadeira e real. Mas há "mais alguma coisa" além daquilo.

Trata-se das condições exigidas para que um pretendente possa ser admitido na Escola Iniciática na qualidade de DISCÍPULO. Não basta que seja BOM (justo) nem que possua qualidades psíquicas (PROFETA). Não é suficiente um desejo: é mistér QUERER com vontade férrea, porque as provas a que tem que submeter-se são duras e nem todos as suportam.

Para ingressar no caminho das iniciações (e observamos que Jesus levava para as provas apenas três, dentre os doze: Pedro, Tiago e João) o discípulo terá que ser digno SEGUIDOR dos passos do Mestre. Seguidor DE FATO, não de palavras. E para isso, precisará RENUNCIAR a tudo: dinheiro, bens, família, parentes, pais, filhos, cônjuges, empregos, e inclusive a si mesmo: à sua vontade, a seu intelecto, a seus conhecimentos do passado, a sua cultura, a suas emoções.

A mais, devia prontificar-se a passar pelas experiências e provações dolorosas, simbolizadas, nas iniciações, pela CRUZ, a mais árdua de todas elas: o suportar com alegria a encarnação, o mergulho pesado no escafandro da carne.

E, enquanto carregava essa cruz, precisava ACOMPANHAR o Mestre, passo a passo, não apenas nos caminhos do mundo, mas nos caminhos do Espírito, difíceis e cheios de dores, estreitos e ladeados de espinhos, íngremes e calçados de pedras pontiagudas.

Não era só. E o que se acrescenta, de forma enigmática em outros planos, torna-se claro no terreno dos mistérios iniciáticos, que existiam dos discípulos A MORTE À VIDA DO FÍSICO. Então compreendemos: quem tiver medo de arriscar-se, e quiser "preservar" ou "salvar" sua alma (isto é, sua vida na matéria), esse a perderá, não só porque não receberá o grau a que aspira, como ainda porque, na condição concreta de encarnado, talvez chegue a perder a vida física, arriscada na prova. O medo não o deixará RESSUSCITAR, depois da morte aparente mas dolorosa, e seu espírito se verá envolvido na conturbação espessa e dementada do plano astral, dos "infernos" (ou umbral) a que terá que descer.

No entanto, aquele que intemorato e convicto da realidade, perder, sua alma, (isto é, "entregar" sua vida do físico) à morte aparente, embora dolorosa, esse a encontrará ou a salvará, escapando das injunções emotivas do astral, e será declarado APTO a receber o grau seguinte que ardentemente ele deseja.

Que adianta, com efeito, a um homem que busca o Espírito, se ganhar o mundo inteiro, ao invés de atingir a SABEDORIA que é seu ideal? Que existirá no mundo, que possa valer a GNOSE dos mistérios, a SALVAÇÃO da alma, a LIBERTAÇÃO das encarnações tristes e cansativas?

Nos trabalhos iniciáticos, o itinerante ou peregrino encontrará o FILHO DO HOMEM na "glória" do Pai, em sua própria "glória", na "glória" de Seus Santos Mensageiros. Estarão reunidos em Espírito, num mesmo plano vibratório mental (dos sem-forma) os antigos Mestres da Sabedoria, Mensageiros da Palavra Divina, Manifestantes da Luz, Irradiadores da Energia, Distribuidores do Som, Focos do Amor.

Mas, nos "mistérios", há ocasiões em que os "iniciantes", também chamados mystos, precisam dar testemunhos públicos de sua qualidade, sem dizerem que possuem essa qualidade. Então está dado o aviso: se nessas oportunidades de "confissão aberta" o discípulo "se envergonhar" do Mestre, e por causa de "respeitos humanos" não realizar o que deve, não se comportar como é da lei, nesses casos, o Senhor dos Mistérios, o Filho do Homem, também se envergonhará dele, considerá-lo-á inepto, incapaz para receber a consagração; não mais o reconhecerá como discípulo seu. Tudo, portanto, dependerá de seu comportamento diante das provas árduas e cruentas a que terá que submeter-se, em que sua própria vida física correrá risco.

Observe-se o que foi dito: "morrer" (teleutan) e "ser iniciado" (teleusthai) são verbos formados do mesmo radical: tele, que significa FIM. Só quem chegar AO FIM, será considerado APTO ou ADEPTO (formado de AD = "para", e APTUM = "apto").

Nesse mesmo sentido entendemos o último versículo: alguns dos aqui presentes (não todos) conseguirão certamente finalizar o ciclo iniciático, podendo entrar no novo EON, no "reino dos céus", antes de experimentar a morte física. Antes disso, eles descobrirão o Filho do Homem em si mesmos, com toda a sua Dynamis, e então poderão dizer, como Paulo disse: "Combati o bom combate, terminei a carreira, mantive a fidelidade: já me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia - e não só a mim, como a todos os que amaram sua manifestação" (2.ª Tim. 4:7-8).

A TRANSFIGURAÇÃO

Mat. 17:1-9

Marc. 9:2-8

Luc. 9:28-36

1. Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João seu irmão, e elevou-os à parte a um alto monte.
2. E foi transfigurado diante deles: seu rosto resplandeceu como o sol, e suas vestes tornaram-se brancas como a luz.
3. E eis que foram vistos Moisés e Elias conversando com ele.
4. Então Pedro disse a Jesus: "Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; para ti uma, para Moisés uma e uma para Elias!".
5. Falava ele ainda, quando uma nuvem de luz os envolveu e da nuvem saiu uma voz dizendo: "Este é meu Filho, o Amado, que me satisfaz: ouvi-o".
6. Ouvindo-a, os discípulos caíram com a face por terra e tiveram muito medo.
7. aproximando-se Jesus, tocou neles e disse: "levantai-vos e não temais".
8. Erguendo eles os olhos a ninguém mais viram, senão só a Jesus.
9. Enquanto desciam do monte, ordenou-lhes Jesus dizendo: "A ninguém conteis esta visão, até que o Filho do Homem se tenha levantado dos mortos".
2. Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e elevou-os à parte, a sós, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles.
3. E seu manto tornou-se resplandecente e extremamente branco, como neve, qual nenhum lavandeiro na terra poderia alvejar.
4. E foram vistos Elias e Moisés, e estavam conversando com Jesus.
5. Então Pedro disse a Jesus: "Rabi, é bom estarmos aqui: façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias".
6. porque não sabia o que havia de dizer, pois tinham ficado aterrorizados.
7. E surgiu uma nuvem envolvendo-os, e da nuvem veio uma voz: "Este é meu Filho, o Amado: ouvi-o".
8. E eles, olhando de repente em redor, não viram mais ninguém, senão só Jesus com eles.
9. Enquanto desciam do monte, ordenou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, senão quando o Filho do Homem se tivesse levantado dentre os mortos.
28. E aconteceu que cerca de oito dias depois desses ensinamentos, tendendo tomado consigo Pedro, João e Tiago. subiu para orar.
29. E aconteceu na que oração, a forma de seu rosto ficou diferente e as roupas dele brancas e relampejantes.
30. E eis que dois homens conversavam com ele, os quais eram Moisés e Elias,
31. que apareceram em substância e discutiam sobre sua saída, que ele estava para realizar em Jerusalém.
32. Pedra e seus companheiros estavam oprimidos de sono, mas conservando-se despertados, viram sua substância e os dois homens ao lado dele.
33. Ao afastarem-se estes de Jesus, disse-lhe Pedro: "Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias", não sabendo o que dizia.
34. Enquanto assim falava, surgiu uma nuvem que os envolvia, e aterrorizaram-se quando entraram na nuvem.
35. E da nuvem saiu uma voz, dizendo: "Este é meu Filho, o Amado, ouvi-o".
36. Tendo cessado a voz, foi achado Jesus só. Eles se calaram e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que haviam visto.

Interessante observar o cuidado dos três evangelistas, em relacionar o episódio da chamada "Transfiguração" com a "Confissão de Pedro" ou, talvez melhor, com os ensinamentos a respeito do Discipulato (cfr. Lucas).

Mateus e Marcos precisam a data, assinalando que o fato ocorreu exatamente SEIS DIAS depois, ao passo que Lucas diz mais displicentemente, "cerca de oito dias". Como nenhum dos narradores demonstra preocupações cronológicas em seus Evangelhos, chama nossa atenção esse pormenor. Como também somos alerta dos pelo fato estranho de João, testemunha ocular do invulgar acontecimento, tê-lo silenciado totalmente em suas obras, embora nos tenha ficado o testemunho de Pedro (2.^a Pe. 1:17-19).

A narrativa dos três é bastante semelhante, embora Lucas seja o único a tocar em três pontos: a oração de Jesus, o sono dos discípulos, e o assunto conversado com os desencarnados.

Começa a narrativa dos três, dizendo que Jesus leva ou "toma consigo" (*paralambánai*) Pedro, Tiago e João, e os leva "à parte". Essa expressão *paralambánai kat'idían* é de cunho clássico (cfr. Políbio, 4.84.8; Plutarco. *Morales*, 120 e; Diodoro de Sicília, 1 .21).

Os três discípulos que acompanharam Jesus, foram por Ele escolhidos em várias circunstâncias (cfr. Mat. 26:37; Marc. 5:37; 14:33; Luc. 8:51), tendo sido citados por Paulo (Gál. 2:9) como "as colunas da comunidade". Pedro havia revelado a individualidade de Jesus pouco antes, e fora o primeiro discípulo que com João se afastara do Batista para seguir Jesus; João, o "discípulo a quem Jesus amava" (cfr. João, 13:23; 19:26; 21:20) e talvez mesmo sobrinho carnal de Jesus (cfr. vol. 3); Tiago, irmão de João, foi decapitado em Jerusalém no ano 44 (At. 12:2), tendo sido o primeiro dos discípulos, escolhidos como emissários, que testemunhou com seu sangue a Verdade dos ensinamentos de Jesus.

Com os três Jesus "subiu ao monte", com artigo definirlo (Lucas), ou "os ELEVOU a um alto monte". Mas não se identifica qual o monte. Surgiu, então, a dúvida entre os exegetas: será o Hermon ou o Tabor? O Salmo diz "que o Tabor e o Hermon se alegram em Teu Nome" (89:12) ...

Alguns opinam pelo Hermon, a 2.793 m de altura, perto do local da "confissão de Pedro", Cesaréia de Filipe. Objeta-se, todavia, que é recoberto de neve perpétua e que, situado em região pagã, dificilmente seria encontrada, no dia seguinte, no sopé, a multidão a esperá-lo, enquanto discutia com os demais discípulos, que haviam permanecido na planície, sobre a dificuldade que tinham de curar o jovem epiléptico.

Outros preferem o Tabor. Além dessas razões, alegam: que "seis dias" são tempo suficiente para chegar com calma de volta à Galiléia. O Tabor é um tronco de cone, com um platô no alto de cerca de 1 km de circuito; fica a sudeste de Nazaré situado no final do planalto de Esdrelon, que ele domina a 320 m de altura (562 m acima do nível do mar e 800 m acima do Lago de Tiberíades). Tem a seu favor a tradição desde o 4.^o século, atestada por Cirilo de Jerusalém (Catech. 12:16, in *Patrol. Graeca*, vol. 33, col. 744) e por Jerônimo que, ao escrever sobre Paula, afirmava que ela *scandebat montem Thabor, in quo transfiguratus est Dominus* (Ep. 108.13, in *Patrol. Lat.* vol. 20, col. 889, e Ep. 46,12, ibidem, col. 491), isto é, "subia ao monte Tabor, onde o Senhor se transfigurou".

Objetam alguns que lá devia haver um forte, de que fala Flávio Josefo (Bell. Jud. 2-.20.6 e 4.1.1.8), mas isso só ocorreu 36 anos depois, na guerra contra Vespasiano.

Do alto do Tabor, fértil em árvores odoríferas, contempla-se todo o campo do ministério de Jesus: Caná, Naim, Cafarnaum, uma parte do Lago de Tiberíades, e, 8 km a noroeste, Nazaré.

Chegam ao cume, Jesus se põe a orar (Lucas) e, durante a prece, "se transfigura". Mateus e Marcos não temem usar *metemorphôthê*, "metamorfoseou-se", que exprime uma transformação com mudança de forma exterior. Lucas evita esse verbo, preferindo *metaschêmatízein* ("revestir outra forma"), talvez para que os pagãos, a quem se dirigia, não supusessem uma das metamorfoses da mitologia.

Essa transformação se operou no rosto, que tomou "outra forma"; embora não se diga qual, a informação de Mateus é que "resplandecia como o sol". Também as vestes se tornaram "brancas como a luz"

(Mat.) ou "brancas qual nenhum lavandeiro seria capaz de alvejar (Marc.) ou "brancas e relampejantes" (Lucas).



Figura “TRANSFIGURAÇÃO”

Mateus e Marcos falam em "visão" (*ôphthê*, aoristo passivo singular, "foi visto"), enquanto Lucas apenas anota que "dois homens", que eram Moisés e Elias, conversavam com Ele.

Moisés, o libertador e legislador dos israelitas, servo obediente e fiel de YHWH, e Elias, o mais valeroso e adiantado intérprete, em sua mediunidade privilegiada, do pensamento de YHWH. Agora vinham ambos encontrar, aniquilado sob as vestes da carne, aquele mesmo YHWH, o "seu DEUS", com o simbólico nome de JESUS: traziam-Lhe a garantia da amizade e a fidelidade de seus serviços, sobretudo nos momentos difíceis: dos grandes sofrimentos que se aproximavam. Lucas esclarece que a conversa girou exatamente em torno do "êxodo", ou seja, da saída de Jesus do mundo físico, que se realizaria em Jerusalém dentro de pouco tempo, através da porta estreita de incalculáveis dores morais

e físicas. Embora desencarnados, continuavam servos fiéis de "seu Deus". Digno de nota o emprego desse mesmo termo "êxodo" por parte de Pedro (2.^a Pe. 1:15), quando se refere à sua próxima desencarnação. E talvez recordando-se dessa palavra, Lucas usa o vocábulo oposto (*eísodos*) "entrada" (At. 13:24) ao referir-se à chegada de Jesus no planeta em corpo físico.

Como vemos, trata-se de verdadeira e legítima "sessão espírita", realizada por Jesus em plena natureza, a céu aberto, confirmando que as proibições, formuladas pelo próprio Moisés ali presente, não se referiam a esse tipo de sessões, mas apenas a "consultar" os espíritos dos mortos sobre problemas materiais (cfr. Lev. 19:31 e Deut. 18:11), em situações em que só se manifestam espíritos de pouca ou nenhuma evolução. Tanto assim que era condenado o médium "presunçoso" que pretendesse falar em nome de YHWH, sem ser verdade (mistificação) e o que servisse de instrumento a "outros" espíritos (Deut. 18:20). Mas conversar com entidades evoluídas, jamais poderia ter sido condenado por Moisés que assiduamente conversava com YHWH e que, agora mesmo, o estava fazendo, embora em posição invertida.

Quanto à presença de Elias, que Jesus afirmou categoricamente haver reencarnado na pessoa de João Batista, (cfr. Mat. 11:14) observemos que o episódio da "transfiguração" se passa após a decapitação do Batista (cfr. Mat. 14:10 e Marc. 6:27; vol. 3). Por que, então, teria o precursor tomado a forma de uma encarnação anterior? Que isso é possível, não há dúvida. Mas qual a razão e qual o objetivo? Só entrevemos uma resposta: recordar o tempo em que, sob as vestes carnis de Elias, esse Espírito fiel e ardoroso servira de médium e intérprete ao próprio Jesus, que então respondia ao nome de YHWH.

Outra indagação fazem os hermeneutas: como teriam os discípulos reconhecido Moisés, que viveu 1500 anos antes e Elias que viveu 900 anos antes, se não havia nenhum retrato deles coisa terminantemente proibida (cfr. Êx. 20:4; Lev. 26:1; Deut. 4:16, 23 e 5:8)? No entanto, ninguém afirmou que os discípulos os "reconheceram". Lucas, em sua frase informativa, diz que "viram dois homens"; depois esclarece por conta própria: "que eram Moisés e Elias". Pode perfeitamente deduzir-se daí que o souberam por informação de Jesus (que os conhecia muito bem, como YHWH que era). Essa dedução tanto pode ser verídica que, logo depois, ao descerem do monte os quatro (vê-lo-emos no próximo capítulo) a conversa girou precisamente sobre a vinda de Elias antes do ministério de Jesus. Como poderia vir, se ainda estava "no espaço"? E o Mestre lhes explica o processo da reencarnação.

Também em Lucas encontramos outra indicação preciosa, que talvez lance nova luz sobre o episódio. Diz ele que "os discípulos estavam oprimidos pelo sono, mas conservando-se plenamente despertos" (tradução de *diagrêgorêsantes*, participio aoristo de *diagrêgorêô*, que é um verbo derivado de *egrêgora*, do verbo *egeírô*, "despertar"). Quiçá explique isso que o episódio se passou no plano espiritual (astral, ou talvez mental). Eles estavam em sono, ou seja, fisicamente em transe hipnótico (mediúnico), com o corpo adormecido; mas se mantinham plenamente despertos, isto é perfeitamente conscientes nos planos menos densos (astral ou mental); então, o que de fato eles viram, não foi o corpo físico de Jesus modificado, mas sim a forma espiritual do Mestre e, a seu lado, as formas espirituais de Moisés e Elias. Inegavelmente a frase de Lucas sugere pelo menos a possibilidade dessa interpretação. Mais tarde, na agonia, é também Lucas que chama a atenção sobre o sono desses mesmos três discípulos (Luc. 22:45).

Mateus e Marcos parecem indicar que Pedro fala ainda na presença de Moisés e Elias, mas Lucas esclarece que ele só se manifestou depois que eles desapareceram. Impulsivo e extrovertido como era, não conseguiu ficar calado. E sem saber o que dizer, propõe construir três tendas, uma para cada um dos visitantes e uma para Jesus.

Interessante observar que em Marcos encontramos o vocábulo que deve ter sido usado por Pedro "Rabbi", enquanto Mateus o traduz para "Senhor" (*kyrie*) e Lucas para "Mestre" (*epistata*, ver vol. 2). Pergunta-se qual a razão das tendas. Talvez porque já era noite? Mas quantas vezes dormira Jesus ao relento, sem que Pedro se preocupasse ... Alguns hermeneutas indagam se a expressão "construir tendas" não terá, por eufemismo, significado apenas "permanecer lá", isto é, não mais voltar à planície. E a hipótese é bastante lógica e forte, digna de ser aceita.

Pedro não obteve resposta. Estava ainda a falar quando os envolveu (literalmente "cobriu") a todos uma nuvem (Mat.: de luz), e os três jogaram-se de rosto ao chão, aterrorizados. Na escritura, a nuvem era um sinal da presença de YHWH (cfr. Êx. 16:10; 19:9,16; 24:15,16; 33:9-11; Lev.16:2; Núm. 11:25, etc.). Daí pode surgir outra interpretação, que contradiz a primeira hipótese, de haver-se passado a cena no plano espiritual. A nuvem poderia ser o ectoplasma que tivesse servido para materialização dos espíritos e que, ao desfazer-se a forma, tomava aspecto de nuvem difusa, até o ectoplasma ser absorvido pelo ar. O mesmo fenômeno, aliás também atestado por Lucas apenas (At. 1:9) se observou ao dispersar-se o ectoplasma utilizado para a materialização do corpo astral de Jesus após a ressurreição; nessa circunstância, dois outros espíritos aproveitaram o ectoplasma para materializar-se e dizer aos discípulos boquiabertos, que fossem para seus afazeres; e logo após desaparecerem. Também aqui parece coincidir o aparecimento da nuvem com o desaparecimento dos dois espíritos.

Quando a nuvem os cobriu, foi ouvida uma voz (fenômeno comum nas sessões de materialização, e conhecido com o nome de "voz direta"), que proferiu as mesmas palavras ouvidas por ocasião do "Mergulho de Jesus" (Mat.13:17; Marc. 1:11; Luc. 3:22; vol. 1): *"este é meu filho, o Amado, que me alegra"*; e os três evangelistas acrescentam unanimemente: "ouvi-o". No entanto, Pedro, testemunha ocular do fato, repete a frase sem o imperativo final: "recebendo de Deus Pai honra e glória, uma voz assim veio a Ele da magnífica glória: *este é meu Filho, o Amado, que me satisfaz*. E essa voz que veio do céu, nós a ouvimos, quando estávamos com Ele no monte santo"(2.^a Pe.1:17-18).

Após a frase, que Marcos, com um hápax (*exápina*) diz "ter cessado", tudo voltou à normalidade. Mas, segundo Mateus, eles permaneceram amedrontados. Foi quando Jesus, tocando os, mandou-os levantar-se, dizendo que não tivessem medo. Levantando-se, eles viram apenas Jesus, já em seu estado físico normal.

Termina Lucas informando que tal impressão causou o fato, que os três nada disseram a ninguém "por aqueles dias". Esse silêncio aparece como uma ordem dada por Jesus aos três, "ao começarem a descer o monte", fixando-se o prazo: "até que o Filho do Homem se levante dentre os mortos" (ou "seja ressuscitado").

Procuremos penetrar, agora, o sentido profundo do episódio narrado pelos três sinópticos.

Esclareçamos, de início, que as instruções de João o evangelista, quanto à iniciação ao adepto e sua conquista, seguem caminho diferente dos três outros evangelistas, e por isso essa passagem foi substituída por outra: as bodas de Caná (cfr. vol. 1). Daí não haver tocado no assunto. Mas outras razões podem ser dadas: tendo experimentado esse sponsalício pessoalmente, não quis divulgá-lo por discricção. Ou também: tendo sido narrado pelos três, inútil seria revivê-lo depois que estava divulgado havia pelo menos 30 anos.

Examinemos rapidamente os dados fornecidos pelos textos.

Mateus e Marcos assinalam, com precisão que a cena se deu SEIS dias depois. Não nos interessa saber depois "de que"; e sim assinalar que o fato se passou no SÉTIMO dia. Alertados, pois, para isso (que Lucas, mais intelectualizado por formação, interpretou como pura indicação cronológica e registrou com imprecisão: cerca de oito dias), imediatamente compreendemos que se trata, mais uma vez, do último passo sério de uma iniciação esotérica. Daí a necessidade de prestar toda a atenção aos pormenores, ao que está escrito, ou ao que está sugerido, embora não dito, às ilações silenciosas de um texto que, evidentemente, tinha que aparecer disfarçado, indicando apenas, despretensiosamente, uma ocorrência no mundo físico.

Antes de entrarmos nos comentários "místicos", observemos o episódio à luz dos mistérios iniciáticos o Jesus passara, em sua peregrinação terrena, pelos três primeiros graus: o MERGULHO nas águas profundas do coração,. a CONFIRMAÇÃO, obtida com a Voz ouvida logo após o mergulho, completando assim os mistérios menores. E recebera bem a "prova" do terceiro grau, as "tentativas", vencendo-as em tempo curto e de maneira brilhante. Nem mesmo necessitava propriamente de uma metánoia

("modificação mental" ou, como prefere H. Rohden, "transmentação"): sua mente já estava firmada no Bem havia milênios; submeteu-se às provas por espontânea vontade (tal como ocorrera com o "mergulho" diante do Batista, Mat. 3:14-15), para exemplificar, deixando-nos o modelo vivo, que temos que seguir.

Superadas, pois, as tentações (3.º grau) - e portanto vencida e domada totalmente a personagem transitória com sua ignorância divisionista, transbordante de egoísmo, vaidade e ambição - podia pretender o ingresso no 4.º grau iniciático, nos mistérios maiores.

A cerimônia, realizada diante da Força Divina, conscientemente sentida dentro de cada um, mas também transcendente em a Natureza, dividia-se em duas partes.

A primeira partia do candidato (termo que significa "vestido de branco"; cfr. Marcos: "branco qual nenhum lavandeiro na Terra é capaz de alvejar"); consistia na "Ação de Graças" (em grego eucharistia). O homem eleva suas vibrações ao máximo que lhe é possível, a fim de, sintonizando com Deus, agradecer o suprimento de Força (dynamis) e de Energia (érgon) que recebeu. Com isso, seu Espírito caminha ao encontro do Pai.

A essa Ação de Graças comparecem os "padrinhos" do novo ser que "inicia" a estrada longa e árdua do adepto: dois "iniciados maiores", que se responsabilizam por ele, tornando-se fiadores de que realmente ele é digno de receber a Luz o Alto, e de que está APTO ao passo de suma gravidade que pretende dar. Ninguém melhor que Moisés e Elias para apresentar-se fiadores da pureza e santidade de YHWH, diante da Grande Ordem Mística e de seu Chefe, o Rei da Justiça e da Paz, MELQUISEDEC! E lá estão eles, revestidos de luz, embora suas luzes fossem ainda inferiores às daquele que, para eles, fora "o seu Deus"!

Nesse encontro magnífico, o entretenimento permanecia na mesma elevação espiritual, e os assuntos tratados referiam-se exatamente aos passos seguintes: o quinto e as dores e a paixão indispensáveis para o sexto; conversavam a respeito da próxima "saída" que, dentro em pouco, se realizaria em Jerusalém. Nesse alto nível de frequências vibratórias, puramente espirituais, em que o candidato aceita, de pleno grado e com alegria, tudo o que os "padrinhos" lhe apresentam como necessário à promoção, aguardava-se a aprovação do Alto, a poderosa manifestação (em grego epiphania) que devia chegar do VERBO, através da palavra autorizada do Hierofante Máximo, declarando o candidato aceito no quarto grau, que lhe garantia o título oficial de "Iniciado". E Melquisedec mais uma vez faz soar SUA VOZ: "este é meu Filho, o Amado". Através do Sumo Sacerdote do Deus Altíssimo (Heb. 7:1) soava o SOM divino, e ao mesmo tempo vinha a autorização plena e total, para que pudesse ENSINAR os grandes mistérios àqueles que deles fossem dignos: OUVI-O!

Os três discípulos que ali haviam sido convocados testemunharam espiritualmente a cerimônia porque, em existências precedentes, já haviam passado por esse grau, embora em nível inferior, e estavam, agora, repetindo mais uma vez os sete passos, num nível mais elevado. Explicamo-nos:

Realmente sabemos haver diversos planos em cada estágio evolutivo. No estágio hominal (como em tudo neste planeta), os planos são estruturados em setenários. Então, cada ser terá que submeter-se aos sete passos iniciáticos em cada um dos sete planos. O Homem atingirá o grau definitivo de "iluminado" após os três primeiros cursos de iniciação em três vidas diferentes, embora, talvez não sucessivas. Ao completar o quarto curso, terá então o título definitivo de "iniciado", quando já se firmou na estrada certa. Depois do quinto curso, poderá receber o grau de "adeto". Após o sexto curso merecerá o mestrado supremo, será o "Hierofante". Só após o sétimo e último curso, será legitimamente chamado "O CRISTO". E foi isso que precisamente ocorreu com Jesus que, de direito, foi e é denominado Jesus, O CRISTO!

Só alguém que tenha um grau maior ou igual, poderá conceder a uma criatura os títulos legítimos. Por isso, na Terra, só o Rei da Justiça e da Paz, o CRISTO MELQUISEDEC, poderia ter conferido a Jesus essa prerrogativa. E por essa razão foi escrito que Jesus, "sacerdote da Ordem de Melquisedec" (Heb. 5:6), "entrou, como precursor, por nós, quando se tornou Sumo Sacerdote, para sempre, da Ordem de Melquisedec" (Heb. 6:20).

Enquanto Jesus conquistava o quarto grau do sétimo plano, os três discípulos presentes eram recebidos e confirmados no mesmo quarto grau, mas de um plano inferior, que ousamos sugerir se tratava do quarto plano, pois se estavam preparando para o grau de "Iniciados", que realmente demonstraram ser, pelo futuro de suas vidas físicas, naquela encarnação.

Olhando-se as coisas sob esta realidade que acabamos de expor, é que verificamos quanta ilusão anda pelo mundo, no coração daqueles que se intitulam "iniciados" logo nos primeiros passos do caminho do Espírito; e sobretudo daqueles que julgam poder comprar uma palavra mágica que os torna instantânea e milagrosamente "iniciados" da noite para o dia ...

Mas olhemos, agora o texto sob outro prisma. Estudemo-lo em sua interpretação mística do mundo mental, dentro do coração, na conquista do "reino dos céus".

Observemos que Jesus (a Individualidade) toma consigo PEDRO (a emoção, o corpo astral); TIAGO (corruptela portuguesa de Jacó - veja vol. 2 - com o sentido "o que suplanta", e que representa aqui o intelecto, que suplanta toda a animalidade, quando se desenvolve no plano hominal) e JOÃO (o intelecto já iluminado, cujo nome exprime "o dom de Deus" ou "a graça divina", cfr. vol. 1).

Por aí se compreende a razão da escolha. Qualquer passo que pretenda ser sério e construtivo espiritualmente, na individualidade, tem que contar, na personalidade, com esses três fundamentos: as emoções, o intelecto que suplantou a animalidade e o intelecto já iluminado pela intuição; por isso os evangelistas nos mostram Jesus a chamar, nos casos mais importantes, os três nomes-chaves: Pedro, Tiago e João.

Outra observação importante é o termo empregado por Mateus e Marcos (Lucas emprega anébê, "subiu") e que nos elucida com exatidão: anaphérei, ou seja, ELEVOU-OS. Com isso percebemos que houve uma elevação de vibrações, e bastante forte: ao monte alto (Mateus e Marcos). Lógico que não era preciso dar o nome do monte: foi ao Espírito, à mente, ao coração, que Jesus os "elevou", que a individualidade fez ascender a personalidade, subindo com Ela. E não deixa de salientar: "à parte", sozinho, deixando na planície, ao sopé do monte, os demais discípulos, ou seja, os veículos inferiores. Lucas, bem avisado, anota que os discípulos ficaram "oprimidos pelo sono" (hêsan bebaryménoi hypnôî). No entanto, pode acrescentar que, apesar disso, se conservavam "plenamente despertos", isto é, numa superconsciência espiritual ativíssima, fora do corpo físico (desdobrados).

Passados os veículos superiores para o plano mental (mergulhados no coração), puderem observar aquilo que todos os grandes místicos atestaram sem discrepância, no oriente e no ocidente, em qualquer época: a percepção de uma luz intensíssima, que só poderia ser comparada, como o foi, ao SOL e à própria LUZ. Estavam os veículos em contato com o Eu Interno, com o CRISTO, com o Espírito em todo o seu resplendor relampejante: Deus é LUZ: mergulhar em Deus é mergulhar na LUZ.

Aí, nessa fulguração supernatural, observaram os três planos da individualidade, a tríade superior: a Centelha divina do Sol imortal, a partícula da Luz Incriada, representada por Jesus, pelo Cristo Cósmico mergulhado no ser; viram a Mente Criadora, que eles personalizaram em Moisés, criador da legislação para a personalidade; e o Espírito Individualizado, que o participante da experiência mística representa por Elias (cujo nome significa "Deus é meu Senhor"); Elias é o Espírito mais típico em sua ação espiritual, no Antigo Testamento. Aparece repentinamente nos livros históricos, sem filiação nem tradição, e também faz sua partida estranhamente num carro de fogo, como se se tratasse de alguém que não nasceu nem morreu ou que aqui tivesse vindo e ido proveniente de outro planeta. Tal como o Espírito imortal que, proveniente de uma individualização do Pensamento Universal, não conhece seu princípio nem jamais finalizará sua ascensão.

Aí temos, portanto, mais um exemplo vivo e palpitante, mais uma lição maravilhosamente exposta na prática, de um dos processos da unificação da personagem humana, em sua parte mais elevada, com a individualidade divina. A personagem descobre, nesse Encontro acima dos planos comuns, no nível altíssimo (alto monte) do mental, que seu verdadeiro EU tem três aspectos distintos, embora constituam um só princípio: 1.º o Cristo Cósmico, a Partícula divina; 2.º a Mente criadora (nóus) simbolizada em Moisés; 3.º o Espírito individualizado, do qual Elias serviu de símbolo. Esses três aspectos reúnem-se numa única individualidade, com o sagrado nome de JESUS.

Daí a metamorfose que eles dizem que Jesus sofreu "no rosto": não era mais aquele Jesus do corpo físico, mas sim o JESUS-INDIVIDUALIDADE, ali observado nas três faces: Jesus o CRISTO, Moisés a Mente, Elias o Espírito.

O episódio da "transfiguração" torna-se, por tudo isso, um dos pilares fundamentais da mística cristã, uma das provas basilares da realidade do mundo espiritual que somos nós, esse microcosmo que é a redução finita de um macrocosmo infinito, incompreensível ao nosso intelecto personalístico; esse minuto-segundo, ponto físico euclidiano, que é uma projeção descritiva da eternidade, inconcebível ao nosso cérebro físico.

Lição perfeita em sua execução, revestida de impecável didática para quem olha e vê.

Dos veículos presentes ao excelso acontecimento, só as emoções se descontrolam. A parte puramente hominal do intelecto e a parte super-hominal do intelecto-iluminado, receberam a lição e silenciaram respeitosamente, absorvendo o ensino (o Lógos) e transmudando-se no Homem Novo que ali surge, no Super-Homem que naquele instante nasce para a Vida imanente. Mas as emoções se comovem profundamente, a ponto de não saber o que fazer: e nessa comoção, agitando-se, fazem o cenário desaparecer, diluem a visão, embora propondo permanecer indefinidamente nesse estado samádico, nesse êxtase supremo. Mas de qualquer forma, foi exteriorizado um "desejo"; mesmo sendo sublime, mesmo revelando a decisão de anular-se para permanecer naquela vibração puríssima, a emoção revolveu as águas cristalinas que espelhavam o céu na terra, e a descida foi perturbadora. Os veículos se aterrozaram na queda de vibrações e caíram "prostrados com o rosto por terra", sem mais coragem de fitar a amplidão infinita.

Após essa revelação magnífica, tudo começa a voltar à normalidade, descendo os veículos espirituais ao corpo denso, e nele mergulhando como alguém que ao descer de um céu límpido e diáfano, penetrasse numa nuvem grosseira de materialidade. A "nuvem" da matéria toca-lhes a visão divina embaça-lhes os olhos espirituais, diminui-lhes a agudeza perceptiva da superconsciência.

Surge ainda, no entanto, a afirmação espiritual do Verbo (Som, Pai), proclamando a individualidade, o Espírito individualizado, o CRISTO, como o Filho Amado, "que lhe proporciona alegria": é a declaração de Amor do Amante ao Amado, na união profunda de dois-em-um, no amplexo sublime do Espousalício Místico. Nada mais natural que traduzir por palavras o ímpeto amoroso do Amante, porque o Amante é exatamente A PALAVRA, o VERBO, o LOGOS, o SOM Incriado, que tudo cria, sustenta e conserva com seu Amor-Ação Ativo e criador de PAI, permanentemente em função fecundadora. E, sendo PAI, nada mais natural que declarar que o Cristo-é "MEU FILHO". Também é óbvio que aconselhe aos veículos todos que O ouçam, seguindo-Lhe os ensinamentos e as inspirações.

Ao sentirem o impacto do natural peso mundo das células, ao penetrarem no mundo das formas, os veículos se oprimem, se amedrontam, e caem em quase desânimo, tristeza e saudade.

Mais uma vez a individualidade "tocando-os", fá-los levantar-se para reanimá-los aos embates físicos. E eles vêem "apenas Jesus", apenas a individualidade despida da glória, em seu aspecto mais comum. Não deixa esta, todavia, ao "descer do monte", ou seja, ao penetrar novamente na personagem terrena, de recomendar que silenciem o acontecimento. Os que realmente se amam, a ninguém revelam seus íntimos contatos amorosos: é o segredo da câmara nupcial que se leva ao túmulo. Assim, a personalidade deverá manter secretos esses encontros místicos, essas experiências indizíveis (2.ª Cor. 12:4). Sobretudo àqueles que não tiveram a experiência, aos que vivem NA personagem apenas, nada deverá jamais ser revelado: só poderá tratar-se desses raptos, desse Mergulho, com aqueles que já os VIVERAM, isto é, só quando o FILHO do Homem (ou o Super-Homem) tiver sido levantado da morte, do sepulcro da personagem física terrena, e definitivamente ingressado no "reino dos céus", só então será lícito compartilhar as experiências sublimes da unificação com o Cristo-Deus.

Mais uma prova de que se tratava realmente de um rito iniciático dos mistérios, é o silêncio imposto, o segredo que Jesus exige dos que a ele assistiram. Todas as cerimônias dos mistérios eram secretíssimas e ouvidos profanos delas não podiam ouvir falar. Nenhum dos escritores antigos que a elas assistiu as reproduz em suas obras. Mais tarde, depois que todos os passos fossem dados, poderia o fato ser divulgado, mas apenas como "um episódio" ocorrido no mundo físico, e não como o acesso a um

grau iniciático, não como a conquista de um nível espiritual superior na escala dos Mistérios divinos. Essa interpretação só poderia vir à luz no fim do ciclo zodiacal de Pisces (trevas), no alvorecer do signo do Aquário, quando tudo o que é oculto virá à luz, e os segredos celestiais jorrarão torrencialmente do Alto, para dessedentar os sequiosos de Espírito.

* * *

A "transfiguração" de Jesus é classificada com o termo metamorfose, típica dos mistérios iniciáticos gregos, fundamento da Mitologia. Muitas dessas metamorfoses são narradas pelos escritores iniciados nesses mistérios. Se os profanos pensam que são reais, enganam-se: são simbólicas da passagem de um estado a outro, ou de um estágio ao seguinte. Apuleio, por exemplo, simboliza o mergulho de Lúcius na matéria densa (encarnação), imaginando sua metamorfose num asno. As peripécias do animal são as ocorrências normais da vida humana na Terra. No fim, a iniciação nos mistérios de Ísis o faz voltar, muito mais experiente, à vida hominal, dedicando-se totalmente ao Espírito.

A metamorfose de Jesus, porém, foi de outro tipo: passou da carne ao Espírito, desintegrando momentaneamente a matéria em energia luminosa, embora ainda conservasse as características hominais da conformação externa, mas muito mais belas, por serem Energia Espiritual Radiante e Puríssima.

REENCARNAÇÃO

Mato 17:10-13

Marc. 9:10-13

- | | |
|--|--|
| <p>10. Perguntaram-lhe os discípulos dizendo: "Por que então dizem os escribas que Elias deve vir primeiro"?</p> <p>11. Respondendo, Jesus disse: "Sem dúvida Elias vem primeiro e restaurará todas as coisas;</p> <p>12. mas eu vos digo que Elias já veio e não o conheceram, antes fizeram com ele tudo o que quiseram; assim também o Filho do Homem há de padecer por parte deles".</p> <p>13. Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.</p> | <p>10. E guardaram essa palavra, discutindo entre si o que seria ter sido levantado dentre os mortos.</p> <p>11. Então lhe perguntaram dizendo: "Como é que os escribas dizem que Elias deve ter vindo primeiro"?</p> <p>12. Respondendo, disse-lhes: "Elias, tendo vindo primeiro, restauraria todas as coisas e (como está escrito do Filho do Homem) padeceria muitas coisas e seria rejeitado;</p> <p>13. mas digo-vos que (tal como está escrito a respeito dele) também Elias veio e fizeram a ele tudo o que queriam.</p> |
|--|--|

Aqui temos um dos ensinamentos mais claros e explícitos de Jesus, mas há dois milênios vem ele sendo premeditadamente mal interpretado. Pensadamente se torce a doutrina explicada pelo Mestre, para adaptá-la às próprias convicções e aos convencionalismos ditados pela falta de conhecimento da realidade. São então trazidos à balha nos comentários de hermeneutas e exegetas, os mais deslavados sofismas, que contradizem frontalmente o texto.

Reconstituamos a cena, tal como está narrada pelos dois evangelistas.

Em Marcos, encontramos a causa que provocou a pergunta. Tinham os discípulos gravado na memória a proibição de Jesus e, a esse respeito, vinha sendo mantida acesa discussão a propósito da frase: *ter-se levantado dentre os mortos*" (veja-se o estudo de anístemi, "levantar-se", no vol. 3).

Apesar da discussão, não se fez a luz e não chegaram eles a uma conclusão satisfatória.

Com efeito, havia muitos dados que pareciam contraditórios entre si. Malaquias previra o retorno de Elias à Terra, antes do Messias, na qualidade de Seu precursor. Jesus declarou (Mat. 11:14) a respeito de João Batista, então encarnado: "e se quereis aceitá-lo, ele mesmo (João) é o Elias que tinha que vir" (Convém ler todo o comentário do vol. 3). Mas, logo após, João Batista fora retirado da cena, decapitado. Agora, mais uma complicação surgira: eles acabavam de ver e ouvir Elias, com a forma de Espírito. Como explicar-se ali a presença de Elias? Elias não havia renascido na pessoa de João Batista? E então, por que apareceu Elias, e não o Batista? E havia mais: se estava previsto que a missão de Jesus chegava ao fim (assunto tratado durante a visão, confirmando as palavras anteriores de Jesus), não haveria tempo suficiente para que Elias reencarnasse e viesse "preparar o caminho para o Senhor".

De fato, a confusão era procedente e eles resolveram interpelar o Mestre, expondo-Lhe suas dúvidas numa pergunta que as englobasse: "como dizem os escribas que Elias deve vir primeiro" (*dei elthein prôton*)?

Jesus aceita e ratifica o ensino dos escribas baseado nas Escrituras: não há dúvida de que Elias vem antes. Eis as respostas com suas variantes nos dois Evangelhos:

Mateus: "Sem dúvida Elias vem (érchetai, presente do indicativo) e restaurará todas as coisas. Mas eu vos digo que ELIAS JÁ VEIO e não o conheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram: assim também o Filho do Homem há de padecer da parte deles" .

Marcos: "Com efeito, tendo vindo primeiro, Elias restauraria todas as coisas e (como também está escrito do Filho do Homem) padeceria muitas coisas e seria rejeitado. Mas digo-vos que (tal como está escrito a respeito dele) também ELIAS VEIO e fizeram-lhe tudo o que queriam.

Mesmo assim confuso, o sentido do texto de Marcos concorda com o sentido do de Mateus em suas linhas básicas: ELIAS JÁ VEIO e, não tendo sido reconhecido, foi assassinado o Mas Elias JÁ VEIO.

Após essa resposta incisiva, os raciocínios se aclararam: eles haviam degolado "Elias", quando degolaram João Batista, e por isso Elias apareceu em espírito. De fato, o Espírito não morre. Só morre a personalidade terrena, única que recebe um nome. A conclusão é óbvia: o Espírito (individualidade) é um só, que vivifica sucessivamente várias personagens. O mesmo Espírito, pois, vivificara Elias e, novecentos anos depois, vivificara a personagem João Batista. Assim sendo, o Espírito era o mesmo, e podia apresentar-se com qualquer das duas formas, a seu gosto: ou Elias, ou João Batista.

Tudo se esclarecia definitivamente e "os discípulos entenderam finalmente que, quando Jesus lhes falara de Elias, Ele se referira a João Batista, nova encarnação de Elias".

E foi assim que o compreendeu Gregório Magno que vamos repetir "Em outro passo o Senhor, interrogado pelos discípulos sobre a vinda de Elias, respondeu: *Elias já veio* (Mat. 17:12: Marc. 9:12) e, se quereis aceitá-lo, *é João que é Elias* (Mat. 11:14). João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias (João, 1:21). É que João era Elias *pelo Espírito* (individualidade) que o animava, mas não era Elias em pessoa (personagem). O que o Senhor diz do *Espírito*, João o nega da pessoa" (Greg. Magno, Homilia 7 in Evang., Patrol. Lat. vol. 76, col. 1100) .

O sentido desse esclarecimento dado pela individualidade (Jesus) ao intelecto e às emoções da personalidade (Pedro-Tiago-João) é o exemplo do que ocorre com todos os que se aproximam das realidades espirituais.

Muita coisa existe que o intelecto (mesmo iluminado) e as emoções recusam aceitar. Nesse mesmo trecho temos a comprovação disso: há quantos séculos obstina-se a humanidade em não aceitar a lição dada, só porque, vivendo presa à personalidade, seus intelectos não percebem a realidade profunda? E no entanto, centenas de intelectuais privilegiados leram o trecho e o comentaram, mas sempre baseados nos raciocínios horizontais da personagem humana limitada. Por isso é tão difícil vencer aqueles que, encarcerados na personalidade - cujo eu unicamente conhecem - não conseguem perceber nada além do que os sentidos lhes fornecem, e recusam a luz do Espírito.

Quando, todavia, se dá o contato com o Espírito, esse mostra ao intelecto o FATO, e o intelecto imediatamente VÊ, PERCEBE e ENTENDE as coisas, sem necessidade de fazê-las passar pelo crivo do raciocínio e pelo filtro das emoções. A visão é global, interiça, total.

Nessa elucidação de Jesus, as palavras foram poucas, mas o alcance do Intelecto, que acabava de ter tido o contato, foi completo: "entenderam que lhes falava de João Batista". Entenderam. Perceberam. Viram. Nada mais lhes era necessário. A intuição estava absorvida, a convicção era indiscutível, o Espírito penetrara no intelecto, e o intelecto "entrara no reino dos céus", vendo, "não mais através de um vidro obscuro, mas face a face, não mais por partes, mas englobadamente" (1.ª Cor. 13:12).

Natural e compreensível a recusa daqueles que vivem na personalidade, de aceitar as visões espirituais: um plano se opõe ao outro em pólos opostos. Quem está e vive preso aos sentidos físicos, quem só raciocina intelectualmente, é como "a criança, que fala como criança, pensa como criança, raciocina como criança; mas quando eles se tornarem Homens, abandonarão os modos de ver das crianças" (1.ª Cor. 13:11). Ora, como pretender que a criança cresça repentinamente e de imediato raciocine como pessoa adulta? Como pretender que a personalidade de inopino atinja a individualidade? Só o tempo (que "é o ritmo evolutivo", no dizer de Pietro Ubaldi) é que poderá resolver o caso e amadurecer os

frutos. Aguardemos com paciência que a Humanidade e seus dirigentes, políticos e espirituais, se tornem adultos, e tudo será mais fácil.

A CURA DO EPILÉPTICO

Mat 17:14-18

Marc. 9: 14-27

Luc. 9:37 -43c

14. E chegando eles à multidão, veio a ele um homem e, ajoelhando-se diante dele, disse:
15. "Senhor, com padece-te de meu filho, porque é lunático e sofre horrivelmente; pois muitas vezes cai no fogo e muitas outras na água;
16. eu o trouxe a teus discípulos e eles não puderam curá-lo".
17. Respondendo, pois, Jesus disse: "Ó geração sem fé e perversa, até quando estarei convosco? Até quando vos tolerarei? Trazei-me aqui o menino".
18. E Jesus repreendeu-o e o espírito desencarnado saiu dele e desde aquela hora ficou curado o menino.
14. E chegando para os discípulos, viu grande multidão em redor deles e escribas discutindo com eles.
15. Imediatamente toda a multidão, vendo-o, surpreendeu-se e, acorrendo, saudava-o.
16. Ele lhes perguntou: "Que estais discutindo com eles"?
17. Respondendo-lhe um dentre a multidão, disse: "Mestre, eu te trouxe meu filho que tem um espírito mudo.
18. e este, onde quer que o apanhe convulsiona-o; e ele espuma e range os dentes e vai definhando; roguei a teus discípulos que o expulsassem, e eles não tiveram força".
19. Respondendo, disse-lhes: "Ó geração sem fé, até quando estarei convosco? Até quando vos tolerarei? trazei-mo".
20. E eles lho trouxeram. E vendo-o (a Jesus), logo o espírito o convulsionou e, caindo no chão, contorcia-se, espumando.
21. Perguntou (Jesus) ao pai dele; "Há quanto tempo acontece-lhe isso"? Respondeu ele: "Desde a infância;
22. e muitas vezes o lançou ora no fogo, ora na água para destruí-lo; mas, se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos".
23. Disse-lhe Jesus: "Se podes? tudo é possível ao que crê".
24. Imediatamente o pai do menino exclamou; "Creio! Ajuda minha incredulidade".
25. E vendo Jesus que uma multidão afluía, repreendeu o espírito, dizendo-lhe: "Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e nunca mais nele entres".
26. Gritando e convulsionando-o muito, saiu; e o menino ficou como morto, de modo que a maior parte do povo dizia; "Morreu".
27. Mas Jesus, tomando-o pela mão, despertou-o e ele levantou-se.
37. Aconteceu no dia seguinte que, tendo eles descido da montanha, grande multidão foi encontrá-lo,
38. E do meio da multidão um homem gritou: "Mestre, suplico-te que olhes meu filho porque é o único que tenho,
39. e um espírito o toma e ele repentinamente grita e convulsiona-o e fá-lo espumar, e dificilmente se afasta, jogando-o por terra.
40. Supliquei a teus discípulos que o expulsassem, mas não puderam".
41. Respondendo, disse Jesus: "Ó geração sem fé e perversa, até quando estarei convosco e vos tolerarei? traze aqui teu filho".
42. Quando se aproximava, o espírito desencarnado derrubou-o e convulsionou-o; mas Jesus repreendeu ao espírito atrasado curou o menino e entregou-o ao pai.
43. E maravilharam-se todos da grandeza de Deus.

Neste episódio, Mateus e Lucas apresentam um resumo de Marcos, que narra a cena com pormenores vívidos, reproduzindo, ao que parece, o que a memória privilegiada de Pedro conservou do fato. Seguiremos Marcos em nossos comentários, acrescentando-lhe as achegas novas que porventura encontrarmos nos dois outros.

Lucas, por exemplo, anota que eles "chegaram no dia seguinte", donde concluir-se que a "Transfiguração" ocorreu durante a noite, e eles desceram do monte na manhã do outro dia.

Nas últimas curvas da descida, já deve Jesus ter percebido pequena aglomeração no sopé. Além dos nove discípulos, que não haviam escalado a montanha, aguardavam a comitiva numerosas outras pessoas que discutiam animadamente.

A aparição súbita de Jesus causou surpresa no povo. Não há necessidade de supor (com Teofilacto, Cajetan, Jansênio, Cornélio a Lápide e outros) que o rosto de Jesus ainda conservasse um resquício do brilho da transfiguração, tal como é narrado de Moisés ao descer do Sinai (Êx. 34:29). Bastaria o inesperado da chegada, num momento crítico de dificuldade para surpreender a todos. O povo voltou-se imediatamente e correu a saudá-Lo. Recebidas as saudações - que, para serem assinaladas, devem ter sido muito efusivas - dirige-se o Mestre não a Seus discípulos, mas aos escribas que viu ali presentes. Porque os discípulos estavam tão cabisbaixos e confusos, que davam a impressão de terem sido derrotados. Com efeito, já tantas vezes haviam expulsado obsessores, sentindo-se alegres com os resultados obtidos (cfr. Marc. 6:13), que não conseguiam descobrir por que não dominaram este. E logo diante da primeira tentativa falhada, a dúvida cresceu, automaticamente diminuindo-lhes a fé a respeito de suas possibilidades. Daí ao fracasso total foi um passo. E os escribas devem ter aproveitado o ensejo para menosprezar os nove e, através deles, o próprio Jesus, o que mais os magoou. Ora, o fracasso era natural: o "espírito" era surdo, e portanto não podia ouvir as "ordens" verbais.

Jesus indaga da aglomeração qual o assunto do litígio com Seus discípulos. Notemos, de passagem, a confiança de Jesus em Seus seguidores. Qualquer mestre humano e cioso de suas prerrogativas (isto é, vaidoso) interpelaria os próprios discípulos: "que é que vocês fizeram em minha ausência sem minha ordem"? E estaria pronto a repreender os discípulos, para não perder o prestígio diante dos adversários. Jesus age diferente (como sempre!). Interpela "os outros", já se colocando na atitude de defender Seus escolhidos.

Mantendo-se silenciosos, demonstraram respeito e confiança no Mestre justo e bom, que saberia defendê-los e ensinar-lhes o caminho certo.

Quem falou foi "um da multidão", um anônimo, que explicou a situação. Trouxera seu filho (Lucas esclarece que era "único", como de outras vezes, em 7:12 e 8:42) e que estava possuído por um espírito obsessivo mudo (mais tarde Jesus esclarecerá que era também surdo). E Marcos coloca nos lábios do pai aflito a descrição dos sofrimentos do filho.

Mateus resume as súplicas do pai em uma palavra: "lunático". Dizia-se lunático o epilético, porque as crises violentas geralmente coincidiam com a lua nova. Marcos e Lucas citam apenas, como expressões do pai, a possessão pelo obsessivo. Era crença antiga que a epilepsia era provocada pela incorporação de um obsessivo violento. E hoje, com o conhecimento trazido pelo Espiritismo, sabemos com segurança que, excetuada pequena percentagem de casos devidos a lesões ou disritmia cerebral, todo o grande volume restante é realmente isso: ação de obsessivo violento em incorporação total (possessão).

Digno de nota que, contrariamente ao que sói acontecer, a descrição da enfermidade em Marcos contém mais pormenores médicos que a de Lucas: convulsões violentas, gritos inarticulados seguidos de queda, o espumar e o rilhar de dentes, a contração dos músculos e o retesamento dos membros e, finalmente, após a crise, a prostração absoluta, com palidez cadavérica, chegando enfim ao sono.

Depois da descrição, vem a queixa, embora em termos respeitosos e quase desculpando os discípulos: "eles não tiveram força".

Jesus, depois de repreender os presentes pela falta de fé, numa frase em que revelava profundo amargor, lamentando se de ter que permanecer entre criaturas tão retardadas, pede que o garoto lhe seja trazido.

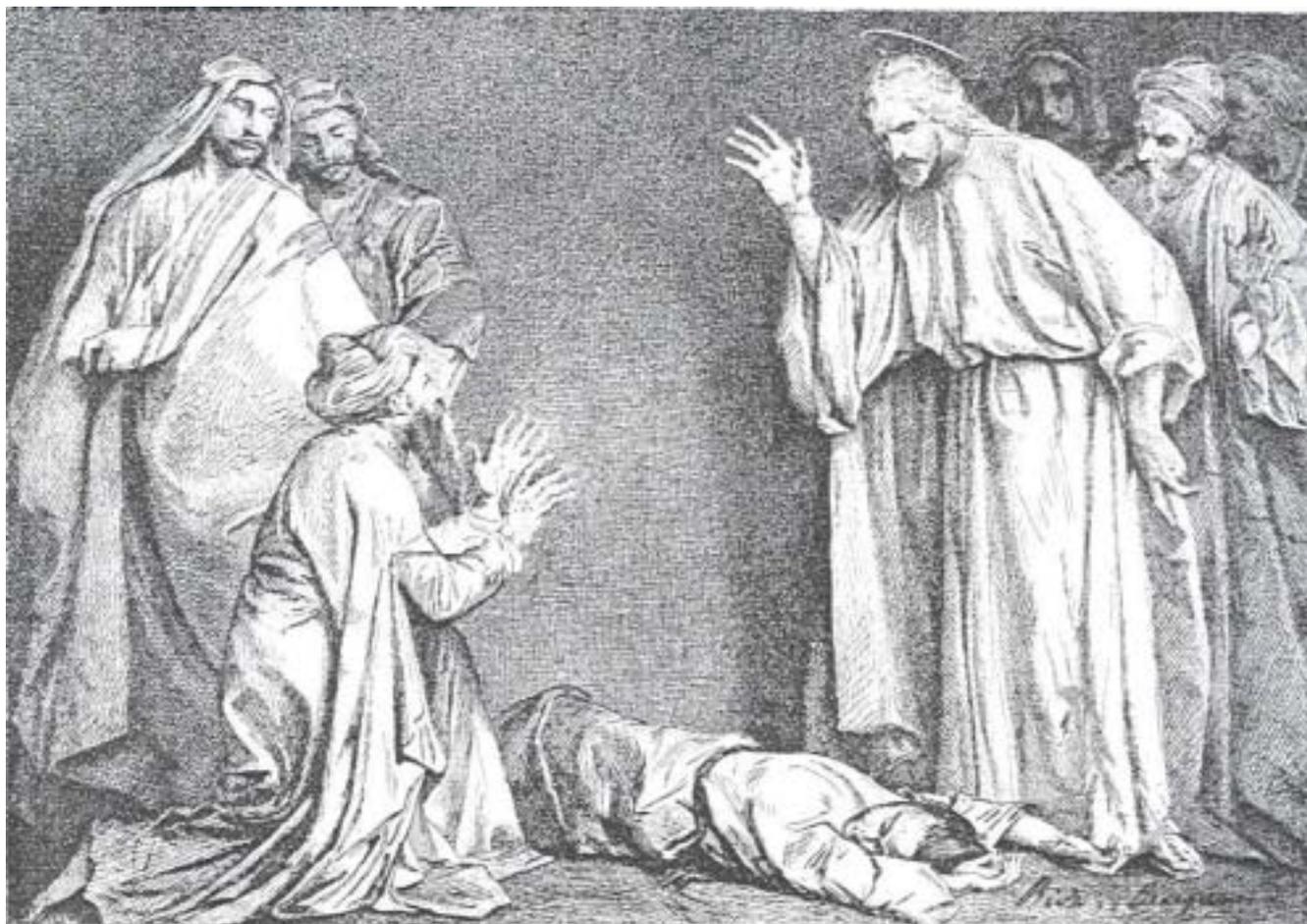


Figura "CURA DO EPILÉPTICO"

Mas logo que o obsessor enfrentou o Mestre, deu mais uma demonstração de sua violência, prostrando o menino na habitual convulsão: bastava a presença de Jesus, com Seus poderosos fluidos, para perturbá-lo.

Observemos, com atenção que Jesus não se "afoba", não se apressa, mas, antes de agir, indaga dos antecedentes, a respeito da época em que se iniciara a obsessão. O pai informa que o fato ocorria "desde a infância", embora não especifique a idade. E, aproveitando que estava novamente com a palavra, roga a Jesus que se compadeça, mas já antecedendo o pedido de uma condicional: diante do fracasso dos discípulos, a dúvida se instalara em seu íntimo, e ele diz com sinceridade "se podes alguma coisa".

Jesus aproveita para dar uma de Suas lições, quase com ironia: "se podes? ... Mas tudo é possível àquele que crê".

O pai não se descoroça: humilde reconhece que ele crê no poder de Jesus, mas também confessa que sua fé não é das maiores; pede Lhe, pois, que ajude sua falta de fé, realizando a cura do filho.

Nesse ponto, a aglomeração dos curiosos passantes crescia, e Jesus ordena com autoridade (*egô epistássô soi*) que o espírito se retire e não mais volte a importunar o menino. A obediência foi imediata, mas não devido às "palavras" de Jesus, e sim ao poder magnético altíssimo, cujo impacto vibratório o espírito já havia sentido desde o momento em que Lhe chegara à presença.

O desligamento foi feito com violência e o menino, gritando, teve outra convulsão e caiu ao chão desacordado. O povo, apavorado e palpiteiro como sempre, murmurava entre si: "morreu". O Mestre não dá ouvidos ao desânimo: abaixa-Se, segura a mão do menino e o desperta: com toda a naturalidade, ele se levanta, e Jesus o restitui sadio a seu pai.

Na última frase de Marcos há uma observação a fazer: os verbos *egeirô* e *anístêmi* são traduzidos com frequência nas edições correntes, ambos como "ressuscitar". Ora, não é possível entender-se aqui:

"Jesus o tomou pela mão e o ressuscitou e ele ressuscitou-se", o que seria absurdo. Em trechos desse tipo, este e outros, é que percebemos o sentido real que era atribuído a esses verbos, e neles baseamos nossa tradução constante de *egeirô* = despertar, e *anístêmi* = levantar-se (cfr. vol. 3).

Outra lição de profundo interesse para aqueles que gostam de mergulhar mais fundo, além das palavras do texto.

O Espírito (individualidade) regressa de seu contato unificador com o Cristo Interno, "descendo do monte" da sublimidade para a planície corriqueira do cenário material. Aí reside a turbulência natural dos elementos divididos pelo egoísmo separatista, cada qual procurando sobrepor-se aos outros, na titânica luta pelo domínio ambicioso da matéria.

Ao reentrar na personagem, intelecto e emoções acham-se descontrolados pela temporária sublimação do Espírito e da Mente espiritual. O próprio intelecto, dividido em si mesmo pela dúvida, ("discípulos" versus "escribas" perscrutadores oficiais de minúcias escriturísticas e dissecadores da "letra") raciocina inseguro, entre a crença e a negação, não conseguindo dominar as emoções, que foram invadidas pelas forças antagônicas da matéria. Só o Espírito, com sua elevação e sobretudo com a fé (segurança) de seu poder divino, alcança a supremacia absoluta para apaziguar tudo.

Esta uma das interpretações cabíveis da narrativa dos evangelistas.

Há, entretanto, pormenores elucidativos para outros níveis de evolução. Quando, por exemplo, aplicamos a lição aos casos comuns da humanidade, em que as criaturas ainda não atingiram o esponsalício místico, podemos considerar o episódio como desligado do trecho anterior, consistindo numa lição isolada.

Teríamos aqui, pois, o símbolo das criaturas que são ainda presas indefesas das forças negativas do Anti-sistema.

O quadro é bem descrito. O intelecto, embora não amadurecido e ainda vacilante em sua fé ("se podes"), já aprendeu que a prece é o poder mais eficiente para ajudar a criatura em qualquer circunstância. Por isso, ao perceber que sua personagem (seu filho único) está sofrendo os embates das paixões, decide-se a ir buscar o socorro para libertá-la das garras monstruosas e torturantes dos vícios.

No próprio texto podemos perceber duas interpretações desse socorro:

- a) o socorro é buscado fora de si, com os discípulos e seguidores de doutrinas religiosas, os quais - por falta de fé - não conseguem libertar a criatura dos hábitos arraigados, até que, voltando-se para a Divindade em prece sincera (embora ainda vacilante), obtém a libertação.*
- b) o socorro é buscado em si mesmo: os discípulos representariam, neste caso, as faculdades da alma, o psiquismo superior, a força de vontade, a persistência e a mentalização; sendo, porém, incapazes de frear e manter dóceis as emoções que sempre se rebelam, é-lhe concedido - por causa da boa-vontade sincera - o contato com a individualidade subjacente: e esta, o Espírito, assume o comando, ordena categoricamente o reequilíbrio, refaz os órgãos atormentados e enfraquecidos, e restitui ao pai (intelecto) uma personagem restabelecida (o filho curado).*

Por aí verificamos quantas lições podem ser aprendidas num único trecho, dependendo do nível evolutivo da criatura a que se aplica o ensinamento.

Observando certos pormenores, verificamos que o impacto emocional é realmente SURDO à voz interior da consciência e mais ainda à própria vontade, (quando desligada do Espírito), que as emoções ludibriam, recaindo sempre nos mesmos vícios e defeitos, sobretudo quando estes vêm acompanhando a criatura "desde a infância" (que pode ser compreendida como de uma vida, a atual, ou desde muitas existências, desde "a infância do espírito").

Ser MUDO é característica daquele que não fala, que não avisa, quando leva ao abismo dos fracassos, muitas vezes intempestivamente, causando "quedas na água e no fogo, jogando par terra", etc.

A exclamação queixosa de Jesus ("até quando estarei convosco?") exprime o apelo veemente e angustioso da individualidade que quer ver-se livre do peso da matéria, do abaixamento de vibrações que o constrange; além de expressar, também, a verdade da letra: um espírito de escol, preso entre criaturas atrasadas evolutivamente, dominadas pelo egoísmo, fascinadas pela ambição, interdevorando-se em ódios mesquinhos, sente todo o impacto da materialização como cadeias constringentes, e aspira libertar-se o mais rápido que lhe for possível, terminando sua tarefa e imediatamente retirando-se do cenário deprimente e involuído.

O pedido do pai do menino (intelecto, pai da personagem encarnada) para que sua fé "seja ajudada", reflete a posição certa dos que, no embate violento e torturante das paixões, sabem ser humildes, reconhecer as próprias fraquezas e gritar por socorro. A solicitação dessa ajuda espiritual jamais fica sem resposta por parte das ondas nouéricas de energia superior: basta sintonizar com elas, para recebê-las, pois estão permanentemente espalhando suas bênçãos em abundância. Estando "no ar" o transmissor, basta sintonizar o aparelho receptor no ponto certo, para receber o som. Se a "resposta" não vem, é sinal de que há defeito no receptor, ou que ele está mal sintonizado: mister então consertá-lo, fazendo uma boa regulação.

A FÉ

Mat. 17-19-21

Marc. 9:28-29

19. Então chegando-se os discípulos a Jesus em particular, perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo"?
20. Jesus respondeu-lhes: "Por vossa falta de fé, pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível" .
21. Mas esse tipo não sai senão com oração e jejum".
28. E tendo entrado ele em casa, perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: "Por que não pudemos nós expulsá-lo"?
29. Respondeu-lhes: "Esta espécie só pode sair pela oração e jejum".

Marcos tem o cuidado de avisar-nos que os discípulos se dirigiram ao Mestre "depois que estavam em casa", fato que Mateus assinala apenas com a expressão "em particular".

A pergunta revela ansiedade: "por que não pudemos expulsá-lo"?

E a resposta esclarece para todos: "por falta de fé".

Já havia sido dito que TUDO é possível ao que crê. E agora mais uma lição nos chega, com palavras "e comparações repetidas das lições rabínicas, onde era frequente a expressão "pequeno como grão de mostarda"; e também, para significar algo muito difícil, dizia se "como transportar montanhas". A união dos dois termos, porém, é particularidade do Evangelho.

O último versículo de Marcos (29) dá uma pequena desculpa aos discípulos: esse tipo (de espíritos) só pode sair pela oração e pelo jejum". Nem todos os códices têm "pelo jejum" (*aleph*, B, K), que é suprimido por Nestle, Swete, Lagrange, Huby e Pirot; Merck o coloca entre chaves; mas é mantido por von Soden, Vogels e Prat. Realmente, os rabinos ensinavam que "quem quer que ore sem ser atendido, ponha-se a jejuar" (cfr. Strack e Eillerbeck, o. c. , vol. 1, pág" 760). Esse versículo parece ter sido transportado para constituir o vers. 21 de Mateus, que falta em *aleph*, B, *theta*, em três minúsculos e em todas as versões copta, etiópica, siríaca hierosolymitana, e no mss. "k" da *vetus latina*, e na Vulgata.

Vem agora a lição sobre a fé. Preciosa e esclarecedora, incisiva e categórica. De fato, uma LIÇÃO.

O intelecto, na meditação em contato com o Eu verdadeiro ou com a individualidade ("em casa"), indaga das razões por que não conseguiu o domínio das emoções. E a resposta é taxativa: falta de fé. A dúvida é o pior veneno para a criatura. Tiago (1:6-8) entendeu a lição do Mestre: "Peça-se com fé, sem hesitar, pois aquele que hesita é como a onda do mar impelida e agitada pelo vento; esse homem nada recebe do Senhor pois é homem de dupla alma, instável em todos os seus caminhos".

Que significa, afinal, pístis, a FÉ?

A definição vai depender do nível evolutivo em que cada um se encontre, para compreender o sentido da palavra. Vejamos.

1. *As crianças (físicas na idade temporal ou intelectuais pela infância do "espírito"), interpretam fé como acreditar. Se acredito no que alguém me diz, sem pedir provas, demonstro fé na pessoa. Essa fé recebe geralmente o designativo de "fé do carvoeiro", ou do homem "crente" que, por não saber nada, acredita em tudo o que lhe dizem, sem capacidade para raciocinar por si: é a fé do simplório e do ignorante, exaltada em certos círculos humanos como virtude máxima, e até como condição essencial e única para a criatura "salvar-se".*
2. *Os que vivem mais no plano astral (emocional) acham que a fé é um "sentimento", uma emoção, que se acende ou apaga, aumenta e diminui, segundo o estado emocional da criatura. É a fé que se conquista diante de um ato de generosidade ou se perde, num segundo, diante de uma desilusão; mais baseada nos outros, com suas qualidades e defeitos, do que em si mesmos, em seu próprio conhecimento da verdade. É a fé que vibra altaneira e provoca, às vezes, gestos heróicos e repentinos, mas que também pode levar a extremos opostos de aridez e até de ateísmo absoluto, de materialidade total.*
3. *Os intelectualizados que baseiam tudo no raciocínio horizontal e na pesquisa, preferem, como sinônimo de fé, a palavra convicção, certeza confiança. Representa, então, uma virtude intelectual, um fruto da experiência, e não mais uma emoção. Supõe o conhecimento profundo do assunto: a certeza científica baseada nesse conhecimento é a fé. É a segurança do químico que, ao fazer as combinações de ácidos com bases, tem a certeza de que obterá um sal: fé absoluta, fé raciocinada e experimentada, com fundamento em fatos vividos e verificados sob controle.*
4. *Outros preferem considerar a fé: como demonstração de fidelidade (por exemplo, o Prof. Huberto Rohden, de quem recebemos uma carta a esse respeito). Esses, já vivendo acima do intelecto, sintonizados com a "razão" (ou individualidade), compreendem que a faculdade essencial à criatura é a fidelidade aos princípios. Uma vez conhecido o caminho e encontrado o Mestre, não haverá mais esmorecimentos nem desvios, não se permanecerá mais no saber, nem no dizer, nem mesmo no fazer, mas se exigirá de si mesmo o máximo, o SER, o SER TOTAL, INTEGRAL, ser igual ao Mestre, numa completa e total FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO, como a cópia de carbono com o original, como a estátua de gesso com o molde de barro, como a imagem no espelho com quem se mira. Essa a interpretação que demos à quarta bem-aventurança (veja vol. 2): felizes os que buscam o ajustamento, a justeza, do modelado com o modelo, do cristão com o Cristo.*

A qualquer dessas interpretações, podemos aplicar, cada um em seu grau, a lição ministrada: a fé, ainda que do tamanho de um grão de mostarda, ou seja, embora ainda esteja no início do desenvolvimento, nos primeiros passos da caminhada, já será suficiente para obter-se extraordinário efeito.

Lógico que o efeito corresponderá, em grandeza, ao adiantamento do nível evolutivo de quem a possui e a vive. Mas, não é mister diplomar-se como professor de matemática superior, para realizar as quatro operações. Desde que a faculdade exista, desde que a causa aja, o efeito é produzido. Para fazer luz numa lâmpada, não há necessidade de movimentar-se uma usina elétrica e nem mesmo de possante gerador: até uma pilha acende uma lâmpada de 6 volts, mas a luz é feita; é fraca, mas é luz.

Assim, a "montanha" poderá ser transportada de cá para lá. Seja uma montanha de dificuldades, ou de terra, ou de defeitos, ou de fluidos ou de correntes do astral, ou quaisquer outras.

A expressão "montanha" exprime, simplesmente, algo de grande, de imenso, de "impossível" de abraçar-se com os curtos braços humanos. Não há montanha que resista a quem tem fé: "nada é impossível ao que crê".

Quem meditar profundamente nessa frase, encontrará a força de vencer quaisquer obstáculos, quer interprete a fé como "crença", ou como "sentimento", ou como "convicção" ou como "fidelidade" a nosso modelo, o CRISTO.

No entanto, há coisas que a fé opera apenas por meio da ORAÇÃO. Não é da "reza" repetida mecanicamente em novenas e trezenas, mas a oração da união total com o Cristo Interno, a meditação e o mergulho em que a criatura consegue "ajustar-se" totalmente ao Criador, em que a onda sonora sintoniza perfeitamente com a emissora, em que o cristão se CRISTIFICA (2.º Cor. 1:21).

A palavra "jejum" que aparece em alguns códices e é rejeitada por numerosos hermeneutas, tem sua razão de ser nesta interpretação, pois com ela não se entende o jejum da comida física, mas o jejum "da materialidade". Explicamo-nos: aquele que se desprende da matéria e vive unido do Espírito, ou seja, "que vive na matéria sem ser da matéria, ou que vive no mundo sem ser do mundo" (Huberto Rohden), esse é o que "jejua". Com efeito, mesmo estando diante das iguarias tentadoras do mundo e de suas paixões, ele permanece sem nelas tocar, em oração (unido ao CRISTO) e em jejum (desligado da matéria). Então, está realmente ESPIRITUALIZADO, ou, melhor ainda, CRISTIFICADO. Esse é o que possui o poder máximo no domínio espiritual da Terra, com largas e profundas repercussões mesmo no domínio material, sem necessidade de buscar nem treinar "poderes", com exercícios exóticos.

PREDIÇÃO DA MORTE

(setembro de ano 30)

Mat. 17:22-23**Marc. 9:30-32****Luc. 9:43 b-45**

- 22. Enquanto eles atravessavam a Galiléia, disse-lhes Jesus: "O Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens,**
- 23. e eles o matarão, e ao terceiro dia ele despertará". E (eles) entristeceram-se grandemente.**
- 30. E partindo daí, passou através da Galiléia e não queria que ninguém (o) soubesse**
- 31. pois ensinou a seus discípulos e disse: "o Filho do Homem é entregue às mãos dos homens e eles o matarão; e, tendo morrido, ao terceiro dia ele se levantará".**
- 32. Eles não compreenderam essa palavra, mas recebavam interrogá-lo.**
- 43. ... Admirando-se todos sobre tudo o que Jesus fazia disse a seus discípulos:**
- 44. "Colocai estas palavras em vossos ouvidos: pois o Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens".**
- 45. Eles porém não entenderam essa palavra e foi velada para eles, para que não a percebessem; e eles recebavam perguntar-lhe a respeito dessa palavra.**

Quando Jesus se retira do Tabor, após a cura do obsidiado, "atravessa a Galiléia", procurando manter-se incógnito durante a viagem, a fim de completar ensinamentos a Seus discípulos. Aproximava-se a hora da experiência máxima, o momento supremo de pôr em prática os maiores ensinamentos que ministrara a respeito da personalidade. Queria que ficasse bem impresso em suas mentes que, aos discípulos, não bastava aprender, mas era imprescindível experimentar pessoalmente. Isso era dito em tom de ensinamento (*edidasken tous mathêtês autou*).

E entre as lições (menos minuciosas que a anterior, (v. pág. 58ss), é acrescentado que o Filho do Homem será "entregue nas mãos dos homens". O verbo *paradídotaí* é o mesmo empregado quando se fala que "Judas o entregou". O fato de "ser entregue nas mãos dos homens" era considerado o maior suplício imaginável, e já David preferira a peste: "caíamos nas mãos de YHWH, pois suas misericórdias são grandes, mas que eu não caia nas mãos dos homens" (2.º Sam. 24:14). E também o Eclesiástico (2:18) repete: "cairemos nas mãos do Senhor, não nas mãos dos homens". E isto porque os homens não sabem perdoar.

Lucas, que não refere as circunstâncias em que foi feita esta segunda predição da paixão, liga-a à cura do epilético e à admiração das multidões.

Os discípulos ouvem a recomendação do Mestre de "guardar estes ensinamentos" (*tous lógous touútous*), mas não alcançam a profundidade dos mesmos. Só sabem, por enquanto, observar o lado externo: se Ele é o Messias, como poderá ser sacrificado? Não há dúvida que logo se acrescenta que "será despertado" (Mat.) ou "se levantará" (Marc.) ao terceiro dia. Mas de qualquer forma, fica a impressão de que eles não querem entender a coisa totalmente.

Novamente insiste a individualidade (Jesus), ensinando à personagem o que ela tem que fazer para poder sublimar-se, sublimando o Espírito que a construiu. Mas a personagem faz-se de desentendida;

entrevê a coisa, mas não na percebe plenamente, e tem medo de penetrar mais a fundo: receia compreender totalmente o assunto, assumindo, com essa compreensão, a responsabilidade de agir, obrigando-se a obedecer à voz interna que a quer chamar à realidade. De outro lado, jamais o Espírito revela com clareza meridiana o que está para ocorrer: as indicações são "veladas", para que a personagem não se assuste demasiadamente, fugindo à iniciação dolorosa.

O "Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão, mas ele se levantará ao terceiro dia". A revelação é espantosa e os atemoriza pois não podem fixar-se no final "despertamento", após permanecer três dias no "Coração da Terra" (Mat. 12:40). O que apavora a personagem é a dor, o sofrimento físico e sobretudo a morte: o espectro terrível com poderes discricionários e irresistíveis para aniquilar o ser atual, para destruir a personagem transitória, para reduzir a zero o "filho único tão querido", o nome que tanto prezamos.

Às mãos dos homens, às feras devoradoras, somos todos lançados quando mergulhamos na carne, no Anti-Sistema, enterrados no pólo negativo, à mercê da ignorância e da maldade sem peias e sem limites, ávidas de sangue e destruição, de saque e de gozos sádicos, de martírios morais e, se possível, de torturas físicas. E quanto mais elevado o Espírito, mais se encarna a massa infrene contra aquele que lhe é superior, certa de que, conquistará a paz e a liberdade de rebolcar-se nos vícios sem ter quem lhe aponte e condene os erros, sem ninguém que a convoque à melhoria.

Cortado o modelo de diante dos olhos, mais fácil é cada um forjar-se seu próprio modelo, plasmado segundo seus desejos incontidos de prazeres e felicidade passageira material.

Até agora tem caminhado assim a humanidade, sacrificando todos os que a querem elevar e melhorar, e endeusando todos os que a elogiam e enaltecem os caprichos e favorecem os espasmos. Grandes são os que excitam suas emoções, nos cantos feceninos, nos jogos violentos, nas lutas físicas nas doenças excitantes, na música sensual, nas cenas brutais, nos entrecos de "suspense": cantores, futebolistas, "boxeurs", "iê-iês", sambistas, "filmes" de "intocáveis" o policiais ... São os mais ricos e festejados, os que "impõem seu preço" às multidões. Reino supremo do Anti-Sistema em toda a sua pujança, em cujas mãos "são entregues os Filhos dos Homens", que serão perseguidos e assassinados (ainda que moralmente) mas que, "ao terceiro dia" despertarão do tumulto atordoante, para reconquistar a Paz Interna, carregando a palma do um passo a mais na árdua e longa estrada da evolução sem fim.

Observemos, agora, esta predição sob outro ângulo: o dos mistérios iniciáticos.

Jesus recebeu, durante a "transfiguração", as instruções relativas às provas que precisava sofrer (páthein) em Jerusalém. Pelo relato de Lucas, temos a impressão de que os três discípulos Pedro, Tiago e João tinham ouvido a conversa, e portanto estavam a par do que iria ocorrer. Tanto que Pedro, que tamanho escândalo fizera quando da primeira vez Jesus acenara a isso, desta vez, depois do episódio do monte Tabor, nada diz.

No entanto, havia necessidade de prevenir aos outros nove discípulos, e às pessoas que o acompanhavam, (e que nada sabiam a respeito do ocorrido com Moisés e Elias porque os três assistentes, por proibição de Jesus, nada haviam narrado), que Jesus teria que submeter-se a sofrimentos atrozes.

Aproveitando, pois, a conversa informal que surgira na pequena viagem a pé através da Galiléia o Mestre notifica-lhes a ocorrência violenta que está por vir, a fim de que, quando acontecesse, não os apanhasse desprevenidos.

O aviso é dado por completo: o abandono às mãos dos algozes, a morte por assassinato, e também o resto: que Ele novamente se levantaria vivo. Tratava-se portanto de uma morte aparente, ou seja, apenas morreria o veículo físico-denso, já que, na realidade, Ele permaneceria vivo, tanto que, ao terceiro dia, tornaria a erguer-se.

Os discípulos, que não estavam a par dos ritos da iniciação, não entenderam bem do que se tratava, mas não tiveram coragem de interrogá-lo. Limitaram-se a "ficar tristes", pois pressentiam que iriam perder a companhia física de um Mestre que eles já se haviam habituado a amar.

SIMPLICIDADE

Mat. 18:1-5

Marc. 9:33-37

Luc.9:46-48

- | | | |
|--|--|--|
| <p>1. Naquela hora chegaram-se os discípulos a Jesus perguntando: "Quem é, então, o maior no reino dos céus"?</p> <p>2. E tendo chamado Jesus uma criancinha, colocou-a no meio deles</p> <p>3. e disse: "Em verdade vos digo que se não vos modificardes e não vos tornardes como as criancinhas: não podeis entrar no reino dos céus.</p> <p>4. Quem, portanto, se diminua como esta criancinha, esse é o maior no reino dos céus,</p> <p>5. e quem receba uma criancinha assim em meu nome, me recebe".</p> | <p>33. E chegaram a Cafarnaum; e estando ele em casa perguntou-lhes: "Sobre que pensáveis no caminho"?</p> <p>34. Mas eles calaram-se, porque pelo caminho haviam conversado entre si qual (deles era) maior.</p> <p>35. E sentando-se, chamou os doze e disse-lhes: "Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servidor de todos".</p> <p>36. E tomando uma criancinha, colocou-a no meio deles e, abraçando-a, disse-lhes:</p> <p>37. "Quem quer que receba uma criancinha assim em meu nome, a mim me recebe; e quem quer que me receba, não recebe a mim, mas aquele que me enviou".</p> | <p>46. Surgiu um pensamento neles, sobre qual deles seria o maior.</p> <p>47. Mas Jesus vendo o pensamento de seus corações, tomou uma criancinha e colocou-a junto de si e disse-lhes:</p> <p>48. "Quem quer que receba esta criancinha em meu nome, a mim me recebe; e quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou". Pois aquele que for menor dentre todos vós, esse será grande".</p> |
|--|--|--|

Como se dá com frequência, embora sendo o mais curto no cômputo total, o Evangelho de Marcos é o que apresenta mais pormenores e maior vivacidade; neste trecho, em poucas palavras ele situa a cena, esclarecendo que realmente "residia" em Cafarnaum; e, após citar o nome dessa que Mateus chamou "a sua cidade" (cfr. Mat. 9:1; vol. 2), acrescenta: estando em sua casa (*en tēi oikíai*).

Mateus inverteu a ordem dos outros dois, e atribui a iniciativa da conversa aos discípulos, que se teriam dirigido ao Mestre com uma indagação teórica; parece, com isso, querer desculpar a ambição do grupo, do qual ele mesmo fazia parte. Apresenta, pois, o colegiado acercar Jesus, e a perguntar inocentemente, como ávidos de conhecimento: "então, quem é o maior no reino dos céus"? Observemos que, pelo tom, não se trata *deles*, pessoalmente, mas é uma questão de tese. A resposta do Rabbi, no entanto, é fielmente transcrita, concordando com a dos outros dois intérpretes.

Marcos, ao invés, dá a iniciativa a Jesus, que lhes pergunta maliciosamente (tal como em Lucas) "em que pensavam eles no caminho" ... E Lucas explica a seus leitores que o Mestre "lera o pensamento" que neles surgira.

Antes de prosseguir, seja-nos lícito estranhar que, nas traduções deste trecho, aparece em Lucas "surgiu uma DISCUSSÃO entre eles ... e Jesus lendo o PENSAMENTO deles" ... Ora, no original, a mes-

ma palavra *dialogismos* aparece nos dois versículos seguidos. Por que razão é ela traduzida de dois modos diferentes (e tão diferentes!), a primeira como discussão e a segunda como pensamento, à distância de duas linhas e no mesmo episódio? Não conseguimos perceber o móvel dessas "nuanças sutis". Também em Marcos a pergunta é feita com o verbo *dialogízein* (no texto *dielogízesthe*, "pensáveis"). Mas logo a seguir aparece o verbo *dieléchthêsan* (aoristo depoente de *dialégomai*) *pròs allêlous*, que se traduz: "conversavam uns com os outros". Mas de uma conversa em pequenos grupos, que entre si sussurravam um descontentamento, deduzir-se que se tratava de uma DISCUSSÃO, a distância é grande ...



Figura "CONSELHOS AOS DISCÍPULOS"

O descontentamento já vinha grassando há tempos entre eles, como sempre ocorre entre discípulos, que se julgam mais competentes ou pelo menos mais "espertos" que o mestre, para "ver" as coisas e resolvê-las com acerto. Apesar de Jesus lhes haver ensinado que "o discípulo não é maior que seu mestre" (cfr. Mat. 10:24; Luc. 6:40; vol. 3), eles eram humanos e achavam, talvez, que a escolha de Jesus e a "autoridade" que conferira a Pedro, não estava cem por cento perfeita: outros melhores havia. E eram lembrados "fatos": Jesus se hospedara em casa de Pedro (que morava com seu irmão André, as esposas de um e de outro, e os filhos; cfr Marc. 1:29, vol. 2) quando podia ter escolhido uma casa mais tranquila, maior, mais cômoda. ... Quando chegou a época de pagar a didracma (Mat. 17:27; vol. 3) Jesus recorre a um expediente "fora do normal" para pagar por si e por Pedro, sem pensar em fazê-lo pelos "outros", nem mesmo por André ... Havia desagradado o encargo de cada um dos outros pagar por si mesmo, embora o gesto elegante de Jesus se justificasse plenamente, em relação ao discípulo que o hospedava em seu próprio lar, naturalmente arcando com todas as despesas de alimentação, vestuário, etc. Sem dúvida, Pedro podia fazê-lo com folga, já que não devia ser pequena a receita que percebia da "companhia de pesca", de que ele e André tinham sociedade com Zebedeu (cfr. vol. 2). Mas havia mais: o Mestre tinha até mudado o nome dele para *Kêphas* (Pedro), sendo-lhe conferidas prerrogativas de chefe sobre os outros (ver acima). Ora, tudo isso, e talvez outras coisas que desconhecamos, tinham deflagrado uma crise de ciúmes e ambições ocultas, algumas mal disfarça das (como

veremos mais tarde de Judas Iscariotes que, julgando não ter o próprio Jesus capacidade e dinamismo suficientes para sua tarefa messiânica, entrou em entendimentos com o Sinédrio para que assumisse a direção da obra, ficando Jesus apenas com o encargo de dar ensinamentos espirituais e fazer "milagres").

Então, quem REALMENTE seria o CHEFE, após o tão anunciado assassinato do Mestre? Pedro podia ser o mais velho, mas seria o mais sábio? seria o administrador mais competente? seria o mais fiel intérprete das idéias? seria o mais culto? o mais prudente? Prudente? ... Não fora Pedro repreendido por Jesus, que o chamara "antagonista"? Não fracassara na tentativa imprudente de pretender imitar o Mestre andando sobre as águas? Com esse seu temperamento vivo e emotivo, não estava sempre a intervir inoportunamente, nos momentos mais impróprios? ... Tudo porque Jesus ainda não dera a "chave" para resolver a questão, que só foi revelada após sua paixão, quando, por três vezes seguidas perguntou a Pedro "se O amava" (cfr. João, 21:15-17). O AMOR VERDADEIRO do discípulo pelo Mestre é o que realmente decide sobre a escolha do sucessor.

Cada um dos outros julgava-se com alguma qualidade superior a Pedro, pretendendo que essa qualidade o predisponha melhor ao posto de chefe ... "afinal, quem era DE FATO o maior entre eles"?

Uma solução direta e radical do caso poderia provocar mágoas em Seus escolhidos. Com a sabedoria profunda e delicada de sempre, Jesus resolve apresentar aos doze uma parábola em ação, de compreensão mais pronta e fixação mais duradoura que as de simples narrativa.

Chama uma "criancinha". Quem era? Curiosidade ociosa. Jesus acha-se "em casa", ou seja, na casa de Pedro, com quem morava também André. Qual a criancinha que lá havia para ser chamada? A resposta mais pronta é que deveria tratar-se de um dos filhos ou filhas de Pedro ou de André. Que Pedro tinha filhos, parece não haver dúvidas, pois a tradição o diz e mesmo alguns "Pais da igreja" o atestam (cfr. Clemente de Alexandria, Strom. 3.6.52, Patol. Graeca, vol. 8, col. 1156 e Jerônimo, Adv. Jov., 1.26, Patol. Lat. vol. 23, vol. 245). Mas qual prova teríamos da criancinha? Os outros discípulos também deviam ter filhos, podendo tratar-se de algum deles (segundo a tradição, o único discípulo que não contraiu matrimônio foi o evangelista João, que, à época da morte de Jesus devia contar entre 20 e 21 anos). Mas havia também o grupo das discípulas que acompanhavam o Mestre (Marc. 15:41). É verdade que as narrativas evangélicas calam sistematicamente o fato de estar alguém casado; a não ser o aceno à sogra de Pedro (Mat. 8:14; Marc. 1:30; Luc. 4:38; vol. 2), não se fala em nenhum casamento, nem do Mestre, nem dos discípulos. Só algumas figuras a látere aparecem como formando casais.

No século 9.º afirmaram que a criancinha teria sido Inácio de Antióquia, mas sem qualquer prova (teria sido revelação mediúnica?). De qualquer forma, não importa quem tenha sido o garotinho; o que conta é o fato. Vamos a ele.

Jesus chama uma Criancinha e a "carrega ao colo" ou "a abraça". O particípio *enagkalisámenos*, do verbo *enagkalízomai*, é composto de *en* + *agkálê*, que exprime "nos braços recurvados", podendo exprimir uma ou outra das traduções. Entre todos aqueles homens, a ternura de Jesus pela criança é emocionante. E Ele a apresenta como modelo a ser imitado, numa lição que nos foi transmitida em duas variantes.

MATEUS: "se não nos modificardes e vos tornardes (*eàn mê straphête kaí genêsthê*, ou seja, "voltardes a ser") crianças, NÃO PODEIS entrar no reino dos "céus".

E continua: "quem se diminuir será o maior". O verbo *tapeinôsei* exprime exatamente "diminuir-se" ou "tornar-se pequeno"; diríamos, em linguagem moderna, "miniaturizar-se". Não é, pois, da humildade que aqui se trata, já que a criança não é humilde: é pequena. A oposição, na parábola, é salientada entre a pequenez, a simplicidade e a sinceridade (**Sinceridade no sentido etimológico: "isento, puro, sem mistura". Tanto que os antigos - cfr. Donato, Ad Ev. 177 - faziam derivar a palavra da expressão "sinecera". Horácio - Epod. 2, 15 - escreveu: *aut pressa puris mella condit amphoris*, que o Pseudo Acron comenta: *hoc est, favos premitt, ut ceram séparet et mel sincerum réparet. E Donato conclui: *sincerum, purum, sine fuco et simplex est, ut mel sine cera****) da criança, e a ambição, o orgulho, e o egoísmo que tomavam vulto no coração deles. Esse mesmo termo foi empregado por Paulo (Filip. 2:8), testificando que, Jesus "se diminuiu (apequenou-se, *etapeínôsen*), tornando-se obediente até a morte".

MARCOS acrescenta uma frase: "quem quiser ser o primeiro, seja o último de todos", lição que voltará na parábola do banquete (cfr. Luc.14:7-11), e além disso: "o servidor de todos. Essas idéias voltam em Mat.20:26-27 e Marc. 10:43-44; e também de si mesmo disse o próprio Jesus (Mat. 20:28): "o Filho do Homem veio para SERVIR, e não para SER SERVIDO".

O mesmo conceito aparece sob outra forma em Lucas: "o que dentre vos for o menor de todos, esse será grande".

Terminada a lição do "apequenamento" e do "serviço", os três sinópticos concordam na conclusão, que se resume numa garantia para o futuro: "quem recebe uma criancinha assim EM MEU NOME (*epí tòi onómati mou*, ou seja, "por minha causa") é a mim que recebe". Trata-se, portanto, de uma delegação ampla de credenciais, feita em caráter geral a todas as crianças em todos os tempos, para representá-Lo como embaixadores perante todos os adultos da humanidade.

E essa delegação vai ampliada mais ainda, quando confessadamente declara o Mestre que Ele apenas sub-delega, pois "quem O recebe, recebe Aquele que O enviou". Marcos utiliza um hebraísmo típico genuíno e, confessamo-lo, saborosíssimo: "e quem me recebe, não é a mim (propriamente) que recebe, mas Aquele que me enviou".

Os hermenutas dividem-se em três grupos principais, a fim de esclarecer que crianças são essas:

1. simbolizariam os próprios discípulos enviados por Jesus, conforme a regra estabelecida no cap. 12 da *Didachê*, que ordena aos cristãos que recebam "quem quer que venha em nome do Senhor";
2. seriam o símbolo de todas as crianças, que devem ser acolhidas sempre pelos adultos;
3. seriam não apenas as crianças assim classificadas por causa de sua idade física, mas, além delas, todas as crianças intelectuais ou morais, os "espíritos-novos" (embora adultos na idade do corpo), que não tivessem alcançado desenvolvimento e amadurecimento mental.

De qualquer forma, entende-se com a lição que, por menor que seja a criatura, devemos sempre considerá-la como legítimo representante na Terra do Cristo e, por conseguinte, que devemos tratá-la como o faríamos pessoalmente ao próprio Mestre Jesus.

Tolstoi bem o compreendeu em seu conto: "A Visita de Jesus".

A luta titânica da personagem para prevalecer sobre todos os que a cercam é constante e insaciável. Mesmo nas escolas espiritualistas (para não dizer "sobretudo nelas' ...) manifesta-se com força incalculável e renascente.

A tentação vencida pela individualidade (Jesus, vol. 1) ainda não o fora pelas personagens que a serviam. Nas outras atividades (pintura, música, literatura, poesia, técnica, ciência, etc.) o valor de cada um é avaliável pelos "de fora", que aplaudem, apupam ou ficam indiferentes. No espiritualismo nada disso se dá. A evolução é INTERIOR, invisível e inapreciável de fora. Só um Mestre que possua o dom de penetrar no âmago dos discípulos poderá dizer qual o melhor (ou "o maior", no dizer do texto evangélico). As exterioridades enganam. Ninguém pode julgar ninguém nesse campo: "não julgueis e não sereis julgados" (Mat. 7:1 e Luc. 5:37; vol. 2).

Exatamente contra esse preceito investiram as personagens (discípulos) ao darem acolhida em seus corações à ambição de cada um ser "o maior".

No sentido profundo é indiferente que o tema parta da personagem, que pretenda enaltecer-se diante da individualidade, ou desta, que resolva ensinar o caminho certo àquela. O que vale é a lição que recebemos, definitiva e clara.

Que é, em última análise, a personagem transitória diante da individualidade eterna? Um recém-nascido a balbuciar sons desconexos! ... Com o exemplo dado - a criancinha - está evidente o ensino: se a personagem não se diminuir, não se miniaturizar, não poderá ser dado o "mergulho" dentro do "reino dos céus", ou seja, do coração. Essa miniaturização tem que ir até a grandeza de um ponto

adimensional, embora isto signifique precisamente infinitizar-se, pois também o infinito é adimensional.

Difícil em linguagem daquela época, uma explicação assim clara. Mas o exemplo dado não deixa margem a dúvidas e as palavras também são de limpidez absoluta: há necessidade de modificação, de voltar a ser como as criancinhas: sem isso NÃO SE PODE penetrar no coração para unificar-se com o Cristo Interno.

O maior ou menor será julgado em relação AO REINO DOS CÉUS, isto é, à maior ou menor unificação com o Cristo, e não em relação a dons e faculdades da personagem. Não são a agudeza intelectual, o desenvolvimento da cultura, as atividades mentais nem físicas, a força emocional, os dons artísticos, numa palavra, não são as qualidades personalísticas que decidirão sobre a grandeza de uma criatura, mas única e exclusivamente seu grau de união com o Cristo é que medirá sua evolução. Daí não terem sido escolhidos os expoentes da época para discípulos de Jesus, mas somente aqueles cuja evolução lhes permitia atingirem o maior grau de unificação com o Mestre único (cfr. Mat. 23:10) de todos nós.

Desde que se diminua, não terá dificuldade em tornar-se o "servidor de todos" (cfr. Mat. 23:11), o "diácono" que serve sem exigir pagamento, nem recompensa, nem retribuição, nem gratidão. Servir desinteressadamente, e continuar servindo com alegria, mesmo se observar indiferença; sem contar os benefícios prestados, ainda que receba grosserias; sem magoar-se porque, depois de ajudar com sacrifício e sofrimento, dando de si, o recebedor passa por nós e não nos cumprimenta, e faz até que nos não conhece ... Pequenino, diminuído, como invisível micróbio que nos ajuda a viver, oculto em nossas entranhas, e de cuja existência nem sequer tomamos conhecimento.

Realmente assim agem as crianças: prestam favores e não esperam o "muito obrigado": viram as costas e seguem seu caminho. Servem, e passam.

A segunda parte da lição é valiosa, tanto para as personagens quanto para a individualidade.

Para as personagens, além das interpretações que vimos acima, há outros pormenores a considerar. Pode tratar-se (e trata-se evidentemente) da acolhida em nome do Cristo das crianças que encontramos abandonadas ou desarvoradas, em qualquer idade física que se encontrem, a qualquer religião a que pertençam, qualquer que seja a pigmentação da pele (como fez, por exemplo, Albert Schweitzer).

Outra interpretação - e cremos que de suma importância - refere-se às crianças que chegam através da carne; cada filho que recebemos, em nome ou por causa do Mestre, é como se a Ele mesmo recebêssemos. E ao recebê-Lo é realmente ao Pai que recebemos, pois a Centelha divina lá está naquele pequenino templo da Divindade. Essa interpretação mostra-nos a linha de comportamento a ser seguida pelos discípulos: jamais recusar receber uma criancinha entre nossos braços, e não preocupar-nos com o caminho por que chegam até nós.

Há ainda a considerar a relação existente entre individualidade eterna (e adulta) e a personagem (recém-criada, infantil) que recebemos a cada nova encarnação. A individualidade tem que receber, em nome do Cristo que em nós habita, a personagem que lhe advém pela necessidade cármica, aceitando-a com as deficiências que tiver, e amando-a com o mesmo amor; sabendo perdoar-lhe os desvios e desmandos que servirão maravilhosamente para exercitar a humildade; educando-a e dirigindo-a pelo melhor caminho que lhe proporcione evolução mais rápida; compreendendo que a personagem reproduz EXATAMENTE a necessidade maior do Espírito naquele momento da evolução, e portanto sem rebelar-se contra qualquer coisa que lhe não pareça perfeita e que lhe traga dificuldades e embaraços.

Mais. Na linguagem iniciática, o trecho assume novos matizes.

Consideremos a Escola Iniciática que Jesus criara para os doze, revelando-lhes, de acordo com o grau evolutivo de cada um, os "mistérios" que viera desvendar.

Nas antigas Escolas, os graus eram comparados às idades das criaturas. Assim, a pergunta dos discípulos como relata Mateus, visava a conhecer qual o caminho para atingir as mais altas culminâncias

da perfeição; quais as características dos maiores na senda evolutiva. E Jesus vê-se constringido a esclarecê-los. Leva em conta que três deles (Pedro, Tiago e João) estão em grau mais elevado que os outros, pois cursavam o quarto plano iniciático (em nossa hipótese); ao passo que os demais estavam em planos mais baixos, talvez ainda no terceiro ou no segundo nível.

Serve-se, então, da terminologia típica das iniciações nos mistérios gregos (mais uma vez) e recorda-lhes que o primeiro passo é o da "infância", segundo essa terminologia: CRIANÇAS (iniciantes dos primeiros planos) quando ainda estavam em busca do "mergulho" e da "confirmação"; HOMENS FEITOS, os iniciados que já haviam superado o terceiro grau (vencendo as tentações e dominando a matéria) e o quarto grau (obtendo a união com o Cristo Interno); esses eram chamados também "perfeitos" (teleios) ou "santos" (hágios).

Para confirmar o que afirmamos, basta ler 1.º Cor. 3:1-3; e 13:11, e também Ef. 4:13-14: "até que todos chegemos à unidade da fé, e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito (ou perfeito), à medida da evolução plena do Cristo, para que não sejamos mais meninos, jogados de um lado para outro, e levados ao redor por todos os ventos de doutrina, etc."

Recordemo-nos, ainda, da conhecida pergunta da Esfinge, sobre as três idades do homem.

Nessa interpretação, "tornar-se como criancinha" é rejeitar toda cultura externa, toda "a sabedoria do mundo, que é estultice" (1.ª Cor. 3:19), para recomeçar a caminhada em outra direção; diríamos ainda: fazer tábula rasa de tudo o que se aprendeu, a fim de poder penetrar os segredos dos "mistérios do reino". Com efeito, se alguém pretender entrar na Escola Iniciática da Espiritualidade Superior, trazida por Jesus, a primeira coisa a fazer é tomar-se como criança intelectual, nada sabendo da sabedoria deste eon, para poder reaprender tudo de novo, como as crianças fazem, da Vida Espiritual, conquistando, dessarte, a verdadeira sabedoria de Deus.

Notemos ainda que os três evangelistas empregam o verbo déchomai, que se traduz "receber", mas no sentido de "ouvir", aceitar (um ensino) (cfr. Lidell & Scott, "Greek-English Lexicon", ad verbum). Não se trata, pois, só de "receber como hóspede em casa", mas de "aceitar o ensino" (cfr. o termo correspondente em aramaico, Kabel). Teríamos: quem aceitar o ensino de um desses meus discípulos (que se tornaram criancinhas) por minha causa é como se a mim mesmo ouvisse e aceitasse; e quem aceitar um ensino está aceitando o ensino do Pai que me enviou.

Responsabilidade pesadíssima dos intérpretes da Boa-Nova!

TOLERÂNCIA

Marc. 9:38-41

Luc. 9:49-50

- 38. Perguntou-lhe João, dizendo: "Mestre, vimos alguém expulsando espíritos atrasados em teu nome e lho proibimos, porque ele não nos acompanha".**
- 39. Mas Jesus disse: "Não lho proibais. Pois ninguém há que faça trabalho em meu nome, e possa logo depois falar mal de mim.**
- 40. Quem não é contra vós, é por vós.**
- 41. E quem vós der de beber um copo de água em (meu) nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo, de modo algum perderá sua retribuição".**
- 49. Tomando a palavra, João disse: "Mestre, vimos alguém expulsando espíritos atrasados em teu nome, e lho proibimos porque não nos acompanha.**
- 50. E disse Jesus: "Não lho proibais, pois quem não é contra vós, é por vós".**

As últimas palavras de Jesus, "receber em meu nome", fizeram que João se recordasse de um episódio que com ele se passou, embora não possamos saber a ocasião nem o local, que os narradores silenciaram.

Sabemos, realmente, que a tolerância não era a característica fundamental, naqueles primeiros anos ardorosos de juventude, de João e de seu irmão Tiago (cfr. Luc. 9:54), tanto que Jesus os apelida de "filhos do trovão" (cfr. Marc. 3:17).

Foi-lhes chocante, pois, e aborreceu-os fortemente o fato de uma criatura, que não seguia o Mestre, expulsar um obsessivo em nome de Jesus: Imediatamente eles se aproximaram e o proibiram de continuar com esse "abuso". Julgavam que, com isso, estavam defendendo a honra do Mestre querido, e, ao mesmo tempo, pretendiam garantir para si e para seus companheiros, o "privilégio" do uso exclusivo do nome de Jesus, como um monopólio religioso ... Essa mentalidade teve (e tem!) numerosos seguidores, sobretudo na Idade Média e nos tempos que se lhe seguiram, não se conseguindo, porém, até hoje extirpá-la totalmente, entre os cristãos de todos os matizes.

Pela frase de João temos a impressão de que esse exorcista operava com êxito, coisa que não ocorreu com os filhos do sacerdote Ceva (Cfr. At. 19:13-16) que fracassaram na tentativa com o mesmo nome de Jesus. Naquela época eram realmente numerosos os exorcistas, judeus e não-judeus, que se fixavam em certos locais ou perambulavam pelas cidades, exercendo essa profissão.

Com a ordem de Jesus, de que fossem recebidas as crianças em Seu nome, João sente que talvez tenha agido precipitadamente, e pede a opinião do Mestre, que a dá com franqueza, ensinando que se deve olhar a intenção, e que esta não deve ser prejudicada má à primeira vista.

A frase de João, que mantivemos na tradução: "e lho proibimos porque não nos acompanhava" (*kai ekôlyomen autòn, hótì ouk êkolóuthēi hêmin*) baseia-se nos códices *aleph*, *E*, *delta*, *theta*, e é seguida por Vogels, Swete, Huby, Pirot e outros.

A regra de Jesus é clara; "quem não é contra vós, está do vosso lado: é a vosso favor"; e torna-se evidente que, se alguém trabalha em nome de Jesus, não pode, logo a seguir, falar mal dele. Realmente, só o fato de usar o nome de Jesus prova bem que é ou pelo menos pretende ser, seu discípulo.

E para salientar que não há necessidade de "seguir" a doutrina, mas basta um simples ato de humanidade para atrair bênçãos, acrescenta uma imagem corriqueira da vida diária: basta que vos dêem um copo d'água em meu nome, porque sois de Cristo.

Aparece o possessivo "meu" em *aleph*, C², D, X, *gama*, *delta*, e *pi*₂. Outra observação; aqui é o único passo dos sinópticos em que "Cristo" aparece sem artigo; só mais tarde, em Paulo, é que o encontramos assim (cfr. Rom.8;9; 1.^a Cor. 1; 12 e 3:23; 2.^a Cor. 10;7).

A preocupação máxima da personagem egoística, que vive e vibra no mundo divisionista da matéria, é manter ciosamente os "direitos" conquistados. Ignora que "onde começa o direito, termina o amor" (Pietro Ubaldi). A individualidade, que sabe e reconhece que é uma com o Cristo Cósmico e portanto com todas as individualidades que existem, é que ama sem limitações de "direitos", conhecendo apenas humilde e desprendidamente seus deveres do serviço.

A lição, pois, procede plenamente. Vemos a personagem humana, exaltada pelo ciúme (que frequentemente se camufla com o eufemismo de "zêlu") a protestar e perseguir, sob a alegação de que não pode falar e agir em nome do Mestre quem não for seguidor da escola que os homens regulamentaram e impuseram como sendo a única que é "dona" de Jesus, muito embora na prática venham a contradizer os ensinamentos teóricos do Mestre. Tudo isso, porém é sobejamente conhecido, para que percamos tempo em comentários.

A lição diz-nos que devemos superar todas essas divisões, considerando correligionários e irmãos todos os que falam, pregam e agem em nome de Cristo, embora em línguas diferentes ou sob outras formas verbais. Cristo é um só manifestando-se através dos grandes avatares: Mesquisedec, Rama, Hermes, Crishna, Gautama o Buddha, Quetzalcoatl, Jesus, Bahá'u'lláh, Ramakrishna, ou qualquer outro. CRISTO revelou-se sempre e ainda se revela universalmente a todas as criaturas, em todas as latitudes e meridianos, em todas as épocas, em todos os idiomas, embora os homens. O interpretem segundo suas capacidades pessoais (são personagens) e portanto traduzam Seu pensamento dentro do estilo e do idioma, dos hábitos e das tradições folclóricas, do adiantamento cultural e das limitações de compreensão; dessa forma, parece aos que estão demais apegados à personalidade e não são observadores, que cada grupo humano segue uma senda diferente dos outros: são, pensam eles, "outras" religiões ... são adversários ... antagonistas ... diabólicos ... E cada grupo SE atribui a única e total posse da verdade, classificando todos os outros no "erro" ... São crianças, que não alcançam a compreensão adulta do Homem feito, o qual já percebe, pela individualidade, que TODOS os caminhos levam ao mesmo e único Deus que habita DENTRO DE TODOS indistintamente, de qualquer religião que seja. E o único testemunho que apresentam a favor dessa "propriedade", é a palavra deles mesmos: eles SE DIZEM donos do "Deus verdadeiro", e ai de quem não acreditar neles!

Quando a humanidade tiver evoluído suficientemente para superar a fase materialista e divisionista das personagens transitórias, ela compreenderá que "tudo está cheio de Deus" (pánta plêrê theôn, Aristóteles, Anima, 4.5,411 a 7), e que o caminho que leva a religar-nos a Deus, é o CRISTO UNIVERSAL (Cósmico), sob qualquer das denominações por que Se tenha manifestado a nós, em qualquer época, em qualquer clima: "Eu sou o CAMINHO da Verdade (Pai) e da Vida (Espírito-Santo) (João, 14:6).

Só através do Cristo Cósmico teremos a verdadeira união fraternal de todos ("todos vós sois irmãos", Mat. 23:8), a verdadeira e real "união de todos os crentes", sob a Chefia não de um homem - por mais rico que seja, por mais prestigiado, por mais luxuosas suas roupas, por maiores seus palácios, por mais pomposos seus ritos, por mais numerosos, unidos e hierarquizados seus súbditos - mas sob a Chefia DO CRISTO, que diretamente age no âmago de cada criatura, a insuflar-lhe humildade, harmonia e amor.

A lição da tolerância é o passo inicial da lição da compreensão total, que a todos FUNDE no amor. Passo inicial, porque "tolerar" supõe ainda pretensa superioridade em quem "generosamente" tolera, embora a contragosto. O passo final é a fusão, a unificação de todos - cada qual permanecendo em sua própria linha evolutiva - no grande rebanho, com o único Pastor, o CRISTO: "EU SOU O BOM PASTOR" (João, 10:14-16).

Todos aqueles que não se opõem frontalmente ao trabalho crístico são a ele favoráveis, porque, se não ajudam, pelo menos não obstam à tarefa.

No entanto, qualquer ajuda (um copo d'água que seja a quem ainda está no caminho, será recompensada, desde que a intenção seja a de cooperar com o irmão, por ser ele de Cristo. Não de um Cristo particular, determinado, mas sem artigo, com a generalidade da indeterminação: DE CRISTO.

Quando o homem deixa de pertencer a si mesmo, no egoísmo separatista e passa a ser DE CRISTO (Cfr, 1.ª Cor. 6:19-20), começa aí, realmente, o caminho intérmino e maravilhoso, cheio de amor e inçado de espinhos e dores; começa aí sua crucificação consciente na carne, que lhe já não constitui o máximo de prazer, mas que se torna a "gaiola", embora dourada, que o impede de voar; começa aí a verdadeira porta da iniciação, e por isso o Cristo afirmou: "Eu sou a PORTA" (João, 10:7), a porta que leva ao "caminho", o caminho que leva à Verdade, a Verdade que leva à vida, na gloriosa ascensão que nos unifica a Ele, que nos harmoniza sintonicamente ao Som do Verbo, que nos transforma em luz ao mergulharmos na Fonte Incriada da Luz do Espírito-Santo.

Perspectiva de infinito, que principia quando "voltarmos a ser crianças", e tem seu ponto de fuga na eternidade da Vida.

CONVERSA COM OS IRMÃOS

João, 7:2-9

2. Estava próxima a festa dos judeus, a das cabanas.
3. Disseram-lhe então seus irmãos: "Parte daqui e vai para a Judéia, para que também teus discípulos vejam as obras que fazes,
4. pois ninguém faz nada em segredo e procura ele mesmo estar em público. Se fazes essas coisas, manifesta-te ao mundo".
5. Pois nem seus irmãos acreditavam nele.
6. Disse-lhes, então, Jesus: "Minha época ainda não está presente; mas vossa época está sempre presente.
7. O mundo não pode odiar-vos, mas a mim odeia, porque eu testifico a respeito dele, que suas obras são más.
8. Subi vós a esta festa; eu não subo a esta festa, porque meu tempo ainda não está completado".
9. Tendo-lhes dito isto, ficou na Galiléia.

Estamos em fins de setembro ou princípios de outubro do ano 30, já que a festa dos Tabernáculos (em hebraico *hag hasseqot*, "festa da cabanas": em grego *skênopêgia* ou *heortê skênôn*, "festa das tendas") era celebrada entre 14 e 21 de *Tishri*, ou seja, mais ou menos entre 1 e 8 de outubro. Constituía uma das três grandes solenidades em que os israelitas eram obrigados a ir a Jerusalém.

A festa foi estabelecida e regulamentada em Êxodo (23:15-16 e 34:22), no Levítico (23:34-42), no Deuteronômio (16:13-15) e em 2.º Esdras (8:14-17) e tinha duplo objetivo: agradecer as colheitas do ano (Êx. 23:16) e comemorar a longa estada dos israelitas no deserto, onde habitavam em tendas (Lev. 23 :43). Durante os oito dias eram feitas ofertas especiais (Núm.29:12-38).

Os homens dirigiam-se a Jerusalém carregando ramos de oliveiras, mirra, palmeiras, cidra ou salgueiro, cantando a palavra *Hosanna* (Salmo 118:25) "salva agora" ou "salva-nos, te pedimos", seguida da expressão "Bendito o que vem em nome de YHWH" (Salmo, 118:26).

Durante os dias da festa (todos eles "feriados"), os israelitas saíam do conforto de seus lares, indo habitar em cabanas improvisadas nos campos, nas praças, nas ruas ou nos terraços das casas (Núm. 8:14-:17). No templo, o altar dos holocaustos era molhado com água da fonte de Siloé, implorando-se boas chuvas. Realizavam-se procissões, sendo a cidade enguirlandada de flores e luzes e alegrada com música. No tempo de Flávio Josefo (*Ant. Jud. 7.4.1*) era considerada a "maior e mais santa festa do ano" (*heortê sphroda parà tois hebraiois hagiôtátê kai megístê*).

Ora, num ambiente desses, e evidente que surgiam muitas desordens, tumultos, aglomerações ruidosas e ocasiões para propagandas políticas e religiosas. Os irmãos de Jesus acharam que essa era a "época ideal" para que ele se manifestasse ao mundo (*kósmôi*).

Quais seriam esses "irmãos"? Cremos devam ser excetuados Tiago e Judas (Tadeu) que O seguiam, restando Simão (seria esse o "zelotes"?) e José, todos nominalmente citados em Mateus (13:55). Mas desses falam, sem declarar-lhes os nomes também os outros (cfr. Mat. 12:46,47; Marc. 3:31,32; Luc. 8:19,20; João, 2:12) citando ainda "irmãs" (Cfr. Mat. 3:.56 e Marc.6:3).

O raciocínio deles (dos que "não criam nele") é bem humano: Jesus teimou em prosseguir com sua campanha, contrariando-lhes a opinião "sensata" (cfr. Marc. 3: 21,31-35) e parecia realmente possuir a capacidade de "levantar" as multidões e de realizar curas espetaculares; por que, então, ficar restrito a uma provinciazinha sem expressão? por que não aproveitar seus dotes, e, ao invés de permanecer "escondido" (*en kryptôî*) não "falar abertamente" (*en parrêsíai*) diante das grandes multidões que subiam a Jerusalém, a capital do país? Nesses conselhos transparece, sem dúvida, a vaidade deles: ter "na família" um elemento que se destaca, que chama sobre si a atenção e, por natural reflexo, sobre todos eles, enaltecendo-os diante do povo.

Mas Jesus recusa ir à festa e afirma que o momento não é oportuno: "minha época ainda não está presente" (*oúpô párestin*). Eles, todavia, podem ir a Jerusalém quando quiserem, pois a "época deles está sempre presente".

A afirmativa de Jesus é categórica, não deixando margem a dúvidas, nem permitindo insistências: "não subo" (*ouk anabaínô*), conforme se lê em *aleph*, D, *pi*, a, b, c, e, ff², na Vulgata na tradução siríaca curetoniana, em Jerônimo, Epifânio, João Crisóstomo, etc. Bem melhor que *oúpô anabaínô* ("não subo ainda"), evidente correção de B, L, *delta*, W, N, *theta*, f e g, provavelmente para afastar qualquer idéia de que Jesus estivesse dissimulando ou mentindo.

Com o mesmo objetivo, certos hermeneutas envidam esforços, para explicar que a expressão *ouk anabaínô eis tèn heortên taútên* exprime "não vou em comitiva a esta festa". Confessamos não perceber absolutamente esse "sentido oculto" em palavras tão claras. No versículo 10 (veja o próximo capítulo) é que aparece esse sentido, quando o evangelista afirma que Jesus foi à festa "não abertamente" (*ou phanerôs*), "mas às ocultas" (*allà en kryptôî*).

De fato, não era interessante para Jesus chamar sobre Si a atenção das autoridades, que tão grande má-vontade demonstravam a Seu respeito. Ora, se acompanhasse os galileus na marcha, não conseguiria chegar incógnito a Jerusalém: todos os Seus conterrâneos O conheciam de sobra e, orgulhosos Dele, seriam os primeiros a anunciar-Lhe a presença, provocando talvez tumultos e discussões extemporâneas.

Por isso Ele não partiu. Com a comitiva, seguiram para o sul Seus irmãos, afim de cumprir suas obrigações. Mas Ele permaneceu na Galiléia. No entanto, seu atraso não foi além de quatro dias.

Pormenores aparentemente sem importância, fatos corriqueiros, situações comuns, revelam, se ocorridos com Avatares, ensinamentos e lições sublimes.

Começa o evangelista anunciando a proximidade da festa dos "judeus" (os religiosos que ainda vibram na personalidade). Essa festa, diz João, era "a dos Tabernáculos" (tendas ou cabanas). O significado simbólico desse termo é-nos revelado por Pedro (2.^a Pe 1:13-14) e por Paulo (2.^a Cor. 5:1,4), referindo-se à permanência do Espírito na carne, como que estando a habitar em "tendas" ou "tabernáculos de viagem". Compreendemos, então, que uma alusão direta à "festa dos Tabernáculos", com as palavras exatamente nesta ordem: "a festa dos judeus, a dos Tabernáculos", encerra uma lição: tratava-se de uma comemoração religiosa de seres encarnados, ainda moradores nos "tabernáculos de carne".

Além disso confirmando tal interpretação vemos que essa festa celebrava precisamente a estada demorada dos israelitas no "deserto", isto é, a longa e repetida demora no deserto das encarnações terrenas.

Por ocasião dessas solenidades, os veículos personalísticos sugerem sempre à individualidade uma aparição espetacular que impressione as massas: se o Espírito tanto fala das belezas do reino, e tanto se aprofunda nos arcanos, e tão espetaculares maravilhas realiza em seus êxtases, por que tudo isso não é executado perante as multidões, para que seja glorificado por todos? Por que não "manifestar-se ao mundo"?

A resposta do Espírito é profunda, dividindo-se em três partes.

Em primeiro lugar, assegura que sua época não está presente, embora para as personagens esteja sempre presente, pois vivem em seu próprio ambiente, na Terra. O "tempo", para o Espírito, é dife-

rente. Enquanto as personagens transitórias estão presas a "dias, meses, tempos e anos" (Gál. 4:10), isto é, se prendem a datas e comemorações prefixadas, o Espírito estabelece seus passos de acordo com sua escala evolutiva (na definição perfeita de Pietro Ubaldi, Grande Síntese, cap. 29: "tempo é o ritmo evolutivo"). A personagem marca seus dias em preto e vermelho no calendário e a eles se submete, o Espírito consulta, ao invés, as necessidades da subida, o momento oportuno, sem dar importância a datas fixas.

Em segundo lugar, esclarece que as personagens jamais são odiadas pelo "mundo", porque a ele se conformam, já que a ele pertencem de fato e de direito, até mesmo pelos materiais que dele retiraram para construir seus veículos físicos. Já ao Espírito, o mundo aborrece, chegando até a odiá-lo, porque o Espírito "testifica que suas obras são más"; demonstra o erro de suas crenças e convenções, o deruba seus ídolos de ouro; prova a falacidade de suas ilusões mais caras, a transitoriedade de seus bens mais sólidos, a sem-valia de suas glórias mais heróicas. Ora, o mundo persegue de morte os que lhe patenteiam as fraquezas, que justamente ele considera sua força, as mentiras que são julgadas verdades, os enganos fantasiosos que são louvados como realidades "palpáveis".

Em terceiro lugar, o Espírito declara que não atenderá às exigências das personagens, já que não precisa sujeitar-se às religiões organizadas ("Judéia"); e por isso ele permanecerá no "Jardim Fechado" ("Galiléia") da espiritualidade superior a todas as religiões. Para que precisa de estradas o avião? A essas festas estão presas as personagens encarnadas, com sua adoração externa a um deus exterior, mas o Espírito unido ao Deus Interno é livre, pois "onde há o Espírito de Deus, aí há liberdade" (2.ª Cor. 3:17) e não submissão a regras, preceitos e preconceitos humanos.

A razão dada é real: não subo A ESSA FESTA (o Mestre não diz que não subiria a Jerusalém). E não foi mesmo: foi a Jerusalém, mas NÃO PARA A FESTA: lá estive para divulgar Seu ensino ao povo; não carregou, ramos de árvores, mas levou as flores perfumadas de Seu coração amoroso; não fez sacrifícios de animais, mas ofereceu Seu próprio serviço como holocausto agradável; não participou da festa, mas condeou-se das trevas da ignorância e acendeu Sua luz, mesmo com risco de ser assassinado, porque ficava mais visado na escuridão reinante.

Esse é o caminho do Espírito, essa sua tarefa entre as criaturas escravizadas às personagens efêmeras, mas que grande orgulho provocam nos seres iludidos pelo desconhecimento das Realidades Espirituais.

VIAGEM A JERUSALÉM

Mat. 19:1

Luc. 9:51

João, 7: 10

1. E aconteceu, quando Jesus acabou esses ensinamentos, partiu da Galiléia e veio para as fronteiras da Judéia, além do Jordão.
51. Em se completando, porém, os dias de sua elevação, aconteceu que ele fortaleceu sua personagem para ir a Jerusalém.
10. Mas quando seus irmãos já tinham ido à festa, então ele também foi, não abertamente, mas às ocultas.

Os três dizem a mesma coisa, mas cada um revela um pormenor significativo.

Em Mateus é a primeira vez que Jesus vai à Judéia, onde só estivera (segundo ele) duas vezes: no nascimento (2:1) e no mergulho do Batista (3:1, 13). É que esse evangelista organizou sua narrativa de forma a dar todos os acontecimentos da Galiléia de seguida, para depois fazer o Messias seguir para Jerusalém definitivamente, lá ficando até ser crucificado. Sabemos que não havia preocupação cronológica nem histórica: estavam sendo escritos livros de ensinamentos para iniciação dos que desejavam aprofundar-se na Escola de Jesus.

Entretanto, anote-se que em Mateus é dito que Jesus foi "para além Jordão" (a Peréia ou Transjordânia), pois atravessou o Jordão, que é o limite leste extremo da Judéia.

Depois desta viagem, Jesus ainda volta à Galiléia, subindo a Jerusalém mais duas vezes (a 1.^a dada em Luc, 13:22 e João 7:1 a 10:39; a segunda em Luc, 17: 11 e João, 11: 8), até que segue definitivamente (Luc. 18:31 e João 11:55). Mateus, porém, além da vez aqui citada, só relata a viagem definitiva (20:18).

Em João, é afirmado que Jesus vai a Jerusalém (está escrito "a festa", mas, como vamos verificar só compareceu para ensinar no Templo). E sua viagem é feita "às ocultas", isto é, em particular, não em caravana.

Lucas é que apresenta aqui a frase reveladora que, por ser bastante clara, trouxe sempre aos hermenêutas dificuldades de tradução. Observemos.

A primeira frase: "quando se completaram (literalmente: "ao se completarem") os dias de sua elevação" (*en tõi symplêrousthai tàs hêméras tês analépsēs autoú*) traz discussões quanto à palavra *análepsis* (ou *analémpsis*). Usado apenas aqui, no N.T., embora apareça o perfeito passivo *anelémphthê* de *analambánô* em At, 1:2 e 22: e o particípio aoristo passivo *analemphtheis* (em Art. 1:11) com os sentidos respectivamente de "foi elevado", referindo-se à chamada "ascensão". Esse termo, entretanto, é usado no Antigo Testamento, quando fala da subida de Elias (2.º Reis, 2:11), na de Moisés (1.º Mac. 2:58 e Eccli. 48:9) e na de Enoch (Eccli. 49:14). Realmente *analépsis* exprime "elevação promoção, suspensão".

A segunda frase: "e fortaleceu sua personagem para ir a Jerusalém" (*kaí autòs prósopon autou estérixē tou poreúesthai eis Ierousalēm*) é geralmente traduzida por "firmou seu rosto" ou "manifestou a firme resolução". No entanto, *prósôpon*, que literalmente significa "face", "rosto", corresponde "o latim "pessoa" ou "máscara" (persona) e portanto especifica a personagem encarnada, designando o todo pela parte, numa figura de sínecdoque. Jesus sabia que iria começar a fase final de sua paixão, e logicamente a coragem da parte humana precisava ser fortalecida pelo Espírito, para que se animasse a enfrentar o cenário dos sofrimentos físicos atroz.

A revelação que obtemos na frase simples e despretenhosa de Lucas é de molde a tornar claro o sentido oculto: "tirando o véu" da letra, descobrimos o que realmente houve. Há necessidade de penetrar pela meditação o sentido, mas a Luz se fará e tudo será visto.

Enquanto Mateus e João se limitam a citar o fato da ida de Jesus a Jerusalém, Lucas, talvez esclarecido por Paulo, revela o motivo exato da partida de Jesus do "Jardim fechado" de sua vivenda espiritual, para penetrar no ambiente estreito e fanatizado dos religiosos ortodoxos.

A frase de Lucas, embora incompreensível aos profanos, é clara para os que já viveram essas fases. Suas palavras: "em se completando, porém, os dias de sua elevação", que tantas dúvidas têm suscitado nos hermenutas, pode ser assim traduzida em linguagem atual: "já tendo, pois, transcorrido os "prazos de carência" para sua promoção ao grau seguinte".

Todos os passos iniciáticos eram dados controladamente e, entre um e outro, o candidato era obrigado a demonstrar o aproveitamento que tivera; mas além disso, era indispensável que respeitasse os intervalos prefixados, os "prazos de carência" determinados para cada intervalo. Só depois de transcorrido o tempo regulamentar, lhe era permitido dar o passo seguinte.

Diz-nos Lucas que terminara o prazo da espera, e chegara a hora de submeter-se à prova para, se aprovado, passar ao grau seguinte, "ser elevado" ou "promovido". As provas desse passo eram duras, rudes, dolorosas. E é dito que a individualidade (Jesus) "fortaleceu sua personagem, para que não esmorecesse e tivesse a coragem de colocar-se entre as mãos daqueles que o fariam passar pelas angústias e aflições da prova violenta a que tinha de submeter-se.

Já tinham sido superadas as fases iniciais:

1.º - Vencera a grande dificuldade do mergulho consciente na matéria, com todos os horrores causados pelas limitações à liberdade de um Espírito infinitamente superior, como era o de Jesus (vol. 2). Vencida a prova, tivera a primeira promoção, quando conseguira, na presença do "mestre" João Batista, dar, enquanto na carne, o mergulho no Espírito (vol. 1).

2.º - O segundo passo, a "confirmação", veio em virtude do adiantamento de seu espírito, nesse mesmo momento do mergulho, com a epifania, ou "manifestação" da aprovação divina, por meio da frase: "este é meu Filho, o amado" (vol. 1). Com um ato, superara os dois primeiros graus.

3.º - Para galgar o terceiro, tinha de comprovar o resultado da "metánoia", ou seja, a modificação da mente. É então submetido às "tentações" ocasionadas pela matéria: vaidade, orgulho e ambição. Superou-as a todas, dando inequívocas provas de superioridade e elevação máxima. Provava na prática que o Espírito já dominara a matéria totalmente (vol. 1). Podia então dar o passo seguinte.

4.º - O ingresso fora feito com a espetacular manifestação da "Transfiguração", a "ação de graças" ("eucharistía") do homem pela vitória obtida, recebendo a plena efusão do Espírito Divino, com a aprovação confirmada: "este é meu Filho, o amado, ouvi-lo". Depois desse passo, unido já à Divindade, pode Jesus dar as lições maiores: "minha carne é verdadeiramente comida, e meu sangue é verdadeiramente bebida" (João, 6:55). Ensinou-o com clareza absoluta e mais tarde, na chamada "última ceia", iria revelar integralmente o mistério cristão da união com Deus.

Mas agora chegara o momento de preparar-se para as provas dolorosas em que teria que submeter-se ao violento afastamento dos veículos físicos, para unir-se inteiramente a Deus, num "matrimônio" místico total e definitivo: "o que Deus uniu, o homem não separe" (Mat. 19:6). Mas, para esse grau superior, havia necessidade absoluta da "experiência sofrida", o "páthos" ou paixão. Era o ponto crucial, em que mergulharia em cheio na DOR-AMOR, desligando-se violentamente da parte inferior de seu ser, em holocausto cruento, a fim de libertar a parte superior para a união definitiva com a Divindade no matrimônio indissolúvel.

Diante dessas perspectivas sombrias, a parte física assusta-se, teme e treme, procurando subtrair-se às provas (coisa que, veremos adiante, ocorre com o homem Jesus no instante decisivo). Tudo isso é

explicado pelo evangelista com a frase: "fortaleceu sua personagem", para que tivesse a coragem indispensável de colocar-se espontaneamente entre as mãos dos algozes.

No momento crucial do passo decisivo, quando as forças começam a fraquejar, Ele recorre à prece a fim de receber novas energias; e as recebe. E impertérrito segue adiante até o sacrifício final. Exemplo magnífico para todos nós, revelando que realmente "a carne é fraca" (Mat. 26:41 e Marc. 14:38), mas que nem por isso devemos esmorecer nem desesperar-nos: os grandes Espíritos também sofrem, quando na carne, as limitações que a carne impõe a todos.

FOGO DO CÉU

Luc. 9:52-56

- 52. E enviou mensageiros diante de sua pessoa. Indo, entraram eles numa aldeia dos samaritanos para preparar (pousada) para ele,**
- 53. mas não o receberam porque sua aparência era a de quem ia para Jerusalém.**
- 54. Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para consumi-los, como fez Elias"?**
- 55. Mas voltando-se para eles, repreendeu-os e disse: "Não sabeis de que Espírito sois, O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar almas".**
- 56. E foram para outra aldeia.**

Trecho privativo de Lucas.

A Samaria era o caminho mais curto entre Cafarnaum e Jerusalém. Mas os samaritanos, que não suportavam os judeus, tinham sua raiva aumentada por ocasião das festas, pois achavam que a ida a Jerusalém constituía um desprestígio para o culto "verdadeiro" do Monte Garizim. Por saber disso, o Mestre envia uma delegação à sua frente, para consultar se pode ali pernoitar, e a resposta é negativa.

Aqui vemos, novamente, duas vezes empregada a palavra *prósôpon*: a primeira "diante de sua pessoa", ou simplesmente "adiante de si"; na segunda tem o sentido de "aparência" que é, em última análise, a "forma" da personagem encarnada.

Tiago e João, com o ardor juvenil de que dispunham, querem aproveitar-se dos poderes que já receberam para "queimar a aldeia", o que lhes valeu o jocoso apelido dado por Jesus de "Filhos do Trovão", (Marc. 3:17). Os manuscritos A, C, D, X e outros, acrescentam as palavras "como fez Elias", que são omitidas em *aleph*, B, L e *xi*. Realmente fato semelhante é narrado em 2.^a Reis, 1:10-12; mas, em vista da ausência dessas palavras em alguns manuscritos principais, raciocinam os hermeneutas que elas devem ter sido acrescentadas, como glosa, pelos marcionitas, para aproveitar o texto e mostrar às claras a oposição entre o Deus violento e atrabiliário do Antigo Testamento, que queimava cem homens sem motivo (que culpa tinham eles da maldade do rei?) e o Deus de Jesus, todo bondade e perdão.

De fato, Jesus volta-se para os dois e os repreende, não aceitando a violência. Também aqui é acrescentado: "e disse: não sabeis de que espírito sois, pois o Filho do Homem não veio para perder almas, mas para salvar". Também esse trecho, aliás belíssimo, é tachado de marcionismo e rejeitado por hermeneutas e exegetas.

Tem a frase os códices: D (Beza); E (de Basiléia); F (Boreliano); G e H (sedeliano I e II); K (Cíprio); M (Campiano); S Vaticano grego 354; U (Naniano); V (de Moscou); gama (Tischendorfiano); theta (Koridethiano); lambda (oxoniense); pi (petropolitano 11); ómega (athusiano); minúsculo: 579, 700, 1.604, famílias de 1 e de 13; versões: todas as vetus latina (menos 9 1, 1, r2); as siríacas curetoniana, peschitto, harclense; a copta bohairídica; a armênia; aparece nas obras: Didachê, e em Taciano, Marcion, Cipriano, Epifônio, Crisóstomo e Ambrósio.

Não existe no papiro 45, nos códices aleph (sinaítico), B (Vaticano grego 1209); C (Efrem); L (cíprio II); T (Borgiano); W (Freeriono); Z (de Dublin); delta (de S. Galiano); psi (athusiano) e nos minúsculos: 33, 892 e 1241.

Depois, com toda a naturalidade, dirigem-se a outra aldeia para pernoitar.

Mas ficou registrada uma lição preciosa, infelizmente pouco seguida até hoje por aqueles mesmos que se dizem cristãos: a lição do perdão absoluto, sem discussão; a lição da não-violência, da *ahimsa*, do seguir adiante sem sequer molestar-se com a incompreensão, com as recusas, com as ofensas dos outros. Nada de retribuir o mal com o mal: calar e seguir em frente, sem aborrecer-se com os que não querem colaborar. Sobretudo, nada de vinganças. O discípulo do Cristo não pertence a esse "espírito" de desforço, de represália, de revide. Ofendido, passa além, tranquilo: não foi dele o erro. E o erro dos outros, não no atinge.

O Filho do Homem não veio à Terra para castigar ninguém: é um prenúncio da frase: "Pai, perdoai-lhes: "não sabem o que fazem" (Lc . 23:34). Assim, qualquer cristão tem a tarefa específica de ajudar sempre, sem jamais condenar: "não condeneis e não sereis condenados" (Luc. 6:37). É o exemplo vivo e prático das lições teóricas.

Diante das perspectivas dos grandes e dolorosos acontecimentos que estavam para vir, Jesus dá uma lição prática: ao encaminhar-se do "Jardim fechado" do Espírito para o centro da religiosidade ortodoxa, quer ensinar aos discípulos a necessidade imprescindível da vigilância ("Samaria").

No entanto, mesmo encaminhados ao monte da Vigilância, demonstram quão longe ainda se encontram do ponto desejável, e à primeira contrariedade - leve, se levamos em conta o que viria em seguida - reagem de maneira violenta, sugerindo destruição e morte. E se a ofensa foi de alguns, o castigo terá que recair sobre todos: descer fogo do céu sobre a totalidade das coisas e das criaturas. E esse ato de vandalismo é "justificado" com fatos e palavras das Escrituras ... Elias não fez o mesmo?

A personagem humana, limitada e separada de todas as demais criaturas pela "forma" material do corpo, opõe o "eu" ao "não-eu"; e mais adiante opõe o "eu e meus amigos" a tudo mais que está fora do círculo fechado, tudo o que é "externo". Daí a ardoriedade da defesa do "eu" e do "grupo", julgando-se adversários e inimigos tudo o que está extra-muros. E qualquer ofensa, precisa ser retribuída com sangue, fogo, destruição e morte ... ou, pelo menos, com a indiferença do desprezo e da inimizade disfarçada com sorrisos hipócritas ...

Na individualidade, o conhecimento já se fez. Sabe-se que o Espírito que anima os "samaritanos" é o mesmo Espírito que reside nos "judeus". A oposição é apenas temporária e aparente, personalística. Então, tudo é superado com o bom-senso adulto de quem conhece a realidade, e sabe que nada pode prejudicar-nos, "tudo concorrendo para o bem daqueles que amam a Deus" (Rom. 6:28).

Ao contato com a realidade objetiva terrena, a vigilância fraqueja. E a individualidade avisa que eles não sabem ainda a que "Espírito" pertencem: pensam que são personagens terrestres, dominadas pelo espírito egoístico divisionista, opositor do Espírito superior divino. Mas, de fato, já não mais pertencem à inferioridade da personagem, e sim à universalidade do Espírito Divino: ao Espírito do Universo, Uno e Indivisível.

E quando se chega a esse estágio, não mais se deseja "perder", isto é, castigar, quem quer que seja: procura-se, antes, "salva", ou seja, elevar as criaturas à mesma união com a Divindade.

OPINIÕES DESENCONTRADAS

João, 7;11-13

11. Os judeus, então, procuravam-no na festa e perguntavam: "onde está ele"?
12. E grande murmuração havia a respeito dele entre as multidões. Uns diziam: "Ele é bom". Diziam outros; "Não, antes engana o povo".
13. Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus.

Texto privativo de João.

Quando este emprega o epíteto "os judeus", refere-se exclusivamente às autoridades constituídas da religião israelita, que então dominavam; jamais às massas, ao povo. Aqui é dito que estas "o procuravam" nas comitivas dos galileus. E mostraram-se decepcionados ao não encontrar o operário carpinteiro que tanta celeuma levantava.

As opiniões divergiam profundamente, uns julgando-o bom, outros um impostor. Ninguém ousava, contudo, manifestar de público sua opinião (cfr. 7:26; 16:29; 18:20) porque era grande o medo dos "principais sacerdotes" (cfr. 9:22; 12:42) que tinham sentenciado a morte de Jesus, sob pretexto de blasfêmia (5:18).

O sacerdócio que então dominava e o Sinédrio, em sua maioria, estavam comprometidos com Roma, por cujo intermédio haviam conseguido suas posições políticas de mando. Desde o domínio romano (63 A.C.) as "raposas" herodianas (cfr. Lc. 13:22) tinham comprado aos dominadores os cargos, e estes haviam afastado as autoridades legítimas, substituindo-as por elementos "de sua confiança", dispostos a qualquer transação, mesmo de consciência, contanto que não perdessem suas posições de destaque. Contra esses levantava Jesus sua voz (cfr. Mat. 23:13-29 e Lc. 11:39-43).

No entanto, o povo judaico aceitava o Mestre, tanto que as autoridades vendidas aos romanos tinham muito cuidado em não por suas mãos sobre Jesus "diante do povo", pois sabiam que este defenderia com ardor o seu taumaturgo: prisão, pseudo-julgamento castigo e morte foram realizados quase às ocultas, durante a noite e a madrugada, para que o povo ficasse diante do fato consumado, sem poder reagir.

Estabeleçamos, pois, claramente: "OS JUDEUS", em João (e Pedro), são as autoridades que, àquela época, usurpavam as principais posições político-religiosas de mando, NÃO O POVO.

Neste episódio também descobrimos o lado oposto: o povo que não se manifestava abertamente, com medo dos sacerdotes mais influentes, que já haviam excomungado Jesus e podiam tomar atitudes drásticas sobre aqueles que exteriorizassem sua simpatia pelo galileu. Nas brigas de gigantes, os pequeninos recebem a pior, pois a corda arrebenta sempre do lado mais fraco.

Mostra-nos aqui João o que acontece a todos os "espirituais", quando entram em contato com os "terrenos". Nesses encontros, aparece a grande diferença entre "psíquicos" e "pneumáticos". Qualquer criatura que passe a viver na individualidade, demonstrando por seus atos - mesmo sem qualquer intenção ostensiva - que compreende o mundo de modo diverso da maioria, ocasiona de imediato discussões e cria pelo menos dois partidos opostos: os "a favor" e os "contra"; os que o adoram, por vezes, até a fanatismo, e os que não acreditam e o combatem até com a calúnia.

Aliás, nem sequer é preciso SER "espiritual" para provocar esses choques: quantos se limitam a falar de espiritualidade, a emitir opiniões até calcadas sobre outros, a imitar vestes, barbas, gestos, cita-

ções, atitudes (cfr. Mat. 23:5) e imediatamente arrastam em suas pegadas pequenas multidões que nele vêem o máximo, o melhor, o "santo". Mas também outros, de logo, assumem atitude oposta, e não o poupam em suas diatribes.

Esse é o quadro descrito em rápidas e vivas pinceladas por João, quadro que se vem reproduzindo, em clichê, por todos os séculos, até nossos dias.

Não devem assustar, portanto, - se somos sinceros - a assuada do combate nem a conjuração do silêncio, os ataques soezes e as calúnias: são normais. Até pelo contrário: se combatidos e caluniados pelo maior número, teremos a certeza de estar com o Mestre (cfr. Mat. 10:25). E se muito aplaudidos pelas multidões, é porque talvez, estejamos sintonizados com "este eon", com o pólo negativo, com o Anti-Sistema.

AINDA A CURA NO TEMPLO

João, 7:14-24

14. Ora, estando a festa já em meio, Jesus ao Templo e ensinava.
15. E os judeus maravilhavam-se, dizendo: "Como sabe este as Escrituras sem ter aprendido"?
16. Jesus respondeu-lhes e disse; "O meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou;
17. se alguém quiser executar a vontade dele, saberá a respeito do ensino, se é de Deus ou se falo por mim mesmo.
18. Quem fala por si mesmo, busca sua própria doutrina; mas quem busca a doutrina daquele que o enviou, este é verdadeiro e nele não há desonestidade.
19. Não vos deu Moisés a lei? no entanto nenhum de vós executa a lei. Por que procurais matar-me?
20. Respondeu o povo: "Tens espírito! Quem procura matar-te"?
21. Respondendo, Jesus disse-lhes: "Um só trabalho realizei, e todos vos maravilhai dele.
22. Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não venha de Moisés, mas dos patriarcas) e no sábado circuncidais um homem;
23. pois bem, se um homem recebe a circuncisão no sábado para não violar a lei de Moisés, como ficais zangados comigo, porque no sábado eu tornei um homem inteiramente são?
24. Não julgueis segundo a aparência, mas julgai com discernimento perfeito".

No "meio" da festa dos Tabernáculos (no 4.º dia, isto é, sábado dia 17 de Tishri no ano 30), Jesus subiu ao Templo para ensinar. Qual tenha sido Sua elocução e sobre que tema haja versado, não sabemos, pois o narrador silencia. O fato é que todos se admiraram da sabedoria de Suas palavras "cheias de amor" (cfr. Luc. 4:22) e da segurança e autoridade proveniente de seu interior com que ensinava (cfr. Mat. 7:29 e Marc. 1:22).

A admiração era espontânea e generalizada; e se faziam uns aos outros a indagação: "como pode conhecer assim as Escrituras, se jamais cursou a Escola Rabínica"? Esse é, realmente, o sentido do vers. 15. *Grámata*, no grego clássico, exprimia as letras do alfabeto; mas em Jerusalém ninguém estava em situação de julgar e saber se Jesus havia aprendido a ler e escrever em sua Terra natal. E além disso, entre os judeus helenizantes, *hierà grámata* designava as Sagradas Escrituras; e disso os hierosolimitanos tinham certeza: Jesus jamais cursara a Escola Rabínica de Jerusalém. Nesse mesmo sentido, João empregou o termo pouco acima (cfr. 5:47; vol. 3.º, página 176).

Aliás, o trecho que agora comentamos parece ser o prosseguimento imediato da "Cura no Templo" (João, 5: 16. vol. 3.º 160ss), e do discurso que se lhe seguiu (João, 5:17-47; vol. 3.º, pág. 167ss). Não aproximamos os dois textos a fim de respeitar a indicação do evangelista que, categoricamente, afirma ter-se passado o episódio na festa dos Tabernáculos, quatro meses depois. E realmente podia acontecer que, após esse lapso de tempo, a ocorrência permanecesse tão viva na memória de todos, que facilmente voltasse à tona por ocasião do novo discurso de Jesus, naquele mesmo local.

Logicamente a interrogação a respeito da sabedoria de Jesus não foi formulada em voz alta. Mas fácil de ser percebida pelo Espírito penetrante do Mestre, recebe pronta e adequada resposta: "o meu ensino não é meu; eu o trago daquele que me enviou; e bastará observar a vontade divina para reconhecê-lo".

A seguir entra a argumentação psicológica: "quem fala por si mesmo, pretende criar uma doutrina sua pessoal; mas quem afirma que a doutrina não é sua, e revela a fonte de origem, evidentemente é honesto, e portanto verdadeiro".

Depois dessa argumentação irrefutável, que capta o favor e a simpatia de todos os de boa-vontade, vem a pergunta que desperta o auditório: "Moisés vos deu uma lei (que proíbe matar) e vós não observais a lei, pois me ordenastes a morte". O espanto é geral, já que o público desconhece as maquinações dos maiores. E dentre o povo vem a resposta acre: "estás obsedado! quem quer matar-te"?

A frase *daimónion échei* caracteriza alguém fora de seu juízo, o que, geralmente era atribuído (quando a pessoa era normal) à incorporação de um espírito perturbado. Diante da sabedoria manifesta e admirável de seus ensinamentos, claro que ele, pessoalmente, não podia ser desequilibrado; qualquer desequilíbrio viria de fora, de algum espírito que o houvesse tomado repentinamente. De qualquer forma, a frase não tem a maldade revelada pela afirmação perversa dos fariseus, de que Jesus operava suas curas por seus poderes de Beelzebul (cfr. Mat. 12:24; Marc. 3:22; Luc. 11:15 e João, 8:48).

Os escribas e sacerdotes, porém, calam, porque sabem que a pergunta do Mestre tem fundamento e lhes é dirigida. E Jesus, sem responder ao povo (porque teria que fazer revelações perigosas, que poderiam ser contraditas facilmente) passa a justificar a cura realizada no templo quatro meses antes.

Essa justificação é feita no puro estilo rabínico, da menor à maior: Moisés ordenou a circuncisão (que por ele fora recebida dos ancestrais) e os judeus colocavam sua realização rigorosa acima da lei divina do repouso do sábado. Não havia discordância quanto a esse ponto: "pode-se fazer aos sábados tudo o que é necessário à circuncisão" (Sabbath, 18:3). E ainda no 1.º século o Rabino Eleazar Bar Azaria escreveu: "Se a circuncisão, que toca apenas um dos 248 membros do homem, é mais importante que o Sábado, muito mais importante se revela ser o corpo inteiro do homem". Esse o acordo geral.

E foi esse, precisamente, o argumento de Jesus: "por que sou condenado, só por ter curado o corpo de um homem no sábado"?

De fato, se a questão levantada na época fora o fato de o ex-paralítico ter carregado seu leito no sábado, e não propriamente a cura, todos sabiam, que o que levaria os sacerdotes a condenar Jesus à morte tinha sido a cura espetacular, que vinha ameaçar-lhes o prestígio. Não querendo confessar as verdadeiras razões, por conveniências, haviam-se apegado a um pormenor que desviava a atenção do povo.

E o episódio termina com uma advertência severa: não são as aparências ("não é a carne", dirá mais tarde, João, 8:15) que devem ser levadas em conta no julgamento de um caso, mas sempre há que ter-se um discernimento perfeito. A tradução corrente dessa frase contém uma redundância inconcebível: "julgai segundo a reta justiça". Haverá alguma justiça "torta"? ou alguma justiça "injusta"? Ora, já vimos que *krísis*, literalmente, é o "discernimento", ou a "escolha" entre duas coisas, o que realmente supõe um "julgamento". Mas passar *tên dikáian* "o justo", *krísin* "discernimento" para "a reta justiça", é colocar nos lábios de Jesus uma incongruência.

O contato do ser que vive no Espírito com as multidões apresenta sempre essa incógnita: como pode saber tudo isso, se não aprendeu? A cultura intelectualizada da humanidade ainda se encontra no estágio primitivista da "ciência oficial", ou da "filosofia oficial" ou da "teologia oficial". Daí a necessidade absoluta de todo aquele que pretenda trazer uma idéia nova, buscar apoio quer nas Escrituras, quer nos autores sacros ou profanos. Se simplesmente se limitar a pregar suas idéias, será rejeitado de plano, como desequilibrado mental. Poderia ser ouvido apenas por dois ou três que estivessem no mesmo nível, mas jamais atingiria outros elementos.

Na Terra, para chegar-se à Mente, é mister passar pelo intelecto. Daí ser indispensável o apoio das "autoridades". Tomás de Aquino chegava a dizer: nihil est in intellectu, quod prius non fúerit in sensu, isto é, "nada chega ao intelecto se antes não passar pelos sentidos", numa confissão materialística total, pois com essa expressão axiomática, nega peremptoriamente a intuição e a inspiração espirituais e divinas, negando até mesmo sua própria teoria da "ciência infusa", ou seja, do conhecimento revelado.

É esse conhecimento revelado obtido diretamente da Fonte Divina por experiência própria - poderíamos dizer, é essa gnose - que Jesus confessa ter e ensinar.

Tendo conseguido, no contato com o Cristo, na perfeita sintonia com o SOM (Logos, Pai) a gnose profunda dos mistérios, limita-se a ensinar o que ouviu, o que sentiu, o que percebeu. E o confessa, com humildade, ao invés de pavonear-se, dando, como seu, o que foi recebido.

Mas os homens não aceitam, não podem aceitar que alguém receba conhecimentos de uma fonte que a eles não seja acessível: acusam-no logo de "mistificação".

Então, quando há qualquer revelação de uma intenção oculta, a revolta procura abafar a realidade da declaração.

Mas toda essa parte é de somenos importância, porque são fatos que ocorrem constantemente. O essencial da lição é a ordem final: "não julgueis pelas aparências, mas julgai com discernimento perfeito".

Não se trata de julgamento stricto sensu, de juiz em sua cátedra, mas do julgamento lato sensu de todas as criaturas que necessitam exercê-lo para saber se devem ou não seguir alguém que se apresenta como pregador, guia, inovador ou revelador de doutrinas espirituais.

Há, sempre houve, aqueles que se salientam, elevando-se acima da multidão, com "idéias" que anseiam distribuir. O Mestre avisa-nos: "não olheis as aparências! elas podem enganar". Roupas, cabelos, barbas, rosários, cruzeiros, sinais cabalísticos, túnicas de saco com corda à cintura, tudo isso é exterioridade, aparência, ilusão. Não são esses os elementos que devem ser levados em conta. Ele próprio, Jesus, vestia-se como qualquer homem de sua época. Ao contrário: quando vemos alguém que precisa vestir-se "diferente" dos demais, para, "mostrar" o que é, isso nos levanta certa suspeita: será que essa excentricidade é sinal de vazio interno? Será que tudo é só "aparência" de espírito? Realmente, quem se modificou, quem se espiritualizou por dentro, não precisa demonstrá-lo: sua aura, seu comportamento, suas atitudes, sobretudo suas vibrações, o denunciam à distância, mesmo que não se chegue jamais a vê-lo.

Daí a segunda parte do aviso: "julgai com discernimento perfeito". De fato, é mister muito cuidado, muita prudência, para saber a quem vamos seguir. Muitos encarnados se intitulam "iniciados", ou "mestres", ou "gurus" ... o próprio Jesus não o fez. Ao revés, aconselhou-nos que "a ninguém chamássemos mestre, pois um só é nosso Mestre: O CRISTO" (Mat. 23:8,10). Se Ele se achou indigno de atribuir-se esse título, qual o ser humano que poderia pretendê-lo?

Há também muitos "espíritos" desencarnados que, nas reuniões mediúnicas se dizem "guias", "mentores" e "mestres", vindos do oriente ou de outros planetas ... A condição é a mesma. Pelo fato de perder a roupa de carne, o espírito não dá saltos evolutivos que o elevem de categoria. "Somos todos irmãos" (Mat. 23:8), quer na condição de prisioneiros da carne, quer dela libertos.

Em nossa experiência, confessamos que até hoje recusamos seguir quem quer que fosse, na qualidade de "nosso" mestre: só aceitamos o CRISTO, através de Suas manifestações indiscutíveis: Jesus, Buddha, Kríshna ou, modernamente, Bahá'u'lláh, Ramakrishna, e outros cujas obras, varando os séculos e milênios, ou de nossos dias, nos chegaram com indubitáveis provas de autenticidade de ensino. Mas, através de todos ou de qualquer um deles, ouvimos um único Mestre: O CRISTO.

"Julgai com discernimento perfeito", sem entusiasmos apressados, sem fascinações perigosas, sem fanatismos exagerados, sem cegueiras prejudiciais, sem predeterminações facciosas. Há quem encante com "significados de palavras" (cfr. 1.ª Tim. 6:4), com proposições falazes (cfr. Col. 2:8), e promessas de felicidade, e com tais sinais e prodígios que "induziriam em erro, se isso fosse possível, os próprios escolhidos" (Mat, 24:24).

A personagem intelectual é facilmente ludibriada pelo fascínio de belas palavras ou de raciocínios suasórios, Mas o Espírito, esse percebe a Voz do Cristo em seu íntimo, ou através dos Manifestantes. O difícil é nós, personagens, ouvirmos a voz do Espírito. Mas se pedirmos com fé, receberemos (Mat. 7:7, Luc. 11:9), pois "felizes são os que mendigam o Espírito: desses é o reino dos céus" (Mat. 5:3).

MANDATO DE PRISÃO

João, 7:25-36

25. Diziam, então, alguns hierosolimitanos: "Não é este aquele a quem procuram matar?"
26. E eis que fala abertamente, e nada lhe dizem. Será que as autoridades verdadeiramente reconheceram que este é o Cristo?
27. Mas nós sabemos donde ele vem. E quando vier o Cristo, ninguém saberá donde é ele".
28. Então Jesus ergueu a voz no templo, ensinando e dizendo: "A mim conheceis e sabeis donde sou: e eu não vim de mim mesmo mas é verdadeiro aquele que me enviou, a quem vós não conheceis.
29. Eu o conheço, porque venho dele e ele me enviou".
30. Procuravam, pois, prendê-lo; mas ninguém pôs as mãos sobre ele, porque ainda não chegara sua hora.
31. Mas muitos do povo creram nele, e diziam: "Quando vier o Cristo, fará mais demonstrações do que este homem fez?"
32. Os fariseus ouviram a multidão murmurar essas coisas a respeito dele, e os principais sacerdotes e os fariseus mandaram seus empregados para prendê-lo.
33. Mas Jesus disse: "Ainda um pouco de tempo estou convosco; depois vou para quem me enviou.
34. Procurar-me-eis, e não me encontrareis; e onde eu estiver, vós não podeis ir".
35. Perguntavam, pois, os judeus entre si: "Aonde estará ele para ir que não o acharemos? Acaso estará para ir à Dispersão dos gregos, e ensinará aos gregos?"
36. Que palavras são essas que ele disse: procurar-me-eis e não me encontrareis, e: onde eu estiver, não podeis ir"?

Entre os moradores de Jerusalém, alguns havia que conheciam a disposição das autoridades. Provavelmente os "mais velhos" que, embora leigos, participavam do Sinédrio, ao lado dos fariseus e escribas. Estes admiravam-se de ver o desembaraço e a "petulância" com que Jesus enfrentava os poderosos, falando abertamente no Templo, sem constrangimento nem medo; e também estranhavam a omissão dessas autoridades, que O não prendiam logo, a fim de terminar aquele "abuso". Ou seria que, finalmente, O haviam reconhecido como o verdadeiro Messias?

Nasce-lhes no espírito, todavia, a objeção: o Messias devia aparecer repentinamente, segundo a opinião vulgar generalizada (cfr. Justino, Diál. c.8), embora se soubesse que viria "da semente de Davi" (2.º Sam. 7:12; Ps. 132:11; Is. 11:1; Jer. 18:15; "Salmos de Salomão", 17:21), e que nasceria em Belém de Judá (Miq. 5:2; Mat. 2:5; João, 7:42).

Jesus ergue a voz (grego: "grita", *ékrazen*) para uma declaração solene, afirmando que a origem do Messias não deve ser buscada no nascimento físico, mas na proveniência espiritual. Entretanto, os "judeus" não conhecem o Pai como deviam, e, por isso, não percebem a realidade. Jesus, porém, conhece o Pai (cfr. Mat. 11:27; Luc. 10:22 e João, 6:46) e pode garantir que provém Dele.

Essa nova afirmativa, que os "judeus" bem compreenderam e por isso mesmo a julgaram blasfematória (cfr. João 5:18) reacende neles o propósito de eliminá-Lo. Não se tratava mais da questão do sábado (João, 5:16 e 9:16), mas das palavras que comentamos. Não passaram, contudo, à ação, porque "não chegara a hora" (cfr. João 12:25, 27; 13:1; 16:21; 17:1). A razão que deram, de seu ponto-de-vista, é que temiam a reação popular (cfr. Mat. 21:46).

O apoio do povo a Jesus crescia com o destemor e a veemência de Suas afirmativas, e os fariseus o perceberam: aumentava o número dos que O aceitavam. Mister agir com rapidez. Recorrem então aos sacerdotes principais para que, com seus empregados (*hypêrétas*), que constituíam quase uma "polícia" (cfr. João, 7:45,46; 18:3, 12, 18, 22, 36; e 19:6) providenciassem a captura de Jesus, por meio de um mandato legal.

Jesus volta-se para o povo e, com um enigma, lhe anuncia a partida próxima para o mundo espiritual: em breve se ausentaria fisicamente, desaparecendo da vista deles. E subiria tão alto, que ninguém ali teria capacidade de acompanhá-Lo aonde Ele ia. As autoridades, no entanto, mostram-se perplexas ante o enigma: para onde pretenderia Ele ir? Para os israelitas da dispersão? Para os judeus helênicos? Para os próprios gregos? E repetem, entre si, as palavras de Jesus, em busca de uma interpretação, sem conseguir descobri-la. Na simples hipótese formulada de que poderia ir para falar aos gregos (*toús Héllênes*) confirma-se a teoria de que Jesus falava o grego. Se assim não fora, como poderia ser entendido na Grécia?

Na época atual o mesmo ocorre. Não aceitamos os Manifestantes divinos que nos declaram clara ou veladamente sua origem. Tudo o que sentimos não possuir, negamo-lo que outros possuam. Como pode "ele" ter aprendido? Como saberá mais que "nós" que temos tantos títulos acadêmicos e universitários e falamos tantos idiomas? E somos louvados por tanta gente? De onde veio? Ora, como tendo nascido numa aldeola do interior, pode ser superior a "nós" que nascemos na capital? E, sendo filho de operários, como poderá saber mais que "nós", que temos linhagem aristocrática? Faz coisas admiráveis? Prestidigitação ... Diz coisas notáveis? Mistificação ... Contraria nossos pontos-de-vista? Obsidiado! ... Fala coisas que não entendemos? Louco! E assim recusamos qualquer palavra do Alto, qualquer chamamento que pretenda tirar-nos das comodidades físicas ou mentais que conquistamos por meio dos raciocínios viciados de nosso confortável materialismo personalístico. Só aceitamos, mesmo, quando o que ele diz concorda com os nossos "pontos-de-vista", quando aprova nossas emoções, quando nos elogia e engrandece as paixões ... Então, sim, é um Enviado do Alto!

Assistimos ao início da grande luta entre a Mente intuitiva da individualidade e o intelecto discursivo da personagem, entre o espírito e a matéria, entre o eterno e o temporal, entre o divino e o humano. A Mente revela, o intelecto recusa. A Mente afirma, o intelecto nega. A Mente mostra, o intelecto fecha os olhos. A Mente fala, o intelecto tapa os ouvidos. Parece tratar-se de dois seres que falem duas línguas diferentes, e um não entenda o outro.

Realmente, pertencem a dois planos distintos. E sempre assim ocorre entre a individualidade (mente) e a personagem (intelecto). Nosso "eu" vaidoso e pequeno, jamais quer ouvir a intuição que vem do coração e nos convoca a evoluir. Começamos a opor-lhe os raciocínios mais abstrusos e até sofismas, para fazê-la silenciar.

A mesma dificuldade de serem entendidos sentiram e sentem todos os "iniciados" diante dos profanos e todos os espiritualistas diante dos "religiosos" ordodoxos. Esse mesmo caminho que foi imposto a Jesus pelas autoridades religiosas de Sua época, também o foi pelas de épocas mais recentes: Giordano Bruno, João Huss, Joana d'Arc e milhares de outros iniciados que traziam espiritualidade à Terra, foram martirizados, torturados, queimados ou decapitados pelos altos hierarcas eclesiásticos, sob acusações pesadas de lhes não obedecerem. As vozes divinas eram silenciadas à força. E hoje mesmo, depois de ser expressada "oficialmente" uma boa-vontade específica de união entre os crentes, na prática os óbices são insuperáveis, ou quase.

Temos, então, dois planos diferentes em choque. O plano superior da individualidade ou Espírito (pneuma), a urgir a personagem ou alma (psychê) para que abandone mâyâ (a realidade transitória e, portanto, ilusória), para acompanhar-lhe o vão espiritual. Mas a personagem - apegada às aparências da forma, às ligações do sangue (etéricas), às emoções da paixão, ao prazer do intelectualismo vaidoso e cômico de seu valor no mundo físico, à grande e terrível ilusão de um "merecimento" que só produz o efeito de prender a criatura aos ciclos reencarnatórios dos karmas coletivos - recusa-se e

ameaça de "prisão" (?) o Espírito que a perturba em sua vida tão agradável no conforto dos gozos dos sentidos!

Não lhe importa o que o Espírito ensina, com a voz "silenciosa" dos apelos "inenarráveis" (cfr. Rom. 8:26). Os sentimentos íntimos da personagem desarvorada, a vogar por sobre as ondas do encapelado oceano do calidoscópico terreno, parece-lhe totalmente secretos e impossíveis de serem percebidos por outrem, e até mesmo por seu próprio Espírito. Daí rir-se de qualquer chamado espiritual.

Chega então o último aviso: "ainda um pouco de tempo estou convosco; depois voltarei para quem me enviou; procurar-me-eis e não me encontrareis, e onde eu estiver, vós não podeis ir".

Essa frase é das mais sérias, encerrando ensinamento avançado, que merece meditação profunda e longa. Daremos, apenas, ligeiro resumo para ser apreciado e estudado.

O Espírito é a individualização da Centelha Divina que está EM TUDO. Temos, nele, portanto, uma entidade, um SER, que é eterno por sua origem divina, embora ele mesmo tenha tido, ao individualizar-se, um "ponto de partida". Entretanto, uma vez individualizado jamais se extinguirá no infinito da eternidade, porque possui, de direito, a "vida eterna". Iniciando-se "simples e sem saber", essa entidade (esse ser) plasma para si, em gradação evolutiva, "corpos" que a ajudem a galgar, no ambiente terreno, seu progresso ilimitado. Esses corpos são, por isso, cada vez mais aperfeiçoados, de acordo com a evolução que vai obtendo o próprio Espírito que, partindo do átomo, sobe pelos minerais, vegetais e animais até atingir a intelectualização nos hominais.

Nesse grau, já consideramos esses corpos "personagens" dotadas de psychê (sensações, emoções e intelecto) com um consciente próprio e desperto de Sua existência, o chamado "consciente atual". Essa é a única consciência que vive nesse plano. Para atingir o consciente profundo da Individualidade é indispensável aprendizado, conhecimento, exercício e vivência, que é conquistada com a evolução gradativa e lenta.

Verificamos, pois, que encontramos NUM SÓ SER REAL, uma dualidade de princípios, uma duplicidade de conscientes: um, naturalmente desperto. Outro, ainda adormecido. Porque o consciente profundo (da individualidade) só vai despertando aos poucos, gradativamente, através das incontáveis "vidas" e das conquistas experimentais do aprendizado evolutivo - da mesma forma que o consciente atual que, no recém-nascido, está adormecido, e também gradativamente vai despertando, à proporção que a criança cresce, experimentando e aprendendo. A individualidade não surge perfeita, mas antes "simples e sem-saber". Desenvolve-se através do lento e longo aprendizado que faz, através de inúmeras vivendas no plano físico. A personagem, cônica de sua existência através dos sentidos e da intelecto, comanda toda a vida terrena. A outra, a individualidade, vai evoluindo e preparando-se até despertar para, então, substituir-se à personagem, com seu consciente profundo vindo à tona e assumindo a direção total do SER ÚNICO. Porque, repitamos, a personagem é uma condensação ou manifestação em plano mais denso, da individualidade que a criou para poder agir nos planos astral e físico, a fim de colher experiências e evoluir. Mas, sendo embora uma coisa só, UM SÓ SER, contém em si duplo consciente.

Acontece, então, que a personagem, cônica de si (compos sui) e ignorando a individualidade (que, em muitíssimos casos, também se ignora a si mesma) possui capacidade específica de ação e livre-arbítrio. E como é guiada pelo consciente dela própria, pode opor-se a individualidade eterna, quando esta já tenha evoluído bastante para destacar-se e agir de per si; neste caso, a personagem torna-se-lhe adversária ("diabo") ou antagonista, isto é, olhando as coisas de um ângulo (gônia) oposto (anti), o que é designado em hebraico com o termo "satanás".

Repisemos: a criação da personagem constitui, na realidade, uma transmutação que se opera na própria individualidade, ou seja, o pneuma se transforma (metamorphosis) na psychê, tomando a aparência (prósôpon, "persona" ou máscara) de uma personagem com seu nome "particular" Então a personagem (psychê) é a própria individualidade (pneuma) que vibra em frequência mais longa (mais baixa). Mas, embora vibrando inicialmente em faixas relativamente próximas, aos poucos a individualidade se distancia muito da personagem, pois séculos e milênios de exercício, de aprendizado e de automatização de experiências, fazem a individualidade alcançar grande progresso e plena conscienci-

zação, que nem sempre consegue fazer exteriorizar na personagem que plasma, em vista de injunções múltiplas (karmas individuais e coletivos, hereditariedade, ambiente social, etc. etc.). Assim, com o caminhar evolutivo, muito mais rápida e solidamente se eleva a individualidade, embora com dificuldade consiga que as personagens que cria lhe acompanhem a elevação; e, após determinado ponto da escala, já consciente de si, tão diferentes e distantes são as faixas vibratórias entre ambas, que parecem seres distintos, especialmente porque o consciente profundo da individualidade, ao penetrar nas zonas pesadas da matéria, revive memórias e automatizações antigas, não conseguindo filtrar-se através do consciente "atual" da personagem, que se encontra vivamente desperto. E ao mesmo tempo, nos momentos em que consegue "destacar-se" da personagem, SENTE o peso desta, e anseia por libertar-se.

Um exemplo concreto (embora grosseiro porque se passa na matéria) talvez facilite a compreensão do que acontece a uma individualidade já desperta, quando em contato de direção de uma personagem.

Suponhamos o grande e saudoso Jaime Costa que, em nosso exemplo, figurará a individualidade. Para atuar no palco, fá-lo-emos assumir, conscientemente, em três dias consecutivos, três papéis diferentes (três personagens).

Então, primeiro "nesce" no palco com a figura de D. João VI. E enquanto exteriormente a representa, ele não filtra para D. João VI a consciência própria de Jaime Costa, deixando desperto e ativo apenas o consciente "atual" de D. João VI, e assumindo-lhe todas as características. Com efeito a individualidade já evoluída está consciente de si, porque, se o não fora, não poderia desempenhar satisfatoriamente seu papel. É pela longa experiência adquirida através do aprendizado vivo e real de personagens várias e numerosas vividas no palco, que o ator, (individualidade) adquiriu a técnica (arte) da representação, atingindo evolução plena (ator "perfeito"). O mesmo se dá na individualidade em relação à personagem encarnada. Então, o consciente de Jaime Costa se transforma no consciente "atual" de D. João VI, abafando, para não atrapalhar a personagem, o seu próprio consciente "profundo" de Jaime Costa. Mas acontece que, ao terminar a representação, "morre" no palco D. João VI, e então Jaime Costa reassume plenamente seu consciente profundo, levando mais uma experiência de "vida" no palco, e portanto, mais evoluído do que quando a começou.

No dia seguinte, Jaime Costa, (individualidade) novamente "nasce" no palco como D. Pedro I, e os mesmos fenômenos ocorrem: seu consciente "profundo" de Jaime Costa é abafado pela personagem de que se reveste, chegando a esquecer-se de que ele existe, no meio das circunstâncias e do ambiente que o cerca, e só ficando desperto o consciente "atual" de D. Pedro I, com suas características vibráteis e agitadas. Aproveitemos, para focalizar um exemplo de karma: nesse papel, ou nessa personagem, D. Pedro I tropeça e cai, torcendo um pé. Quem caiu foi D. Pedro I, a personagem. Mas quem sofre realmente a dor é a individualidade Jaime Costa que, ao "morrer" no palco D. Pedro I, sai mancando.

No outro dia, ocorre que Jaime Costa "nasce" de novo no palco com o nome de D. Pedro II. O consciente profundo do ator é ainda "abafado" pela personagem criada, só ficando desperto o consciente "atual" de D. Pedro II, que entra no palco mancando. A personagem D. Pedro II nada sabe do tombo da personagem D. Pedro I; mas a individualidade Jaime Costa, que foi a mesma em ambos os casos, SABE que caiu no papel de Pedro I, e portanto aceita o defeito que surge em D. Pedro II, como efeito de causa passada. E no papel de D. Pedro II continua mancando, e talvez quando se libertar dessa personagem Jaime Costa não tenha conseguido curar-se da dor, e levará consigo o pé torcido, que o fará sofrer até a cura final (resgate total do karma).

Verificamos, então, que a personagem e a individualidade são UM SER SÓ, embora consciente em dois planos diferentes, pois Jaime Costa, nos papéis que desempenha, conserva sua consciência profunda, ainda que as personagens representadas NÃO POSSAM nem tomar conhecimento da existência do ator, pois isso estragaria a representação.

Só quando a personagem plasmada atinge, ela mesma, por impulso interno de ânsia de progresso, determinado grau de elevação intelectual, chegando a perceber e conhecer a existência da individualidade, (consciente profundo, Eu Interno) é que sente a necessidade imperiosa de voltar a ela. Neste

ponto, a personagem, consciente de si na consciência "atual", busca unir-se ao consciente "profundo" e, para isso, aprende a mergulhar nas águas do poço profundo do coração. E dela, da personagem (embora silenciosamente insuflada pela individualidade) é que tem que partir o primeiro passo para o Sublime Encontro. Só depois desse passo inicial é que a individualidade responde com clareza, manifestando-se abertamente e confirmando que sua busca foi coroada de êxito. Nesse ponto, pois, a personagem passa a SENTIR em si, plenamente, o duplo consciente, o "atual" e o "profundo", e aos poucos vai conseguindo substituir um pelo outro, anulando o consciente "atual" ("negue-se a si mesmo") e deixando que funcione atualmente o "consciente profundo". Então, já não é mais a "personagem" ("Paulo") que vive na consciência atual, mas é "o Cristo que vive nele".

No plano espiritual, o Espírito (pneuma) que assume o papel de "espírito" (psychê) com sua personagem transitória no palco da vida, tem, pois, uma ação muito mais substancial (embora menos material) que no plano físico. Assim, se Jaime Costa, por qualquer motivo, retirar seu "corpo" do palco, a personagem que ele "vive" desaparecerá totalmente. Mas no plano espiritual as coisas não se passam assim: a individualidade pode retirar-se da personagem, sem que esta desapareça de imediato do cenário da vida.

Pedimos redobrar a atenção para penetrar o pensamento que vamos expor.

A personagem (psychê) é limitada e circunscrita à forma, reproduzida pelo corpo físico que sobre ela se molda ("a alma é a forma substancial do homem", Tomás de Aquino, Sum. Theol. p. 1, q. 76, a. 4, contra). Por isso, para a encarnação, o Espírito (pneuma) precisa primeiramente plasmar com fluidos do plano astral a forma corpórea-fluídica, a qual agrega a si, no líquido amniótico, a matéria; ou, explicando mais corretamente: no ventre materno, as células astrais se materializam, conservando o corpo físico a mesma forma característica do corpo-astral.

Essa psychê nasce e morre, e tem como função animar (ou vivificar) o corpo material, sendo por isso chamada ánima ou "alma". Como a evolução da maior parte da humanidade ainda está muito retardada, ocorre que o fenômeno também é lento em sua execução. Já o Espírito evoluído que vibra no plano hominal (búlddhico, arúpico ou "sem-forma") tem que plasmar-se um corpo astral cada vez que mergulha no condensado material. Ao desfazer-se este no plano físico, o corpo astral dura mais algum tempo (em geral cerca de quarenta dias) no plano astral, e também se desfaz, regressando o Espírito (pneuma) ao plano mental.

Mas com o Espírito que ainda não se acha nesse estágio evolutivo e se compraz no astral (plano animal) com suas ilusões, não sucede assim: uma vez criada a personagem (psychê) no plano astral ela reencarna e permanece tão envolvida nos fluidos animais do astral que, ao perder o corpo físico, não sai do plano astral: nele permanece com a mesma psychê (mantendo até mesmo o nome que tinha na Terra), até encarnar de novo. E assim sucessivamente durante milênios, pois a isso estava habituado, por causa dos milênios em que assim fazia, enquanto evoluía através do estágio animal.

Ora, o Espírito (pneuma, individualidade) pode, por vezes, alçar vôo mais altaneiro; ou, talvez, esteja preso à encarnação apenas por algum Karma bom ou mau do passado; mas quer avançar mais depressa (motus in fine velocior). Então poderá utilizar-se do mesmo expediente a que se habituou quando atravessava os "reinos" mineral, vegetal e animal, vale dizer, quando plasmava concomitantemente, milhares ou milhões de formas densas, colhendo experiências e aprendizado através de todas elas. Esse modo de agir não apresenta dificuldades para o Espírito (pneuma) porque ele não está limitado nem pela forma, nem pelo tempo, nem pelo espaço, nem pela dimensão. Sendo, pois, ilimitado e adimensional, pode encontrar-se em qualquer lugar físico ao mesmo tempo, consciente em todos eles, animando simultaneamente qualquer número de formas densas. A isso, normalmente, os ocultistas denominam "alma-grupo" ou "alma-coletiva".

Como funciona essa "alma-grupo", podemos aprendê-lo ao estudar o complexo "homem". Nós temos um "espírito" (psychê) ou alma, que governa todo o nosso corpo físico. Ora, o corpo físico é constituído de alguns trilhões de células, cada qual com sua Centelha Divina e com seu corpo astral, condensado em sua exteriorização físico-material. No entanto todos esses trilhões de células (que evoluirão até constituir cada uma delas um ser plenamente consciente ou humano, daqui a milênios sem conta),

estão regidos por uma única "alma-grupo", que é nossa psychê, a qual sendo UMA, adquire experiências concomitantemente através desses trilhões de seres celulares, cada qual com sua própria e ainda subdesenvolvida psychê.

O Espírito (pneuma), tal como a alma (psychê) também pode colher experiências ao reger simultaneamente várias psychês, como se fossem outras tantas células de um só corpo, apenas mais distantes umas das outras, ou seja, com os "espaços intercelulares" maiores.

Como, porém, o Espírito (pneuma) é inespacial, isso não constitui óbice para ele. Pode levar sua consciência a qualquer ponto, assim como pode nossa psychê levar sua consciência a qualquer das células de nosso corpo, desde que ela apresente qualquer anomalia: dor ou prurido, sensação de frio ou calor, etc. Pode fixar-se a consciência em qualquer das células, ou numa determinada célula em particular ou em todo o conjunto delas simultaneamente, por mais numerosas que sejam.

Ora, da mesma forma que, quando o "espírito" (alma ou psychê) se retira do corpo físico, desligando-se das células, cada uma delas prossegue "viva" em seu estado vegetativo, na qualidade de "vermes", alimentando-se da matéria até que se extingam quando lhes termina o pábulo, ou passando a outros estados (Se esses vermes não se extinguissem, os nossos "cemitérios" teriam seu solo superpovoado de "bichinhos", o que não sucede na realidade), assim também pode a individualidade (pneuma) retirar-se de Uma personagem (psychê) para continuar alhures sua subida evolutiva, ou simplesmente para regressar a seu plano mental, sem que obrigatoriamente essa psychê desapareça da existência: pode continuar "vegetando (embora com intelecto), mas sem a presença da individualidade. Judas Tadeu (o "irmão" de Jesus) assim descreve esses casos em sua Espinola (vers. 19): houtoi eisin hoi apodieirizontes, psycbikoi, pneuma mê échontes, isto é: "estes são os que se separam, psíquicos, não tendo Espírito". Realmente, tem apenas a psychê, são apenas uma personagem com corpo físico, sensações, emoções e intelecto, ou seja, com todo o psiquismo, mas sem o pneuma que se ausentou.

Seria como uma "associação" de homens, fundada e dirigida por um presidente. Se este se retirar, a sociedade continuará, até que seus membros se dispersem, desfazendo-se então o conjunto. Entretanto, a sociedade pode continuar tal, mesmo sem seu presidente-fundador, em virtude da capacidade adquirida por seus próprios membros.

Assim o agrupamento de células que constituem o corpo e o psiquismo, pode manter-se unido e funcionando automaticamente em virtude do hábito que já se tenha tornado instinto, mesmo que o pneuma se tenha retirado, até que terminada a vitalidade do conjunto, este desmorone e se desfaça em suas partes constitutivas. Além disso, o intelecto e seu "consciente atual" podem permanecer regendo o conjunto e garantindo-lhe a unidade até o término do fluido vital ou da vitalidade do todo.

A ausência do pneuma não traz maiores problemas físicos nem psíquicos, pois o pneuma simplesmente plasmou (mas não criou) algo que já existia; é pois uma causa segunda, sendo a causa primeira a Centelha divina. E esta não se retira, porque está EM TUDO: no pneuma, na psychê, na matéria e em cada uma das células. Ora, se a causa primeira "criadora" e sustentadora permanece, a causa segunda, simples "plasmadora" pode ausentar-se sem prejuízo da existência da personagem; talvez ocasione nela, apenas, um amortecimento, mas não necessariamente a morte.

Ao lhe morrer o corpo físico, essa psychê sem pneuma entra no plano astral e aí permanece até desfazer-se e também "morrer", quando lhe termina ai, vitalidade.

Da morte da psychê (ou segunda morte) há vários trechos escriturísticos que falam: "não temais os que matam o corpo mas não podem matar a psychê" (Mat. 10:28; vol. 3.º); "quem acha sua psychê a perderá, e quem na perder por minha causa a achará" (Mat. 10:39; vol. 3.º e Mat. 16:25, vol. 4.º); "quem quer que coma dele (o pão da vida) não morrerá" (João, 6:50; vol. 3.º); "todo o que crê em mim nunca jamais morrerá" (João, 11:26); etc.

No entanto, existe a possibilidade de o pneuma voltar a reanimar aquela mesma psychê, se o resolver, antes que ela se desfaça, reassumindo-a para continuar, através dela, a colher experiências. E isso lhe é possível porque nada impede que, sendo o pneuma adimensional, atemporal, inespacial, ilimitado e Eterno, possa ele conduzir e adquirir experiências, concomitantemente, através de diversas persona-

gens, no mesmo país ou em países diferentes (cfr. a obra do Dr. Ed. Bertholet: "La réincarnation d'après l'enseignement d'un Ami de Dieu, le Maître Philippe de Lyon", éd. Pierre Genillard, Lausanne, 1960).

Essa possibilidade é-nos ensinada já há milênios, desde que Moisés escreveu: "Deus criou o homem (o pneuma) à sua imagem, homem e mulher os criou" (Gên. 1:27). Quando o pneuma, que possui em si ambos os sexos, se plasma concomitantemente uma personagem masculina e uma feminina, para colher experiências em ambos os aspectos psíquicos, agindo simultaneamente em ambos, temos aí a origem da antiga teoria das "almas gêmeas", isto é, das psychês gêmeas. Nunca, porém, se ouviu nem se ouvirá falar de "espíritos gêmeos".

As "almas gêmeas" muito dificilmente se encontram. Interessa ao **pneuma** colher experiências diferentes, em ambientes díspares, e não lado a lado, na mesmo ambiente. O a que vulgarmente chamam "almas gêmeas" são, no máximo, almas afins. Outro esclarecimento; o **pneuma** precisa estar bastante evoluído para conseguir dirigir mais de duas **psychês**. Dizem os Adeptos que jamais acima de nove.

São casos raríssimos e quase isolados, só realizados por seres excepcionais.

Tanto o sentido é esse, que Moisés apresenta o pneuma CRIADO antes; e só em Gên. 2:7 é que vem ensinar a FORMAÇÃO (não criação) do corpo do homem, "plasmado do pó da terra" (isto é, da poeira cósmica, cfr. vol. 3.º) e da psychê que lhe foi "insuflada pelas narinas", tomando o corpo um "ser vivente". E isso é confirmado por Zacarias (12:1), quando afirma que "Deus FORMOU A PSYCHÊ (ruah) dentro do homem".

Ocorrendo, assim, as coisas, como vimos, podemos compreender a frase da individualidade (Jesus) às personagens, em seu sentido pleno: "ainda um pouco de tempo estou convosco, depois vou para quem me enviou; procurar-me-eis e não me encontrareis, e onde eu estiver vós não podeis ir". De fato, jamais a psychê poderá chegar ao plano do pneuma: antes disso terá sido desfeita.

ÁGUA VIVA

(Quarta-feira, 21 de Tishri - 15 de outubro)

João, 7-37-44

37. No último dia da festa, levantou-se Jesus e gritou, dizendo: "Se alguém tiver sede, venha a mim e beba.
38. Quem crê em mim, como disse a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".
39. Disse isso a respeito do Espírito, do qual estavam para receber os que nele criam; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora transubstanciado
40. Então, muitos dentre a multidão, tendo ouvido esse ensino, diziam: "Esse homem é realmente o profeta".
41. Outros diziam: "Este é o Cristo"; outros porém perguntavam: "porventura da Galiléia é que vem o Cristo?"
42. Não diz a Escritura que O Cristo vem da semente de David e de Belém, a aldeia donde era David"?
43. Surgiu, então, uma discussão entre o povo a seu respeito.
44. Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos sobre ele.

Os festejos seguiram seu curso, até chegar ao final solene, no último dia. Foi quando, diante da maior multidão, no Templo, Jesus se ergueu acima da massa e gritou (*ékraxen*) para fazer Sua revelação. A frase pode ser pontuada de dois modos, alterando o sentido. Vejamos, lado a lado, as duas versões possíveis:

"Quem tiver sede venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".

"Quem tiver sede venha a mim e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura, de seu âmago jorrarão torrentes de água viva".

A primeira pontuação é muito mais satisfatória, apesar do anacoluto violento que encontramos no vers. 38. Essa pontuação foi sustentada pelos Pais orientais (Orígenes, Cirilo de Jerusalém, Basílio, Anastácio, etc) e no ocidente por Jerônimo e Agostinho.

A segunda pontuação foi sustentada no ocidente, antes de Jerônimo: Irineu, Cartas das igrejas de Viena e Lion, Cipriano (Ep. 63,8: P. L. vol. 4, col. 579); De Rebaptismate; De Montibus Sina et Sion.

Quanto ao sentido, a segunda pontuação dá a entender que as águas Jorrarão DO ÍNTIMO DO CRISTO.

Como base, são citados os seguintes passos: Is. 44:3; Ez. 36: 25 e 47: 1,12; Joel 2:28; Zac. 12:10 e 13:1; e sobretudo: "não têm sede os que foram levados ao deserto (ao planeta Terra): para eles corre água das rochas (Cristo)" (Is. 48:21). Além disso Jesus aplica a si as figuras do Templo (Jo. 2:19 ss); da serpente de bronze (Jo. 3:14); do maná (Jo. 6:32-33). E além disso a frase de Paulo (1.ª Cor. 10:4): "Todos bebiam da rocha espiritual que os acompanhava: essa rocha era o Cristo".

O sentido, de fato, está perfeitamente de acordo com todo o contexto escriturístico.

No entanto, pela primeira pontuação, (que adotamos na tradução) o ensinamento é mais profundo e concorda melhor com os ensinamentos crísticos: a torrente de água corre do íntimo de *cada crente*.

Realmente, quando aquele que crê se une ao Cristo que nele habita, é de seu íntimo mesmo que jorrarão as águas.

Mas, que águas? João explica que a "água viva" é "o Espírito".

Vêm a seguir vários ensinamentos sob forma metafórica, em imagens difíceis de serem percebidas pelos que não possuem a chave iniciática nos graus mais elevados. E de tal maneira foram ditas, que inclusive facilitam interpretações acomodadas dentro do razoável, e que foram aproveitadas durante milênios. Observemos o sentido comum:

"Falou isso a respeito do Espírito, do qual estavam para receber os que nele criam"; ou seja, explicam, falou a respeito do Espírito Santo", que só lhes foi dado no Pentecostes. "Pois o Espírito *não fora ainda dado* (tradução infiel) porque Jesus ainda não fora glorificado" (não ressuscitara).

O original diz claramente: *oúpô gár ên pneuma* (não havia ainda espírito) *hóti iêsoús oudépó edóxas-the* (porque Jesus ainda não fora transubstanciado). No segundo comentário, abaixo, procuraremos penetrar o sentido real dessas frases.

Como de modo geral acontece, quando se dá uma revelação inesperada, os ouvintes se dividem. Lá uns achavam que se tratava de um profeta; outros do Messias. Esses representavam os que tivessem capacidade de "receber o mistério" (*paralambánein tòn mystérion*) depois de "ter ouvido a palavra" (*akoúsantes tòn lógon*). Os que não podiam penetrar mais fundo no verdadeiro sentido, porque se regiam ainda pelo intelecto raciocinador, lembraram-se das objeções formais: os grandes profetas predisseram que o Messias proviria do sêmen de David (2.º Sam. 7:12; Is. 11:1; Jer. 23:5; Salmo 132:11) e, além disso, que nasceria em Belém (Miq. 5:2) a cidade de David (1.º Sam. 18:15).

Levantada a discussão, como sempre estéril pelo ardor fanático que inflama os litigantes, alguns queriam até prendê-Lo. Mas ninguém o conseguiu.

Aqui temos, flagrante, um exemplo da atuação do Cristo Cósmico a ensinar por meio de Jesus, o que serve de modelo para todos nós: frases que, embora compreensíveis pela acepção corrente das palavras que as constituem, guardam um segundo sentido oculto, só percebido pelos que estão em grau de compreender. Só os Mestres têm capacidade de falar assim, e aqueles que estão ligados ao Cristo Interno.

Como a frase de Jesus, citada pelo evangelista, é de difícil compreensão mesmo pelos iniciados, João as interpreta logo a seguir, embora de forma ainda inatingível pelos profanos. Mas muito menos enigmática e, portanto, mais acessível. Examinemos.

"Se alguém tiver sede", isto é, se o Espírito, ou mesmo a psychê, da criatura ansiar sequiosamente pelo encontro, que "venha a mim", que se chegue ao Cristo em seu coração, em seu íntimo, correndo a seu encontro, e que "beba", isto é, se desaltere para sempre, unificando-se a Ele. A clareza desse sentido demonstra-se por causa, exatamente, da explicação posterior do discípulo amado. Para os que O seguiam desde o início acompanhando o evoluir gradativo da iniciação gnóstica dada pelo Mistagogo Sublime, o sentido devia ser claro.

Em vista disso, podia ser dado o ensino com a afirmativa categórica: "do âmago (do coração) daquele que crê (que se unifica) com o Cristo, jorrarão torrentes de água viva". Dessa "água viva" já falara à "alma vigilante", a samaritana (vol e 2.º), embora lá não se tivesse esclarecido a simbologia oculta sob suas palavras. Sabemos agora, pela interpretação joanina, que a "água viva" é a torrente inspirativa de conhecimentos intuitivos e a repleção afetiva universal que se obtém quando se mergulha na Fonte Perene do Cristo Cósmico, que enche, permeia e cristifica a alma, a psychê e o intelecto, e faz que o Espírito (pneuma) se independize dos veículos inferiores e viva sua própria vida em plena saciedade divina e inesgotável. Assim repleto, ungido, permeado e cristificado, o ser nada mais deseja nem quer, não sente falta de coisa alguma, tem tudo, porque está no Todo.

Isso exatamente explica João: Jesus referia-se ao pneuma, ao Espírito, à individualidade, que estavam para receber os que nele criam. Na subida de conhecimentos e práticas iniciáticas que Jesus lhes ministrava, já se avizinhavam do quinto passo: "estavam para receber" (paralambánein) experimentalmente; por isso recebiam antes o ensino oral (tòn lógon akoês) explicativo, a fim de poderem entender plenamente o que com eles se passaria. A confirmação de que o evangelista se refere precisamente à individualidade, que se não tornara independente da personagem (da psychê, única sentida pelos profanos), é o que ele escreve a seguir: "pois NÃO HAVIA AINDA ESPÍRITO".

Essa frase, que tanto assustou os hermeneutas e exegetas que eles resolveram modificar-lhe o texto original nas traduções, a começar pela Vulgata: nondum enim erat Spiritus DATUS. O texto grego não tem o verbo "dar": é mesmo o verbo ser, existir ou haver: NÃO HAVIA ainda espírito, ou seja, nenhum deles estava ainda vivendo na individualidade; esta, para ele NÃO EXISTIA ainda. E só iria começar a existir daí a pouco tempo. Mas, por enquanto, o Espírito não existia para eles, porque eles não tinham tomado conhecimento experimental da individualidade, da realidade do Espírito; só conheciam (isto é, só existia para eles) a personagem, a psychê, com o nome terreno que lhes fora atribuído pelos pais, os plasmadores do corpo físico denso.

E o evangelista explica, para evitar dúvida, a causa de "não haver ainda Espírito": "porque Jesus (o homem - não o Cristo) ainda não fora transubstanciado". Também aqui a tradução de edóxasthe foi feita por "glorificado", para poder falar-se na "ressurreição" e explicar-se que o Espírito seria "dado" no Pentecostes. Mas o verbo doxázô, derivado de dóxa, conserva seu sentido básico de substância.

A que se refere essa transubstanciação? essa mudança de substância? Cremos que precisamente à transformação que se opera na obtenção do quinto grau iniciático do sétimo plano, e que Jesus conquistou na chamada "última ceia", quando obteve a maravilhosa capacidade vedântica de, unificado ao Cristo Cósmico, poder transmudar-se na substância daquilo que quisesse. E, tomando Ele o PÃO e o VINHO, pode dizer: "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue". Declarou-se transubstanciado, em sua substância física carnal, assumindo a substância física vegetal do trigo, purificado pelo logo no cozimento do pão; e da uva, decantada pela fermentação ao tornar-se vinho.

Aí temos a sublimação dos símbolos iniciáticos dos mistérios gregos de Eléusis. Na Grécia eram dadas como deiknymis a "espiga" e a "uva" (Dionysos - Baco). Jesus os apresenta numa categoria mais elevada (porque purificada) e mais útil (porque aptas a prestar serviços na alimentação humana), sob a forma de PÃO e de VINHO, representações, respectivamente, do quaternário psíquico, com o intelecto (pão sobressubstancial) e do ternário da individualidade (o Espírito). Assim, o Mestre verdadeiro modifica Sua substância para transformar-Se, através de Seu ensino e de Sua vida espiritual, em alimento sobressubstancial de Seus discípulos fiéis que a Ele se unem em Espírito Vivo.

Maravilhosas lições, veladas há milênios, mas que precisam ser lembradas e publicadas, para que aqueles que se acham no "Caminho" se reanimem e prossigam impávidos e intemoratos ao Encontro da Sublimidade indizível da Vida plena e perfeita. Agora, como então, há muitos ouvidos à espreita e há hoje, como houve naquela circunstância, os que puderam "receber o ensino oral" (paralambánein tòn lógon akoês) e declarar que esse Mestre é realmente "o" profeta (João, 1:21; vol. 1) ou o Messias. Embora a grande massa vacile, duvide, descreia, se afaste, e alguns desejem até "prendê-Lo", o Espírito prossegue impertérrito na conquista da Humanidade para dela e nela plasmar os Super-Homens do futuro.

MISSÃO FALHADA

João, 7:45-53 e 8:1

45. Voltaram, então, os empregados aos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: "Por que não o trouxestes"?
 46. Responderam os empregados: "Nunca homem algum falou como fala esse homem".
 47. Retrucaram-lhes os fariseus: "Acaso também fostes enganados?"
 48. Porventura creu nele alguma das autoridades, ou algum dos fariseus?
 49. Mas este povo, que não conhece a lei, é amaldiçoado".
 50. Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes
 51. "Porventura julga nossa lei um homem sem primeiro ouvi-lo e dele saber o que faz"?
 52. Eles lhe responderam e disseram: "Acaso tu também és da Galiléia? Pesquisa, e vê que da Galiléia não se levanta profeta".
 53. E cada um foi para sua casa.
- 8:1 Mas Jesus foi para o monte das Oliveiras.**

Narra-se o que ocorreu nos bastidores do Evangelho. Essa informação só pode ter sido obtida de testemunha que, por pertencer ao grupo, assistiu a cena íntima, passada *intra muros*. O próprio Nicodemos? José de Arimatéia, que também pertencia ao Sinédrio? Ou aquele "empregado" que era conhecido de João (João, 18:15)?

Os empregados (*hypêretás*, "servos, adjuntos") voltam de mãos vazias, fazendo um relatório verbal favorável a Jesus. Sobressai do texto a irritação que causou nos sacerdotes "principais" o fracasso da missão que fora confiada a seus empregados de confiança. Evidenciava-se a superioridade da honesta sinceridade dos servos, sobre a covardia dos "grandes" que pretendiam prender o Nazareno, sem imiscuir-se pessoalmente no caso, afim de amanhã jurarem inocência, jogando a responsabilidade do ocorrido sobre o povo ... Mas os simples são mais capazes de entender, e não possuem malícia: as palavras daquele homem eram sublimes! Ninguém jamais falara como ele! Não era possível prendê-lo ...

Não podendo confessar suas intenções excusas, desafogam a irritação com sarcasmo, fazendo crer que se eles, os "chefes", não aceitam, é porque Jesus diz coisas que não servem: eles são a "medida", os "sábios" únicos capazes de julgar ... Esse povo - *am-ha-harés* - é endemoninhado!

E a ironia ferina é vomitada até mesmo contra o companheiro Nicodemos, membro do Grande Conselho (João, 3:2), isto é, do grupo dirigente do Sinédrio e doutor da lei (João, 3:10). Suas palavras foram sensatas e, com ponderação, defendiam as prescrições legais (Êx. 23:1 e Deut. 1:11). No entanto, os ânimos exaltados e decepcionados respondem com uma injúria chamando-o de "galileu".

Segue-se ao desprezo uma demonstração de cegueira momentânea, causada pela raiva: "pesquisa (a Escritura) e vê que da Galiléia não se levanta profeta", o que é uma inverdade, já que Jonas (2.º Reis, 14:25) era galileu; e o próprio Isaías (8:23) estende à Galiléia a glória messiânica. E isto sem contar o fato concreto (mas ignorado deles) de que Jesus não nasceu na Galiléia, embora seus pais aí residissem; e aí tivesse sido Ele criado.

Nessa desarmonia vibratória, retira-se cada um para sua casa, enquanto Jesus sobe ao Monte das Oliveiras para meditar. Os grandes desníveis evolutivos notam-se até nos pequenos gestos corriqueiros.

O monte das Oliveiras fica perto de Jerusalém, da qual só o separa o Vale do Cedron. Era lugar calmo, solitário e silencioso, arborizado com a planta que simboliza a paz. Sempre que permanecia em Jerusalém era hábito de Jesus retirar-se para lá à noite (cfr. Mat. 21:1: 24:3: 26:30).

O final do capítulo dá-nos conta, apenas, do que se passou "do lado de fora", para ensinar-nos que o procedimento dos homens é o mesmo em todos os tempos, e não devemos desanimar nem preocupar-nos. Não é o discípulo mais que seu Mestre e o que fizeram ao Mestre, farão também a Seus discípulos (cfr. Mat. 10:24-25).

Os humildes são os primeiros a atingir a compreensão, porque suas mentes estão limpas de vaidade. Os grandes, dominados e inchados pelo orgulho das posições que ocupam, são como cegos e debater-se nas trevas, mas recusando a luz, mesmo quando a poderiam vislumbrar para recobrar a visão. Perdem as melhores oportunidades, peados pelo convencimento de conhecer tudo; fecham raivosamente os olhos, trancam-se nos castelos arruinados de sua ignorância presunçosa, e ainda buscam destruir aqueles que lhes querem trazer a luz e aqueles que, deslumbrados pela Beleza, ouvem a doce e amorável voz do Espírito.

Enquanto os pequenos reconhecem por instinto a fala do Mestre e a acatam (cfr. João, 10:3), os auto-suficientes só sabem julgar pelas aparências, pelas exterioridades, preocupando-se apenas com filiação, linhagem, riquezas, títulos acadêmicos, sem conseguir penetrar - porque têm a mente obtusa - os arcanos do conhecimento, as idéias imponderáveis, a santidade invisível.

Após a rejeição, voltam à sua materialidade, a "suas casas" de pedra (cfr. vol. 1), pois são pigmeus que não podem olhar o céu acima dos telhados nem expandir-se na amplidão, subindo o Monte da Paz, onde meditam os iluminados pelo Espírito.

DISCÍPULOS CONVIDADOS

Mat. 8:19-22

Luc. 9:57-62

19. E chegando um escriba, disse-lhe; "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores".
20. E disse-lhe Jesus: "As raposas têm covis e as aves do céu, pousos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça".
21. Outro dos discípulos disse-lhe: "Senhor, deixa-me ir primeiro enterrar meu pai".
22. Porém Jesus disse-lhe: "Segue-me, e deixa os mortos enterrarem os seus próprios mortos".
57. Enquanto estavam indo pela estrada, disse-lhe alguém: "Seguir-te-ei para onde quer que fores".
58. Jesus disse-lhe: "As raposas têm covis e as aves do céu, pousos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça".
59. A outro disse: "Segue-me". Ele, todavia, respondeu: "Deixa-me ir primeiro enterrar meu pai".
60. Retrucou-lhe Jesus e disse: "Deixa os mortos enterrarem os seus próprios mortos; tu porém vai, anuncia o reino de Deus".
61. Disse-lhe ainda outro: "Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa".
62. Respondeu-lhe Jesus: "Ninguém que olhe para trás depois de ter posto a mão no arado, é apto para o reino de Deus".

Nesta lição, privativa de Mateus e Lucas, podemos aprender o modo como devemos encarar a relação entre Mestre e discípulos.

O primeiro caso é de alguém (Mateus esclarece tratar-se de um escriba, profissão recrutada entre os fariseus), que espontaneamente se propõe a seguir Jesus, para onde quer que ele vá.

Qual seria sua intenção profunda? Jerônimo o acusa de "proveitador": *ut lucra ex operum miraculis quaereret* (Patrol. Lat. v. 26 c. 53), isto é, "procurava lucros dos milagres operados". Mas isso é julgamento leviano e acusação graciosa. Duas hipóteses apresentam-se plausíveis; ou ele pretendia realmente ser discípulo para progredir (e neste caso a resposta de Jesus não o desanimaria); ou seu desejo era segui-lo para escrever as lições que ele dava, quer para seu uso, quer para cedê-las a quem as desejasse, quer para levá-las aos fariseus, quer para "empregar-se", mediante pagamento, para exercer sua profissão.

Jesus limita-se a uma resposta que, no fundo, constitui uma recusa: ele não tem pousada fixa, não dispõe de um leito. Como empenhar-se em despesas com alguém? Não tendo conforto para si, não podia dispensá-lo a outrem. E o caso encerrou-se aí.

Mas o final é-nos desconhecido. Teria ele aceito as condições e acompanhado Jesus? Teria desanimado e se retirado? Tratar-se-ia de um dos doze por exemplo, Judas Iscariotes, cujo chamamento não aparece nos Evangelhos, e cujo ingresso no Colégio Apostólico talvez tenha sido por espontânea vontade? O fato de só mais tarde aparecer o caso, depois de ter sido ele citado como discípulo nada im-

porta. Pode o evangelista só havê-lo recordado mais tarde e, desejando que não fosse esquecida a resposta do Mestre, tê-la registrado mesmo fora da ordem cronológica.

O segundo caso é diferente: trata-se de um chamado positivo de Jesus: "segue-me"! O discípulo convocado ao serviço solicita um adiamento: "deixa me primeiro enterrar meu pai". Que significado pode ter essa frase? Podia tratar-se de um pai idoso, e o discípulo, querendo obedecer ao mandamento "honrar pai e mãe", pede para atender ao pai, aguardando que ele passe para o outro lado da vida: sentir-se-ia então livre para seguir o Mestre. Podia tratar-se, ainda, de um caso real, de morte realmente ocorrida, e á espera para o sepultamento seria coisa de um a dois dias. Entretanto, pela resposta de Jesus, parece mais viável a primeira hipótese; "deixa que os mortos (encarnados) enterrem (cuidem) de seus mortos (encarnados); tu, porém, entrega-te à pregação do reino de Deus". Teria ele ido? Ou teria preferido ficar com o pai? Também aqui os evangelistas não esclarecem, deixando livre campo às especulações. Cirilo de Alexandria (Patrol. Graeca- v- 8. c.1129) diz tratar-se do diácono Filipe (At. 6:5). Mas nenhuma prova aduz dessa opinião, que talvez fosse resultante de uma tradição corrente no Egito. Ora, Filipe foi o mistagogo do ministro da rainha Candace, da Etiópia (A-18:27), país limítrofe do Egito.

O terceiro caso, apresentado apenas por Lucas, também parece ter sido a resposta a um chamado do Mestre. Ele aceita a tarefa, mas quer despedir-se dos seus. A resposta é dura: "se queres vir já, estás apto ao discipulato; mas se voltares os olhos para trás, não serves" (cfr. Gên. 19:26). A comparação com o lavrador procede: se quem guia o arado olha para trás, o sulco sai torto (cfr. Filp. 3:13-14).

Através de Jesus, o Cristo já manifestara as condições por Ele exigidas, para a aceitação de Seus discípulos amados. Esse ensino é agora exemplificado com três casos específicos, a fim de demonstrar a superioridade da união crística sobre três situações distintas e que, de modo geral, são as mais aduzidas para recusar-se o passo decisivo: e isso porque são três situações em que o homem tem a impressão de que se trata de três deveres fundamentais: o dever para consigo mesmo, o dever para com os genitores e o dever para com os familiares.

Cristo anula os três: o dever máximo diz respeito ao Espírito eterno, não à matéria transitória.

Por conseguinte, o ensino é dirigido para esclarecer que nem as obrigações para com o próprio corpo, nem para com os pais, nem para com esposa e filhos devem afastar o candidato do caminho espiritual. O exemplo dado é o vivido pela personagem humana Jesus, que não tinha "uma pedra sequer para repousar a cabeça". E a lição prossegue com duas regras básicas: os vivos no Espírito não devem preocupar-se com os mortos na carne, isto é, os que vivem na individualidade, não podem prender-se a laços puramente carnis e sanguíneos (corpo físico e duplo etérico), mas à família espiritual divina (cfr. Ef. 2:19). Dirá ainda que é mister amá-lo mais que ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos (cfr. Luc. 14:26 ou Mat. 10:37, vol. 3.º) para ser digno de dizer-se Seu discípulo.

Claro, portanto, o ensinamento, no plano místico.

No campo das iniciações, encontramos nesta lição três condições indispensáveis para a dedicação ao Caminho. São três das provas essenciais a superar quando se tem que passar do quarto para o quinto grau. A modificação da mente com transmentação requer desapego. Não é bem o caso do abandono ou de fuga, mas de não prender-se, de não inverter a ordem dos valores, de não julgar mais importante o que é menos importante.

Além disso, o pretendente ao quinto grau deve saber que não pode dar importância ao física próprio, nem ao alheio; que os profanos com seus hábitos, crenças, convencionalismos e preconceitos devem ser deixados a homenagear-se entre si; e que, finalmente, uma vez passado o quarto grau não pode mais voltar atrás! Esse é um passo decisivo: dado à frente, não há recuo possível. Mister, pois, meditar bem, examinar-se, medir as próprias forças, antes de arriscar-se. Uma queda depois, uma desistência, um "olhar para trás" saudosos, podem trazer consequências graves que talvez durem séculos. Daí o provérbio latino corruptio optimi; pessima: " a queda do melhor, é a pior".

Cuidado portanto: não alimentar pretensões que não correspondam às possibilidades; não buscar provas acima das forças reais,. não dar passos maiores que as pernas; "não por o chapéu onde a mão não alcança" ...

Deixe-se de lado a vaidade, o desejo de "parecer" aos outros mais do que se é realmente, de enganar-se a si mesmo, julgando-se gigante quem ainda é pigmeu. Comedimento justo é melhor que desabalada corrida, arriscando-se a quedas fragorosas. A estrada do Espírito é árdua, íngreme, estreita, pavimentada de pedras pontiagudas e ladeadas de espinheiros: é preciso coragem e decisão inabalável, com prévio conhecimento das próprias capacidades.

ÍNDICE REMISSIVO

- 1.^a - o *NASCIMENTO na carne*, 45
 2.^a - a *CONFIRMAÇÃO*, 45
 3.^a - as *TENTAÇÕES*, 45
 4.^a - a *TRANSFIGURAÇÃO*, 45
 5.^a - a *UNIÃO*, 46
 6.^a - a *conquista do grau de SACERDOTE*, 46
 7.^a - a *ASCENSÃO*, 46
ACEITAÇÃO, 77
ÁGGELOS, 60
AGOSTINHO, 37
ÁGUA VIVA, 137
ALMA, 66
AMBRÓSIO, 37
BEEZEBOUL, 60
CANANÉIA, 13
CARTA A DIOGNETO, 36
CEGO DE BETSAIDA, O, 28
CENTELHA DIVINA, 55
CIPRIANO, 37
CLEMENTE ROMANO, 36
COMPARAÇÃO, 56
CONCEPÇÃO DA DIVINDADE, A, 54
CONCEPÇÃO DO HOMEM, A, 55
CONFIRMAÇÃO, 82
CONFISSÃO DE PEDRO, A, 30
CONVERSA COM OS IRMÃOS, 117
CORAÇÃO, O, 67
CRISTIANISMO, NO, 79
CULTO CRISTÃO, 81
CURA DO EPILÉPTICO, A, 98
CURA NO TEMPLO, AINDA A, 127
DAIMÔN, 60
DIÁNOIA, 61
DIDACHE, 36
DISCIPULATO, O, 48
DISCÍPULOS CONVIDADOS, 142
DOGMAS HUMANOS, 4
DÓXA, 76
DYNAMIS, 75
EMPREGO DAS PALAVRAS, O, 57
ENCARNAÇÃO, 56
ENCONTRO e a ILUMINAÇÃO, 78
EON, 75
EPÍSTOLA DE BARNABÉ, 36
ESCOLA INICIÁTICA, 71
ESPÍRITO, 55
EUCARISTIA, 83
EXTREMA UNÇÃO, 83
FÉ, A, 103
FERMENTO DOS FARISEUS, O, 26
FILHO UNIGÊNITO, O, 59
FOGO DO CÉU, 123
 Grande Síntese, 55
HAIMA, 63
HILÁRIO, 37
HOMEM NO NOVO TESTAMENTO, O, 54
INÁCIO, 36
INDIVIDUALIDADE- PERSONAGEM, 64
IRINEU, 37
JERÔNIMO, 37
JOÃO CRISÓSTOMO, 37
JUSTINO, 37
KARDÍA, 58
LUCAS, 50
MANDATO DE PRISÃO, 130
MAR DA GALILÉIA, NO, 20
MARCOS, 50, 111
MATEUS, 50, 110
MATRIMÔNIO, 83
MENTE ESPIRITUAL, 55
MENTE, A, 66
MERGULHO, 82
MERGULHO e as ABLUÇÕES, 77
METÂNIOIA, 82
METÂNIOIA ou mudança da mente, 77
MISSÃO FALHADA, 140
MISTÉRIO, 76
MUL TIPLICAÇÃO DOS PÃES, 2^a, 22
NOÚS, 58
O CORPO, 65
O PASTOR de Hermas, 37
O QUE PREJUDICA, 8
OPINIÕES DESENCONTRADAS, 125
ORDEM, 83
ORÍGENES, 37
PALAVRA OUVIDA, 74
PANTEON de Roma, 42
PAPIAS, 36
PEQUENA VIAGEM, 25
PHÁNTASMA, 60
PLENITUDE, 78
PNEUMA, 58
POLICARPO, 37
PREDIÇÃO DA MORTE, 43, 106
PROCESSO, O, 77
PSYCHÊ, 61
REENCARNAÇÃO, 95
REGRESSO A GALILÉIA, 3
SACRAMENTOS, OS, 82
SÁRX, 63
SETE passos, 77
SIMPLICIDADE, 108
SOMA, 62
SURDO-GAGO, O, 17
TERMOS ESPECIAIS, 71
TERTULIANO, 37
TEXTOS COMPROBATÓRIOS, 64
TEXTOS DO N.T., 80
TOLERÂNCIA, 114
TRADIÇÃO, 73
TRANSFIGURAÇÃO, A, 86
UNIÃO, 78
VIAGEM A JERUSALÉM, 120